UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

JOSÉ HENRIQUE PARRA PALUMBO

Sobre as concepções de Otto Fenichel: psicanálise, materialismo-dialético e naturalismo científico

São Paulo

2019

JOSÉ HENRIQUE PARRA PALUMBO

Sobre as concepções de Otto Fenichel: psicanálise, materialismo-dialético e naturalismo científico

Versão Original

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Área de concentração:
Psicologia Experimental

Orientador: Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Junior

São Paulo
2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Palumbo, José Henrique Parra
Sobre as concepções de Otto Fenichel: psicanálise, materialismo-dialético e naturalismo científico / José Henrique Parra Palumbo; orientador Nelson Ernesto Coelho Junior. -- São Paulo, 2019.
209 f.
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Otto Fenichel (1897-1946). 2. Psicanálise. 3. Materialismo-dialético. 4. Psicanálise e filosofia. 5. História da psicanálise. I. Coelho Junior, Nelson Ernesto, orient. II. Título.

Nome: José Henrique Parra Palumbo

Título: Sobre as concepções de Otto Fenichel: psicanálise, materialismo-dialético e naturalismo científico

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

À memória de meus avós,
Laura, José, Cassilda e Oswaldo.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Junior, pela recepção de minha pesquisa em seu grupo, pela manutenção, cuidadosa e rigorosa, de um espaço de discussão fundamental para a elaboração desta tese e, sobretudo, pela implicação com a qual conduziu e me permitiu conduzir o trabalho de pesquisa. Sem estes, não seria possível realizar este Doutorado. Agradeço-lhe ainda pelo ensinamento, que levarei para a vida, de que o prazer é absolutamente necessário em qualquer aprendizado.

À Prof.ª Dr.ª Carmen Lucia Montechi Valladares de Oliveira e ao Prof. Dr. Paulo Albertini, por aceitarem participar do Exame Geral de Qualificação, pelas contribuições inestimáveis à continuidade de minha pesquisa naquela ocasião, pela disposição e indicações bibliográficas e, agora, por propiciarem, mais uma vez, suas generosas leituras com suas participações na banca de Defesa do Doutorado.

Ao Prof. Dr. Hélio Honda, à Prof.ª Dr.ª Ana Maria Loffredo e à Prof.ª Dr.ª Caterina Koltai, por aceitarem integrar a banca de Defesa do Doutorado e, assim, contribuir de forma inapreciável para a finalização da pesquisa desenvolvida. Fico muito honrado em receber suas leituras e críticas a respeito deste trabalho.

Aos meus colegas do grupo de orientação, verdadeiros amigos que fiz nesses anos de Doutorado e que me ensinaram o valor do trabalho coletivo em um campo de pesquisa que, não raras vezes, se apresenta de maneira muito solitária. Pela leveza, pelo companheirismo, pela solicitude e pelas memoráveis manhãs de sextas, meu obrigado a Vitor Orquiza de Carvalho, Eugênio Canesin Dal Molin, Marina Martins Bialer, Márcio Rogério Robert, Thiago da Silva Abrantes, Katia Cherix, Fábio Brinholli da Silva, Bruna Paola Zerbinatti, Gisele Cristiane Senne de Moraes, Fábio Moreira Vargas, Douglas Rodrigo Pereira e Cristina Mensato Rebello da Silva.

A todos os funcionários de gabinetes, secretarias, biblioteca, limpeza e corredores do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pela presteza e pela competência do trabalho que realizam para que alunos, professores e pesquisadores possam desenvolver suas atividades em um ambiente propício. Assim lhes agradeço, pois são esses trabalhadores os responsáveis pelo funcionamento básico dessa instituição, enfrentando com paciência e resiliência as adversidades e as perdas de direitos impostas pelas altas hierarquias do poder público e pelos projetos políticos

desastrosos. Em especial, meu obrigado a Sonia Caetano de Souza, Gustavo Carneiro da Silva e Fátima Gonçalves.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio institucional e pelos subsídios financeiros despendidos à minha pesquisa de Doutorado[1].

Aos queridíssimos amigos que me ajudaram direta ou indiretamente nestes anos de doutoramento. A Carolina Zanata Badini de Castro, pela cumplicidade e por tantas histórias. A Christian Campos de Oliveira Haritçalde, pela interlocução privilegiada sobre o mundo e a vida, e por me apresentar à história de Fenichel. A Paulo Emílio P. Lustosa Cabral, por outras tantas histórias e pelas inenarráveis tentativas, quase sempre fracassadas, de conquistar o mundo. A Márcio Leitão Bandeira (também um grande companheiro de doutorado), pelas risadas e pelas trilhas da percepção desvendadas durante todos os anos de amizade. A Danilo Salles Faizibaioff, por lembrar que as palavras podem ser armas afiadas, mas que também são o único caminho do reconhecimento e da ternura. A Lorena Schimidtt Pássaro, pela alegria e pelo cuidado sem iguais. A Lucas Caldana Gordon, por lembrar que a luta por um futuro e a poesia devem andar juntas. A Alan Osmo, pela serenidade e generosidade de suas ideias e pelo primoroso trabalho de revisão desta tese. A Yuri Ferreira Moriyama, pela simples e inocente diversão da vida. A Victor Barão Freire Vieira, pelos jardins da amizade. A Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira, pela parceria e pelos cafés ‘socráticos’.

Aos amigos e companheiros com quem pude dividir o mesmo teto no passado, Juliana Thomaz, Yuri Nishijima, Luca Motta Leal, Renata Conde, Gabriel Ryal e Diego Scalada, pelas refeições conjuntas, pelas confraternizações em torno do café ou da cerveja, e por ensinarem algo de fundamental: ‘antes a louça, depois a revolução’. Aos velhos amigos de infância e juventude, Rodolfo Sanchez e Leandro Padovan, pelas excelentes memórias e pelos reencontros.

Por fim, aos meus familiares. A meus pais, Selma Sueli Gomes Parra Palumbo e Paulo Celso Pinho Palumbo, por todo o amor, suporte, carinho e pelas interdições fundamentais na construção do respeito pela alteridade. A meu irmão, José Paulo Parra Palumbo, pela cumplicidade, pelo amor e pelo cuidado ao longo de nossas vidas.

[1] O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Não há psicologia naquele mundo que paira no ar dos "Dois Homens" de Dühring, sobre o qual Engels zombou com razão, mas só em uma sociedade concreta específica e em um determinado ponto desta sociedade específica.
(Fenichel, 1934a, p. 48)[2]

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.
(Andrade, 2011, p. 100)[3]

Que a mente tenha de ser explicada nos termos de constituição e meio é uma concepção muito antiga. O que é característico da psicanálise é *o que* ela enxerga como estrutura biológica, *quais* influências ambientais ela reconhece como constituintes e *como* ela relaciona as influências estruturais e ambientais entre si.
(Fenichel, 1945, p. 5)[4]

[2] No original: „Es gibt keine Psychologie in jener in der Luft schwebenden Welt der "Zwei Männer" des Dühring, über die Engels mit Recht sich schon so lustig gemacht hat, sondern nur in einer jeweiligen konkreten Gesellschaft und an einer bestimmten Stelle dieser jeweiligen konkreten Gesellschaft."
[3] Versos finais do poema 'Mãos dadas' do conhecido livro de Drummond *Sentimento de Mundo.*
[4] No original: "That the mind is to be explained in terms of constitution and milieu is a very old conception. What is characteristic for psychoanalysis is *what* it regards as biological structure, *which* environmental influences it recognizes as formative, and *how* it relates structural and environmental influences to each other."

Resumo

Palumbo, J. H. P. (2019). *Sobre as concepções de Otto Fenichel: psicanálise, materialismo-dialético e naturalismo científico* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Este trabalho tem por objetivo investigar por meio de uma leitura sistemática os elementos que compõem a teoria psicanalítica articulada na obra de Otto Fenichel (Áustria, 1897 - Estados Unidos, 1946). Sua hipótese é de que essa teoria se organiza em torno dos compromissos epistemológicos do autor com o naturalismo das teses psicológicas freudianas e com o materialismo-dialético da tradição marxista. Nesse sentido, este trabalho visa fornecer uma análise mais detida de um autor que representou uma posição teórica um tanto ortodoxa em relação à psicanálise freudiana, sendo um crítico contumaz dos desvios 'idealistas' perante as teses naturalistas de Freud, e que, ao mesmo tempo, ganhou fama por fazer uma oposição de esquerda dentro das instituições do movimento psicanalítico por onde passou. Assim, tratando tanto de temas associados à fundamentação e à natureza do conhecimento psicanalítico, quanto de temas relacionados ao engajamento político-institucional de Fenichel, esta tese pretende trazer uma pequena contribuição para os estudos de filosofia e história da psicanálise.

Palavras-chave: Otto Fenichel (1897-1946). Psicanálise. Materialismo-dialético. Psicanálise e filosofia. História da psicanálise.

Abstract

Palumbo, J. H. P. (2019). *On the Otto Fenichel's concepts: psychoanalysis, dialectical-materialism and scientific naturalism* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This work aims to investigate by means of a systematic reading the elements that compose the psychoanalytic theory articulated in the work of Otto Fenichel (Austria, 1897 - United States, 1946). Its hypothesis is that this theory is organized around the epistemological commitments of the author with the naturalism of Freudian psychological theses and with the dialectical materialism of the Marxist tradition. In this sense, this work tries to give a more detailed analysis of an author who represented a certain orthodox theoretical position in relation to Freudian psychoanalysis, being a contumacious critic of the 'idealistic' deviations from Freud's naturalistic theses, and at the same time, who gained fame by making a left-wing opposition within the institutions of the psychoanalytic movement where he was present. Thus, in dealing with themes related to the grounds and the nature of psychoanalytic knowledge as well as themes related to Fenichel's political-institutional engagement, this thesis intends to make a small contribution to the studies of philosophy and history of psychoanalysis.

Keywords: Otto Fenichel (1897-1946). Psychoanalysis. Dialectical-materialism. Psychoanalysis and philosophy. History of psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1. O ENGAJAMENTO DO JOVEM FENICHEL NO MOVIMENTO PSICANALÍTICO 26
   1.1. Do movimento juvenil ao movimento psicanalítico 26
   1.2. O engajamento nas políticas do movimento psicanalítico 37
   1.3. Psicanálise: ciência-natural e 'pedagogia dos afetos' 50

2. UM PROJETO DIALÉTICO-MATERIALISTA PARA A PSICANÁLISE 59
   2.1. Os psicanalistas 'marxistas' e a organização das cartas secretas 59
   2.2. A psicologia dialético-materialista, ciência natural 74
   2.3. A psicologia dialético-materialista entre Reich e Fenichel 90

3. A PRÁTICA PSICANALÍTICA DE FENICHEL: PSICOLOGIA DO EU 105
   3.1. A atuação de Fenichel no movimento psicanalítico: da Europa aos Estados Unidos 105
   3.2. *Problemas da técnica psicanalítica* e a concepção fenicheliana sobre a prática psicanalítica 120
   3.3. As implicações éticas da concepção fenicheliana sobre a prática psicanalítica 135

4. A TEORIA PSICANALÍTICA EM FENICHEL: MATERIALISMO, NATURALISMO E PSICOLOGIA CIENTÍFICA 145
   4.1. *A teoria psicanalítica da neurose* e a concepção fenicheliana sobre o conhecimento psicanalítico 145
   4.2. A opção de Fenichel diante do naturalismo freudiano 161
   4.3. As implicações epistemológicas da concepção fenicheliana sobre o conhecimento psicanalítico 176

CONCLUSÃO 185

REFERÊNCIAS 195

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo principal investigar os elementos que compõem a teoria psicanalítica articulada na obra de Otto Fenichel (Áustria, 1897 - Estados Unidos, 1946). Assim, essa investigação deve se dar por meio da leitura sistemática de textos-chave do autor. Por um lado, isso significa um exame da economia conceitual e argumentativa desses textos. Por outro, é preciso também vasculhar o contexto de produção da obra de Fenichel.

A hipótese aqui é de que essa teoria se articula em torno dos compromissos epistemológicos de Fenichel com certo naturalismo presente nas teses psicológicas freudianas e com certo materialismo histórico da tradição marxista que, embora incipiente e um tanto amador, marcará as fundações teóricas dos dois textos mais tardios e mais importantes de Fenichel (1941, 1945). Nesse sentido, este trabalho visa possibilitar uma análise mais detida de um autor que representou uma posição teórica um tanto ortodoxa em relação à psicanálise freudiana, sendo um crítico contumaz dos desvios 'idealistas' perante as teses naturalistas de Freud, e que, ao mesmo tempo, ganhou fama por fazer uma oposição à esquerda dentro das instituições do movimento psicanalítico por onde passou, desde sua formação inicial em Viena até o fim da vida em Los Angeles.

No *Dicionário de Psicanálise* (Roudinesco & Plon, 1998, p. 230), o verbete dedicado a Otto Fenichel o descreve como um psicanalista da "esquerda freudiana", um verdadeiro "dissidente e anti-autoritário, hostil a todos os dogmatismos e aberto para a questão social, [e que] sempre se opôs à política conservadora de Ernest Jones e criticou tanto o biologismo reichiano como o culturalismo dos neofreudianos". Certamente, Fenichel se empenhou bastante para articular uma oposição de 'esquerda' dentro do movimento psicanalítico. Em Berlim, e depois exilado, sucessivamente, em Oslo, Praga e Los Angeles, o psicanalista buscou organizar uma plataforma de esquerda ligada a uma agenda social-democrata e reformista que pudesse levar as teorias e as práticas psicanalíticas a se preocuparem com a alteração do estado de coisas, de modo que não se dedicassem apenas ao tratamento de um quadro psicopatológico isolado.

Durante 11 anos, já no exílio, após a ascensão do nazismo na Alemanha no início da década de 1930, Fenichel encabeçou uma troca de cartas secretas entre ele e outros colegas do movimento psicanalítico. Tal correspondência tinha por função a troca de informação entre os membros do grupo articulado por ele anos antes, no final da década de 1920, e formado na intenção de discutir as aplicações sociológicas da psicanálise e de

defender a aproximação da psicanálise com a agenda social-democrata[1]. Hoje essa correspondência se encontra editada e publicada (Fenichel, 1998a). Como evidência documental, ela testemunha o esforço despendido por Fenichel na organização e na defesa do que os autores do *Dicionário de Psicanálise* chamam de "esquerda freudiana" (Roudinesco & Plon, 1998, p. 230). Ao mesmo tempo, esta correspondência confessa também o empenho intelectual de Fenichel em manter vivo um debate sobre o papel da psicanálise no desenvolvimento de uma psicologia dialético-materialista – ou mesmo de uma psicologia 'marxista'.

Contudo, apesar de todo esse empenho, também associado à corrente psicanalítica da psicologia do Eu, Fenichel ficaria durante muito tempo conhecido pela posteridade como um freudiano ortodoxo e como o autor de *A teoria psicanalítica da neurose* (Fenichel, 1945)[2], texto de erudição surpreendente sobre a literatura psicanalítica de então, mas que não menciona sequer uma vez o marxismo ou o materialismo dialético. Ou seja, se por volta de 1930, ainda em vida, Fenichel era amplamente reconhecido por seu engajamento nas questões institucionais do movimento psicanalítico e na elaboração de teorias e práticas terapêuticas, no mínimo, não conformistas, posicionando-se abertamente como um psicanalista de esquerda, depois de 1950, poucos anos após sua morte em janeiro de 1946, sua fama seria outra: a de um ortodoxo, a de um leitor da letra morta das teorias freudianas. E, assim, durante anos foi tratado basicamente como um 'enciclopedista' do conhecimento acumulado em psicanálise (Greenson, 1966/1995).

Acontece que, associando-se ao *establishment* médico-psicanalítico estadunidense, Fenichel, que defendera a psicanálise praticada por não médicos e a psicanálise freudiana 'clássica', preferiu constar como um membro do movimento psicanalítico e de seu aparato institucional, silenciando gradativamente seu engajamento em uma agenda de esquerda. Ao contrário do que acontecera em 1934 com Wilhelm Reich, que foi excluído pelos pares das instituições psicanalíticas por não calar a leitura engajada e heterodoxa que fazia da psicanálise (Jacoby, 1983).

Mas, ao final da década de 1960, surgem o interesse pelo papel de Fenichel dentro do movimento psicanalítico e, relacionado a isso, o interesse pelo seu empenho em firmar os compromissos teóricos da psicanálise com uma psicologia 'marxista'. Na realidade, esses interesses se limitavam a uma breve associação, por parte do movimento estudantil, ao epíteto 'psicanálise e marxismo', mas que era "também frequentemente algo superficial" (Mühlleitner, 2008, p. 14). Logo, essa primeira retomada tanto do papel político-institucional

[1] Entre os membros desse grupo articulado por Fenichel no final da década de 1920, ainda em Berlim, estavam: Wilhelm Reich, Annie Pink, Edith Jacobson, Erich Fromm e Siegfried Bernfeld.
[2] *The Psychoanalytical Theory of Neurosis*. De agora em diante, *A teoria psicanalítica....*

de Fenichel, quanto de seu programa de psicologia dialético-materialista, acabaria impactando muito pouco a visão que os próprios psicanalistas possuíam dele.

Mesmo na França, onde certa aproximação entre Freud e Marx[3] pairava densamente nos ambientes psicanalíticos dessa época por conta da influência do pensamento estruturalista no início dos anos 1960 (Clément, 2000), o interesse por Fenichel e sua obra não significou quase nada. Tomemos o exemplo de Lacan (1966/1998): sua crítica à psicologia do Eu também atinge, em períodos distintos da sua obra escrita, a leitura dos textos freudianos feita por Fenichel. O famoso psicanalista francês tomava-o como um representante fiel de uma psicanálise que abandonara a ordem simbólica do inconsciente, sua ordem representacional, em prol de uma visão genética e desenvolvimentista da libido e do aparelho mental.

Apenas a partir de meados da década de 1970, a obra de Fenichel seria retomada com maior profundidade. Dessa retomada, quatro trabalhos tratam diretamente do papel político-institucional de Fenichel ou da leitura feita por ele das teorias psicológicas freudianas. São eles: Jacoby (1977, 1983), Dahmer (1982) e Assoun (1981).

Em seu livro *Amnésia social: uma crítica à psicologia conformista*, Jacoby (1977) expõe os pontos centrais das ideias fenichelianas. Ali, essas ideias são objeto de uma análise comparativa com as de Reich e com as de Erich Fromm. Segundo Jacoby (1977), esses autores perseguiram a elaboração e o desenvolvimento de uma forma de compreensão do sujeito empírico, do sujeito da experiência psíquica, que levasse em conta os princípios do materialismo histórico tal como ele figura na obra de Marx e Engels.

Anos depois, Dahmer (1982) foi outro a comentar, com minúcias, as ideias de Fenichel em relação à aproximação entre as teorias psicológicas freudianas e o materialismo histórico. Em *Libido e sociedade: estudos sobre Freud e a esquerda freudiana*[4], o autor dedica-se ao exame das causas da mútua rejeição entre certos representantes oficiais da psicanálise e do marxismo no mesmo período em que Fenichel, Reich e companhia buscavam afirmar e defender a existência de laços entre as duas teorias.

À dada altura, Dahmer (1982, p. 280) constata algo de fundamental: “os psicanalistas marxistas eram amadores no campo da sociologia”. À exceção de Fromm, que tinha formação em sociologia e estudara a concepção materialista-dialética da história e o grosso da crítica marxista à economia política ao lado dos mestres do Instituto de Pesquisa Social

[3] Importante lembrar que esta aproximação entre Freud e Marx acabaria ganhando a alcunha de ‘freudo-marxismo’. Mas Fenichel nunca nomeou seu projeto assim, nem nunca se declarou um ‘freudo-marxista’. Sobre esta junção de dois ‘-ismos’ em um só, creio que valha aqui o que Albertini (2016) bem resumiu, seguindo Roudinesco e Plon (1998) e Assoun (1991), ao mencionar a questão dessa nomenclatura no caso de Reich: “Trata-se, portanto, de um agregado científico concebido de maneira bastante ampla, uma vez que, a rigor, não identifica nenhuma escola específica de pensamento. . . . o próprio Reich não nomeou a sua proposta de articulação entre a psicanálise e o marxismo por meio da expressão freudo-marxismo” (Albertini, 2016, p. 120).

[4] *Libido und Gesellschaft. Studien über Freud und die Freudsche Linke*.

de Frankfurt, os psicanalistas em torno de Fenichel e Reich, que frequentavam em Berlim o grupo de esquerda na virada da década de 1920 para 1930, só iniciaram seus estudos da literatura marxista naquele momento.

Influenciado pela crítica epistemológica de Habermas (1976) em *Conhecimento e interesse*[5], Dahmer (1982, p. 22) parte da ideia de que os "traços positivistas tanto da teoria marxista quanto da freudiana" não passam de um imbróglio causado pela "constante parcialidade na história natural" e pela "pressão da convenção científica contemporânea". Nesse sentido, este autor dirá mais à frente que Fenichel e Reich submeteram a psicanálise "a uma estilização científico-natural" (Dahmer, 1982, p. 281). 'Estilização' esta que acaba por dilacerar "o trabalho crítico-ideológico da teoria freudiana" (Dahmer, 1982, p. 281) quando se presta a pensar os fenômenos culturais. E assim ele conclui sobre a natureza do projeto de psicologia dialético-materialista de Fenichel (e de Reich):

> Para distingui-la das psicologias orientadas pelas ciências do espírito, ideologicamente suspeitas, a psicanálise foi declarada [por eles] 'ciência natural da alma', materialista e livre de ideologia; e a teoria pulsional, concebida de forma naturalista, a qual, em Freud, ainda tinha o status de uma 'mitologia', foi apresentada como elemento de prova. . . . Que a própria teoria de Freud seja em sua real essência 'sociológica', isto foi ignorado tanto pelos 'freudo-marxistas' quanto pelos críticos soviéticos. (Dahmer, 1982, p. 281).

De pronto, adianto que não posso concordar com a posição de Dahmer (1982) de que Fenichel tenha varrido porta a fora da teoria freudiana uma 'verdadeira essência' sociológica, como se, nessa teoria, pouco ou quase nada houvesse de uma postura naturalista, tanto em relação à axiologia dos conceitos e aos princípios metodológicos quanto em relação à ontologia mesma, isto é, à natureza ou à essência dos fenômenos psíquicos. Além disso, a leitura que faço da obra de Fenichel, com a qual sustento as conclusões desta tese, caminha justamente no sentido de que o materialismo-dialético, tal como ele figura nesta obra, é o terreno sobre o qual se renovam as concepções que ele possui das teorias e da prática psicanalíticas. Ou seja, é o próprio materialismo-dialético de Fenichel que imporá a sua apreensão 'científico-natural' da psicanálise na parte final de sua obra.

Outro autor que se preocupou, no início da década de 1980, com a apreensão 'científico-natural' da psicanálise em Fenichel foi Assoun (1981). Em *Introdução à epistemologia freudiana*[6], ao recensear o debate epistemológico em torno da psicanálise freudiana, este autor se coloca contra a leitura das teorias freudianas feita em *A teoria psicanalítica...*. Isso porque o viés histórico-genético adotado por Fenichel (1945) ali implicaria exatamente o abandono de certa 'identidade epistêmica' da psicanálise freudiana,

[5] *Connaissance et intérêt*.
[6] *Introduction à l'épistemologie freudienne.*

disciplina esta que, ao 'metabolizar' e 'deglutir' certos modelos de pensamento científico, teria se apropriado desses modelos a ponto de ganhar autonomia frente a eles. Diz Assoun (1981):

> Fenichel nos oferece então o exemplo espetacular de uma desfiguração da identidade freudiana que toma as vias do mimetismo. Aqui a referência à literalidade é o meio mais seguro da inflexão, à maneira de um retrato inocente e fotográfico que perderia a alma do tema. (Assoun, 1981, p. 33)

Ainda na mesma época, Jacoby (1983) voltaria a se concentrar sobre Fenichel, mas agora tratando de seu papel no movimento psicanalítico, de seu engajamento institucional nas associações de psicanalistas e, claro, de seu engajamento intelectual na aplicação sociológica da psicanálise e em seu projeto de psicologia 'marxista'. Deste modo, o livro *A repressão da psicanálise: Otto Fenichel e os freudianos engajados*[7], escrito em língua inglesa, foi central para a retomada dos aspectos do trabalho de Fenichel que foram silenciados entre a década de 1940 e o fim da década de 1960.

Embora tenha sido o primeiro livro a tratar consistentemente da importância político-institucional de Fenichel e a usar como material de pesquisa a troca de cartas secretas entre o grupo de psicanalistas de esquerda liderado por Fenichel, o foco de investigação de Jacoby (1983) recai sobre outro problema. O intuito deste historiador é defender que o esquecimento do não-conformismo 'originário' das ideias psicanalíticas, nos EUA e de forma geral no mundo, foi "também sua auto-repressão" (Jacoby, 1983, p. 13).

Para Jacoby (1983), antes deste processo conformador, a psicanálise não era praticada e teorizada tão somente por *"*clínicos restritos", mas sim por "intelectuais cosmopolitas . . . ativamente engajados em problemáticas culturais e sociais*"*, que "confeccionaram teorias audaciosas". No entanto, "os freudianos engajados, antes comuns, se tornaram uma espécie extinta. Para colocar de modo nítido, a repressão dos freudianos engajados e a repressão da psicanálise em si são a mesma coisa" (Jacoby, 1983, p. 10).

Dessa maneira, o historiador seleciona o que se passou com parte considerável da obra de Fenichel para exemplificar o processo de auto-repressão, dentre outras coisas, do teor político-ideológico não-conformista do movimento psicanalítico, e de seus correligionários, presente nas suas primeiras décadas de existência. Nas palavras de Jacoby (1983, p. 13), como espécime privilegiado desse processo, "Fenichel não alterou sua visão; ele a escondeu. As realidades do exílio, agravadas pelo conservadorismo do *establishment* psicanalítico, forçaram à marginalidade o radicalismo de Fenichel e toda uma rede de trabalho entre analistas".

[7] *The Repression of Psychoanalysis. Otto Fenichel and the Political Freudians*.

Esta tese de Jacoby (1983) se confirma verdadeira quando se evidencia duas coisas. Em primeiro lugar, a extensão e o segredo em torno da empreitada epistolar das *119 Circulares* (Fenichel, 1998a)[8], comentada acima. Em segundo lugar, o contexto histórico que impulsiona Fenichel e a grande quantidade de pessoas a fugir da Europa Central durante a década de 1930. Mesmo assim, esta tese não é suficiente para explicar o destino textual que o projeto fenicheliano vai assumindo quando deixa de exibir explicitamente o adjetivo 'dialético-materialista'. Por isto, foi-me necessário responder algumas questões.

Em que medida a psicanálise de Fenichel continuou sendo, ou deixou de ser, organizada (implicitamente que seja) por essa adjetivação ao longo do exílio? Teria o autor abandonado na sua obra maior, *A teoria psicanalítica...*, que é uma espécie de 'manual' de psicanálise, seu programa dialético-materialista para com as teorias freudianas? Quais destinos este programa dialético-materialista seguiu efetivamente no interior da obra de Fenichel, ou melhor, dentro da economia conceitual de seus principais trabalhos?

Tais questões, pelo teor que apresentam, precisam ser respondidas não só em referência ao engajamento institucional de Fenichel, ao seu papel histórico e político dentro do movimento psicanalítico. Se Jacoby (1983) tem razão quando aponta que, fora as *Circulares* e o artigo programático *Sobre a psicanálise como gérmen de uma futura psicologia dialético-materialista* (Fenichel, 1934a)[9], a obra de Fenichel pouco se aprofunda na relação da psicanálise com o materialismo-dialético ou mesmo na aplicação sociológica da psicanálise, tão cara ao psicanalista, então é necessário, por outro lado, reler sua obra à luz das cartas entre o grupo dos psicanalistas 'marxistas' e à luz desse projeto de psicologia dialético-materialista.

Portanto, diante dessa literatura que retomou, na virada da década de 1970 para a década de 1980, o papel de Fenichel no movimento psicanalítico e seu empenho para com o desenvolvimento de uma psicologia dialético-materialista a partir das teorias psicológicas de Freud, creio ser imprescindível reler os textos Fenichel em outra chave de leitura. Primeiramente, porque, mesmo que ele não fosse nenhum especialista na discussão filosófica envolvida na crítica marxista à concepção hegeliana do processo histórico, de onde se originariam os princípios do materialismo-dialético[10], isso não diminui o significado e o peso que as noções atreladas a esse debate têm na obra de Fenichel, por mais incipientes que essas noções apareçam em seus textos.

---

[8] *119 Rundbriefe*. De agora em diante, *Circulares.*

[9] *Über die Psychoanalyse als Keim einer zukünftigen dialektisch-materialistischen Psychologie*. De agora em diante, *Sobre a psicanálise como gérmen...* ou 'artigo de 1934'.

[10] É prudente avisar o leitor que sempre que me refiro ao materialismo-dialético ou ao marxismo neste trabalho, por uma questão de argumentação e, em última instância, de escolha sobre o que será desenvolvido aqui, estou enfatizando seu caráter discursivo, político e epistêmico conjugados em certa forma de explicar o processo histórico (Engels, 1878/2015, Lefebvre, 1947). Para Fenichel (1934a, p. 53), em miúdos, esta lógica dialética significa aplicar os "mesmos princípios aplicados por Marx na economia política" ("die gleichen Prinzipien, die Marx in der politischen Ökonomie verwendet hat").

Em segundo lugar, porque é preciso avaliar a modulação da teoria freudiana em Fenichel a partir da forma como ele próprio absorve o materialismo-dialético. O que permite, por sua vez, transportar o problema da apreensão das teorias psicológicas freudianas presente na obra de Fenichel de um ponto de vista exterior a ela (como o debate em torno de uma 'epistemologia freudiana') para um campo de discussão no qual o ponto de fuga seja a textualidade mesma dessa obra. Dessa maneira, tanto a presença do materialismo-dialético de Marx e Engels, quanto a presença da psicanálise freudiana podem ser compreendidas como as linhas que encaminham a obra de Fenichel na perspectiva particular da psicanálise pensada e praticada por ele. Logo, o fato de Fenichel ter rompido, pela via de um aparente 'mimetismo', com a 'identidade epistêmica' da psicanálise freudiana poderá ser abordado com maiores subsídios.

Por fim, mas não menos importante, reler os textos de Fenichel em outra chave de leitura é necessário porque, mesmo que ele tenha 'escondido' sua apreensão dialético-materialista da psicanálise freudiana por conta do contexto histórico, do exílio e do movimento psicanalítico, não basta remeter a continuidade ou a ruptura de suas concepções a uma problemática política e institucional decorrente desse contexto. Assim como não basta explicar a elaboração e o desenvolvimento de uma obra como mero reflexo difuso da personalidade e da história de vida de seu autor.

Por outro lado, não tenho dúvidas de que o contexto de produção de uma obra e mesmo a vida de seu autor influenciam essa obra. Contudo, desde sua produção e, sobretudo, após sua publicação, uma obra responde mais diretamente a problemas colocados por outra ordem. Sua estrutura argumentativa, sua cartografia e economia conceitual, e sua literalidade buscam se resolver em um plano próprio. Algo que não é tratado com profundidade, a meu ver, na literatura que retoma o papel de Fenichel no movimento psicanalítico e a relação de sua obra com o contexto de produção dela.

Além disso, vale reler Fenichel porque não há muito mais do que essa literatura sobre ele apresentada acima. Após a publicação do trabalho de Jacoby (1983), o papel de Fenichel no movimento psicanalítico foi tratado novamente por Gschwendtner (1991) em *Psicanálise, institucionalização e dissidência investigadas por meio da biografia e produção teórica de Otto Fenichel*[11]*.* Mais recentemente, além de duas conferências ocorridas em Praga, em 2015 e 2017, sobre o psicanalista e seu legado, houve a importante publicação, no fim dos anos 2000, de uma biografia do autor intitulada *Eu – Fenichel: a vida de um psicanalista no século 20*[12], que foi escrita por Elke Mühlleitner (2008), uma dos organizadores da edição das *Circulares*.

[11] *Psychoanalyse, Institutionalisierung, Dissidententum untersucht anhand der Biographie und Theorieproduktion von Otto Fenichel.*
[12] *Ich – Fenichel. Das Leben eines Psychoanalytikers im 20. Jahrhundert*.

Por essas razões, acredito ser fundamental tratar da obra de Fenichel a partir de sua textualidade e da intertextualidade invocada por ela. Isso dará lugar a um debate que vai além das motivações político-ideológicas do autor e de suas tomadas de posição no contexto político-institucional do movimento psicanalítico, que, como disse, ainda que definitivas, não são suficientes para explicar como se dão os compromissos teóricos de Fenichel com a psicanálise freudiana.

Afinal, como provam tanto o programa de psicologia dialético-materialista, quanto os esforços de manter em certa medida este debate vivo, embora secreto, nas *Circulares*, e de preservá-lo subterraneamente, no final de sua obra, em suas concepções sobre as teorias e a prática psicanalíticas, Fenichel se empenhou, sim, em pensar e fazer algo que não fosse necessariamente idêntico à psicanálise freudiana, mesmo que isso significasse na prática, como veremos, a defesa das teorias psicológicas de Freud. De fato, ao deixar de exibir, pública e textualmente, os adjetivos marxistas, e ao se unir institucionalmente aos representantes das concepções mais ortodoxas da psicanálise, Fenichel também atuou, paradoxalmente, de forma contrária a esse empenho.

Ora, a justificativa do presente trabalho não se encerra com esses 'porquês'. Devo ainda deixar o leitor a par das finalidades, ou melhor, das intenções da pesquisa que deram origem a esta tese de doutorado. Ao examinar como e a partir do que Fenichel opera sua compreensão e sua exposição das teorias e da prática psicanalíticas, pretendo esboçar uma reflexão sobre as tensões teóricas que acabam criando certa identidade interna na obra desse autor. A partir daí, a fundamentação do conhecimento psicanalítico e a função prática desse conhecimento, tal como são estipuladas por Fenichel em momentos cruciais de sua obra, podem fornecer questões relativas à epistemologia e à ética da psicanálise.

No que concerne aos problemas técnicos da terapia psicanalítica aventados por Fenichel, isso significa transportá-los para o campo de discussão sobre ética da psicanálise. Já em relação à legitimidade e às condições das teorias psicanalíticas, isso significa recolocar a discussão sobre epistemologia da psicanálise. Nesse sentido, esse deslocamento dos problemas tratados pelo texto de Fenichel para os ares mais frescos e atuais dos debates em torno da epistemologia e da ética da psicanálise acaba assumindo o lugar de objetivo secundário desta tese.

Em outros termos, a investigação dos elementos da teoria psicanalítica articulada na obra de Fenichel ajudará a levantar perguntas que, diferentemente das respostas dadas a elas pelo autor em seus textos, podem e devem ser sustentadas ainda hoje. Assim, mesmo que o exame textual dessa obra seja feito em referência ao contexto de sua produção e publicação, seu horizonte interpretativo se dá também em referência ao contexto de pesquisa no qual o autor desta tese esteve inserido ao longo de sua realização. E o horizonte interpretativo desta pesquisa importa, pois a pesquisa que subjaz a esta tese

estava ligada, inicialmente e de maneira ampla, à discussão dedicada às bases conceituais e à história das teorias e das práticas psicanalíticas.

Antes, a abordagem feita nesta pesquisa da obra de Fenichel – e, sobretudo, a abordagem de seu projeto de psicologia dialético-materialista – visava retrilhar a problemática envolvendo as condições, a legitimidade e a validade do conhecimento psicanalítico, ou seja, os princípios organizadores de suas teorias e de seu método. Por esta razão, o escopo de investigação incluía os começos dessa problemática já em Freud e, obviamente, toda a literatura de comentário a respeito. Não à toa, o título do projeto de pesquisa carregava consigo sua mirada mais epistemológica: *De Freud a Fenichel: a determinação teórica da psicanálise entre ciências da natureza e humanidades*.

No entanto, a própria leitura da obra de Fenichel e o desenrolar da pesquisa me obrigaram a reduzir esse escopo de investigação. Não só o tempo seria um limitador de toda essa vasta investigação, como ainda a textualidade dessa problemática, seus derivados e as conexões dela com outros problemas apenas na obra de Fenichel demandavam maior foco e depuração. Ademais, por conta da pouca literatura existente a respeito do autor, que trata sem exceção, em maior ou menor grau, do papel de 'articulador' exercido por ele no movimento psicanalítico, a mirada mais histórica desta pesquisa precisou se concentrar no contexto de produção da obra de Fenichel e no modo como esse contexto acaba se refletindo ou sendo refratado nessa obra.

Frente a essas justificativas da pesquisa que sustentaram esta tese, fazem-se necessárias algumas considerações metodológicas. É importante deixar mais às claras como o estudo da obra de Otto Fenichel seguiu certos 'protocolos' que também foram cruciais para este trabalho. Primeiro, porque uma pesquisa teórica realizada a partir de dada bibliografia não é uma simples leitura ou mesmo uma mera revisão. Não basta ler e reproduzir um texto supondo que todas as respostas às perguntas dirigidas a ele já estejam lá. Tampouco é possível, ou mesmo crível, lhe colocar perguntas para as quais não teria resposta alguma. Além disto, a ingenuidade da leitura a ser realizada esbarra em certo limite que recorta e posiciona de antemão o objeto a ser investigado, dando as condições necessárias a uma pesquisa.

Sem dúvida, há em qualquer pesquisa e, portanto, na base do conjunto de questões a ser investigado algo da esfera do ensaio, da tentativa. Há também, mas nem sempre, como que uma esperança de pôr na ordem do dia certos aspectos de um debate – aspectos algumas vezes maltratados, outras vezes esquecidos, e tantas vezes hiperbolizados, isto para não dizer ultra-idealizados. Por outro lado, o criticismo e o uso de certos protocolos e do diálogo com a tradição dedicada ao campo de pesquisa no qual o problema se insere devem proporcionar as tais condições do trabalho de pesquisa. Com isto, uma pesquisa

deixa de ser uma simples busca que responda aos anseios pessoais de um pesquisador ou aos interesses sectários de um grupo.

Nesse sentido, é indispensável indicar que, se um trabalho de pesquisa teórica não pode se encerrar apenas sobre a letra morta de um texto, mas deve fazer trabalhar as entrelinhas a partir da própria experiência de leitura, ele o faz a partir de certas considerações que permitem deixar às claras os motivos das opções de leitura para apresentar esta ou aquela discussão, este ou aquele problema. Por isto, diante do caráter desta pesquisa, havendo nela certo tom ensaístico, faço estas considerações metodológicas.

Começo então com as condições de leitura e a própria produção de sentidos que a leitura de um texto opera entre uma obra e seu leitor, ao exemplo do que argumentam Campos e Coelho Junior (2010). Após retomarem determinada literatura preocupada com as questões hermenêuticas, estes autores apresentam e sustentam uma estratégia de estudo para as teorias psicanalíticas a partir de uma ideia específica daquilo que envolve a interpretação de um texto: o que se convencionou chamar de leitura desconstrutiva. Nas palavras de Hillis Miller (1995, p. 49), um dos grandes expoentes desse tipo de leitura: “A desconstrução tenta resistir às tendências totalizantes e totalitárias da crítica. Tenta resistir às suas próprias tendências de repousar em algum sentido de dominação sobre a obra”.

Desta maneira, o primeiro passo além da pura e simples revisão da bibliografia em torno das questões afins de uma pesquisa teórica significa considerar que a verdade supostamente pronunciada nas teses de um texto sob investigação não está determinada objetivamente *a priori*, mas sempre é reconstruída ou compreendida de formas diferentes. Mas isto não deve ser confundido com nenhum relativismo semântico. Se não há ‘a’ leitura verdadeira, isso não é o mesmo que dizer que qualquer leitura seja possível. O que está em jogo é outra coisa, a saber: o reconhecimento das tensões e ambiguidades internas de um texto.

Se a textualidade de uma obra é a testemunha de suas tensões internas e a sua contextualidade – a da obra e a do leitor – abre o horizonte final da verdade que se pretende enunciar ao perscrutar suas teses e argumentos, é preciso perguntar: como pensar então, mais precisamente, a leitura das teorias psicanalíticas? Em *Interpretar (com) Freud*, ao pensar o método de interpretação criado para interpretar sonhos e para o tratamento das psiconeuroses, Laplanche (1988) propõe um método de leitura para a obra freudiana que possa como que ‘reempregar’ os princípios do método psicanalítico de interpretação.

Na realidade, a estratégia de Laplanche (1988) é levar em conta justamente a passagem entre ‘conteúdo manifesto’ e ‘conteúdo latente’ na estrutura de um texto. Para ele, esse reemprego dos princípios da interpretação dos sonhos na leitura dos textos freudianos é possível porque o método analítico, “num sentido ao mesmo tempo hiperbólico

e desviante em relação ao que o espírito cartesiano entende", é um "*todo metodológico*" entre "*regra das associações livres*" e "*regra da atenção igualmente flutuante*" (Laplanche, 1988, p. 24). "Todo metodológico" no qual não existem privilégios hierárquicos na correspondência entre os elementos do texto manifesto e seu(s) conteúdo(s) latente(s).

Porém, é preciso ter em mente que isto não significa de maneira alguma uma análise da subjetividade de Freud, como se tal método próprio ao acesso dos processos psíquicos inconscientes individuais fosse utilizado para a interpretação do psiquismo do autor no momento da escrita. Não se trata em absoluto de uma "psicografia psicanalítica de Freud" (Laplanche, 1988, p. 29). Mas sim de uma transposição do método psicanalítico da interpretação para outro que seja aplicável à leitura de um texto psicanalítico, criando um procedimento de leitura que seja mais próximo das exigências próprias da obra estudada.

Deste modo, a concepção de método de leitura de textos psicanalíticos (e não só da obra freudiana) que se pode derivar da sugestão de Laplanche (1988) é aquela que "recoloca o lugar de um ideal regulador" pela "exigência de teorização que emerge das contradições e ambiguidades" (Campos & Coelho Junior, 2010, p. 256) da textualidade mesma. Por isso, quando discutimos um método de pesquisa teórica sobre psicanálise, estamos de fato traçando uma estratégia de "investigação epistemológica" que "passa pela descrição e pela análise do sistema de um determinado campo de saber" (Campos & Coelho Junior, 2010, p. 255). Modo de investigação condizente com aquilo que realizei nesta pesquisa. Assim, paralelamente a um procedimento de leitura que funciona inspirado pelo espírito cartesiano – que entende um texto segundo a ordem das razões internas a ele (Gueroult, 2000) – minha intenção foi deixar marcada esta imersão entre textualidades e contextualidades no estudo da obra de Fenichel.

Outro ponto de fundamental importância dessas considerações metodológicas são as escolhas do material de estudo e das traduções utilizadas aqui. No caso da bibliografia primária, composta basicamente pelos textos de Fenichel, as edições utilizadas foram as seguintes: *Problemas da técnica psicanalítica* (Fenichel, 1941)[13]; *A teoria psicanalítica...* (Fenichel, 1945); *Coletânea de artigos de Otto Fenichel* (Fenichel, 1953a; 1954a)[14]; e as *Circulares* (Fenichel, 1998a).

Fora outros trabalhos do próprio Fenichel que não fazem parte dessas edições, como *Sobre a psicanálise como gérmen*... (Fenichel, 1934a), a fim de tratar dos dados históricos envolvendo a atuação de Fenichel no movimento psicanalítico, ou mesmo de dados biográficos importantes para a compreensão do engajamento do autor no movimento psicanalítico, utilizo também como bibliografia primária o livro de Jacoby (1983) – fundamental quando se busca compreender essa função de 'articulador' de uma psicanálise

[13] *Problems of Psychoanalytic Technique.* De agora em diante, *Problemas da técnica...*.
[14] *Collected Papers of Otto Fenichel: First & Second Series.* De agora em diante, *Coletânea de artigos....*

de esquerda assumida por Fenichel nesse movimento; e sua biografia escrita por Mühlleitner (2008), da qual falarei quando for oportuno.

O leitor pode reparar que optei por trabalhar com edições que, excetuando-se a das *Circulares*, ou foram publicadas quando Fenichel ainda vivia, ou foram publicadas na década de 1950, quando a obra do autor era tida quase que exclusivamente como a representação fiel de uma psicanálise conservadora. Quanto ao *Problemas da técnica...* e ao *A teoria psicanalítica...*, assim o fiz, pois, como expus acima, essas edições permitem não só o contato com a forma com a qual o próprio autor as concebera[15], como também permitem maior contato com a forma com a qual o contexto de publicação as influenciou. Ambas as edições, por exemplo, foram publicadas originalmente em inglês por editoras nos EUA.

Quanto à *Coletânea de artigos...*, publicada em dois volumes, um em 1953 e outro em 1954, minha intenção foi trabalhar com a forma 'purificada' de alguns textos de Fenichel, que já haviam sido publicados anteriormente, entre 1923 e 1946, nos periódicos mantidos pelas associações de psicanalistas. Digo 'purificada' não porque os artigos de Fenichel foram alterados substancialmente ou literalmente higienizados por seus organizadores, Hanna Fenichel e David Rapaport, pois eles não foram. Digo 'purificada' porque, como denuncia o prefácio da *Coletânea...*, a edição foi pensada de tal maneira que os artigos ali publicados "pertencem aos escritos estritamente psicanalíticos" de Fenichel (Fenichel, 1953a, p. xiii). Portanto, não foram selecionados para esta edição os textos que fogem da temática psicanalítica, nem para uma nova publicação, nem para uma primeira versão em inglês. Este é o caso de *Sobre a psicanálise como gérmen*... (Fenichel, 1934a), texto central em minha pesquisa e nesta tese, e que é examinado em sua versão original em alemão.

Deste modo, a opção pela *Coletânea de artigos...* traz uma vantagem para o objetivo desta tese, além, é claro, de facilitar a consulta da publicação esparsa de Fenichel. Tal edição, com o recorte de seus organizadores, transpõe para uma realidade bem diferente (a do mundo psicanalítico estadunidense no início dos anos 1950) os problemas tratados por Fenichel em seus artigos que foram preparados na atmosfera do artigo de 1934 (não incluído na *Coletânea*, repito), e na atmosfera do começo da correspondência secreta das *Circulares.* Esse contraponto, entre a edição 'estritamente psicanalítica', na qual não aparecem os termos ligados à tradição marxista, e o programa epistemológico de Fenichel do início da década de 1930, fornece uma interessante ambientação para o exame da intertextualidade invocada, ao longo desta tese, pelas análises do artigo de 1934, do *Problemas da técnica...* e de *A teoria psicanalítica...*.

[15] Vale dizer que Fenichel escreveu essas obras em alemão. Mas elas foram traduzidas por terceiros sob a tutela dele. A versão 'original' em alemão de *A teoria psicanalítica...* seria publicada apenas a partir de 1974 em três volumes. E a versão 'original' em alemão de *Problemas da técnica...* seria publicada apenas em 2001.

Sobre a escolha da edição das *Circulares*, pouco há o que falar. Além de ser um excelente e magnífico trabalho de organização e edição realizado por Elke Mühlleitner e Johannes Reichmayr[16], esta é a única publicação das cartas enviadas por Fenichel ao grupo dos psicanalistas de esquerda a partir de 1934, quando as dificuldades do exílio lhes impediam o encontro presencial de outrora. Na verdade, algumas informações sobre essa correspondência e sobre a edição delas podem esclarecer eventuais mal-entendidos em torno de sua natureza. Em primeiro lugar, a edição das *Circulares* traz apenas as cartas enviadas pelo próprio Fenichel (e alguns manuscritos enviados por ele, anexos às cartas). De fato, elas não são bem cartas circulares, pois Fenichel enviava as cartas aos seus colegas, recebia as respostas, depois as compilava e as resumia para os interlocutores na missiva seguinte. Ou seja, Fenichel fazia praticamente todo o trabalho sozinho. Em segundo lugar, é importante dizer que as cartas foram escritas em alemão e, a partir de 1942, em inglês.

Para facilitar o trabalho do leitor que se interesse, porventura, pela leitura dos textos de Fenichel, deixo discriminado, nas referências bibliográficas ao final da tese, quando houver, as diversas edições e traduções de um mesmo texto citado a partir das fontes comentadas acima.

É importante também avisar que as traduções das citações de textos em língua estrangeira, e não só dos textos de Fenichel, são todas minhas. Além disso, fiz questão de traduzir os títulos dos trabalhos citados em língua estrangeira. Isso porque a língua em que este trabalho foi escrito é o português e a pesquisa da qual ele se originou foi subsidiada com dinheiro público. Assim, mesmo que esta tese de doutorado acabe se restringindo, na prática, a especialistas, ela é antes de qualquer coisa um documento público, que retrata o final de anos de pesquisa realizada com subsídios públicos em um país cuja língua oficial é o português. O acesso a seu conteúdo não pode, portanto, ficar restrito aos conhecedores de línguas estrangeiras.

De todo modo, pelo rigor e seriedade que se exige de um trabalho como este, no caso das citações diretas de Fenichel, forneço, nas notas de rodapé, o trecho no original – ou em alemão, ou em inglês –; no caso dos títulos de todos os trabalhos citados em língua estrangeira, forneço os originais nas notas de rodapé, na ocasião da primeira aparição da citação.

Ainda a propósito das traduções, creio que se fazem necessários dois comentários sobre a minha opção relativa à tradução de conceitos como o de instinto/pulsão e sobre minha escolha da edição de trabalho das obras completas de Freud. Quanto à tradução de

[16] Além das cartas e dos manuscritos enviados por Fenichel anexos às cartas, a edição contém vários índices para consulta. Desde um índice remissivo com os termos mais utilizados, passando por um índice com notas biográficas curtas das personagens envolvidas no movimento psicanalítico ou das personagens mais importantes da história das *Circulares*, até um índice com a literatura psicanalítica mencionada ao longo das cartas.

conceitos, sobretudo, do termo '*Trieb*', traduzido em português por 'instinto' ou por 'pulsão'[17], procurei respeitar as opções do próprio Fenichel. No início de *A teoria psicanalítica*..., ele mesmo se mostra consciente dos problemas envolvendo a tradução de '*Trieb*' por '*instinct*'. Diz ele:

> a expressão *Trieb*, que Freud usa, não significa exatamente a mesma coisa que a expressão inglesa *instinct*, como ela é habitualmente traduzida. Inerente ao conceito de instinto está a ideia de que ele representa um modelo herdado e imutável; no conceito alemão de *Trieb*, essa imutabilidade não está de forma alguma implicada. Ao contrário, a meta e o objeto dos *Triebe* são visivelmente alterados sob as influências provenientes do ambiente, e Freud era até mesmo da opinião de que eles se originavam sob as mesmas influências. Essa equação incorreta entre *instinct* e *Trieb* criou graves confusões. (Fenichel, 1945, p. 12)[18]

Isto é, Fenichel sabia da falta de correspondência entre esses termos. Mas, mesmo assim, seus textos publicados em inglês fizeram uso dessa opção de tradução[19]. No que me coube, como disse, procurei respeitar essa opção de Fenichel[20]. Até porque, do ponto de vista desse debate teórico, não só linguístico, como veremos, Fenichel prefere 'instinto' por conta de sua posição 'naturalista'. No entanto, o leitor encontrará na tese o uso do termo 'pulsão' em referência ao conceito de '*Trieb*' tal como ele foi encarado pela tradição psicanalítica francesa.

Do mesmo modo, tento respeitar a escolha de Fenichel concernente ao uso do termo '*repression*', que comporta tanto o sentido amplo do mecanismo descrito por 'repressão' ('*Unterdrückung*'), quanto o sentido mais restrito do mecanismo descrito pelo neologismo 'recalque' ('*Verdrängung*'). Assim, faço uso apenas do termo 'repressão'.

Dessa maneira, alinho-me com a conclusão crítica de Souza (2010) sobre as distintas opções dos projetos de tradução da obra freudiana. Em especial, a respeito da

---

[17] 'Instinct' no projeto de tradução de James Strachey; '*pulsion*' no projeto de tradução de Jean Laplanche, influenciado pela leitura lacaniana da obra de Freud.

[18] No original: "the expression *Trieb* which Freud uses does not signify exactly the same thing as the English expression *instinct*, as it is customarily translated. Inherent in the concept of instinct is the idea that it represents an inherited and unchangeable pattern; in the German concept of *Trieb* this unchangeability is by no means implied. On the contrary, the *Triebe* obviously are changed in aim and object under influences stemming from the environment, and Freud was even of the opinion that they originated under the same influence. This incorrect equating of *instinct* and *Trieb* has created serious misunderstandings".

[19] É verdade que a opção pelo neologismo francês '*pulsion*', ou 'pulsão', ainda não estava disponível. Por outro lado, não seria perfeitamente cabível o uso do termo 'impulso' ('*impulse*' ou '*drive*')? Do ponto de vista literal e semântico, embora haja nuances entre essas opções, não há nada que impeça essa tradução. Já do ponto de vista teórico e conceitual, certa padronização e sistematização das traduções são necessárias, pois facilitam o deslocamento entre a língua origem e a língua destino de toda uma trama de sentidos que pode se perder eventualmente nessa passagem. Ainda assim, Fenichel escolheu o termo 'instinto' ('*instinct*').

[20] No campo semântico do substantivo '*Trieb*', encontramos como primeira acepção, segundo o Duden (https://www.duden.de/rechtschreibung/Trieb): "(muitas vezes conduzido pelo instinto) impulso interno que visa a satisfação de fortes necessidades, frequentemente vitais", ou ainda, "desejo, ânsia por fazer algo". E, neste caso, um dos sinônimos possíveis em alemão é o termo de origem latina '*Instinkt*' (https://www.duden.de/rechtschreibung/Instinkt). Em termos de sua origem, o termo '*Trieb*' é a substantivização da conjugação do verbo '*treiben*' no imperfeito. Há, por exemplo, o substantivo '*Treiben*', 'agitação', 'atividade'. No caso do verbo '*treiben*', que possui variadas acepções, múltiplos usos e aplicações a situações bem específicas, o significado de '*Trieb*' está embutido na acepção de '*treiben*' associada à '*antreiben*'. Respectivamente, 'impelir', 'mover', 'impulsionar' e 'acionar'; e 'incitar a' e 'instigar a' (https://www.duden.de/rechtschreibung/treiben).

‘caçada ao significante’ incessante de Laplanche, Cotet e Bourguignon (1992), concordo quando Souza (2010) diz o seguinte:

> Não adianta tentar acompanhar a todo custo o alemão, se isso resultar em construções artificiais, tanto no nível lexical como sintático, em textos que, em vez de 'se apropriar do estrangeiro', produzem estranhamento, e afastam, em vez de aproximar o leitor. É preciso considerar o uso vivo da língua, e não perder de vista os recursos próprios de sua língua, ao olhar apenas para os trunfos e virtudes do alemão. Mas Laplanche, Bourguignon e Cotet não fazem isso porque têm uma concepção negativa do uso linguístico, concepção que decorre de sua desatenção ou menosprezo pelo caráter social do significado, desatenção que é consequência da hipertrofia que o significante experimentou nas suas mãos. (Souza, 2010, p. 162).

Contudo, no que concerne ao uso do texto freudiano propriamente dito, e não só ao problema da tradução dos conceitos psicanalíticos em Fenichel, a escolha da versão de trabalho aqui foi muito mais pragmática do que ‘linguageira’ – se é que podemos chamar assim esta opção por uma tradução que considere o ‘uso vivo’ e o ‘caráter social do significado’ em ambas as línguas, a língua de origem e a língua destino. Como a obra de Freud não é o objeto de investigação desta tese e como, infelizmente, ainda não há uma versão sistemática e finalizada das obras completas em português traduzida diretamente do alemão, optei por usar a edição *Obras completas Sigmund Freud*, em espanhol, da Amorrortu Editores, baseada em Buenos Aires.

Com uma tradução feita diretamente do alemão por José Luis Etcheverry (2007), e conservando os comentários editoriais e de tradução de James Strachey, tal edição em espanhol conserva a opção de tradução de conceitos realizada por Laplanche e Pontalis (2001), no *Vocabulário da psicanálise.* Ainda assim, leitor, saiba que, quando me foi necessário adentrar um pouco mais no exame do texto freudiano, busquei cotejar as citações utilizadas com os originais alemães da edição *Gesammelte Werke Sigmund Freud* (Freud, 1991a). Creio que esse procedimento dá condições suficientes para o trato com a obra freudiana realizado nesta tese.

Por fim, de acordo com os objetivos deste trabalho, com suas justificativas e com a metodologia empregada aqui, o conteúdo com o qual o leitor se deparará daqui em diante nesta tese é o seguinte. No primeiro capítulo, intitulado *O engajamento do jovem Fenichel no movimento psicanalítico*, busco responder duas questões preliminares. A primeira, de cunho histórico, é: Como a posição de articulador, ocupada por Fenichel, de uma psicanálise ‘não-conformista’ ou ‘subversiva’, preocupada com as pautas sociais, se reflete em sua obra inicial? A segunda, mais teórica e filosófica, é: como Fenichel concebe o estatuto epistemológico da psicanálise e a função do tratamento psicanalítico neste mesmo período?

No segundo capítulo, com o título *Um projeto dialético-materialista para a psicanálise*, começo a tratar mais vagarosamente da textualidade da obra de Fenichel. Ali, o leitor me acompanhará na construção de respostas possíveis para três perguntas. São elas: como se deu o envolvimento de Fenichel com o marxismo e que marxismo era esse? De que modo ele operou conceitualmente sua concepção de psicologia dialético-materialista? E qual o papel das ideias reichianas sobre a relação entre psicanálise e marxismo na elaboração do programa epistemológico de Fenichel para as teorias freudianas?

No terceiro capítulo, *A prática psicanalítica de Fenichel: psicologia do Eu*, avalio a concepção de Fenichel sobre a prática psicanalítica. As perguntas a dominarem tanto meu argumento, quanto minhas conclusões sobre o exame que faço do *Problemas da técnica...* (Fenichel, 1941) são: qual o horizonte histórico da obra de Fenichel posterior a 1938? O que há do programa de psicologia dialético-materialista de 1934 nesse livro de 1941? E quais as implicações éticas da concepção de Fenichel sobre a prática psicanalítica?

No quarto e último capítulo, *A teoria psicanalítica em Fenichel: materialismo, naturalismo e psicologia científica*, investigo a concepção do autor sobre o conhecimento psicanalítico. Mais uma vez, três perguntas organizam os objetivos centrais do capítulo. Neste caso, elas são: como o programa de psicologia dialético-materialista de 1934 se faz presente em *A teoria psicanalítica...* (Fenichel, 1945)? De que modo o recurso ao 'naturalismo' das teses freudianas na própria economia conceitual da obra de Fenichel foi uma resposta às exigências do programa de psicologia dialético-materialista? E quais as implicações epistemológicas da concepção de Fenichel sobre o conhecimento psicanalítico?

Ao final, espero que o leitor tenha condições de me acompanhar em minhas considerações finais sobre a continuidade (ou ruptura) das concepções de Fenichel em torno da teoria e da prática psicanalíticas. E, dessa maneira, explorar os elementos mais fundamentais que compõem a obra deste autor.

1. O ENGAJAMENTO DO JOVEM FENICHEL NO MOVIMENTO PSICANALÍTICO

Devo, agora, levar o leitor a conhecer quem foi Otto Fenichel. É imprescindível entender como se deu seu envolvimento histórico com uma psicanálise de esquerda e como chegou a ocupar uma posição de destaque e de articulador dentro do movimento psicanalítico. Depois, ao final do capítulo, exploro como a psicanálise é concebida por ele em 1923, em um texto publicado à época de sua chegada em Berlim e no movimento psicanalítico local que ali prosperava; e em 1935, em dois textos marcados pelo exílio e publicados em um momento em que Fenichel já possuía certa influência dentro do movimento psicanalítico e também já era reconhecido pelo discurso socialista.

Duas questões preliminares devem ser respondidas neste capítulo. A primeira delas é mais histórica e diz respeito ao papel ocupado por Fenichel na maior parte dos trabalhos em que é citado: sua posição de articulador de uma psicanálise não-conformista ou subversiva e preocupada com as pautas sociais. Como esta posição no movimento psicanalítico se reflete em sua obra inicial? Já a segunda questão é mais filosófica: como Fenichel concebe o estatuto epistemológico da psicanálise e a função do tratamento psicanalítico neste mesmo período?

1.1. Do movimento juvenil ao movimento psicanalítico

Para tratar dos eventos relacionados à vida do psicanalista e de seus laços pessoais que mais importam ao problema deste trabalho, sigo, sobretudo, a descrição de Mühlleitner (2008). Esse trabalho, além de explorar a personalidade e os eventos da vida de Fenichel, também faz da trajetória do psicanalista um paradigma daquilo que aconteceu com os exilados do centro europeu e com a história do movimento psicanalítico. Argumento semelhante ao utilizado por Jacoby (1983) na escolha que faz de Fenichel.

Desta maneira, Mühlleitner (2008, p. 13) traz ao “primeiro plano”, entre outras coisas, a atuação do biografado no estabelecimento de uma “rede de trabalho político-científica” dentro do movimento psicanalítico (antes e durante o exílio) e sua “personalidade forte e, no entanto, internamente fragmentada . . . sobre a qual se pode ilustrar também as contradições” da terapia psicanalítica. Ademais, essa narrativa também busca articular o significado de Fenichel para a história científica, na medida em que Mühlleitner (2008, p. 16) entende que “a vida [dele] documenta essa frequente tensão, na história da ciência, entre o processo fiduciário de uma herança”, a psicanálise freudiana, “e sua necessária adaptação ao longo do tempo”, a psicanálise pensada e praticada por um herdeiro daquela psicanálise.

Entre as principais fontes desta biografia, constam não apenas as *Circulares* da época do exílio, mas também outras correspondências, cadernos de anotações, poemas – manuscritos e nunca publicados – e as incontáveis listas diárias que Fenichel mantinha desde 1911, então com 13 anos, até o fim da vida, exilado nos Estados Unidos. “Pode-se consistentemente reconstruir” destas listas, mesmo que com lacunas, “o que Otto Fenichel fez entre 1911 e 1945 na escola e na universidade, no tempo livre e na vida profissional” (Mühlleitner, 2008, p. 29). Pelas razões arroladas acima, inclusive por se tratar da única obra do gênero sobre o psicanalista, visitarei agora, e em outras várias ocasiões, as páginas deste trabalho para tratar da história pessoal dele.

Conheçamos então um pouco de Otto Fenichel. Caçula de três irmãos, nasceu em uma família judia assimilada à vida da pequena burguesia intelectual de Viena. Junto de seu irmão Hans, foi pressionado pelo pai, Leo, que era advogado, a fazer carreira jurídica. No entanto, Otto desafiou o projeto paterno e acabou optando pela medicina. Mais próximo de sua mãe, Emma, e de sua irmã, Lilly, Otto manteve com elas uma volumosa correspondência. Sua mãe o acompanhou durante o exílio. Já a irmã, cuja trágica morte em 1925 marcará profundamente o irmão caçula, partilhava com ele o gosto pela escrita, pelos diários e por todo tipo de manifestação literária.

Embora pudesse contar, durante a infância, com as seguranças de um ambiente familiar de classe média, uma insuficiência cardíaca lhe garantiu a recorrência do medo da morte, limitações físicas e lembranças angustiantes. O que poderia ter impulsionado Fenichel a trabalhar tanto, como sugere sua biógrafa (Mühlleitner, 2008). Além disso, sua visão debilitada e sua dificuldade em reconhecer rostos[21] também seriam compensadas com o enorme volume de escritos.

Associado a estas supostas compensações, outro traço a ser destacado da personalidade de Fenichel era seu ímpeto científico. Quando criança, ainda de acordo com Mühlleitner (2008), o pequeno Otto fora contagiado pelo entusiasmo tecnológico gerado pela corrida aérea, que tinha em Viena uma de suas capitais.

Depois, já na década de 1910, seus interesses se voltaram para as ciências biológicas, principalmente, para a teoria da evolução e a sexologia. Nessa época, Fenichel teria lido com a irmã o conhecido *Sexo e caráter* de Otto Weininger (1903/1942), além de ter assistido a algumas conferências sobre darwinismo. E, durante o semestre de outono/inverno de 1915-16, esteve entre os ouvintes das *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (Freud, 1916/1991b), quando também iniciou seus estudos superiores em Medicina.

[21] Fenichel teria se dado o diagnóstico de uma prosopagnosia, deficiência em reconhecer faces. “Ele próprio forneceu este diagnóstico de uma possível prosopagnosia, o que o levou provavelmente a uma compensação por meio da escrita” (Mühlleitner, 2008, p. 29).

Importante salientar que foi no cenário vienense que o líder das *Circulares* passou seus primeiros vinte e poucos anos. Como se sabe, na virada do século XIX para o século XX, Viena foi palco de uma profícua vida intelectual (Schorske, 1961/1988). A história dessa intelectualidade da Viena *fin-de-siècle* apresentada no livro *A mente austríaca: uma história intelectual e social*[22], de William M. Johnston (1983), nos fornece uma verdadeira cartografia dos papéis desempenhados pelos importantes pensadores da capital do velho Império Habsburgo. Das áreas exploradas pelo autor, creio que há três cruciais para elucidar minimamente o horizonte intelectual para o qual a educação e a formação clássica de Fenichel estavam orientadas.

A primeira delas é o surgimento na Áustria de um marxismo de caráter reformista. Organizados basicamente em torno do Partido Socialdemocrata, que acolhia todos os tipos de socialistas, os "austro-marxistas" (Otto Bauer, Karl Renner e Max Adler) eram uma mistura de "intensa intelectualidade" e "ânsia de corrigir a ordem existente" (Johnston, 1983, p. 99). Apostavam na educação renovada dos trabalhadores, repudiavam a ideia de uma revolução sangrenta, eram conciliadores. Enfim, foram corresponsáveis por uma esquerda austríaca comedida e amortecida pela burocracia do Império.

Já a segunda área explorada por Johnston (1983) interessante aqui é a combinação do amor vienense pelas artes com o desinteresse por reformas políticas e sociais. Paradoxalmente, Otto Weininger congregaria de forma exemplar o espírito revoltoso contra essa complacência esteticista que habitava Viena, ao mesmo tempo em que, "desprezando o estudo da sociedade e da política, . . . retirou-se para contemplar a difícil situação humana, abandonando todo desejo de remediá-la" (Johnston, 1983, p. 162).

Por fim, o último território analisado por Johnston (1983) da intelectualidade da Viena *fin-de-siècle* a afetar a formação de Fenichel é a relação da psicanálise com sua terra natal. Desta profunda e complexa relação, vale mencionar o niilismo terapêutico presente na formação recebida pelos analistas formados na Faculdade de Medicina de Viena – algo paralelo à complacência esteticista que vigorava entre artistas e seus apreciadores da capital austríaca frente às questões sociopolíticas. O método psicoterapêutico freudiano é elaborado, em grande parte, a partir de e contra esta postura anatomista que privilegiava o diagnóstico em detrimento da cura.

Foi respirando os últimos odores dessa paisagem vienense do fim do velho Império – onde se enfrentavam tradição e reforma, complacência e rebeldia, diagnóstico e cura – que Fenichel recebeu sua educação. Ele sofreu com a educação autoritária e hierarquizada nos anos de escola. Estudou medicina com aqueles anatomistas da Universidade de Viena. E, assim como aconteceu com Weininger, conheceu bem a assimilação do antissemitismo

[22] *The Austrian Mind. An Intellectual and Social History.*

dentro da sua própria família de origem judaica. Isso sem contar, como se verá, certa predileção pelas 'filosofias naturais', que dirigia seus interesses pelas 'filosofias práticas'.

Na época do início da Grande Guerra, um pouco antes de concluir o ensino escolar e passar à Universidade, Fenichel acabaria também absorvendo a rebeldia juvenil alastrada pela Europa Central. Aliou então seu interesse científico, sobretudo pela sexologia e pela teoria da evolução, ao interesse social e político quando começou a participar, em 1914, do movimento da juventude germânica (*die Jugendbewegung*), que tinha suas origens na região berlinense nos últimos anos do século anterior. A partir dos ideais românticos e naturistas e da reafirmação de um pangermanismo, o movimento da juventude seria ajustado aos interesses regionais durante sua expansão pelo mundo germânico entre as primeiras três décadas do século XX. Em Viena não seria de outro modo.

Diferentemente do primeiro grupo berlinense e de outros grupos que se tornaram com o tempo apolíticos, conservadores e até mesmo antissemitas, o grupo vienense considerava a libertação sexual um passo fundamental para a mudança radical da estrutura social e da divisão de poder[23]. O movimento juvenil na capital austríaca empenhava assim sua crítica no conflito de gerações e nos valores burgueses vividos e reproduzidos no ambiente familiar, que insistia em reprimir a sexualidade dos jovens.

Ali, o movimento da juventude foi liderado por Siegfried Bernfeld, posteriormente um importante ator dentro do movimento psicanalítico. Já em 1913, nas reuniões da juventude que ocorriam nos espaços do Comitê Acadêmico pela Reforma Escolar e durante as discussões dos secundaristas, as ideias psicanalíticas eram debatidas por conta da maneira com a qual enfrentavam a questão da sexualidade e do conflito entre gerações, algo importante para o tino antiautoritário do movimento.

Não é sem razão, portanto, que Jacoby (1983, p. 37) diz que "a revolta entre a juventude europeia marcou a era pré-guerra e deixou sua estampa na psicanálise" por meio da atuação de toda uma geração que, como Fenichel, fora tomada pelos "temas dos jovens (e filhos) contra os pais e escolas [temas que] regularmente vinham à tona na literatura contemporânea".

Entre as obras cujos temas influenciaram diretamente o movimento da juventude, talvez a que tenha marcado mais profundamente Fenichel fora a peça *O despertar da primavera* de Frank Wedekind (1906/1912), assistida por ele pela primeira vez em 1915. Há uma alusão a uma cena dessa peça no primeiro ensaio de Fenichel (1916), publicado no terceiro número dos *Escritos sobre o Movimento da Juventude*[24], e intitulado *Esclarecimento*

[23] "O *Freideutsche Jugend* e o *Wandervogel* [grupos berlinenses] logo foram considerados conservadores e apolíticos, abstinentes e assexuais, e também antissemitas. Em Viena, por outro lado, formou-se um ramo do movimento da juventude (*Jugendbewegung*) muito mais radical, que atacava as relações autoritárias na escola, na casa parental e na sociedade" (Mühlleitner, 2008, p. 59).
[24] *Schriften zur Jugendbewegung.*

sexual[25]*.* Esse trabalho de Fenichel (1916) defendia, por meio de uma denúncia à educação tradicional, uma educação que esclarecesse os jovens sobre sua sexualidade e sua constituição biológica.

Aliás, é bem provável que este ensaio tenha sido escrito a partir de um levantamento estatístico, feito pelo jovem estudante Otto, sobre o conhecimento que os jovens de Viena tinham sobre seu corpo e sobre sua sexualidade[26]. Assim, este trabalho já demonstrava uma conduta científica de Fenichel que pode ser verificada mais à frente. Era possível notar naqueles trabalhos de juventude "a conexão do conjunto de dados empíricos com enunciados explicativos globais sobre a base de uma epistemologia monística, na qual natureza e espírito, alma e sociedade não estavam separados isoladamente" (Mühlleitner, 2008, p. 70).

Contudo, apesar de ter amalgamado seus interesses científico-literários ao interesse pelos problemas sociais e políticos, parece-me que Fenichel reservou aos primeiros a porção dominante da mistura. O jovem estudante de medicina, que deixou de ir à guerra por causa de sua insuficiência cardíaca, pouco anotava sobre os principais acontecimentos políticos em suas listas, e também não participava das manifestações de jovens pelo fim do conflito armado. Embora ele tivesse sido marcado pela morte de colegas ao longo dos trágicos anos belicosos, bem como pelas temáticas do movimento da juventude, "Fenichel não esteve tão próximo das atividades políticas como se gostaria de pensar a partir de perspectivas posteriores; pelo contrário, ele era um observador distanciado" (Mühlleitner, 2008, p. 80).

Ao final da guerra, Fenichel encerraria então sua participação passiva no movimento juvenil com o seguinte saldo: levou consigo a habilidade de articulador e a bandeira do esclarecimento sexual e da luta contra a repressão sexual. Seu papel de articulador e de homem de contatos, que viria a ser realçado com seu envolvimento no movimento psicanalítico, já era notável na época do movimento juvenil. Foi ali que, além de conhecer Bernfeld, conheceu tantos outros nomes que seriam importantes na história da esquerda vienense e amigos da vida toda, como Annie Pink, que se tornaria psicanalista como ele e participante do grupo que estabeleceu as *Circulares*.

Na urgência do novo contexto, o problema da repressão sexual é encarado cada vez mais sob a lente da psicologia e, claro, das ideias freudianas. Assim, em janeiro de 1918,

---

[25] *Sexuelle Aufklärung.*

[26] Mühlleitner (2008, p. 68) cita uma chamada encontrada nos arquivos de Fenichel, provavelmente de 1915, que diz o seguinte: "Iniciei uma estatística sobre como costuma se passar hoje o esclarecimento sexual. Mas ela só pode se tornar alguma coisa se todo mundo me ajudar. Por isso eu peço, acima de tudo, que me descrevam: gênero, idade, idade do tempo do esclarecimento, em que ocasião e de que maneira ele se deu e qual impressão deixou no momento." Além de fornecer ao final seu endereço e assinar a chamada, Fenichel ainda explica que gostaria que os dados fossem fornecidos de forma anônima, que fossem descritos com alguns detalhes e fossem explicitados nomes de obras científicas que pudessem ter contribuído para o esclarecimento da sexualidade.

ainda estudando medicina, Fenichel começa a frequentar regularmente a Associação Psicanalítica de Viena (WPV). Poucos meses depois, com apenas vinte anos, seria o candidato mais jovem, até então, a ter se inscrito para a conferência de admissão na Associação. É possível que não tenha sido aceito como membro naquele ano porque fosse considerado muito jovem e inexperiente. Seria preciso mais dois anos para que Fenichel conseguisse se tornar um membro efetivo da WPV.

Antes disso, o aspirante a psicanalista organizaria a partir do início de 1919 um seminário aberto sobre sexologia na Universidade de Viena. Por ali, passariam com seus trabalhos Wilhelm Reich, o próprio Bernfeld, Grete Bibring-Lehner, Paul Stein e Eduard Bibring, além de outros. Mesmo Alfred Adler, rompido com Freud e seus escudeiros, chegou a apresentar um trabalho em um dos seminários. De acordo com Mühlleitner (2008, p. 94), esse espaço de debate forneceu "uma plataforma acadêmica para os psicanalistas".

Foi também nesse momento, ao dividirem a organização do seminário, que Fenichel e Reich se aproximaram, embora já cursassem medicina juntos. Quando o primeiro partiu para um intercâmbio em Berlim durante o semestre de outono/inverno de 1919-20, o segundo acabou se encarregando de tocar os encontros.

Em Berlim, Fenichel continuou participando dos espaços de discussão sobre sexologia e publicando trabalhos, geralmente resenhas, que tratavam dos temas que orbitavam o novo campo. Durante o outono de 1919, realizou um estágio no Hospital Psiquiátrico Universitário Charité. Em sua primeira estadia na capital alemã, ele também conheceu as irmãs Bornstein, de quem se tornou grande amigo.

De volta a Viena em abril de 1920 para terminar o curso de medicina, Fenichel retoma suas atividades na organização dos seminários de sexologia e tenta novamente se tornar membro da WPV. Nessa época, começa então sua primeira análise com Paul Federn, que ocupava o cargo de secretário da Associação Psicanalítica, e que ficaria, em parte, conhecido por suas ideias socialistas.

Algumas palavras sobre esta personagem da história do movimento psicanalítico se fazem necessárias. Federn (1919/2000), em *Sobre a psicologia da revolução: a sociedade sem pai*[27], inspirado pelos movimentos revolucionários recentes[28] e pelas ideias de *Totem e tabu* (Freud, 1913/1991c), se mostrava simpático ao princípio social fraternal por detrás do funcionamento dos conselhos de trabalhadores e se opunha ao obstáculo do sentimento patriarcal à "sociedade sem pai" (Federn, 1919/2000, p. 173). Para o secretário da WPV, a psicanálise deveria promover o combate a tal sentimento, tendo em vista que seu método terapêutico apregoa o reconhecimento das ligações libidinais operando as decisões e as

[27] *De la psychologie de la révolution: la société sans père.*
[28] Por exemplo, a Revolução Russa.

ações humanas, inclusive as de cunho político, a partir desse desejo inconsciente pela ordem patriarcal incutido no psiquismo por meio da educação familiar (Federn, 1940).

Mesmo que os dois tivessem nesta época alguma proximidade ideológica, parece que Fenichel não tinha em alta estima seu primeiro analista. Ainda no verão de 1920, chegaria até mesmo a criticar o analista em carta a Bernfeld (Mühlleitner, 2008). Querelas pessoais entre Federn e Fenichel à parte, é preciso entender que essa proximidade ideológica, que sem dúvida contribui para algumas semelhanças conceituais ou argumentativas, está enraizada profundamente no novo contexto da Viena do pós-guerra e, sobretudo, em sua camada institucional no âmbito do movimento psicanalítico. Avalie o leitor comigo os efeitos específicos desse contexto na própria admissão de Fenichel como membro oficial deste movimento.

Pouco tempo depois de ter voltado de Berlim, no dia 2 de junho de 1920, o candidato à psicanalista apresentaria finalmente aos membros da Associação Psicanalítica de Viena (WPV) o trabalho que lhe garantiria a admissão efetiva na instituição duas semanas depois, em 16 de junho de 1920. Ironicamente, a apreciação mais elogiosa à conferência de Fenichel veio de Federn.

A apresentação, intitulada *Sobre questões sexuais no movimento da juventude*[29], que nunca foi publicada, tratava, como conta Mühlleitner (2008), dos

> conteúdos e [dos] componentes da sexualidade específicos dos jovens e queria compreender, por meio disso, 'a sexualidade juvenil como tal e a psicogênese do movimento da juventude'; investigar o desenvolvimento dos conteúdos interiores do movimento da juventude; e, finalmente, realizar uma comparação da psicologia de grupo e da psicologia individual. (Mühlleitner, 2008, p. 112)

Com esse conteúdo, o argumento de Fenichel se estruturava de maneira similar aos *Três ensaios da teoria sexual* (Freud, 1905/1992a). A exposição dos comportamentos dos jovens do movimento estudantil se dá a partir de uma comparação com o comportamento patológico neurótico. A diferença entre o jovem e o doente dos nervos residiria somente na capacidade de sublimação e, subsequentemente, na capacidade de compensar o complexo de castração que o primeiro teria e o segundo não.

Ainda acompanhando a leitura da biógrafa de Fenichel, a discussão levantada na ocasião da conferência de admissão congregava teoricamente os anos de observação[30] e de estudo sobre sexologia[31] à bandeira do esclarecimento sexual da e pela juventude. A

[29] *Über Sexualfragen in der Jugendbewegung*.

[30] Além do levantamento estatístico que supostamente realizou em 1915, Fenichel teria informalmente analisado seus colegas, sem ter se tornado médico nem psicanalista e sem ganhar um tostão. Mühlleitner (2008) fala em análise de sonhos de colegas e mesmo de algumas sessões inteiras. Por exemplo, nas listas de Fenichel, há menções à análise de Karl Frank, um dos líderes dos secundaristas vienenses durante o período da guerra. Onde isso teria acontecido não se sabe.

[31] As resenhas de Fenichel indicam a imersão interdisciplinar na sexologia, na biologia, na fisiologia, na sociologia e na psicanálise.

principal tese do trabalho sustentava que o movimento juvenil funcionava de acordo com as trocas conflituosas entre gerações. Com a nova ordem, o fim do regime imperial, os jovens do movimento de antes passariam a ocupar as novas funções da burocracia estatal. Os jovens reproduziriam, assim, a repressão sexual de uma geração sobre a subsequente. Ao final, trocariam a lei paterna, do ambiente familiar burguês tão duramente combatido, pelas leis das instituições estatais, que nada mais são do que as substitutas da velha lei, antes criticada.

Talvez isso tenha agradado Paul Federn, já que essa tese se aproxima da sua leitura dos movimentos revolucionários discutida acima. Por outro lado, a tese não soara muito bem aos outros comentadores da conferência (Eduard Hitschmann, Paul Schilder e Josef K. Friedjung), talvez porque ousasse falar de um confronto de gerações que também parecia ter se instalado ali mesmo, na própria WPV. “Publicamente, duas gerações também se confrontaram nesta noite [da conferência de Fenichel]; a conferência pode ter funcionado como provocação” (Mühlleitner, 2008, p. 114).

Depois da sua admissão na WPV, faltaria ainda um ano para que Fenichel se formasse em medicina e pudesse enfim atender oficial e legalmente os pacientes. Naquele tempo as diretrizes da formação analítica ainda não haviam sido formalizadas nem unificadas em seus aspectos centrais. O primeiro instituto de formação em Berlim ainda estava sendo instalado e as discussões sobre essas diretrizes, mesmo que já avançadas, ainda não haviam encontrado todos os meios para se concretizarem. Volto a essa problemática da formação e da sua relação com a expansão do movimento psicanalítico no próximo item.

Antes, retomo dois aspectos, que já foram apresentados anteriormente, das relações entre a história pessoal de Fenichel e o contexto de seu envolvimento com o movimento juvenil e com a psicanálise. Como exposto na introdução sobre os objetivos e a metodologia desta tese, não se trata de explicar a obra pela vida, nem muito menos o inverso. A pessoa Otto Fenichel não está em análise aqui. Portanto, não verificarei se de fato uma hipótese psicológica, de qualquer relação causal específica entre sua personalidade e suas atitudes científica e política, se confirma. Porém, mesmo autônomas uma em relação à outra, é a própria análise conceitual que ganha densidade quando o contexto da autoria de certas propostas intelectuais – materializadas em uma obra – deixa apreender o horizonte histórico em que tais propostas foram processadas. Por essa razão, alguns dados do envolvimento de Fenichel com o movimento psicanalítico são fundamentais para o presente trabalho.

O primeiro destes aspectos, como já visto, é a força do interesse científico de Fenichel investida no tratamento prestado às questões afetivas e sexuais pela educação tradicional do regime imperial. Sua participação no movimento juvenil se deu, sobretudo, por

causa desse interesse. Talvez por isso tenha participado como um “observador distanciado” (Mühlleitner, 2008, p. 80).

O jovem futuro analista se mostrava muito mais afeito a um processo de mudança social empreendido de forma pedagógica ou terapêutica sobre os indivíduos, sem revoluções políticas nem reformas legislativas superficiais. Defendia, assim, o amadurecimento dos indivíduos e “um caminho do meio entre palavra e ação, teoria e práxis, filosofia e biologia” (Mühlleitner, 2008, p. 83).

Nesse sentido, sua participação nesse movimento funcionou como um destino para a oposição entre sua atitude passiva e a rebeldia dos jovens naqueles anos de guerra. Assim como, anos depois, funcionou para ele também a psicanálise, que serviu como aquela terceira via para a qual acabou redirecionada esta oposição.

A partir das hipóteses de Mühlleitner (2008), é possível notar que, quando ele se envolve com a psicanálise, o engajamento político propriamente dito de Fenichel era algo secundário em comparação ao seu interesse científico. Interesse este de promoção do conhecimento e de práticas que pudessem alterar radicalmente o humano em suas bases constitutivas. Melhor dizendo, o verdadeiro engajamento de Fenichel era de cunho político-pedagógico. E talvez aí habite um traço da personalidade desse autor na leitura e na exposição que ele faz da psicanálise freudiana, que me é incontornável neste trabalho.

Fenichel se envolve com a psicanálise (e com o movimento psicanalítico) porque credita a ela princípios e meios efetivos para realizar aquilo com que estava engajado: uma nova educação, um outro projeto de homem, mais livre e consciente de seus desejos e atitudes. Para ele, a psicanálise tinha, portanto, uma espécie de função ‘pedagógica’. Então, é possível indagar o seguinte: como ele expõe teoricamente o problema prático da aplicação do conhecimento e dos métodos psicanalíticos? Veremos, em outros momentos desta tese, como Fenichel dá respostas relativamente distintas para isso antes e depois de 1934.

O segundo aspecto que me parece digno de nota das relações entre a obra e a vida de Fenichel em seu envolvimento com a psicanálise, passando pelo movimento juvenil, é a incidência comum do novo ambiente político do pós-guerra e de certa atmosfera cultural no mundo germânico, dos quais, seguramente, a psicanálise não estava apartada. Jacoby (1983) analisa sagazmente como, em meio ao fim do Império Austro-Húngaro e ao surgimento do novo regime republicano (tanto na Áustria quanto na Alemanha), a psicanálise acaba por absorver toda uma geração nascida entre o final do século XIX e o início do XX, que havia sido influenciada em sua maioria pelo movimento da juventude.

Por um lado, o aparecimento de novas demandas por serviços nesse período e a preocupação terapêutica dos analistas em dar conta destas demandas forneceram à nova geração um espaço que lhe permitiu levar consigo massivamente certos ideais de melhorismo social para dentro da psicanálise. Isso se torna evidente a partir da década de

1920 com a abertura de algumas clínicas e institutos de formação ligados diretamente às associações psicanalíticas e com o envolvimento direto de psicanalistas na condução de alguns serviços de saúde (Danto, 2005)[32].

É claro que na primeira geração de psicanalistas já havia nomes que eram, sem dúvida alguma, associados a esse melhorismo social. Nomes como Alfred Adler (Jacoby 1975/1977), que romperia com Freud e com o movimento psicanalítico, ou mesmo Paul Federn, que tinha lá suas ideias socialistas, como já visto, e Otto Gross, reconhecido por seu envolvimento teórico e prático com movimentos sociais da época (Gross, 2011; Checchia, 2016).

Por outro lado, em comparação a estes casos mais isolados da primeira geração de psicanalistas, a nova geração, que começou, como Fenichel, Reich e Bernfeld, a frequentar as poucas e pequenas agremiações do movimento psicanalítico ao final da década de 1910, foi uma geração que se debruçou em grande parte sobre a ampliação sistemática da aplicação do método freudiano e das hipóteses psicanalíticas a questões extra-clínicas, a problemas de outra ordem que não a psicopatológica.

Nesse rastro, não foram poucos aqueles que, como Bergmann (2005) ou Ernst Federn (1992), afirmaram que a maioria dos psicanalistas daquela geração era associada ao pensamento político de esquerda. Seja na elaboração das concepções metapsicológicas ou das novas discussões sobre técnica, seja na construção dos serviços de saúde, onde os psicanalistas faziam parte de sua formação ou atuavam profissionalmente, essa geração se juntou a um processo de institucionalização do movimento psicanalítico que fora marcado, naquela conjectura, por essa relação ideológica com a esquerda política e com certas tendências culturais de caráter progressista.

Sobre esse aspecto da associação histórica entre o ambiente político e a atmosfera cultural na produção do pensamento e das práticas psicanalíticas, pude com colegas, em *Por uma história das políticas da psicanálise: institucionalização, formação e posicionamento político dos analistas* (Palumbo, Moreira & Haritçalde, 2018), evidenciar como as manifestações particulares do engajamento dos analistas nas pautas da época acabaram contribuindo para um quadro em que a psicanálise parece se constituir como uma força política independente, mais ou menos unitária, e de teor intrinsecamente subversivo e crítico ao *status quo*, como se fosse uma força política de esquerda.

Por exemplo, autores como Castoriadis (1992), Frosh (1999) e Goldenberg (2006) fornecem, cada um à sua maneira, boas razões para crer nessa dimensão emancipatória da visão política contida (e implícita) nas ideias de Freud e nos métodos psicanalíticos. No

[32] Além da Policlínica do Instituto de Berlim, há ainda o Sanatório Schloss-Tegel, o Ambulatório do Instituto Psicanalítico de Viena, a Policlínica do Instituto Psicanalítico de Budapeste, entre outras (Danto, 2005; Alonso, 2009).

entanto, como contraexemplos disto, basta aqui lembrar a posição conservadora de Ernest Jones (1941) ou ainda a subscrição ao nazismo de analistas como Felix Boehm e Carl Müller-Braunschweig (Brecht, Friedrich, Hermanns, Kaminer, Juelich, 1987; Katz, 1985).

Contudo, o engajamento político pessoal de um psicanalista – individualmente ou em grupos, por meio do que concebe em suas teorias, por meio do que faz quando aplica suas técnicas ditas psicanalíticas ou pela forma como atua no movimento psicanalítico – não se mostra, nem de longe, suficiente para sustentar uma hipótese tal qual a da existência de 'uma política *da* psicanálise'. Ainda assim, se for possível dizer que, sim, a psicanálise se constituiu de fato como uma força política independente: teria ela necessariamente um teor ideológico específico, que lhe definiria uma agenda política de esquerda ou qualquer outra?

Anteriormente a esse problema, entendo que a psicanálise (enquanto movimento de ideias e práticas), mais do que ser fonte (ou mesmo reprodutora) de um conservadorismo sociopolítico ou de uma inovação crítica à ordem cultural, social e política, cumpre esses dois papéis a um só e mesmo tempo. Assim, para tratar desse importante tema, acompanho duas escolhas metodológicas.

A primeira é de Zaretsky (2005), em *Segredos da alma: uma história social e cultural da psicanálise*[33]. Se se considera a psicanálise como também um produto cultural, e que ela é condicionada socialmente, o estudioso da questão se depara com uma via de mão dupla. A psicanálise, enquanto teoria e prática terapêutica determinadas por condições sociais, políticas e culturais, comporta tanto uma dimensão emancipatória, quanto outra no mínimo conservadora. E isso acontece porque ela é produto de meios como a Viena ou a Berlim do primeiro terço do século XX[34].

A segunda é de Makari (2008), em *Revolução na mente: a criação da psicanálise*[35]. Este autor analisa o desenvolvimento da psicanálise a partir da constituição de um movimento às voltas com a transmissão das ideias freudianas e com a aplicação delas. Tal interesse do movimento psicanalítico levou, mesmo com todas suas disputas internas, à edificação da psicanálise como "um modo de pensar que veio a ser intimamente associada ao nome de Freud" (Makari, 2008, p. 4).

Portanto, tomando a psicanálise por um movimento de ideias e práticas que se constitui a partir de certos ambientes socioculturais e em torno da obra freudiana, creio que a pergunta não deva visar o teor político de uma (ou da) teoria ou técnica psicanalítica. Antes, ela deve se focar sobre certo "comportamento político do movimento psicanalítico

[33] *Secrets of the Soul. A Social and Cultural History of Psychoanalysis*.
[34] Além do trabalho colossal de Johnston (1983) e do livro de Zaretsky (2005), recomendo também a leitura do trabalho de Fuechtner (2011), em *Berlim psicanalítica: psicanálise e cultura na República de Weimar* (*Berlin Psychoanalytic: psychoanalysis and culture in Weimar Republic*), trabalho este que trata precisamente da estreita relação do meio cultural cosmopolita da Berlim dos anos 1920 com o desenvolvimento que a psicanálise teve ali, desenvolvimento crucial para sua história.
[35] *Revolution in Mind. The Creation of Psychoanalysis*.

quando busca se organizar por meio de sua institucionalização" (Palumbo, Moreira & Haritçalde, 2018, p. 99). A fim de investigar o enlace entre a psicanálise e a agenda socialdemocrata do pós Primeira Guerra em Viena ou em Berlim, vale mais a pena perguntar pela assunção institucional de uma agenda e sobre as disputas internas pelas pautas na organização e na condução do movimento psicanalítico.

Evidentemente, Fenichel não estava sozinho segurando suas bandeiras. Suas bandeiras eram também as de muitos outros colegas. Então, pergunto: essas bandeiras ocuparam algum lugar na agenda do movimento psicanalítico? Se sim, qual(is) e em que medida? Mais importante: como se deu a participação de Fenichel nas disputas internas deste movimento? A fim de apresentar possíveis respostas a estas perguntas, prossigo agora com a análise da expansão institucional do movimento psicanalítico e do papel de Fenichel neste processo.

1.2. O engajamento nas políticas do movimento psicanalítico

Finalmente diplomado e tendo estagiado durante um ano em Viena[36], Fenichel, afoito por reencontrar as liberdades que conhecera em Berlim longe de sua família, retorna à capital alemã no fim do verão de 1922. Logo dá início ao trabalho no Hospital Psiquiátrico Universitário Charité, onde já havia estagiado, e prossegue com sua formação psicanalítica, agora, atendendo na Policlínica e frequentando os seminários oferecidos no Instituto Psicanalítico de Berlim (BPI). Assim, Fenichel assistiu da primeira fila à expansão institucional do movimento psicanalítico, que tinha, nessa década, Berlim como seu epicentro. Mais do que isso, ele se juntaria aos protagonistas dessa expansão já às portas da década de 1930. Mas vejamos como isto se deu passo a passo.

No início da década de 1910, algo de fundamental ocorre na institucionalização do movimento psicanalítico. De acordo com o exame de Alonso (2009, p. 55) sobre sua "primeira institucionalização", de 1902 a 1918[37], o desenvolvimento da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) acaba por promover, em grande parte, uma espécie de propaganda do pensamento freudiano, que precisou lidar com as dissidências de Adler, Stekel e Jung entre 1910 e 1914. Uma instituição desse porte permitiria maior controle na divulgação da causa freudiana e na promoção da 'verdadeira' psicanálise.

Não é preciso ser grande conhecedor nem da história da psicanálise, nem da obra de Freud para saber que é disso que se trata, em grande parte, no texto *Contribuição à*

[36] Fenichel estagiou de setembro de 1921, logo após se formar em medicina, a março de 1922 na Policlínica Geral no 9º distrito de Viena; e de março a julho do mesmo ano na clínica psiquiátrica de Julius Wagner-Jaureggs.

[37] Desde a formação da *Sociedade Psicológica das Quartas-feiras* na casa de Freud, passando pela constituição das primeiras sociedades e da IPA, em 1910, até o Congresso de Budapeste, em 1918.

história do movimento psicanalítico (Freud, 1914/1992b). Ali, o sentido de 'o que é a psicanálise' e de 'como ela deve ser feita' é revelador dessa propaganda da causa freudiana assumida pela institucionalização do movimento psicanalítico, formado oficialmente naquela época pelas associações de Viena, Berlim, Budapeste, Londres, Nova York e Boston.

As trocas de cartas entre o Comitê Secreto, formado por Freud e seus mais fiéis escudeiros e que funcionou de 1913 até o início da década de 1920 como um anexo secreto à presidência da IPA, tampouco deixam de testemunhar que essa instituição se alinharia precisamente a essa propaganda[38]. Diz Alonso (2009, p. 194): "O comitê, autêntica sociedade secreta dentro do movimento psicanalítico internacional, velará a partir daí pela pureza teórica e pela vigilância doutrinal e controlará das sombras o movimento internacional, evitando as dissidências internas durante quase uma década".

Adianto que essa preocupação com a propagação e o fortalecimento das ideias e métodos de Freud nunca deixou de estar presente na agenda da IPA, organização internacional do movimento psicanalítico por excelência. Porém, ela deixou de ser investida no estabelecimento e na vigilância de uma espécie de cânone teórico e técnico da psicanálise estritamente freudiano. Em dado momento, essa preocupação passa a ser canalizada para a expansão dos quadros analíticos e, consequentemente, para o debate sobre a formação.

Isto porque o movimento psicanalítico organizado na IPA precisará lidar com uma nova situação. A sintomatologia ligada aos traumas da guerra (Ferenczi, 1918/1993a) e a configuração social e econômica do pós-guerra em que se encontravam os pacientes pobres desafiavam os psicanalistas e os levaram para além das pequenas associações e consultórios privados. Servem a esse novo contexto as sugestões para o desenvolvimento da psicanálise de Freud (1919[1918]/1992c), em sua conferência durante o Congresso da IPA em Budapeste (posteriormente conhecida como *Novos caminhos da terapia psicanalítica*).

É possível observar então, como já mencionado, a crescente presença dos psicanalistas e do pensamento freudiano na criação, na implementação e na participação de medidas de saúde e educação relacionadas (direta ou indiretamente) às concepções políticas empregadas na Viena Vermelha ou na República de Weimar (Danto, 1999; 2005). De fato, "após a Grande Guerra, a psicanálise na Alemanha e na Áustria surfou na maré dos movimentos sociais reformistas e abriu caminho em escolas, clínicas e tribunais. Ela se tornou intensamente identificada com o movimento social-democrata" (Makari, 2008, p. 404).

Por ora, verifique comigo, leitor, o paradigmático caso berlinense para que consigamos indagar mais precisamente como a força dessa situação política é assimilada

[38] Vale lembrar que este Comitê Secreto realizou verdadeiros conchavos para expulsar Jung da presidência da recém-criada IPA e levar consigo seus colegas suíços (Wittenberger & Tögel, 2002).

pela agenda expansionista do movimento psicanalítico. Aberta um ano e meio após o otimista congresso em Budapeste, a Policlínica para Tratamento Psicanalítico de Doenças Nervosas[39] foi a primeira instituição do gênero. Foi fundada por Max Eitingon, um dos mais próximos e fiéis discípulos de Freud, e por Ernst Simmel, conhecido por sua posição de liderança na Associação dos Médicos Socialistas (VSÄ)[40] e por ser um dos pioneiros da medicina social.

De início, os usuários dos serviços oferecidos pela Policlínica vinham de todas as camadas sociais, eram de todas as idades, ocupavam cargos e profissões das mais diferentes categorias e sofriam de males bem diversos – que iam da histeria ou neurose obsessiva a afecções primordialmente orgânicas. Porém, ao longo dos anos, como indicam o dossiê *Aqui, a vida continua muito surpreendentemente - Contribuição à história da psicanálise na Alemanha*[41] (Brecht et al. 1987) e os números do *Relatório original sobre os dez anos do Instituto Psicanalítico de Berlim - 1920-1930*[42] (Société Allemande de Psychanalyse, 1930/1985), os usuários originados da pequena-burguesia e da burguesia intelectual se tornaram a maioria.

Segundo o levantamento do próprio Fenichel (1930/1985) sobre os atendimentos prestados ali, e que compõe o relatório de atividades do BPI, das 1393 pessoas que procuraram os serviços da Policlínica no período e que tinham profissão e a indicaram no prontuário: 157 eram artesãs, 198 funcionários corporativos[43], 42 vendedores, 24 enfermeiros, 124 comerciantes, 123 professores de ensino básico, 50 funcionários públicos, 28 médicos, 18 juristas, 40 profissionais liberais diversos e 124 artistas. O que perfaz aproximadamente dois terços dessas 1393 pessoas.

Das quase duas mil pessoas que passaram por ali, apenas 721 começaram de fato um tratamento psicanalítico. Deste número, 241 casos foram considerados não terminados e abandonados, enquanto que 117 ainda estavam em curso no ano da publicação do relatório. Embora esses números pareçam pequenos para o observador do século XXI, para a época, eles indicavam um crescimento exponencial na capacidade dos psicanalistas e, de modo geral, de suas instituições em fornecer atendimentos clínicos. Assim, a Policlínica forneceu espaço de prática clínica e investigação psicanalítica para os jovens analistas em formação que vinham do mundo todo, e não mais só das principais capitais da Europa Central.

Esse espaço de treinamento e investigação para os psicanalistas também fora acompanhado da criação de outro para as discussões teóricas, o Instituto Psicanalítico de

---

[39] *Poliklinik für psychoanalytische Behandlung nervöser Krankheiten*. Daqui em diante, Policlínica.
[40] *Verein Sozialistischer Ärzte*.
[41] *Ici, la vie continue d'une manière fort surprenante… Contribution à l'Histoire de la Psychanalyse en Allemagne*.
[42] *On forme des psychanalystes. Rapport original sur les dix ans de l'Institut Psychanalytique de Berlin - 1920-1930*.
[43] Aqui considero os "empregados de escritório" (173) e "de banco" (25) (Fenichel, 1930/1985, p. 67).

Berlim, lugar onde coabitavam diferentes concepções metapsicológicas e variantes técnicas. Graças à abertura da psicanálise na República de Weimar aos analistas imigrantes, como Fenichel, Bernfeld e Sachs, de Viena, ou como Alexander, Radó e Klein, de Budapeste, o ensino da psicanálise alemã pôde ganhar o acento de meios psicanalíticos distintos.

Em 1923, o BPI estabeleceria efetivamente a primeira versão das clássicas diretrizes da formação. Este passo fundamental dado pelos membros fundadores da Comissão de Ensino (Eitingon, Simmel, Karl Abraham, Carl Müller-Braunschweig, Karen Horney e Hans Sachs) assentava, como se sabe, a formação psicanalítica sobre o ensino, a pesquisa e o tratamento. Alonso (2009), ao discriminar minuciosamente os passos dados pela institucionalização da psicanálise em seu período de expansão de 1919 a 1933, defende que essas diretrizes tiveram impacto decisivo na história do movimento psicanalítico.

É claro que, desde o início dos anos 1910, o debate sobre a formação dos analistas já estava dado. Foi incentivado, sobretudo, por causa das descobertas referentes à contratransferência. Na verdade, "durante as cismas, Freud estava convencido de que muitos dos conflitos internos eram causados pelas contratransferências dos diferentes teóricos" (Makari, 2008, p. 334). Com isso, o tema da análise do próprio analista acabou funcionando como centro gravitacional para as discussões, que incluíam, entre outras coisas, os critérios de admissão de novos candidatos e o conteúdo básico que deveria ser apreendido por eles.

Mas a exigência prévia dessa análise do candidato – a análise didática – fora colocada só a partir de 1923, com a sistematização da formação no BPI. "Sem realizá-la, ninguém era aceito para os cursos teóricos" (Alonso, 2009, p. 297). Assim, depois de realizada essa análise pessoal e de ter frequentado os cursos obrigatórios e optativos, o candidato passava à prática com os pacientes da Policlínica. Prática que deveria ser supervisionada por um analista que não o analista-didata deste candidato, bem como ser colocada em discussão nos seminários técnicos com os colegas de formação.

Esse modelo berlinense de formação da psicanálise seria reproduzido nos outros Institutos Psicanalíticos. Como era de se esperar, essas aplicações do modelo de Berlim (ensino, pesquisa e tratamento) geraram adaptações. Assim, acabaram por reproduzir apenas o ensino tripartido. Nas palavras de Alonso (2009), do primeiro modelo,

> sobreviveu a conhecida 'formação tripartida' ('análise didática', cursos e 'supervisão'), que é apenas uma parte do modelo formativo berlinense e que é aquela que a totalidade dos institutos transmitem na prática. A investigação e os tratamentos, parte fundamental da tríade berlinense, desapareceram da formação dos candidatos. (Alonso, 2009, p. 288)

Esta confusão na reprodução do modelo do BPI talvez tenha contribuído para que as principais funções dos institutos e clínicas ligados à IPA deixassem de ser o atendimento destinado ao grande público – em especial, à população pobre – e o desenvolvimento do

conhecimento e das técnicas psicanalíticos. Contudo, mesmo no próprio BPI, “com o tempo e à medida que o modelo se desenvolvia, foi-se produzindo uma inversão de papéis quanto ao equilíbrio de poderes entre o ensino e os tratamentos, entre o Instituto e a Policlínica” (Alonso, 2009, p. 294). Isso por dois motivos, de acordo com o estudioso desse processo: um financeiro e outro administrativo.

Em meados dos anos 1920, o Instituto passou a ser a principal fonte da receita que mantinha a Policlínica. E, com a morte de Abraham, o afastamento de Otto Rank e a oficialização do Comitê Secreto, a condução do movimento psicanalítico toma novas direções. Nesse momento, cresce a monta de energia destinada pela IPA e pela Sociedade Alemã de Psicanálise (DPG)[44] à formação de novos analistas. Assim, a elaboração de diretrizes comuns assume definitivamente o topo de suas pautas.

Mas há ainda, a meu ver, outro motivo fundamental nas tentativas frustradas de transmitir, a partir de um modelo, as diretrizes unificadas ao resto dos institutos de formação: a inexistência de uma resolução comum para o problema do exercício da psicanálise por não-médicos no âmbito da IPA. Em 1926, este problema estava no centro do debate sobre as diretrizes. As associações estadunidenses eram contra. As europeias a favor.

Finalmente em 1929, fracassa o projeto da Comissão de Ensino da IPA, dirigida por Eitingon e composta por praticamente todos os membros da Comissão de Ensino do BPI, que tentava unificar as diferentes vozes a partir do modelo berlinense. Com Jones à frente dessa Comissão a partir de então, a IPA recua na implementação de tal modelo no âmbito internacional e deixa a possibilidade do exercício da psicanálise por não médicos a cargo de cada sociedade. “Foi uma vitória para os americanos e, aparentemente, o fechamento definitivo dos Estados Unidos aos candidatos não médicos, justamente no momento em que a grande maioria dos analistas europeus se veria forçado ao exílio fora da Europa” (Alonso, 2009, p. 428). Algo que trará importantes consequências para o percurso de Fenichel dentro do movimento psicanalítico. Trato delas no capítulo terceiro.

Fato é que, mesmo no clima favorável do BPI à formação de analistas não-médicos, havia algumas pequenas diferenças entre os requisitos de admissão para os candidatos médicos e os não-médicos. Aqueles que não possuíam um diploma em medicina nem um diploma em ciências naturais, mas que por ventura fossem educadores, sociólogos, filósofos, beletristas etc. deveriam comprovar, à Comissão de Admissão, “capacidade científica”. Capacidade que deveria ser atestada por meio de pesquisa e prática profissional

[44] A bem da verdade, até 1926, a DPG era chamada Associação Psicanalítica de Berlim (BPV). A alteração do nome se deu após a morte de Karl Abraham e com o reconhecimento dos novos grupos de trabalho em Frankfurt, Hamburgo e Leipzig. Para não encher o leitor com mais abreviações, utilizarei também a denominação Sociedade Alemã de Psicanálise (DPG) para o período anterior da BPV.

“que prometem um trabalho coroado de sucesso no domínio da ciência psicanalítica e de suas aplicações” (Horney, 1930/1985, p. 130).

Outra pequena diferença existia no transcorrer da própria formação. O grupo, ao qual se exigia esse outro requisito, a tal ‘capacidade científica’, deveria passar por cursos complementares de biologia, psicologia, sexologia, patologia e psiquiatria, cursos que não eram oferecidos pelo BPI, diga-se de passagem. Além disso, segundo a própria DPG, aos analistas não-médicos, sem o auxílio dos que eram médicos, era proibido realizar diagnósticos, atender casos limites, de psicose e de neuroses acompanhadas de problemas orgânicos (Horney, 1930/1985). Diferenças que de ‘pequenas’ nada tinham.

Makari (2008) também possui uma opinião interessante sobre o papel das diretrizes de formação durante a expansão do movimento psicanalítico. Depois de 1920, após ter passado por modificações radicais, as teorias freudianas já não podiam ser mais o selo que confeririam unidade à psicanálise. Diz o autor:

> Os freudianos do pré-guerra deixaram de existir; a psicanálise não era mais feita por um simples comprometimento para com a teoria freudiana da psicossexualidade inconsciente. Em meados dos anos 1920, tornou-se possível escolher uma posição freudiana contra outra e alavancar estas diferenças a uma comunidade mais aberta. O que estava no inconsciente? Era sexualidade, agressividade, ambos ou talvez outra coisa? A psicanálise era uma psicologia profunda ou psicologia do ‘eu’? Estas se tornaram questões germinais de uma profissão, não juramentos de lealdade para com um movimento. . . . Por volta de 1934, a psicanálise havia se transformado em uma comunidade intelectual organizada em torno de uma técnica comum, transmitida por meio de métodos universais de treinamento e formação [*education*]. Apesar disso, muito permanecia aberto ao debate. (Makari, 2008, p. 406)

Discordo de que tenha permanecido uma ‘técnica comum’ a partir da década de 1930. Como já mencionado, as novas variações da teoria e da técnica psicanalítica foram até que bem assimiladas no espaço do BPI e da DPG e continuariam a surgir com o deslocamento do epicentro psicanalítico para o mundo anglófono. Além do quê, já é bem estabelecido hoje que diferentes teorias das técnicas resultam do fato de que as diferentes configurações psicopatológicas ao longo do tempo demandariam, no cotidiano da prática analítica, outras abordagens técnicas (Mezan, 2014).

Tampouco, pelo exposto até aqui, posso concordar muito com a ideia de que ‘métodos universais de treinamento e formação’ eram tão bem empregados no mundo psicanalítico afora. Porém, é interessante notar no argumento de Makari (2008) como o aparato institucional da psicanálise deixa de execrar, por meio da propaganda científica das teorias freudianas, as divergências teóricas e passa a se concentrar sobre o ‘treinamento e a formação’ dos novos analistas. E isso porque, em última instância, pensar e fazer psicanálise estavam condicionados a ‘ser psicanalista’.

Se houve algo de ‘universal’ na formação dos analistas, este algo foi a obrigatoriedade da análise do próprio analista. E foi precisamente isto que acabou por definir

o que é ‘ser psicanalista’: passar ao fim e ao cabo pela experiência analítica, que teria sido inaugurada e concebida por um patrono chamado Freud. É verdade que a existência de tal obrigação encontra razões teóricas e práticas na própria psicanálise (como uma exigência do campo transferencial, por exemplo). Mas isso não diminui a importância de que sua implementação significou, como tento argumentar, uma pauta organizacional e política crucial para a expansão do movimento psicanalítico.

Portanto, não é errado dizer que o debate sobre formação e transmissão se tornou o motor e o organizador da agenda do movimento psicanalítico e de suas instituições. Diante desta conclusão parcial, fica quase impossível sustentar a hipótese de que, em sua fase de expansão, esse movimento era impulsionado por uma pauta primordial de mudança do *status quo* ou por uma agenda de esquerda.

Sem dúvida, houve o entusiasmo no estabelecimento das clínicas destinadas ao atendimento psicanalítico das populações pobres e o engajamento teórico, técnico ou institucional nas pautas da esquerda política. Mas do ponto de vista do movimento psicanalítico, mesmo estas pautas continuavam a girar em torno da propagação das ideias de Freud e dos métodos psicanalíticos. Também a questão das diretrizes era uma forma de garantir, por outra via, aquela “vigilância doutrinal” (Alonso, 2009, p. 194) do pensamento freudiano.

Penso que isso ajuda a responder às últimas perguntas do item anterior. As bandeiras de esquerda ocuparam um lugar muito preciso na agenda do movimento psicanalítico. Foram úteis quando suas instituições, lotadas de analistas ligados ao pensamento ou à militância socialdemocrata, quiseram se expandir. Na verdade, “se alguma coisa faz da psicanálise uma política, unificando os psicanalistas ou excluindo suas discordâncias, é a própria transmissão da palavra de Freud. Foi esta espécie de agenda que esteve presente no movimento psicanalítico, mais ou menos explícita” (Palumbo, Moreira & Haritçalde, 2018, p. 101)[45].

O importante aqui é que esta ‘transmissão da palavra de Freud’ fora talvez a única causa a de fato identificar e unificar os psicanalistas, ainda que a partir de suas diferentes tendências até hoje (dentro e fora da IPA), em um movimento internacional de teorias psicológicas e antropológicas e de práticas terapêuticas. E isto porque esta transmissão não significa só ler seus textos, mas também duas coisas mais: aprender a aplicação de técnicas psicoterapêuticas inspiradas por tais textos; e, principalmente, passar o analista em formação ele próprio pela experiência psicanalítica, supostamente inaugurada quando o

[45] Funcionaria a ‘palavra de Freud’ como um ideal, ao modo descrito por ele mesmo sobre o funcionamento psicossocial da formação e manutenção dos laços grupais na Igreja e no Exército? Isto é, seria o seu nome o objeto externo comum a ocupar a posição dos ideais-de-eu de certas pessoas, fazendo com que elas se identifiquem e se reconheçam como analistas (Freud, 1921/1992d)? Embora essas perguntas se imponham frente às afirmações acima, seria um tanto imprudente dar respostas a elas neste trabalho.

médico vienense começou a interpretar seus sonhos e a contá-los a um correspondente (Anzieu, 1959/1989).

Dito isso, voltemos a atenção novamente para o trajeto de Fenichel no decorrer desse período do movimento psicanalítico repassado até aqui. Dado este contexto político-institucional, no qual se davam as disputas sobre a manutenção, a apropriação e a aplicação do pensamento freudiano, qual foi o papel de Fenichel no BPI e, de maneira geral, no movimento psicanalítico desse período?

De acordo com Mühlleitner (2008), quando chegou de volta a Berlim em setembro de 1922, Fenichel aprofundou ainda mais seu interesse pela psicanálise. No final daquele mês, participaria do Congresso da IPA em Berlim. O afã dos psicanalistas alemães e estrangeiros para com a Policlínica e o Instituto dominara o clima do evento. Também foi neste Congresso, o último com a participação de Freud, que se viu a apresentação da segunda tópica do aparelho psíquico consagrada em *O eu e o isso* (Freud, 1923/1992e).

No mês seguinte, Fenichel voltaria para a análise. Dessa vez, com Sándor Radó, que, assim como seu analisando, foi tido por freudiano ortodoxo e fora influenciado enormemente pela psicologia do Eu contida nas ideias freudianas apresentadas no mês anterior. Essa análise seria dada por terminada apenas em dezembro de 1924. No entanto, parece que Radó continuou sendo consultado por Fenichel na ocasião da morte de sua irmã Lilly em 1925 e mesmo no exílio.

Até 1923, além de realizar atendimentos na Policlínica e os cursos no BPI, Fenichel terminaria sua residência em neurologia em Bonhoeffer. A partir de 1924, o jovem médico e psicanalista passa a ocupar o cargo de médico residente na Policlínica. Só de atendimentos ali gastava 9 horas diárias. O resto de seu tempo era dedicado aos estudos e à organização de debates e cursos de psicanálise aplicada, principalmente de psicanálise aplicada à educação infantil. Junto de Berta Bornstein, sua companheira na época, promoveu um curso aberto sobre psicanálise de crianças, proferido por Klein, e outro de psicanálise para educadores, dado por Bernfeld (Mühlleitner, 2008).

Nessa época, no fim de 1924, Fenichel articularia os primeiros encontros de um grupo de jovens analistas que viria a ser conhecido pela alcunha de Seminário das Crianças (*das Kinderseminar*)[46]. Entre os primeiros participantes, estavam Harald Schultz-Hencke, com quem Fenichel dividiria a organização dos encontros, Franz Cohn, Ada Schott, Gerda Naef e Rudolf Löwenstein, estes dois últimos companheiros seus de residência na Policlínica.

[46] É possível ainda traduzir este nome por ‘seminário dos filhos’. O que sublinharia o conflito de gerações entre os jovens psicanalistas, designados *die Kinder* (as crianças, os filhos), e os psicanalistas mais velhos que conduziam a DPG.

Tais encontros semanais ocorreram pelo menos até 1933 com a participação de Fenichel. Tinham uma participação média de 15 a 20 pessoas. Sua função era permitir um espaço horizontal no qual as discussões dos novos analistas e daqueles em formação (por isso o nome) pudessem ter prosseguimento para além do BPI e da DPG. As discussões partiam sempre da transmissão dos fundamentos clínicos, mas não deixavam de tratar de qualquer outro tema que fosse necessário para o objetivo terapêutico.

Não obstante a sugestão de criação de um espaço como esse tenha vindo de Eitingon e o grupo do Seminário prestasse contas regularmente à diretoria da DPG, Mühlleitner (2008) sugere que esses desvios da discussão clínica, pelas paragens de temas sociais e políticos, criaram discordâncias com a diretoria do próprio BPI e da DPG.

Ainda assim, Fenichel tinha consigo a confiança dos psicanalistas mais velhos na diretoria do Instituto e da Sociedade. Quando se formou o Seminário das Crianças, além de estar quase no fim de sua formação no Instituto e de já ser membro da WPV, "ele era um elo de ligação, um intermediário entre as 'as crianças' [*Kindern*] e os 'mais velhos' [*Großen*]" (Mühlleitner, 2008, p. 142). Isto é, já nos primeiros anos em Berlim, Fenichel aplica suas habilidades de articulador no movimento psicanalítico local, a fim de aproximar as duas gerações de psicanalistas, a dele e a dos primeiros discípulos de Freud.

Em Bad Homburg, ao norte de Frankfurt, no Congresso da IPA de 1925, no qual se discutiu incansavelmente as questões da formação psicanalítica e se formou a Comissão de Ensino Internacional, Fenichel (1925/1953b) realiza sua primeira apresentação em âmbito internacional. Nessa apresentação, intitulada *O aspecto clínico da necessidade de punição*[47], trabalha as ideias de *O eu e o isso* e o conceito de instinto de morte. Assim, ainda muito colado à letra da teoria freudiana, aproveita o Congresso para se encontrar com Reich, que ainda morava em Viena, e com os psicanalistas russos Moshe Wulff e Vera Schimidt, com quem discute a situação política e da psicanálise na Rússia pós-Revolução.

No final desse ano, Fenichel pede sua transferência da WPV para a DPG, que é aceita um mês depois, já em 1926. Meses depois, casa-se com Cläre Nathansohn sem a presença da família, e começa também a lecionar no Instituto em maio de 1926. Seus dois primeiros cursos foram o "Seminário sobre os trabalhos psicanalíticos clínicos de Karl Abraham" e "Psicologia do Eu. Parte 1 (narcisismo, ideal do eu, identificação, senso de realidade, teoria do eu e das pulsões)" (Müller-Braunschweig, 1930/1985, p. 107).

No ano seguinte, em 1927, Fenichel prossegue com seu curso sobre 'Psicologia do eu', que teria mais duas partes. Esses cursos o marcariam "como representante da nova psicologia do Eu". E agora, fazendo parte do quadro de docentes do BPI, "cada vez mais lhe interessavam as questões do ensino psicanalítico e as decisões concernentes à formação das novas gerações psicanalíticas" (Mühlleitner, 2008, p. 164). Dali em diante, o novo

[47] *The Clinical Aspect of the Need for Punishment*.

professor seria lembrado por seus cursos, que não pararam. Segundo um necrológio feito por Simmel (1995[1946]):

> [Fenichel] Ele mesmo nomeava seu prazer ao ensinar de sua '*teaching libido*' [libido de ensinar][48]. Ele amava as aulas, porque ele amava a psicanálise e porque tinha consciência da enorme responsabilidade que um professor tem para com o futuro da psicanálise e, de maneira geral, para com o futuro da psicologia humana. (Simmel, 1995[1946], p. 130)

Lembremos que, nestes anos do início da docência de Fenichel no BPI, a discussão sobre as diretrizes de formação e, em especial, a questão da prática da psicanálise por não médicos estavam em seu auge. No fim de 1927, Radó, Alexander e Müller-Braunschweig desenvolveriam o Programa de Estudos Obrigatório, que "organiza, em particular, de maneira sistemática, os cursos e os seminários teóricos" (Müller-Braunschweig, 1930/1985, p. 84). Algo que ainda não havia sido feito. Entre o início de 1926 e o início de 1930, Fenichel foi responsável por 13 cursos. Dos 7 cursos dados por ele após o Programa de Estudos Obrigatório ter entrado em vigor, apenas 1 era facultativo (Müller-Braunschweig, 1930/1985).

Então, logo no começo de 1930, na primeira reunião da DPG no ano, Fenichel é nomeado membro da Comissão de Ensino do BPI. Além do novo membro e dos membros originais de 1923, Eitingon, Horney e Müller-Braunschweig, estavam na composição atualizada Alexander, Bernfeld e Radó. Esta nova posição renderia a Fenichel maior poder. Isso porque, "agora, sua voz também contaria na escolha dos docentes, nas decisões sobre candidatos à formação, na definição dos conteúdos dos seminários e na formação de grupos de trabalho" (Mühlleitner, 2008, p. 178).

E isto, lembremos também, depois do Congresso da IPA em Oxford (1929), quando a implementação total do modelo berlinense falha. Ou seja, quando a Comissão de Ensino da IPA, agora presidida por Jones e não mais por Eitingon, passa a aceitar as resoluções de cada Instituto local sobre candidatos sem formação médica, o que, na prática, fez com que algumas Associações pudessem aceitar só médicos e outras não. Decisão esta pela qual Fenichel não tinha apreço algum, pois era a favor da centralização do ensino da psicanálise e da regulamentação de seu exercício por não-médicos.

Cada vez mais influente dentro do BPI e da DPG nesse período, Fenichel também participa de grupos nos quais se discutem o desenvolvimento das técnicas psicoterapêuticas e medidas socialistas de saúde pública. Nos debates na Sociedade Médica Geral pela Psicoterapia (AÄGP)[49], defendia a psicanálise dos ataques dos junguianos e adlerianos

[48] Em inglês no original.
[49] *Allgemeinen Ärztlichen Gesellschaft für Psychotherapie.*

(Mühlleitner, 2008). Já na Associação dos Médicos Socialistas (VSÄ)[50], como membro sem filiação partidária, Fenichel tomava a palavra nas discussões sobre sexologia ou psicanálise.

De forma semelhante ao período vienense, seu interesse pela política de esquerda era teórico e estava condicionado ao interesse científico e pedagógico que tinha pela psicanálise. No entanto, após 1929, quando a crise financeira alastra-se pela economia mundial e a Alemanha se afunda ainda mais em uma caótica situação social, na qual já estava mergulhada desde o fim da Primeira Guerra, aumentando, assim, a polarização política entre direita e esquerda, Fenichel radicalizaria mais seu socialismo e voltaria seus estudos e os debates dos quais participava para o marxismo (Mühlleitner, 2008). E isto no mesmo período em que assumiria mais posições estratégicas dentro do movimento psicanalítico alemão, que começava a perder a capacidade, que tinha antes, de disputa dentro do movimento psicanalítico internacional.

A partir desse momento de radicalização de seu interesse pelo socialismo e pelo marxismo, Fenichel ajudaria a formar um grupo de analistas de esquerda dentro da própria DPG e, posteriormente, dentro da IPA. Esse grupo nasceu a partir do Seminário das Crianças, mas não era o mesmo grupo. Entre os participantes do novo grupo, estavam Bernfeld, Reich (que logo se mudaria para Berlim), Fromm, Frances Deri, Barbara Lantos, Edith Jacobssohn e Annie Pink. Todos esses destinatários das *Circulares* em algum momento de sua história.

Naqueles anos dos encontros presenciais, "tratava-se de estudar a literatura marxista, instruir-se na disciplina História e proporcionar clareza sobre a política" (Mühlleitner, 2008, p. 182). Foi um momento de introdução às ideias marxistas. Exceto Fromm, os outros participantes deste grupo de psicanalistas 'marxistas' não eram tão conhecedores assim do materialismo dialético, nem da crítica da economia política. Na realidade, até 1932, Fenichel pouco escreveu sobre o tema. Apenas resenhas sobre os trabalhos introdutórios de Reich (1929/1977) e Bernfeld (1926)[51].

De acordo com levantamento feito no portal de publicações psicanalíticas PEP-WEB[52], Fenichel aparece como autor de 695 trabalhos. Destes, 93 são artigos. O restante inclui basicamente resenhas de literatura psicanalítica e relatórios de congressos. Dos 93 artigos, 41 deles foram publicados até 1933 e 52 a partir de 1934. Até 1933, as poucas ocorrências de termos como 'sociologia', 'marxismo', 'materialismo' e 'dialética' se restringem basicamente àquelas resenhas (Reich, 1929/1977; Bernfeld, 1926).

---

[50] Além de Fenichel e Simmel, também fizeram parte da VSÄ Paula Heimann, Siegfried Bernfeld e Wilhelm Reich.

[51] Fenichel (1928; 1931) publicou, respectivamente, resenhas sobre um texto de Bernfeld (1926), *Socialismo e psicanálise* (*Sozialismus und Psychoanalyse*), e sobre o famoso texto de Reich (1929/1977), *Materialismo dialético e psicanálise*.

[52] *Psychoanalytic Electronic Publishing*.

Já em 1931, Fenichel assume outro cargo que lhe daria maior influência dentro do movimento psicanalítico. Torna-se secretário da redação dos periódicos da IPA – lugar que fora de Radó – até que ela fosse transferida no ano seguinte, em 1932, de Berlim para Viena, onde se encontrava a edição desses periódicos. Neste ano, após retornar de uma viagem para a Rússia e constatar que a psicanálise ali já não era mais oficial, Fenichel é escolhido como membro da direção da DPG em outubro, quando tinha quase 35 anos de idade.

Foi neste contexto que Fenichel usou de sua influência para articular uma psicanálise de esquerda no âmbito da IPA. E, que fique claro, do ponto de vista político-institucional, nada mais do que isso. Para ele, o importante era salvar a 'boa' psicanálise, compromissada com os critérios científicos-naturais e com sua aplicação sociológica. Em uma das *Circulares*, ele relembra sobre os propósitos do grupo de analistas de esquerda dentro do movimento psicanalítico:

> Não obstante o pouco que pode ser feito por analistas para a salvação e para o uso dos conhecimentos científico-naturais de Freud, isso só será feito *dentro* de uma organização como a IPA. . . . enquanto ainda estiver disponível um núcleo psicanalítico verdadeiro, parece vantajoso, diante da descomunal baderna da psicologia, da psicoterapia e da pseudopsicanálise fora da IPA . . . lutar por esse núcleo a partir de dentro de uma organização (especialmente, por meio de um melhor trabalho científico positivo e do esforço em influenciar o ensino internacional). (Fenichel, 1998a, pp. 448-449)[53]

Neste sentido, absorto com os problemas políticos dentro do movimento psicanalítico e com seus estudos de teoria marxista, Fenichel parecia não estar ciente da vitória eleitoral do Partido Nazista em 1932, quando muitos colegas já estavam buscando exílio. Assim como na época do movimento da juventude em Viena, pouco anotava em suas listas diárias sobre os acontecimentos políticos. Continuaria normalmente com suas atividades de ensino e administrativas no BPI e na DPG até outubro de 1933, quando parte para o exílio em Oslo (Mühlleitner, 2008).

Faça comigo agora, leitor, um apanhado daquilo com que nos deparamos até o momento. Diante do fato de que, a partir da década 1970, Fenichel é sempre tratado pela literatura, em primeiro lugar, sob o ponto de vista de sua participação no movimento psicanalítico como um analista 'marxista', me foi necessário entender como a história deste médico vienense se cruzou com a história da psicanálise; de um jovem engajado no discurso não conformista do pós-Guerra a um judeu psicanalista e 'marxista' em plena ascensão do fascismo alemão.

---

[53] No original: "Nichtsdestoweniger kann das Wenige, das von Analytikern zur Rettung und Benutzung der naturwissenschaftlichen Erkenntnisse Freuds, geleistet werden kann, nur *innerhalb* einer Organisation wie der I.P.V. geleistet werde. . . . solange aber noch ein wirklich psychoanalytischer Kern vorhanden ist, scheint es angesischts des ungeheuren Wusts von Psychologie, Psychotherapie und Pseudopsychoanalyse außerhalb der I.P.V. ersprießlicher . . . von diesem Kern aus innerhalb einer Organisation zu bekämpfen (insbesondere durch bessere positive wissenschaftliche Arbeit und durch das Bestreben, den Unterricht international zu beeinflussen)".

Desta maneira, no primeiro item, ao apresentar as origens do autor e seus primeiros contatos com a psicanálise, notei que o interesse de Fenichel pelo pensamento freudiano estava associado a seus interesses pela sexologia, pela medicina e pela ciência de modo geral. Dedicava-se intensivamente ao estudo delas. Já seu interesse pela prática política parece não ter sido tão grande assim. O movimento cultural da juventude e as questões políticas de seu tempo lhe atingiam através daqueles interesses. E foi a meio caminho, entre seu interesse científico e seu interesse político, que o autor se envolveu com a psicanálise, não só enquanto teoria, mas também como prática clínica.

Por conseguinte, adentrei neste segundo item no contexto de expansão da institucionalização deste movimento, pois entendo que o envolvimento de Fenichel se dava de fato com um movimento que, dedicado ao desenvolvimento de certo pensamento e de um conjunto de práticas, se organizava em associações científicas e profissionais com seus funcionamentos institucionais específicos. Assim, tratei da história da psicanálise, de 1918 a 1933, através de um enquadre bem específico. Achei prudente vasculhar primeiramente o comportamento político das instituições psicanalíticas, para só então repassar o papel que o autor teve dentro delas. Isto porque o envolvimento do pensamento freudiano, das teorias e do discurso psicanalíticos com as pautas e políticas de esquerda do entre-Guerras em Viena e em Berlim, sozinho, – como se houvesse alguma causalidade direta e simples entre psicanálise, socialdemocracia e o marxismo de Fenichel – não me parecia suficiente na investigação do percurso do autor dentro do movimento psicanalítico e de suas instituições.

Daí, eu pude extrair algumas consequências sobre o papel político do autor no movimento psicanalítico. Sua ‘militância’ se deu, quase que exclusivamente, no âmbito da psicanálise. E foi tarde que direcionou suas pesquisas e estudos para a teoria da história marxista. Somente no fim dos anos 1920, quando parte considerável dos psicanalistas se preocupava com as pautas de esquerda (porque estas haviam contribuído para a expansão da institucionalização da psicanálise), Fenichel começa a elaborar a parcela de sua obra que justificaria a associação de seu nome, nas narrativas da história do movimento psicanalítico, a uma psicanálise de esquerda.

Deste modo, explorado o envolvimento ‘científico-político’ de Fenichel com o movimento psicanalítico, de suas origens até a criação da ‘oposição marxista’ dentro da IPA, peço licença ao leitor para mudar o foco histórico deste envolvimento para a análise conceitual e argumentativa da obra fenicheliana. Detenho-me a seguir sobre o desenvolvimento pelo qual passou a concepção geral que tinha da função da psicanálise neste período. Por enquanto, deixemos de lado a relação de Fenichel com a história do movimento psicanalítico. Falemos do texto para responder a seguinte pergunta: como o autor define inicialmente o estatuto do conhecimento e a função do tratamento psicanalíticos?

1.3. Psicanálise: ciência-natural e 'pedagogia dos afetos'

Do artigo *Psicanálise e metafísica*, de 1923, aos artigos *Método psicanalítico* e *Sobre a teoria da técnica psicanalítica*, ambos de 1935, o autor desenvolve uma visão 'pedagógica' que tem da psicanálise. Às voltas com a noção de 'tornar o inconsciente consciente', entrelaçou o conhecimento psicanalítico, que encontraria sua validade em uma investigação de orientação empírica sobre fenômenos ainda ininteligíveis, a uma terapêutica de teor iluminista, que busca dar autonomia aos indivíduos por meio de uma 'educação' afetiva do eu.

Em *Psicanálise e metafísica*[54], Fenichel (1923/1953c) – ainda um jovem analista em formação e recém-chegado ao BPI – exibe algumas pistas de como concebia a natureza e a função do conhecimento psicanalítico. Na realidade, a discussão travada ali parte de outro problema. Inicialmente, o texto se debruça sobre o estatuto ontológico do inconsciente e sobre o estatuto epistemológico da realidade psíquica, frente à crítica de inspiração kantiana.

A partir de uma citação do trecho final do primeiro item de *O inconsciente* (Freud, 1915/1992f), no qual a observação de processos mentais inconscientes, internos ao sujeito, é comparada ao tipo de observação feita dos fenômenos naturais que são captados pela percepção externa e, assim, atravessados pela subjetividade daquele que percebe[55]; a partir desta citação, na qual Kant é evocado por Freud para atestar sua comparação, Fenichel (1923/1953c) dirá o seguinte:

> Kant e Freud concordam no fato que ambos olham, para além daquilo que está dado, para aquilo que está escondido por de trás e que eles consideram o mais real dos dois. Mas isso não quer dizer em absoluto que a realidade metafísica de Kant e a realidade inconsciente de Freud são idênticas. (Fenichel, 1923/1953c, p. 8)[56]

Para o autor, o inconsciente, enquanto designação de certa classe de fenômenos, não deve ser tomado por uma entidade ou por uma coisa em si, nem pode a realidade psíquica dos processos inconscientes ser inferida sem observação (clínica, no caso). Assim,

---

[54] *Psychoanalysis and Metaphysics*.

[55] "Dentro del psicoanálisis no nos queda, pues, sino declarar que los procesos anímicos son en sí inconcientes y comparar su percepción por la conciencia con la percepción del mundo exterior por los órganos sensoriales. Y aun esperamos extraer de esta comparación una ganancia para nuestro conocimiento. El supuesto psicoanalítico de la actividad anímica inconciente nos aparece, por un lado, como una continuación del animismo primitivo, que dondequiera nos espejaba homólogos de nuestra conciencia, y, por otro, como continuación de la enmienda que Kant introdujo en nuestra manera de concebir la percepción exterior. Así como Kant nos alertó para que no juzgásemos a la percepción como idéntica a lo percibido incognoscible, descuidando el condicionamiento subjetivo de ella, así el psicoanálisis nos advierte que no hemos de sustituir el proceso psíquico inconciente, que es el objeto de la conciencia, por la percepción que esta hace de él. Como lo físico, tampoco lo psíquico es necesariamente en la realidad según se nos aparece" (Freud, 1915/1992f, p. 167).

[56] No original: "Kant and Freud agree in that both look beyond that which is given to that which is hidden behind it and which they consider the more real of the two. But this does not at all mean that the metaphysical reality of Kant and the unconscious reality of Freud are identical".

ele defenderá que o inconsciente não está sob a alçada da ordem metafísica – no sentido de uma ordem transcendental –, na qual estaria encerrada a realidade de uma coisa em si chamada inconsciente, dada de antemão.

Daí em diante, a principal tese do texto não difere muito da defendida pelo próprio Freud (1900[1899]/1991d, 1900[1899]/1991e, 1940[1938]/1991f) do início ao fim de sua obra psicanalítica. Ou seja, a psicanálise é uma ciência da natureza. Isso porque ela examinaria um campo de fenômenos a partir da experiência, da observação empírica, e, no limite, buscaria a explicação causal destes fenômenos, que possuem realidade experiencial, mas não uma realidade substancial ou ontológica de uma coisa em si a ser acessada. Dessa maneira, para Fenichel, 'tornar o inconsciente consciente' adquire esse sentido epistemológico, ou seja, de aquisição e sustentação de um conhecimento sobre certos fenômenos psíquicos, tão naturais quanto os físicos, os químicos e os biológicos.

Depois de sustentar essa tese atacando alguns pontos específicos que, por analogia, aproximariam a psicanálise da metafísica e a afastaria de ser uma ciência natural, Fenichel (1923/1953c) resume:

> Duas diferentes posições podem ser adotadas para com a psicanálise, como para com qualquer outra ciência. A primeira é aquela do epistemólogo, para quem a razão nunca pode alcançar a realidade. Visto desta posição, o Ics. é uma 'hipótese de trabalho' para a explicação do fenômeno da consciência que não possui nenhuma realidade por si própria, e a 'inclinação' da psicanálise dirigida à 'razão consciente' é assumida. A segunda posição é aquela do realista ingênuo, que toma os resultados da ciência por entidades. Esta posição defende que os fenômenos psíquicos são em si mesmos inconscientes. (Fenichel, 1923/1953c, pp. 21-22)[57]

Na leitura que faço deste trecho, esta segunda posição do 'realista ingênuo', no fundo, parece-me a mesma do 'empirista ingênuo' que não desconfia dos dados da percepção e é tão dogmático quanto quem, no extremo oposto do racionalismo, como um platônico, confere realidade substancial às categorias do entendimento (causalidade, quantidade etc.). Já a primeira posição seria a escolha crítica, de inspiração kantiana, encarnada aqui na postura do 'epistemólogo'. Aquele que, cético diante das duas 'ingênuas' e dogmáticas posições, põe em suspensão a realidade substancial de uma mente inconsciente, por exemplo, para deter-se sobre os fenômenos psíquicos não acessados pelo fluxo da consciência.

Pouco interessa agora se o autor tinha bom domínio da complexa e gigantesca crítica de Kant. Adianto, porém, que nem tanto. No trabalho em questão, as menções ao

[57] No original: "Two different positions may be adopted toward psychoanalysis, as toward any other science. The first is that of the epistemologist for whom reason can never reach reality. Seen from this position, the Ucs. is a 'working hypothesis' for the explanation of the phenomena of consciousness which has no reality of its own, and, the 'bias' of psychoanalysis toward 'conscious reason' is taken for granted. The second position is that of the naïve realist, who takes the results of science for entities. This position holds that the psychic phenomena are in themselves unconscious".

decano do idealismo alemão não passam disso, de menções. De fato, não há citações nem referências. Aqui, o importante do argumento de Fenichel (1923/1953c) é a consequência de sua leitura do kantismo.

O autor entende, nesse texto, que a investigação psicanalítica deve ser encarada como um método que, apesar de suas particularidades, trata da experiência psicológica como parte integrante da ordem natural, que pode ser acessada, se não espacialmente, ao menos temporalmente. E também entende que o conhecimento psicanalítico deve ser encarado como uma teoria científica sobre o funcionamento mental, que retira sua validade da capacidade explicativa geral sobre esse campo da experiência humana.

E continua Fenichel (1923/1953c):

> A psicanálise, possuindo somente um grão de areia, faz a partir desse grão inferências que dizem respeito a todo o fundo do oceano. Mesmo que isso possa parecer muito atrevido e presunçoso, é por conta desta característica da psicanálise que seu progresso não pode significar nada mais do que tornar consciente o Ics. A psicanálise mira a consciência; seu último e mais alto objetivo é alcançar um entendimento completo, consciente, lógico e científico do Ics, e estar apta a prever como uma dada pessoa agirá, sob dadas condições e em dado momento, com a mesma certeza com a qual o astrônomo prevê um eclipse do sol. (Fenichel, 1923/1953c, p. 22)[58]

Utilizando a metáfora do grão de areia e do fundo do oceano para descrever o tamanho da consciência diante do resto inconsciente do psiquismo, o autor fornece mais uma grande pista da concepção que tinha da psicanálise. A psicanálise figura aí explicitamente como uma via legítima para o conhecimento racional sobre os eventos psíquicos ainda desconhecidos e não explicados. Uma via que permite aos sujeitos o esclarecimento e o subsequente alívio de seus conflitos, contribuindo para a previsibilidade de suas ações.

Neste trabalho de 1923, como se viu, o autor não trata efetiva e diretamente do problema prático da aplicação (clínica ou extra-clínica) da psicanálise. Mas as pistas que deixa por meio de sua leitura do espírito crítico de certo kantismo, quando endereçada a alguns aspectos epistemológicos da psicanálise, formam uma concepção geral da psicanálise com a qual continuarão a operar, embora relativamente distintos, os argumentos fenichelianos dali em diante. Grosso modo, desde o início de sua carreira psicanalítica, Fenichel entende a psicanálise como um projeto racional.

Para o autor, em resumo, a psicanálise é 1) um conhecimento que almeja a explicação das causas (efetiva e final) dos fenômenos psíquicos, tornando-os inteligíveis,

[58] No original: “Psychoanalysis, possessing only a grain of sand, makes from that grain inferences concerning the whole ocean bottom. Even if this would seem overdaring and presumptuous, it is because of this quality of psychoanalysis that progress in it can mean nothing else than the making conscious of the Ucs. Psychoanalysis aims at consciousness; its farthest, highest goal is to attain a complete, conscious, logical, scientific understanding of the Ucs., and to be able to predict how a given person will act under given conditions at a given time, with the same certainty with which the astronomer predicts an eclipse of the sun”.

acessíveis à razão; e 2) um conhecimento que serve aos ideais de previsão e controle da ordem natural dos fenômenos psicológicos. Consequentemente, a psicanálise, enquanto terapia, nada mais seria do que um método que visa à maior autonomia da consciência e da instância psicológica egoica. Ou seja, o tratamento deve favorecer um processo de cura que significa certa emancipação do indivíduo, por meio da razão, frente a suas paixões e sofrimentos.

Sem abrir mão do núcleo dessa concepção, doze anos depois, em um texto intitulado *Sobre a teoria da técnica psicanalítica*[59], Fenichel (1935/1953d) tratará especificamente do problema prático da aplicação da psicanálise. Ali, a ideia principal, como indica o título, é fornecer certas diretrizes teóricas da técnica psicanalítica. Porém, este texto é preparado após o autor ter alcançado certa maturidade em seu pensamento psicanalítico. Ao mesmo tempo em que assimila de fato a psicologia do Eu pós-segunda tópica, a psicanálise de Fenichel atinge nesse momento sua 'independência' da reprodução de um pensamento freudiano monolítico. Tratarei especificamente desta maturidade, das diferenças que sua obra tinha em relação à de Freud, no próximo capítulo.

No entanto, antes de passar às páginas do trabalho sobre técnica de 1935, convém visitar outro artigo do mesmo ano, intitulado *Método psicanalítico*[60] (Fenichel, 1935/1953e), no qual é possível encontrar uma espécie de ponte entre o debate epistemológico de 1923 e as questões técnicas de 1935. Neste trabalho, originalmente uma conferência dada em janeiro de 1935 ao Grupo de Trabalho Psicanalítico de Praga, o autor se dedica a introduzir a psicanálise de forma abrangente, explicando e justificando, para tal, seu modo de funcionamento. Relembra, para esta tarefa, dos problemas enfrentados por Freud e Breuer que puderam abrir caminho para uma noção psicopatológica na qual as doenças dos nervos são entendidas como lembranças e experiências não inteiramente lembradas nem vividas.

Fenichel conta, porém, que a psicanálise teria nascido propriamente apenas com a concepção freudiana de que "as experiências que não eram experienciadas completamente eram aquelas que o indivíduo não *desejava* experienciar até o fim" (Fenichel, 1935/1953e, p. 319). Supostamente, algo que seria de importância capital na adesão de Freud a um ponto de vista dinâmico, do conflito de forças e intensidades, em sua explicação etiológica das doenças nervosas. Assim, prossegue Fenichel (1935/1953e):

> Os sintomas neuróticos podem ser explicados como o resultado do embate entre forças opostas, forças que podem ser deduzidas de seus efeitos: de um lado, existe a tendência normal à descarga de todas as excitações, e, de outro, há 'forças opositoras' que tentam tornar a descarga impossível. (Fenichel, 1935/1953e, p. 320)[61]

[59] *Concerning the Theory of Psychoanalytic Technique*.
[60] *Psychoanalytic Method*.
[61] No original: "Neurotic symptoms can be explained as the result of a struggle between opposing forces, forces which may be deduced from their effect: on the one hand there is the normal tendency to discharge all excitations, and on the other hand there are 'opposing forces' which try to make discharge impossible".

Para o autor, a teoria freudiana se distancia neste ponto da explicação de Josef Breuer para a sintomatologia neurótica. A diferença está alojada na compreensão intencionalista e ativa de Freud. É notável que Fenichel escolha essa virada da etiologia freudiana, pois elege justamente o problema da repressão como central na sua apresentação dos objetivos buscados pelo método e pela técnica psicanalíticos.

Sendo a finalidade de um tratamento psicanalítico restituir um suposto estado de equilíbrio mínimo entre as forças inconscientes que buscam a descarga e as forças repressivas que a impedem gerando quadros patológicos, sua terapêutica vai se constituir em torno da ideia de que determinadas forças repressoras – das instâncias superiores do psiquismo frente aos instintos ou às pulsões – precisam ser destituídas de seu poder arbitrário e, portanto, irracional.

Por esta razão, Fenichel (1935/1953e, p. 321) dirá que "o objetivo da psicanálise é remover defesas [neuróticas] patogênicas"[62]. Obviamente, todos os meandros deste funcionamento psíquico são muito mais detalhados. Aqui, importa saber que é esta chave de explicação que opera o argumento fenicheliano. E é a partir dela que a teoria da técnica ali discutida será encaminhada.

Portanto, a interpretação de um derivado do inconsciente deve levar em conta sempre aquela oposição de forças. A boa interpretação deve agir sobre a resistência formada pela atuação defensiva do Eu, ou seja, sobre "tudo aquilo que previne o paciente de produzir material derivado do inconsciente" (Fenichel, 1935/1953e, p. 325)[63], material derivado, em última instância, da procura pela descarga das intensidades vividas pelo indivíduo.

Ao final do texto, Fenichel (1935/1953e, pp. 327-328) será mais preciso e dirá que o "trabalho interpretativo . . . pode ser descrito como uma educação do paciente para produzir derivativos continuamente menos distorcidos até que seus conflitos instintuais fundamentais sejam reconhecíveis"[64]. E prossegue clarificando esta sua definição do trabalho primordial da análise ao longo de um tratamento:

> Com a dissolução gradual das defesas patogênicas, as forças que anteriormente haviam sido reprimidas de novo [ao longo da análise] entram em contato com a personalidade total. Novas e mais efetivas defesas instintuais, que não causam neuroses, podem ser usadas pelo ego adulto quando todos os instintos infantis represados forem convertidos em instintos maduros que encontram satisfação normal e regular. (Fenichel, 1935/1953e, p. 328)[65]

[62] No original: "It is the aim of psychoanalysis to remove pathogenic defenses".
[63] No original: "Everything that prevents the patient from producing material derived from the unconscious".
[64] No original: "interpretative work . . . can be described as educating the patient to produce steadily less distorted derivatives until his fundamental instinctual conflicts are recognizable".
[65] No original: "With the gradual dissolution of the pathogenic defenses, the forces that have previously been repressed again find contact with the total personality. New and more effective instinctual defenses, which do not cause neuroses, can be applied by the adult ego when all the dammed-up infantile instincts have been converted into mature instincts which find normal, regular satisfaction".

Há nessa prévia das generalidades do tratamento analítico um entrosamento radical entre a ideia de que a psicanálise é uma 'pedagogia' dos afetos e as noções de normalidade e de regularidade. Isto é, este agenciamento das funções defensivas do Eu frente àquilo que lhe é exterior, por meio do trabalho associativo e da elaboração dos conflitos psíquicos, acaba dando condições ao sujeito da experiência psicológica para viver suas emoções, fantasias e pensamentos, sem precisar recorrer a modos de funcionamentos não aceitáveis nem desfavoráveis no meio em que está inserido.

Pois bem, retome comigo o leitor o fio da meada. Em *Sobre a teoria da técnica psicanalítica* (Fenichel, 1935/1953d), texto originado de uma discussão no início das *Circulares* de 1935 sobre o livro *Problemas da técnica* de Hellmuth Kaiser (1934)[66], é de suma importância saber que o destinatário privilegiado de grande parte das críticas de Fenichel é Theodor Reik (1933). Principalmente, por conta da posição reikiana de que a experiência psicanalítica só tem a perder com o excesso de teorização, ainda mais sobre a técnica e o tratamento, que possuem uma natureza intuitiva e não intelectual.

Acontece que a crítica fenicheliana a Reik (1933) não é necessariamente um ataque ao uso da intuição no trabalho de análise. Mas, sim, um ataque à postura decisiva de rechaço a uma teoria da técnica. Não obstante Fenichel tenha, ao longo de sua obra, se dedicado bastante a promover uma teoria da técnica que pudesse garantir certa qualidade de uma análise, defendendo e definindo para isso o processo analítico como um processo de esclarecimento, racional, ele nunca foi de fato contra o uso da intuição no processo analítico e sempre entendeu que uma análise lida precisamente com o irracional, com aquilo que é rechaçado pela consciência. Ele reconhece, portanto, como indissociáveis estas características do tratamento psicanalítico.

Porém, Fenichel diz o seguinte sobre a posição de Reik (1933):

> Já que o instrumento da técnica psicanalítica é o inconsciente do analista (a concepção de 'transmissor'), e já que a intuição é indispensável para apreender o que se passa no paciente, ele [Reik] quer deixar tudo nesta técnica [a dele] para o inconsciente e para a intuição. (Fenichel, 1935/1953d, p. 332)[67]

Deste modo, o problema da técnica deve ser encarado pelo analista de tal maneira que ele não caia no erro de intelectualizar demais a análise, nem seja aliado da pura irracionalidade, pois "analisar significa sujeitar o irracional no homem à razão" (Fenichel, 1935/1953d, p. 335)[68].

---

[66] *Probleme der Technik*.
[67] No original: "Since the instrument of psychoanalytic technique is the unconscious of the analyst (the 'relay' conception), and since intuition is indispensable for apprehending what goes on in the patient, he wants to leave everything in that technique to the unconscious and to intuition".
[68] No original: "to analyze means to subject the irrational in man to reason".

Mas, mesmo que a técnica interpretativa da psicanálise tivesse sido formulada como uma espécie de tradução do conteúdo inconsciente para a consciência do sujeito em análise, a interpretação não poderia começar com tanta profundidade. Antes, ela deveria mirar a atuação das resistências mais superficiais – ao contrário do que preconizaria a visão de Klein (1932/1997) em *A psicanálise de crianças*, na qual a interpretação se dirige aos conteúdos profundos.

Como no último artigo, *Método psicanalítico*, o autor destaca o alvo da intervenção ou interpretação analítica: a dinâmica conflituosa "entre impulso e resistência" (Fenichel, 1935/1953d, p. 333)[69]. Segundo ele, além de ir do superficial às profundezas do inconsciente, a interpretação deve buscar o ponto de maior concentração e repressão da energia psíquica. Só assim haveria uma grande liberação de libido, favorecendo uma verdadeira mudança qualitativa no comportamento e sintomatologia do indivíduo em análise.

Nesse ponto, o autor retoma o trabalho de Reich (1933/1995), *Análise do caráter*[70]. De acordo com Fenichel (1935/1953d), a crítica reichiana à falta de sistematicidade da técnica psicanalítica aponta para uma complicada separação entre técnica e teoria, na qual muitos psicanalistas se apoiam deixando de usar os princípios dinâmico e econômico da psicanálise para organizar e melhor aplicar sua técnica. Até aí o autor se mostra de acordo com a maneira reichiana de trabalhar a caracterologia neurótica. É o que sugere a seguinte passagem:

> 'O paciente determina o tema da sessão' não pelo que ele diz, mas mostrando ao analista onde a resistência crucial se encontra economicamente. O analista deve então forçar o paciente a elaborar este tema, mesmo se este preferir falar sobre outra coisa.
>
> Agora, eu gostaria de inserir alguns comentários críticos. Com esses princípios da assim chamada 'técnica reichiana' que tentei representar aqui, eu estou de completo acordo – enquanto *princípios*. Eu os considero corretamente deduzidos dos pontos de vista teórico e técnico de Freud. (Fenichel, 1935/1953d, p. 336)[71]

A discordância do autor seria com o desenvolvimento teórico dado por Reich a esses princípios. A primeira objeção é dirigida à ênfase dada por Reich à estratificação ordenada do material psíquico. Para Fenichel (1935/1953d, p. 337), "o material é somente 'relativamente' ordenado"[72]. Já a segunda objeção se dirige ao modo como Reich parece

---

[69] No original: "between drive and resistance".

[70] É importante mencionar que esta obra de Reich (1933/1995) foi um compilado de textos publicados desde 1927. A edição usada aqui é uma tradução da 2ª edição de 1944. No entanto, como Fenichel sempre se refere a esta obra na edição de 1933, escolho essa data para a referência no corpo deste trabalho ao texto de Reich (1933/1995). Faço isso para dar ênfase à relação de intertextualidade da obra de Fenichel com este texto, à qual me dedicarei mais detidamente no próximo capítulo.

[71] No original: "'The patient determines the theme of the session', not by what he says, but by showing the analyst where his economically crucial resistance lies. This theme the analyst must then compel the patient to work through, even if the latter would rather talk about something else.
"I should like to insert a few critical comments at this point. With those principles of the so-called 'Reichian technique' which I have attempted to represent here, I am in complete agreement – qua *principles.* I consider them as correctly deduced from Freud's theoretical and technical views".

[72] No original: "The material is only 'relatively' ordered".

concentrar a interpretação sobre as "resistências congeladas". Segundo Fenichel (1935/1953d, p. 337), "se vamos prestar atenção nas 'resistências congeladas', nas ações e atitudes habituais, nós não devemos saber somente que elas expressam resistência, mas conseguir entender o seu sentido"[73], que é um sentido particular gerado a partir da dinâmica conflituosa entre os componentes instintuais do psiquismo.

Ou seja, o autor concorda que a intervenção analítica deve sempre mirar as resistências, qualquer que seja a intervenção. Porém, esse foco não pode deixar nunca de mirar também a série associativa de sentidos na história deste ou daquele indivíduo, nem deixar de lado o objetivo da elaboração que esta série deve alcançar, trazendo assim explicações à irracionalidade dos fenômenos psíquicos. Melhor dizendo, não se pode interpretar apenas o conteúdo, tampouco se deve intervir apenas sobre a resistência, como a técnica reichiana parece sugerir ao autor.

Nesse sentido, a preocupação de Fenichel (1935/1953d) não é uma mera ordem técnica restrita, a ser seguida cegamente, sem a preocupação com o fenômeno clínico particular que se apresenta ao terapeuta psicanaliticamente orientado. A psicanálise, "como uma educação geral do ego em direção a uma tolerância cada vez maior para com derivados menos distorcidos" (Fenichel, 1935/1953d, p. 341)[74], é uma terapêutica que tem por objetivo tornar possível a experiência viva, singular e de reconhecimento dos "impulsos que foram reprimidos", sem que, para isto, sejam "atuados" (Fenichel, 1935/1953d, p. 344)[75].

Retomarei mais detidamente a teoria da técnica psicanalítica de Fenichel no capítulo 3. Por enquanto, finalizemos parte da questão, ainda em aberto, do primeiro item deste capítulo. Em linhas gerais, de 1923, quando ainda recém-chegado a Berlim e ao BPI, a 1935, já exilado, Fenichel não altera a concepção geral que tem da teoria e da técnica psicanalíticas. E, mesmo que tenha alterado sua visão específica delas, como se verá, sobretudo da teoria psicanalítica, essas mudanças não foram suficientes para desmontar a maneira pela qual concebe a psicanálise como uma forma de 'educação' do Eu. Uma verdadeira pedagogia de aceitação dos afetos e de enfraquecimento das contrainvestidas egoicas a essas intensidades corporais.

E é esta finalidade 'pedagógica' de uma análise que revelaria as implicações entre a produção de conhecimento psicanalítico e o processo de cura empreendido pela psicanálise. Dito de outra forma, essa função educativa indica as implicações entre a psicanálise enquanto método de pesquisa e enquanto método de tratamento. É neste espírito, ainda em 1923, que Fenichel (1923/1953c, p. 21) dirá o seguinte sobre o papel técnico da intuição em análise: "Desde que ela seja usada para fazer observações que são

[73] No original: "If we are to pay particular attention to 'frozen resistances', to habitual actions and attitudes, we must not only know that they express resistance, but get to understand their meaning".
[74] No original: "as a general education of the ego toward tolerating increasingly less distorted derivatives".
[75] No original: "impulses which were repressed . . . acted out".

então submetidas ao teste de realidade e traduzidas pelo Cs. para teoria, a intuição em psicanálise é subserviente à razão, e não o contrário"[76].

Então, chegamos ao final deste primeiro capítulo com duas conclusões parciais sobre o tom geral da obra inicial de Fenichel, até meados da década de 1930. De um lado, a concepção que o autor possuía neste período reflete a história de seu envolvimento com o movimento psicanalítico. Muito embora ela resulte de um reflexo imperfeito do contexto da vida do autor, esta concepção, que chamo de 'pedagógica', não deixa de estar em acordo com a natureza do engajamento que Fenichel demonstraria para com a psicanálise desde o momento em que começa a frequentar de fato as reuniões da Associação Psicanalítica de Viena. Para o autor, a psicanálise ajudaria a promover uma mudança radical e duradoura no núcleo da personalidade humana.

Por outro lado, esta mesma concepção que o autor tinha da psicanálise revela uma postura científico-natural para com a psicanálise que, como se verá nos capítulos seguintes, se manterá ao longo de sua obra. Para Fenichel, a cientificidade da psicanálise é garantida pela empiria cética de seu método. Primeiro, porque lida com a investigação 'daquilo que se dá a vista', com o campo dos fenômenos. Segundo, porque o 'psicológico' também faz parte deste mundo dos fenômenos, de sua imanência, e não figura apenas como uma categoria transcendental da razão. E, terceiro, porque a realidade destes mesmos fenômenos, embora não redutível a algo substancial ou a uma entidade, permanece passível de ser conhecida.

[76] No original: "Since it is used in order to make observations which are then subjected to reality testing and translated by the Cs. into theory, intuition in psychoanalysis is subservient to reason, and not vice versa".

2. UM PROJETO DIALÉTICO-MATERIALISTA PARA A PSICANÁLISE

Neste capítulo, meu objetivo maior é investigar o contexto e a textualidade do projeto teórico de Fenichel para com a psicanálise no momento em que atinge sua maturidade no início dos anos 1930, quando é nuançado por uma visão 'marxista'. Assim, a apresentação desse projeto será feita em comparação à obra juvenil do autor dos anos 1920, permeada, como se viu no primeiro capítulo, por seu entusiasmo científico e político com a psicanálise.

Aqui, devem ser respondidas três perguntas centrais ao objetivo deste trabalho e que correspondem basicamente aos três itens do capítulo. A primeira delas se refere ao contexto específico desta época no qual se deu a formulação das propostas do psicanalista. Assim, como se deu o envolvimento de Fenichel com o marxismo e que marxismo era esse? Já a segunda e a terceira perguntas se referem ao texto programático no qual são lançadas as bases do projeto teórico articulado por Fenichel. De que modo ele operou conceitualmente sua concepção de psicologia dialético-materialista? E qual o papel das ideias reichianas sobre a relação entre psicanálise e marxismo na elaboração do programa epistemológico de Fenichel para as teorias freudianas?

2.1. Os psicanalistas 'marxistas' e a organização das cartas secretas

Voltemos à sequência dos fatos deixada de lado ao final do segundo item do capítulo anterior. O ano é 1933 e Fenichel, já um conhecido professor de psicanálise, continua exercendo suas funções dentro das instituições psicanalíticas em Berlim. Mesmo que tomado pelas questões internas do movimento psicanalítico, ocupado com seus estudos da obra de Marx e Engels e de autores marxistas e um tanto distante da participação direta na política alemã, o psicanalista não tinha como estar isolado daquele ambiente de crise econômica, caos social e de enfrentamento constante entre as forças políticas, no qual todo o seu entorno estava mergulhado. Até porque, como já se sabe, nos debates dos quais participava, o assunto não se restringia apenas a problemas de ordem teórica ou terapêutica. No entanto, talvez Fenichel só tenha se dado conta efetivamente do perigo que o circundava depois que o Parlamento Alemão fora queimado em 27 de fevereiro e o governo de Hitler culpara os comunistas.

Dali em diante, assim como tantos outros, Fenichel percebeu que ele e sua família deveriam partir da Alemanha. Primeiramente, por conta de um convite de trabalho para o posto de analista-didata no grupo psicanalítico escandinavo, visitou Oslo a fim de avaliar o local, enquanto as políticas raciais nazistas iam se implantando uma a uma no mês seguinte

na Alemanha. A partir de abril, a Sociedade Alemã de Psicanálise (DPG) sofreria a 'adequação' prevista por uma lei que impedia que judeus fizessem parte de conselhos administrativos de associações científicas alemãs. Desse modo, Fenichel perderia suas funções institucionais dentro da DPG e do Instituto (BPI), não obstante continuasse a clinicar e a lecionar até seus últimos dias em Berlim.

Ao final de outubro, os Fenichel chegam a Oslo definitivamente. Em novembro, após uma série de decisões tomadas a fim de salvaguardar a psicanálise das políticas nazistas, Felix Boehm, Carl Müller-Braunschweig, Werner Kemper e Harald Schultz-Hencke, que não eram judeus, já haviam assumido as principais posições de liderança na DPG e no BPI. Em vez de protegerem a psicanálise, essas decisões contribuiriam para apagar as teorias e o método freudianos da lista de psicoterapias e psicologias permitidas pelo regime nazista em uma série de eventos que levaria, por sua vez, em 1938, à dissolução da Sociedade e à anexação dos membros restantes ao Instituto Alemão de Pesquisa Psicológica e Psicoterapia[77] (conhecido como Instituto Göring), centro de pesquisa e de formação com inspirações nacional-socialistas. Entre as principais medidas de proteção da psicanálise tomadas em meio à implementação das políticas raciais nazistas ainda em 1933, o conselho administrativo da Sociedade – sem a presença de Fenichel, mas por sugestão de Simmel, também judeu e socialista – decide retirar Reich, que já havia partido para o exílio em março (primeiro para Copenhague, depois para Malmö), da lista de membros da DPG (Brecht et al, 1987; Katz, 1985; Mühlleitner, 2008).

Mas o que aconteceu com todo o ímpeto de Fenichel e do grupo de psicanalistas de esquerda que vinha crescendo, sobretudo, desde 1929 e se direcionaria a uma oposição dentro do movimento psicanalítico? Basicamente, depois de perder o posto de secretário na redação dos periódicos da IPA e suas funções administrativas na DPG e no BPI, Fenichel, junto dos colegas da facção socialista dos frequentadores do Seminário das Crianças, buscará articular esta oposição dentro das instituições psicanalíticas por meio de publicações e do próprio trabalho de pesquisa. O surgimento da troca de cartas entre o psicanalista e este grupo e de seus trabalhos originais publicados a partir de 1934 podem ser mais bem compreendidos em relação a este contexto de disputas que eram, por um lado, político-institucionais e, por outro, teórico-científicas (Fenichel, 1998a). Vejamos isto com um pouco mais de calma.

As *Circulares* dos anos de 1934, 1935 e início de 1936 são, em grande parte, a tentativa de estabelecer essa rede de contatos entre os psicanalistas de esquerda a fim de organizar uma plataforma comum de oposição frente às forças de direita dentro do movimento psicanalítico, que acabariam associando a psicanálise a um pensamento mais burguês-liberal ou mesmo ao fascismo. Antes de qualquer coisa, elas foram o meio

[77] *Deutsches Institut für psychologische Forschung und Psychotherapie.*

encontrado para a continuação dos estudos, discussões, debates e organização daquele grupo de psicanalistas da segunda geração, que passou pela formação em psicanálise em meados da década de 1920 e se preocuparia com a aplicação dos conhecimentos e práticas psicanalíticas aos problemas sociais e políticos (Bergmann, 2005; Jacoby, 1983; Mühlleitner, 2008).

Com o passar do tempo, formou-se dentro dessa rede contatos, que seria liderada por Fenichel[78], uma divisão entre um grupo mais próximo a ele e outro mais amplo. Porém, não é possível saber com exatidão quem foram todos os destinatários das *Circulares*, pois tanto o 'círculo íntimo' (*enger Kreis*) quanto o 'círculo amplo' (*weiter Kreis*) foram constituídos por vários nomes durante os diferentes períodos da existência da troca regular e sistemática de correspondências, que durará até 1945 (Fenichel, 1998a).

O conteúdo discutido naqueles primeiros anos foi variado. Tratou-se dos problemas políticos e institucionais da psicanálise e da literatura psicanalítica. Discutiu-se desde temas clínicos aos sociológicos. Desde questões históricas às epistemológicas. Entretanto, não havia uma divisão clara, como haverá a partir de meados de 1936, entre uma parte dedicada aos relatos sobre o movimento psicanalítico e aos seus problemas políticos e institucionais e outra parte distinta, direcionada ao exame crítico da literatura psicanalítica e à discussão dos trabalhos dos próprios participantes, nos quais eles buscavam aplicar os princípios científicos naturais da psicanálise na avaliação e resolução dos problemas da pesquisa psicanalítica e de outras áreas de interesse do grupo. Em 1934, por exemplo, andam lado a lado: as questões de ordem pragmática para a organização das *Circulares* e para a articulação do grupo no vindouro Congresso da IPA em Lucerna, Suíça; as consequências deste evento; o acirramento das diferenças, políticas e teóricas, entre Fenichel e Reich; e os relatos sobre a situação do movimento psicanalítico (Fenichel, 1998a).

Segundo Mühlleitner (2008), ainda em Berlim, no começo de dezembro de 1932, Fenichel iniciaria um seminário privado sobre psicologia materialista, provavelmente com a participação de Reich, Georg Gerö, Edith Jacobssohn, Annie Pink e outros, no qual se discutia a clínica psicanalítica, a concepção dialético-materialista da história e as relações entre psicanálise e marxismo. Mesmo já exilados, Fenichel, Reich e os outros continuariam a se encontrar para debater estas questões e discutir os estudos e pesquisas voltados à aplicação sociológica dos conhecimentos psicanalíticos. Mas, no início de 1934, por causa das dificuldades óbvias no deslocamento dos membros para os encontros presenciais, Fenichel proporia aos seus companheiros que o grupo de esquerda se comunicasse por escrito (Fenichel, 1998a).

[78] Mais do que liderar essa rede de contatos, Fenichel de fato coletou, organizou e repassou, quase que exclusivamente sozinho, todas as informações durante os onze anos de correspondências.

A primeira carta, de março de 1934, foi enviada a 13 destinatários que eram esperados para um encontro do grupo nos dias 3 e 4 de abril em Oslo. Ela contém um resumo detalhado da situação do movimento psicanalítico espalhado pelo globo e de suas disputas internas, tanto na IPA quanto nos grupos locais. Também inclui observações sobre a ameaça do nazismo aos colegas remanescentes na Alemanha. A principal motivação desta espécie de 'carta-chamada', e do encontro propriamente dito, era preparar o grupo dos psicanalistas de esquerda para o Congresso da IPA em Lucerna e organizar uma plataforma comum (Fenichel, 1998a).

Veio então o encontro no início de abril. Estavam presentes, além de Fenichel, Nic Hoel, Reich, Elsa Lindenberg, Jacobssohn e Georg Gerö. Além do assunto já tratado na primeira circular, sobre a situação do movimento psicanalítico, foram também debatidos, como resumiria Fenichel (1998a, pp. 83-84) na segunda circular, enviada após o encontro: "os desvios dentro do movimento [psicanalítico] mais recente, a crítica dos novos pontos de vista analíticos de Freud e as questões da relação entre psicanálise e marxismo"[79]. Pontos levantados, na ocasião da reunião, a partir de um levantamento minucioso de Fenichel (1934/1998b): *Sobre as tendências atuais dentro da psicanálise*[80].

Interessante notar que estes 'desvios', a 'crítica às novas teorias freudianas' e a 'relação psicanálise e marxismo' são tratados a partir da visão que o autor tinha, naquele momento, sobre o que julgava ser os princípios organizadores do conhecimento psicanalítico. Princípios estes que eram os mesmos de uma psicologia dialético-materialista e que já haviam sido discorridos por Fenichel em sua apresentação sobre psicanálise e marxismo, no dia 19 de março de 1934, aos seus companheiros da seção norueguesa da Associação de Médicos Socialistas (VSÄ). Princípios que articulariam, aliás, o curso de *Iniciação de marxistas na psicanálise*[81], do qual participaram membros do periódico norueguês de esquerda *Mot Dag*, grupo com o qual Fenichel manteve estreito contato durante sua estadia em Oslo (Mühlleitner, 2008).

É desse projeto de disciplina para a psicanálise e as teorias marxistas, especialmente a concepção dialético-materialista da história, que se nutre o texto *Sobre a psicanálise como gérmen de uma futura psicologia dialético-materialista*[82] (Fenichel, 1934a; 1934/1972)[83], publicado no primeiro volume da *Revista de Psicologia Política e Economia Sexual*[84], periódico ligado à Sexpol de Reich. Primeiro trabalho no qual o autor trata de forma original a relação entre materialismo-dialético e ciência psicológica, vale também frisar

[79] No original: „die Abweichungen innerhalb der neueren psa. Bewegung, Kritik der neuen analytischen Anschauungen Freuds, Frage der Beziehungen von Analyse und Marxismus".
[80] *Über die gegenwärtigen Richtungen innerhalb der Psychoanalyse*.
[81] *Einführung von Marxisten in die Psychoanalyse.*
[82] *Über die Psychoanalyse als Keim einer zukünftigen dialektisch-materialistischen Psychologie.*
[83] Acrescento a tradução do texto em espanhol, *Sobre el psicoanálisis como el embrión de una futura psicología dialéctico-materialista*, publicado na coletânea *Marxismo, Psicoanálisis y Sexpol* (Gente, 1972).
[84] *Zeitschrift für politische Psychologie und Sexualökonomie*.

que este artigo foi endereçado especificamente aos marxistas. Por estas razões, dedicarei o próximo item à análise das teses deste texto e de suas consequências sobre as concepções iniciais de Fenichel sobre a psicanálise freudiana.

Antes, detenhamo-nos sobre os saldos e as consequências do encontro do grupo que daria início às *Circulares.* Apesar do anseio contrário de Fenichel, poucos termos em comum foram tirados dali. Reich não concordava que os esforços voltados à criação e à manutenção de uma psicanálise de esquerda e materialista ficassem restritos a uma instituição como a IPA. Também se opunha ao segredo que Fenichel e os colegas queriam manter sobre o grupo, indicando aos destinatários das correspondências que se livrassem delas após a leitura.

As diferenças entre Fenichel e Reich já estavam chegando ao ponto de tornar a relação entre eles insustentável. Desde o início da troca das *Circulares*, a posição de Fenichel era defender, 'dentro' da IPA, tanto a manutenção dos princípios epistemológicos científicos-naturais da psicanálise freudiana, quanto o desenvolvimento de uma psicologia dialético-materialista que se daria a partir destes mesmos princípios. Naquele momento, Reich foi voto vencido (Fenichel, 1998a; Mühlleitner, 2008).

Meses depois, no início da sétima carta, enviada em 20 de agosto de 1934, dias antes do início do Congresso da IPA em Lucerna, Fenichel resume as controvérsias entre ele e Reich sobre a atuação do grupo. Em um novo encontro no início de julho, o grupo se dividiu entre as posições dos dois. Reich acreditava que a psicanálise "só pode desempenhar sua função na posição da esquerda política e nunca na posição da direita" (Fenichel, 1998a, p. 116)[85].

Para Reich, não preparar o grupo para se posicionar desta maneira durante o principal evento do movimento psicanalítico internacional, assim como manter em segredo sua existência, era uma tática pouco comprometida com o marxismo. Já Fenichel achava que deveriam manter a decisão tomada no início de abril, no primeiro encontro relatado acima: não chamar a atenção para as atividades do grupo e, sobretudo, manter a oposição interna à IPA por meio do trabalho clínico e científico. Nas suas palavras:

> o lema, sob o qual nós nos manifestamos nas reuniões oficiais, só pode ser o burguês-liberal: honestidade científica, tolerância para com as opiniões políticas de cada analista e solidariedade para com todos psicanalistas em todos os assuntos [psicanalíticos]. Que a [psicanálise] só possa desempenhar sua missão na posição da esquerda política deve-se demonstrar em trabalho científico objetivo, mas, sob nenhuma condição, deve-se lançar isto como lema agora diante do plenário da IPA (Fenichel, 1998a, p. 116)[86].

[85] No original: „nur im Lager der politischen Linken und nie im Lager der Rechten ihre Funktion erfüllen kann".
[86] No original: „die Parole, unter der wir auf offiziellen Tagungen auftreten, nur dir bürgerlich-liberale sein kann: Wissenschaftliche Ehrlichkeit, Toleranz gegenüber den politischen Ansichten der einzelnen Analytiker und Solidarität gegenüber allen Psychoanalytikern in allen psa. Angelegenheiten. Dass die Psa. nur im Lager der politischen Linken ihre Mission erfüllen kann, ist in sachlicher wissenschaftlicher Arbeit zu zeigen, aber unter keiner Bedingung jetzt als Losung vor das Plenum der I.P.V. zu schleudern".

Então, na semana seguinte ao envio desta carta, a história da relação entre Fenichel e Reich chegaria a seu capítulo final com a exclusão deste último dos quadros da IPA. De modo geral, os resultados do Congresso seriam desastrosos para os psicanalistas que se engajaram, intelectualmente ou de forma militante, nas pautas da esquerda desde a Grande Guerra e, agora, se viam exilados fora de Berlim e, assim, impelidos a repensar suas estratégias frente à nova conjuntura. De maneira simbólica, penso que a relação aberta e conhecida do movimento psicanalítico com o pensamento político de esquerda socialdemocrata – relação esta que serviria, dez anos antes, à expansão institucional da psicanálise – era agora forçada a se retirar de cena com a exclusão de Reich da IPA e com seu comando entregue, até 1949, a Jones.

Como Reich não fazia mais parte de uma Associação Psicanalítica local desde 1933, ele não poderia mais ser um membro da IPA segundo seu estatuto. E como ninguém quis aceitá-lo durante o evento, ele fora excluído da Associação Internacional. É claro que a razão oculta era outra. Assim como em sua 'expulsão' da DPG, suas concepções e sua atuação chamavam muito a atenção para a já delicada situação do movimento psicanalítico. Sintoma desta situação, o BPI, que havia sido o centro modelo de formação psicanalítica, perdera no mínimo 130 frequentadores dos seus cursos entre 1932 e 1934 (Brecht et al., 1987; Mühlleitner, 2008).

O curioso é que, em 1934, a própria IPA ofereceria, entre as medidas que ajudariam na emigração dos analistas judeus da Alemanha, um "estatuto de pertencimento direto" (Brecht et al., 1987, p. 68) aos membros que não poderiam mais participar da DPG por causa das políticas raciais. A história fica mais interessante ainda quando se lê, na mesma circular enviada antes do evento, que Fenichel (1998a) já havia sido avisado por Müller-Braunschweig de que o nome de Reich não constava mais no programa do Congresso e de que este seria, de certa forma, impedido de falar sobre sua teoria da economia sexual.

Ou seja, o grupo dos psicanalistas de esquerda, que agora se unia especificamente em torno das bandeiras marxistas, já tinha noção de que a exclusão de Reich do movimento psicanalítico oficial, a passos largos desde a exclusão da DPG, se confirmaria logo. Mas, como vimos sobre os desacordos entre ele e Fenichel desde o início das circulares, parece que Reich não se importava tanto com a preservação de boas relações com a IPA.

Na carta seguinte, datada de 14 de setembro de 1934, exatamente duas semanas após o fim do Congresso, o líder das *Circulares* relata sobre estes acontecimentos e justifica porque se 'calou' diante da situação:

> Nem foi possível falar contra a suposta incompatibilidade entre Reich e a IPA – depois que o próprio Reich havia reconhecido esta incompatibilidade –, nem se declarar solidário a ele e se retirar – depois de tudo o que nós havíamos discutido nas circulares sobre a questão da

> ‘cisão’. Pois, exceto Reich, somos todos da opinião de que nenhum gatuno [ninguém mal-intencionado[87]] teria nos seguido e de que prestamos um serviço maior para a [psicanálise] dialético-materialista se buscarmos ganhar os jovens dentro da IPA, mais do que se nós interrompêssemos nossa ligação com ela e tentássemos uma ‘escola própria’ (Fenichel, 1998a, pp. 136-137)[88].

E mais, Fenichel prossegue relatando sua postura em uma reunião no dia após o que Reich fora excluído da programação do Congresso. Explica então porque continuou não tocando no assunto:

> A mesa diretora não o trouxe para a discussão e eu não tinha mais razões para fazê-lo. Eu não pude protestar contra os métodos com os quais tentaram excluí-lo depois que esses métodos já haviam sido abandonados e se chegou a um acordo com Reich a esse respeito. Tampouco pude fundamentar pública e expressamente a exigência de que a exclusão de Reich fosse feita objeto de uma interpelação, uma vez que a justificativa foi de fato prometida e só poderia ter sido interpelada no caso de sua permanência (Fenichel, 1998a, p. 137)[89].

Provavelmente, esta postura tenha sido sentida como um golpe por Reich, embora, pelo andar da carruagem, não fosse uma surpresa. Pode-se ler a avaliação dele próprio sobre os acontecimentos no texto *A exclusão de Wilhelm Reich da Associação Psicanalítica Internacional*[90] (1935), publicado na já citada *Revista de Psicologia Política e Economia Sexual*. Mesmo sem assinar a autoria, Reich expõe – por meio das dificuldades enfrentadas por ele nos últimos anos de sua relação com Freud, com a IPA e com os responsáveis por seus periódicos – como sua exclusão da IPA foi apenas o corolário da inadequação de sua pesquisa e sua militância ao ambiente científico-burguês das associações do movimento psicanalítico, que resolveram silenciar oficialmente sobre a ascensão fascista na Europa Central. Nesta mesma avalição, Fenichel também é acusado de ter colaborado, querendo ou não, com as lideranças do movimento psicanalítico no processo que desligaria Reich da IPA. Porém, voltemos ao ponto de vista de Fenichel.

Em tom de pronunciamento oficial após o desligamento de Reich – como aquela ‘justificativa prometida’ durante o Congresso, mas nunca efetivamente entregue –, o coeditor

---

[87] O autor usa a expressão ‘keine Katze’, literalmente ‘nenhum gato’. Em sentido coloquial e depreciativo, como parece ser o caso, ‘Katze’ pode ser usado para designar alguém que seja ‘falsch’ (falso, desleal) ou ‘boshaft’ (malicioso, maldoso, perverso). Minha escolha de tradução para a expressão ‘keine Katze’ visa, então, apreender este uso coloquial e depreciativo da palavra ‘Katze’ (https://www.dwds.de/wb/Katze).

[88] No original: „Es war weder möglich, gegen die angebliche Unvereinbarkeit von Reich und I.P.V. zu sprechen, nachdem Reich diese Unvereinbarkeit selbst zugegeben hatte, noch – nach allem, was wir in den Rundbriefen über die Frage ‚Spaltung‘ gesprochen hatten –, sich mit ihm solidarisch zu erklären und auszutreten. Denn wir alle außer Reich sind der Meinung, dass uns keine Katze gefolgt wäre und dass wir der dialektisch-materialistischen Psa. einen größeren Dienst tun, wenn wir innerhalb der I.P.V. die Jugend zu gewinnen suchen, als wenn wir die Verbindung mit ihr abbrechen und eine ‚eigene Schule‘ versuchen“.

[89] No original: „Der Vorstand brachte ihn von sich aus nicht zur Sprache, und ich hatte keinen Grund mehr, dies zu tun. Ich konnte weder gegen die Methoden, mit denen man ihn auszuschließen versucht hatte, protestieren, nachdem diese Methoden schon aufgegeben waren und man sich mit Reich diesbezgl. geeinigt hatte, noch konnte ich die Forderung, Reichs Ausschluß öffentlich ausdrücklich zu begründen, zum Gegenstand einer Interpellation machen, da diese Begründung ja zugesagt war und nur im Falle ihres Unterbleibens hätte interpelliert werden können“.

[90] *Der Ausschluss Wilhelm Reichs aus der Internationalen Psychoanalytischen Vereinigung.*

da *Imago,* Robert Wälder, publicaria uma resenha sobre o periódico de Reich, a *Revista de Psicologia Política e Economia Sexual* (Wälder, 1934). Nela, suas opiniões iam muito além de uma revisão crítica do periódico. Discordava veementemente do envolvimento entre psicanálise, marxismo e política promovido por Reich. Não acreditava ser algo científico. Dizia que “esse esforço 'científico' não tem mais nada a ver com psicanálise” (Wälder, 1934, p. 507).

Fenichel não gostou nem um pouco das conclusões gerais de Wälder sobre Reich e sobre a relação da psicanálise com o marxismo. Assim, escreveu uma resposta a esta resenha. Resposta que nunca seria publicada. Com atraso e muito tato, Wälder pediria ao líder das *Circulares* que desistisse de publicar a refutação de sua resenha. O argumento e passagens da carta do coeditor da *Imago* estão resumidos na circular XVI, datada de junho de 1935. Fenichel achava que justificar a expulsão de Reich tão somente por conta da promoção que fazia da relação entre psicanálise e marxismo era uma explicação insuficiente. Acreditava que “aqueles colegas, que estão de acordo com Reich *neste ponto*, teriam a impressão de que eles também seriam indesejados na IPA” (Fenichel, 1998a, p. 236)[91].

De qualquer maneira, Fenichel estava mesmo preocupado com o fato de que a conservação dos princípios psicanalíticos talvez não sobrevivesse fora da IPA. Era ali, para ele, o solo de disputa e fundamentação de uma psicologia dialético-materialista. E seu engajamento político com o socialismo e com o marxismo, paralelo a seu engajamento pedagógico com a psicanálise, era de caráter ideológico, intelectual e reformista. Ele não era nenhum militante revolucionário. Portanto, não era novidade para Reich o tipo de reação por parte de Fenichel que fora tomado no Congresso de Lucerna diante de sua exclusão da IPA.

A propósito, Mühlleitner (2008) indica que esta diferença fundamental entre as posturas dos dois psicanalistas já estava dada desde o início, quando se conheceram na Faculdade de Medicina em Viena. Em uma passagem de seus relatos autobiográficos, publicados em *Paixão de juventude*, Reich (1996) chega a falar em tom irônico de uma confusa palestra do amigo durante uma noite de encontro do movimento juvenil em junho de 1920[92]. Já membro da WPV, em dezembro daquele ano, ele diria ainda o seguinte sobre

[91] No original: „diejenigen Kollegen, die *in diesem Punkt* mit R.[eich] einer Meinung sind, den Eindruck erhalten, auch sie wären in der I.P.V. unerwünscht“.

[92] No relato da noite de 22 de junho de 1920, pode-se ler: “Houve um simpósio sobre o tema: O homem vive de acordo com o exterior ou o interior? Foi realizado por Otto Fenichel. . . . Argumentos intelectuais e científicos deviam ser excluídos, apenas emoções deviam ser declaradas (se é que elas podem mesmo ser expressas em palavras) – meu querido Otto F., para onde você se desviou? . . . meu querido Otto, você não notou uma coisa: além da chama pura e verdadeira do seu ego, havia mais alguma coisa causando aquela combustão lenta. Lore Kahn observou: ‘Ele quer ouvir a si mesmo falando’. Mas, Otto, esse também foi um meio de apresentar seus bons amigos à sua irmã! Em outras palavras, você queria – com a ajuda das emoções – mostrar à sua irmã quanta indignação reside dentro de você e de seu círculo de relações. Não, Otto! *Emoções não emergem ao seu*

outra apresentação de Fenichel: “Otto realizou sua conferência, duas noites inteiras! Uma autocrítica quase completamente sintética – seu ponto de vista a respeito do comunismo não é claro” (Reich, 1996, p. 151). Em resumo, Reich achava seu amigo imaturo e pouco objetivamente comprometido com o comunismo já no início dos anos 1920.

Com a mudança de Fenichel de Viena para Berlim em 1922, Wilhelm e Annie Pink Reich (casados desde março daquele ano) o encontrariam dali em diante apenas nos congressos psicanalíticos e durante as férias de verão. Somente no início da década de 1930, com a chegada do casal a Berlim, o convívio entre Reich e Fenichel voltaria a se intensificar e a gerar controvérsias que levariam finalmente ao rompimento entre eles. Ao mesmo tempo, foram este convívio e as controvérsias entre os dois que favoreceram o interesse de Fenichel pelas propostas teóricas marxistas. Mais do que isto, pode-se dizer que foi Reich quem o introduziu ao marxismo.

Primeiro porque, como vimos no capítulo anterior, o autor protagonista deste trabalho se envolveu tarde e em um âmbito muito específico com essa corrente de prática política e de pensamento. Fenichel, como um jovem terapeuta e médico, foi antes de tudo um profissional que se associou ao movimento psicanalítico por conta de seus interesses científicos e políticos cultivados no clima da revolta cultural da juventude da Europa Central da década de 1910. O movimento juvenil nem de longe poderia ser enquadrado como marxista. Os interesses do psicanalista só seriam denominados de ‘marxistas’ no fim da década seguinte, quando começou a estudar os escritos de Marx e Engels e a literatura marxista.

Reich teve um papel crucial nesta condução dos interesses de Fenichel ao marxismo, pois, naquele momento, em 1929, lançava seu ensaio *Materialismo dialéctico e psicanálise* (Reich, 1929/1977), que congregava seus estudos da obra de Marx e Engels iniciados em 1927 (Albertini, 2016). Este artigo de Reich marca, como se verá nos próximos itens, o código genético e a ossatura do projeto de psicologia dialético-materialista de Fenichel (1934a). A rigor, o autor nunca abandona Reich neste ponto da aproximação entre psicanálise e marxismo, ou melhor, entre psicanálise e materialismo-dialético.

Em segundo lugar, porque Reich foi de certa forma aquele quem colocou o amigo em contato com a realidade social da classe operária. No cotidiano da prática clínica de Fenichel, intensa a partir de 1925, o grosso da clientela atendida na Policlínica em Berlim vinha das classes médias que, embora estivessem vivendo sob as condições de uma difícil conjuntura socioeconômica (principalmente a partir da crise de 1929), possuíam algum ‘capital’ cultural e intelectual, ‘capital’ este de que os trabalhadores braçais estavam privados, e que, sem dúvida, fornece condições diferenciadas de acesso ao tratamento

---

chamado! Não no ‘domingo à noite, às sete horas’! Elas vêm e vão quando *elas* querem” (Reich, 1996, pp. 113-114).

contra as formas de adoecimento, inclusive contra as psíquicas (lembremos para isso do relatório estatístico de Fenichel (1930/1985) tratado no capítulo anterior).

Mas Reich não foi somente estimulado intelectualmente – como acontecera com Fenichel – por questões político-pedagógicas. Foi induzido pelos conflitos políticos de 1927 a não só a estudar *O capital* (Marx, 1867/2013), mas também a trabalhar como médico na Assistência aos Trabalhadores do Partido Comunista Austríaco e como diretor científico da Sociedade Socialista para o Aconselhamento e Investigação Sexual, a qual implementaria no início de 1929 seis Clínicas de Aconselhamento para Operários e Empregados[93]. Nestes espaços, Reich ampliou seu conhecimento sobre sexologia e sociologia para além da psicanálise (Albertini, 2016; Sharaf, 1983).

Quando Reich se muda em setembro de 1930 para Berlim e começa a frequentar as reuniões entre os psicanalistas de esquerda, inicialmente organizadas por Fenichel, os dois reativam o convívio da época dos Seminários de Sexologia na Universidade de Viena e passam a frequentar espaços de debate em comum. E mesmo que nunca tenha se filiado a nenhum partido político, como Reich ao Partido Comunista Alemão, Fenichel "pôde aproveitar das experiências práticas de Reich em assuntos políticos" (Mühlleitner, 2008, p. 183).

Neste sentido, devo destacar aqui que, desde antes, certos desenvolvimentos teóricos das concepções clínicas e psicológicas de Reich (1928/1979; 1928/1984) já incomodavam quando citados nos meios psicanalíticos. Assim, seguindo o argumento de Albertini (2016), não foi bem o envolvimento de Reich com a teoria e a prática marxistas que faria com que as lideranças do movimento psicanalítico o afastassem da DPG ou da IPA. Basta lembrar aqui da coloração desagradável da teoria do orgasmo e da primazia genital aos olhos de Freud, que assentaria suas concepções antropológicas na contramão de Reich[94].

Fenichel também discordava destas e de outras ideias de Reich desde antes do exílio dos dois nas terras nórdicas. Como aponta corretamente Jacoby (1983, p. 73), "Fenichel acreditava que Reich corria o risco de simplificação teórica, biologismo e de um fetiche para com a sexualidade genital". Meses antes da jogada final no processo de exclusão de Reich em Lucerna, Fenichel tinha clareza destas discordâncias e fez questão de levantar e descrever as diferentes concepções que existiam entre ele, seu amigo de juventude e o velho Freud.

---

[93] *Sexualberatungs-Klinik für Arbeiter und Angestellte*.

[94] Lembremos que, para Reich, a primazia genital do desenvolvimento libidinal não é alcançada por causa da ação repressora de uma educação autoritária sobre a sexualidade. Enquanto que para o velho 'inventor' da psicanálise, a existência do mundo humano, cultural e normativo, dependeria em última instância da repressão da sexualidade, sendo impossível o alívio total do sintoma neurótico a partir do desimpedimento 'normal' (genital) do circuito libidinal (Freud, 1930[1929]/1992g).

Em julho de 1934, em um dos encontros do grupo de analistas de esquerda, já mencionado acima, Fenichel falaria destas diferenças. Um mês depois do Congresso, ele envia o manuscrito desta apresentação "aos companheiros do 'círculo íntimo'" (Fenichel, 1998a, p. 149), anexo à nona circular. *Sobre algumas diferenças entre mim e Reich nas concepções psicanalíticas* (Fenichel, 1934/1998c)[95] sintetiza, assim, as diferenças teóricas sobre conceitos, como o de instinto de morte e angústia, para além da discordância em questões práticas da política institucional do movimento psicanalítico.

Voltarei a estas diferenças teóricas quando for oportuno. Por enquanto, guardemos a importância incontestável da relação de amizade e interlocução que existiu entre Fenichel e Reich. Especialmente no período berlinense, quando estudavam a literatura marxista e debatiam constantemente os problemas de ordem clínica, científica e política. O início das *Circulares* se deve em grande medida a esta relação. E, claro, o esforço intelectual de Fenichel para com o projeto de uma psicologia dialético-materialista e a manutenção dos princípios científico-naturais da psicanálise freudiana também fora germinado, em grande parte, no diálogo que manteve com Reich.

A partir de outubro de 1934 – após a exclusão de Reich da IPA, sua mudança para Oslo e o reconhecimento oficial do grupo psicanalítico escandinavo por meio da formação de duas Sociedades, uma dinamarco-norueguesa e outra sueco-finlandesa, durante o Congresso de Lucerna –, o desfecho da história deste vínculo permeará as questões político-institucionais enfrentadas por Fenichel, que será levado a um isolamento dentro do movimento psicanalítico em Oslo e, assim, impelido a se aliar à ortodoxia freudiana de Viena.

Daquele momento em diante, mesmo não se preocupando mais com a psicanálise e suas instituições, pois estava empenhado agora na edificação de uma instituição independente onde pudesse desenvolver sem impedimentos sua teoria da economia sexual[96], Reich começa a participar das reuniões da Associação Psicanalítica Dinamarco-Norueguesa[97] (DNPF). Isso deixará o cauteloso Fenichel apreensivo com as possíveis consequências por parte da IPA (Mühlleitner, 2008).

No início de dezembro, a maioria dos 7 membros da DNPF se mostrava a favor da participação de Reich e, mais importante, de torná-lo membro da Associação. Estavam neste grupo, Harold Schjelderup, Hoel, Ola Raknes, Johannes Landmark, Kristian Schjelderup e Feiga Kramer. Diante desta possiblidade, Fenichel vislumbra duas saídas:

---

[95] *Über einige Differenzen zwischen mir und Reich in analytischen Auffassungen.*
[96] O periódico já citado de Reich, *Revista de Psicologia Política e Economia Sexual*, pode ser visto como uma das primeiras ações de caráter mais institucional, sendo paralela ao desenvolvimento das concepções que o levariam para longe do solo psicanalítico.
[97] *Dansk-Norsk Psykoanalytisk Forening*.

> Eu poderia me submeter à maioria e – como secretário da Associação – compartilhar com a IPA a decisão da Associação e levar obedientemente a correspondência toda que se refere a isso e esperar a sequência. Ou eu poderia, por minha conta em risco, aparecer aqui como um 'homem oportunista da IPA' para, em protesto, declarar a minha retirada da Associação Norueguesa (Fenichel, 1998a, p. 155)[98].

Poucos dias após o envio desta última circular de 1934 – mesma carta, aliás, em que Fenichel anuncia aos companheiros que Reich não receberia mais nenhuma missiva –, a admissão de Reich na DNPF é aprovada. E a primeira daquelas possibilidades acaba sendo, então, a opção do líder das *Circulares*.

Solitário na defesa da psicanálise freudiana em Oslo, já que a influência das doutrinas reichianas passa ocupar o primeiro plano na DNPF, Fenichel se concentra mais ainda sobre o trabalho clínico e científico. Prossegue com suas atividades de ensino, dando seminários e conferências. Desta época, nascem alguns trabalhos importantes. Dois deles, já comentados no primeiro capítulo desta tese, são: *Método psicanalítico* (Fenichel, 1935/1953e) e *Sobre a teoria da técnica psicanalítica* (Fenichel, 1935/1953d). Outro trabalho, que será objeto de observações ainda neste capítulo, mais a frente, é *O impulso de acumulação de riquezas*[99] (Fenichel, 1938[1934]/1954b).

Todos estes textos bem como alguns outros foram antes apresentações e pequenos cursos dados por Fenichel em suas excursões ao recém-criado Grupo de Trabalho Psicanalítico de Praga (GT de Praga), entre o fim de 1934 e o primeiro semestre de 1935. O autor viajara muito à capital tcheca nesta época porque lá estavam suas amigas Annie Pink (separada de Reich desde 1932), Steff Bornstein e Frances Deri[100], entre outros amigos e colegas dos tempos do movimento juvenil vienense e/ou do Instituto de Psicanálise de Berlim.

A partir de então, o líder das *Circulares* passa a considerar a possibilidade de se mudar para Praga. Decide finalmente por isto em maio de 1935, após Deri, líder do GT, emigrar para os EUA. Desta maneira, Fenichel parte da capital norueguesa com sua família no final de setembro de 1935 a fim de assumir a posição de Deri, que, além de ser sua velha colega do Seminário das Crianças, chegou a receber algumas das *Circulares*. Porém, está claro que este não foi o único motivo. Sua biógrafa resume muito bem a situação:

> Os últimos meses de Fenichel em Oslo foram duros e fatigantes para ele. Pode-se interpretar sua partida também como um fracasso frente ao grupo psicanalítico norueguês. Nas circulares, fica evidente que ele não tinha maioria, nem mais amplo apoio; a isto se soma

---

[98] No original: „Ich könnte mich der Majorität fügen und – als Sekretär der Vereinigung – der I.P.V. die Entscheidung der Vereinigung mitteilen und brav die ganze Korrespondenz, die sich daran anknüpfen wird, führen und das weitere abwarten. – Oder ich könnte, auf die Gefahr hin, hier als ‚opportunistischer I.P.V.-Mann' zu erscheinen, zum Protest meinen Austritt aus der norwegischen Vereiningung."

[99] *The Drive to Amass Wealth*.

[100] Naquela altura, as três eram membros oficiais da WPV, Associação à qual o GT de Praga estava subordinado.

> que tampouco queria dividir o grupo. . . . Fenichel era dedicado, com restrições, à clássica psicanálise de Freud e essa posição ficou de fato evidente para ele pela primeira vez no exílio em Oslo. Mas, com essa postura, ele parecia acomodado, passivo, ultrapassado. Os noruegueses preferiram Reich como o psicanalista moderno, mas, ao mesmo tempo, também escolheram o herege (Mühlleitner, 2008, pp. 255-256).

Em sua viagem a caminho de Praga, Fenichel visita alguns colegas em diferentes cidades. No trajeto, passa por Copenhague, onde encontra Jacobssohn, que seria presa semanas depois pela Gestapo quando retornou à Alemanha. Sua prisão, que seria de extrema importância para a história do movimento psicanalítico[101], se deu por conta de seu envolvimento com um grupo de resistência ao regime nazista chamado Recomeçar (*Neu Beginnen*). Pelo que se sabe, Fenichel não fazia ideia disto. Segundo suas anotações pessoais e as *Circulares*, chegou a aconselhar a amiga para que não retornasse ao país (Fenichel, 1998a; Mühlleitner, 2008).

Depois deste encontro com sua amiga e ex-analisanda, Fenichel se destina a sua cidade natal, onde encontrará os velhos colegas da Associação Psicanalítica de Viena (WPV). Como um emissário, conta dos problemas com Reich e com os outros membros da DNPF em Oslo. No relato da viagem contido na primeira carta enviada de Praga, no dia 17 de outubro, ele conta da 'ambivalência' que sentiu na noite em que participou da reunião da WPV. "Tinha-se a sensação de que todos me temiam um pouco", enquanto, ao mesmo tempo, "me foram dadas muito mais honrarias do que eu esperava receber" (Fenichel, 1998a, p. 280) [102].

Mas que 'honrarias' foram estas? Fenichel fora incumbido nesta passagem por Viena de escrever "uma brochura sobre o 'presente estado da ciência psicanalítica' ou algo semelhante, como uma síntese, em princípio crítica, das tendências da pesquisa analítica disponíveis dentro da IPA hoje" (Fenichel, 1998a, p. 261)[103]. A tarefa foi dada pelos editores e redatores dos periódicos oficiais da IPA – por Edward Bibring e Heinz Hartmann da *Revista Internacional de Psicanálise* e por Ernst Kris e Wälder da *Imago.*

---

[101] A prisão de Edith Jacobssohn foi outro acontecimento crucial para o desenrolar da história do movimento psicanalítico na Alemanha e, de certa forma, na Europa Central. Devido ao clima hostil à psicanálise, identificada a uma 'ciência de judeu', aos socialistas, aos comunistas e às mais diversas formas de resistência ao nazi-fascismo, a prisão de Jacobssohn gerou ainda mais cautela por parte da IPA a fim de proteger a obra freudiana. Assim, as lideranças da IPA buscaram evitar a associação da psicanálise a estes 'perigosos' qualificativos. Como se sabe, toda esta cautela pouco adiantou. Aos poucos, a psicanálise na Alemanha deixou de usar os termos freudianos e se tornou um ramo psicoterapêutico dentro do Instituto Göring. De fato, a pretensa proteção dos princípios freudianos serviu apenas para apagar a história da pontual 'aliança' entre o movimento psicanalítico e a social-democracia austro-alemã durante a década de 1920 (Cf. Brecht et al., 1987; Danto, 2005; Katz, 1985). Obviamente, essa prisão também impactou a trajetória de Fenichel e seus companheiros. Até Jacobssohn escapar da prisão em 1938 e se exilar nos EUA (onde adotará o nome Jacobson), não só a prisão, mas também o processo judicial, o envolvimento dos membros do movimento psicanalítico com o caso, as medidas de ajuda e as decorrências político-institucionais mencionadas (sobretudo na DPG e na IPA) serão matéria de páginas e páginas das *Circulares.*

[102] No original e na íntegra: "Mir wurde viel mehr Kowed [ehrenvoll] zuteil, als ich erwartet hatte, und man hatte das Gefühl, dass alle mich ein wenig fürchten und deshalb in verschiedener Weise ambivalent sind."

[103] No original: "eine Broschüre über den 'gegenwärtigen Stand der psychoanalytischen Wissenschaft' oder dergl., eine prinzipielle kritische Übersicht über die heute innerhalb der I.P.V. vorhandenen analytischen Forschungsrichtungen".

A intenção era publicar este caderno como um anexo da *Revista Internacional* e que fossem abordadas as pesquisas psicanalíticas produzidas entre 1930 e 1936. Como indicam os momentos nas *Circulares* nos quais comenta a redação deste trabalho, Fenichel estava bem empolgado com a tarefa e acreditava que ela serviria à oposição científica do seu grupo de psicanalistas de esquerda dentro da IPA. Não obstante o material do manuscrito fosse reutilizado futuramente na composição do *Problemas de técnica...*, o trabalho nunca fora de fato finalizado.

Queriam recompensar Fenichel por sua lealdade para com a psicanálise freudiana e a IPA após todo o entrevero com Reich? Talvez. Jacoby (1983) chega a supor que Freud e os psicanalistas vienenses

> estavam preocupados em evitar uma situação similar com Fenichel. Como Reich, Fenichel era mais do que um capacitado psicanalista. Ele dominava um imenso volume de informação, escrevia bem e frequentemente, comentava incisivamente sobre assuntos teóricos e não se curvava a ninguém. Fenichel era uma força que deveria ser reconhecida. A psicanálise não poderia bancar perder seus clínicos mais talentosos. . . . Como um todo, o grupo de Viena trabalhou para manter boas relações com Fenichel (Jacoby, 1983, pp. 93-94).

No entanto, o próprio historiador assume não ter encontrado documentos que confirmem sua hipótese. Principalmente sobre o real papel de Freud nas decisões que levaram os editores dos periódicos da IPA a encarregar Fenichel da redação desse trabalho.

Já Mühlleitner (2008, p. 261), um pouco mais sóbria sobre isto, afirma que, "embora ele fosse conhecido pelos requerentes [da tal brochura] como um crítico e um sabichão, que havia destrinchado textualmente muitos ensaios, ele era estimado em Viena, no entanto, por seu saber, suas conferências e pontos de debate". De qualquer maneira, a redação deste panorama crítico parece, no mínimo, ter servido como reconhecimento por parte da IPA ao trabalho desenvolvido pelo analista em prol da psicanálise freudiana.

Daí em diante, ocupando a posição de líder do GT de Praga, Fenichel se aliará à ortodoxia vienense a fim de proteger os princípios científico-naturais da psicanálise de Freud. Proteção esta que lhe soava como a tarefa mais urgente no momento. Um trecho da mesma primeira circular enviada da capital tcheca deixa explícita sua estratégia no período. Após receber a tarefa da redação daquela síntese, o psicanalista firma seu intercâmbio com Viena dizendo o seguinte:

> Os editores assumiram amplamente o ponto de vista de uma "frente única". Isto é, negligenciaram as diferenças entre mim e eles (por exemplo, o instinto de morte) por um consenso muito mais amplo. . . . Eles se mostraram seriamente preocupados com a unidade da IPA e pareciam ter motivos para temer sua divisão e sua desintegração total (Fenichel, 1998a, pp. 261-262)[104].

[104] No original: „Die Redakteure nahmen sehr weitgehend den Standpunkt einer 'Einheitsfront' ein, d. h. Sie vernachlässigten die Differenzen zwischen mir und ihnen (etwa Todestrieb), um der viel weitergehenden

Fenichel prossegue relatando sobre estes motivos, que estavam diretamente ligados à posição de poder que o movimento psicanalítico inglês passou a ter dentro da IPA, após a derrocada da DPG e do BPI em meio à ascensão do nazismo:

> Jones apresentou a reivindicação de que o 'Zeitschrift' alemão deveria trazer não mais do que trabalhos originais alemães, perder seu caráter internacional e não estar mais do que em pé de igualdade com o 'Journal' e a 'Revue Française'. Na rejeição evidente de tal proposta . . . eles [os redatores] se reportaram à conferência 'conciliadora' de Jones em Viena e ao fato de que ele reconheceu o perigo das dispersões surgidas na Inglaterra entre a 'velha' e a 'nova' psicanálise (Fenichel, 1998a, p. 262)[105].

Portanto, pelo que se lê, a aliança de Fenichel com a ortodoxia psicanalítica de Viena vinha a calhar porque seus velhos colegas também temiam alguns dos mesmos desvios que ele e seu grupo de psicanalistas de esquerda. Assim, até o fim da sua vida, a preocupação política-institucional primordial e oficial do psicanalista seria, então, a defesa da psicanálise freudiana contra os desvios das 'novas' psicanálises. E isto paralelamente à sua preocupação teórica-científica de proteger os princípios desta mesma psicanálise em vista da fundamentação de uma psicologia dialético-materialista, uma psicologia que cumprisse com os princípios científicos marxistas.

Meses depois, na circular XXVI, de 18 de maio de 1936, Fenichel transcreve uma correspondência escrita à sua amiga russa Wera Schmidt, na qual resume sua postura frente aos acontecimentos ocorridos após seu isolamento no movimento psicanalítico em Oslo se iniciar:

> Que na psicanálise está disponível aquele gérmen de uma psicologia dialético-materialista, que seria exigida por uma teoria completa dos acontecimentos na sociedade humana, disto eu me convenço, no entanto, cada vez mais. Quanto mais numerosos, grosseiros e grotescos se tornam os desvios do núcleo propriamente científico-natural da psicanálise na literatura psicanalítica, mais evidentemente se ressalta seu caráter de desvio e a utilidade do núcleo que consiste em explicar os fenômenos anímicos dos humanos a partir de uma interação entre as necessidades biológicas e as influências concretas do mundo exterior sobre estas necessidades. – Os desvios, porém, são numerosos e o estado geral do movimento psicanalítico internacional, com o qual não quero te aborrecer, é muito triste, muito mais triste do que dois anos atrás, quando os relatei a você pela última vez. Os grandes acontecimentos mundiais são refletidos aqui em disputas científicas e pessoais. Em contrapartida, me alegro muito por ter recebido dos editores dos periódicos psicanalíticos (provavelmente em nome do Prof. Freud) a tarefa de apresentar resumida e criticamente o estado atual da teoria

---

Übereinstimmungen willen. . . . Sie zeigten sich ernsthaft um die Einheit der I.P.V. besorgt und schienen Gründe zu haben, Spaltung und völligen Zerfall zu befürchten."

[105] No original: "Jones habe die Forderung vertreten, die deutsche ‚Zeitschrift' solle nur mehr deutsche Originalarbeiten bringen, ihren internationalen Charakter verlieren und nur mehr gleichberechtigt neben ‚Journal' und ‚Revue Française' stehen. In der selbstverständlichen Zurückweisung solchen Vorschlages . . . sie berufen sich auf Jones' ‚versöhnlerischen' Vortrag in Wien und darauf, dass er die Gefährlichkeit der in England aufgetauchten Lösungen von der ‚alten' und der ‚neuen' Analyse zugeben habe."

> psicanalítica em um caderno crítico. É uma tarefa muito difícil na qual tenho encontrado muita alegria (Fenichel, 1998a, pp. 389-390)[106].

Diante da postura e da forma como Fenichel refletiu seu projeto de teoria psicanalítica em meio às querelas institucionais que o envolviam inevitavelmente, certas perguntas devem, então, ser colocadas. Em primeiro lugar, que 'núcleo científico-natural' da psicanálise era esse pelo qual Fenichel tinha tanto apreço e pelo qual se manteria um aliado valioso para as instituições do movimento psicanalítico? Quais são os critérios teóricos utilizados por Fenichel em seu esforço programático para com determinados princípios da psicanálise freudiana, que são predicados por ele de 'científico-naturais'? Para responder a estas e a algumas outras perguntas, passo agora ao segundo item deste capítulo, onde o leitor poderá examinar comigo o argumento epistemológico de Fenichel sobre a natureza do conhecimento psicanalítico na época do início das *Circulares* e do seu exílio em Oslo.

Faço então uma pausa na história do papel de Fenichel dentro do movimento psicanalítico e de seu envolvimento com o marxismo na primeira metade dos anos 1930. No entanto, leitor, guarde o contexto do surgimento das *Circulares,* do início do exílio, do rompimento pessoal com Reich, do rompimento científico com as concepções menos freudianas deste último e, claro, do 'front único' formado junto da ortodoxia freudiana de Viena a fim de proteger, em última instância, como o lugar mais propício ao desenvolvimento da psicanálise, a IPA.

2.2. A psicologia dialético-materialista, ciência natural

Para tratar da maneira como o autor entende a fundamentação e o *modus operandi* da teoria psicanalítica no período narrado até aqui, é preciso de pronto começar com algumas interrogações sobre o modo como Fenichel prenuncia ao futuro da psicanálise o que parece ser um 'destino epistemológico'. Orientação que, como pretendo demonstrar, se não alterará, ao menos modulará a perspectiva inicial do autor em relação à função do conhecimento, em geral, e do conhecimento psicanalítico, em específico. Isto porque, a

[106] No original: „Dass in der Psychoanalyse jener Keim einer dialektisch-materialistischen Psychologie, derer eine vollständige Theorie vom Geschehen in der menschlichen Gesellschaft bedürfte, vorhanden ist, davon allerdings überzeuge ich mich immer mehr und mehr. Je zahlreicher, gröber und grotesker die Abweichungen vom eigentlichen naturwissenschaftlichen Kern der Psychoanalyse in der psychoanalytischen Literatur werden, um so deutlicher zeichnet sich ihr Charakter als Abweichungen und die Brauchbarkeit des Kerns ab, der darin besteht, dass die seelischen Erscheinungen des Menschen aus einem Zusammenspiel von biologischen Bedürfnissen und konkreten Einflußnahmen der Außenwelt auf diese erklärkt werden. – Die ‚Abweichungen' allerdings sind zahlreich und der Gesamtzustand der internationalen psychoanalytischen Bewegung, mit dem ich Sie nicht langweilen will, sehr traurig, viel trauriger noch als vor zwei Jahren, da ich Ihnen zum letzten Male berichtete. Die großen Weltereignisse spielgeln sich hier in wissenschaftlichen und persönlichen Streitigkeiten wieder. Demgegenüber freue ich mich sehr, von der Redaktion der psychoanalytischen Zeitschriften (wahrscheinlich im Auftrage Prof. Freuds) die Aufgabe erhalten zu haben, in einer kritischen Broschüre den gegenwärtigen Stand der analytischen Theorie zusammenfassend und kritisch darzulegen. Es ist eine sehr schwere Aufgabe, an die ich mich mit viel Freude mache."

partir daí, o reconhecimento do estatuto ‘dialético-materialista’ de certas concepções freudianas servirá como uma baliza à concepção geral que o autor tem da psicanálise (tanto a que pensa, quanto a que pratica). Ao mesmo tempo em que Fenichel, na direção oposta de Reich, não deixa que suas ‘restrições’ teóricas à ‘ortodoxia freudiana’ interfiram no seu pertencimento ao movimento psicanalítico oficial.

Neste sentido, o já referido artigo de 1934, *Sobre a psicanálise como gérmen de uma futura psicologia dialético-materialista*, pode ser compreendido como um marco desta baliza. Primeiro, porque este texto é uma das provas mais importantes de que o autor tinha um projeto teórico para a psicanálise; projeto no qual ela figura como uma ‘ciência-natural’ materialista. E, segundo, porque ele talvez seja a única boa prova (e veremos como) dos acordos teóricos de Fenichel com o ‘marxismo’, que, de outra maneira, aparecem subterrâneos nos trabalhos posteriores. Acordos estes que também passam, impreterivelmente, pelas concepções reichianas a respeito da relação entre psicanálise e materialismo-dialético. Por estas duas razões, a análise desse artigo será o eixo condutor, até o final deste capítulo, pelo qual se organizarão minhas questões e de onde outras referências fenichelianas serão mobilizadas. Aproveito, então, para pedir paciência com o ritmo mais demorado assumido pelo presente e pelo próximo item.

Recapitulemos rapidamente: este artigo foi publicado em 1934 no primeiro volume da revista fundada e editada por Reich, a *Revista de Psicologia Política e Economia Sexual.* E, mais importante, este artigo de Fenichel não só era o primeiro resultado original de seus estudos da literatura marxista e dos debates, com Reich e os outros colegas das *Circulares*, sobre o caráter dialético-materialista de certos princípios psicanalíticos, como também foi um texto escrito diretamente aos marxistas em defesa da possibilidade desta aproximação e, de certa forma, como uma propaganda da psicanálise aos marxistas. Além disso, esse artigo de Fenichel (1934a) retira seu horizonte conceitual próximo do ensaio já citado de Reich (1929/1977), publicado pela primeira vez no periódico soviético *Sob a Bandeira do Marxismo*[107], que também fora endereçado aos marxistas.

Como aventado no início do item anterior, este artigo fora provavelmente, em primeiro lugar, aquela apresentação sobre psicanálise e marxismo dada em uma reunião da Associação de Médicos Socialistas (VSÄ) na Noruega, em março de 1934. Ou seja, dada a ouvintes que talvez não conhecessem tanto de psicanálise. É o próprio autor que explicita seu leitor privilegiado quando diz o seguinte ao final do trabalho em questão:

[107] *под знаменем марксизма.* Vale mencionar ainda que, em 1934, surgia a segunda edição revisada do ensaio, publicada pelo selo *Verlag für Sexualpolitik,* Copenhague. Aliás, o leitor reparará nas Referências desta tese que faço uso de uma tradução desta segunda edição revisada. Contudo, marco o ano da publicação original da primeira edição nas citações ‘Reich, 1929/1977’ ao longo do texto, porque ele faz referência ao momento que o próprio Fenichel começa a estudar e se envolver com o marxismo, que se dá a partir de sua leitura da primeira edição do ensaio de Reich.

> Não há nada melhor para o marxista do que estudar tão detalhadamente quanto possível a ciência natural de seu tempo. E a psicanálise contém o gérmen de uma ciência natural, que é de especial importância para ele, a ciência natural da alma humana. Se consegui tornar esta afirmação plausível e ter estimulado alguém a se dedicar a esta ciência, então a tarefa deste trabalho terá sido cumprida (Fenichel, 1934a, p. 61)[108].

Do ponto de vista conceitual, pela defesa que faz do caráter dialético-materialista da psicanálise, o texto deve ser compreendido, de um modo geral, como uma crítica epistemológica das concepções 'idealistas' da psicanálise, mais aparentadas à pura abstração metafísica. Ou melhor, ele se propõe a destituir certa legitimidade do conhecimento que é propiciado por certos princípios teóricos e métodos de investigação 'idealistas'.

Neste sentido, outro dado geral de especial interesse aqui é que o trabalho mantém a distinção de fundo kantiana feita em *Psicanálise e metafísica* (Fenichel, 1923/1953c). Ou seja, a psicanálise, pelas características empiristas de seu método de pesquisa e pelo tipo de conhecimento que propicia sobre a 'alma' humana, não pode ser classificada como filosofia, como metafísica, pois não entende seu objeto – a dinâmica mental inconsciente – tão somente a partir de uma abstração categorial, como se o inconsciente fosse uma entidade em si e dada de antemão. Para o autor, em vez de filosofia, a psicanálise deve habitar os domínios de uma 'ciência natural' (*eine Naturwissenschaft*). Logo voltarei a essa problemática. A análise textual exigirá este e alguns outros desvios pela intertextualidade.

Mas, em 1934, Fenichel sequer menciona Kant. Neste momento, esta distinção – entre a) a empiria do método psicanalítico e seus princípios científico-naturais e b) uma doutrina filosófica sobre a alma ou o psiquismo – servirá para sustentar a psicanálise diante da crítica ao idealismo operada no seio do pensamento dialético-materialista da tradição marxista. Por isto, logo de início, na parte introdutória do problema e das generalidades de seu argumento, o autor situa o pensamento psicológico numa região de disputa entre idealismo e materialismo, para só então reafirmar o compromisso da psicanálise com o empirismo de uma ciência natural, e com o caráter materialista desse tipo de configuração e fundamentação do conhecimento. Caráter este que legitimaria, por sua vez, o lugar da teoria psicanalítica sobre a experiência subjetiva humana no âmbito do pensamento marxista. Mas vamos passo a passo, seguindo a letra de Fenichel.

De um lado, por conta de sua associação histórica à filosofia, a psicologia é tomada como objeto de metafísica, uma ciência sobre objetos transcendentais, sobrenaturais, não naturais. Isto porque caberia a ela o papel de investigar o mental ou a alma a partir da

[108] No original: „Der Marxist kann gar nichts Besseres tun, als die Naturwissenschaft seiner Zeit so gründlich wie möglich zu studieren. Und die Psychoanalyse enthält den Keim zu einer Naturwissenschaft, die für ihn von besonderer Wichtigkeit ist, zur Naturwissenschaft von der menschlichen Seele. Wenn ich diese Behauptung glaubhaft gemacht und dazu angeregt habe, sich mit dieser Wissenschaft etwas näher zu beschäftigen, so ist die Aufgabe dieser Arbeit erfüllt".

oposição com o corpo, com o material e, em última instância, com o mundo físico. Em termos práticos, a psicologia assim entendida se debruça sobre problemas como o livre-arbítrio ou a liberdade, ou mesmo a imortalidade da alma – problemas "que provém de domínios que outrora pertenciam ao teólogo" (Fenichel, 1934a, p. 44)[109].

O que está em jogo nesta postura idealista para com os clássicos problemas do pensamento psicológico é uma oposição fundamental e irrevogável entre aquilo que é natural e aquilo que é sobrenatural. Para esta postura, o 'psíquico' é "tomado como algo de algum modo fundamental, 'mais elevado', 'mais além'" (Fenichel, 1934a, p. 43)[110], em contraposição ao 'corporal'.

Acontece que, a esta postura idealista, Fenichel associa, logo de cara, algo que não necessariamente tem a ver com a maneira pela qual o objeto e o método de certa investigação são concebidos. Isto é, o autor extrapola os problemas ontológicos, metodológicos e, assim, as questões de epistemologia sobre o caráter 'científico-natural' do conhecimento psicanalítico, para também ancorar a postura idealista em um problema de ordem sociológica e histórica. Diz ele:

> Não apenas os modos de pensar idealistas caracterizam muitas escolas psicológicas, mas, relacionado a isto, também há uma completa ignorância da realidade social e de sua importância. O pensamento e o sentimento humanos concretos são muitas vezes considerados como se flutuassem 'em si' no ar, independente da situação histórica e social concreta na qual se encontra a pessoa que pensa ou sente (Fenichel, 1934a, p. 44)[111].

Assim, por estas duas razões, uma epistemológica e outra social e histórica, o autor acredita ser inteiramente justificável a "desconfiança" (Fenichel, 1934a, p. 44)[112] daqueles que, contrários ao idealismo, defendem a postura materialista.

Por outro lado, neste terreno de disputa em que se encontra o pensamento psicológico, a postura materialista serviria para libertar a psicologia da oposição 'natural-sobrenatural', imprimindo uma atitude radicalmente diferente diante do psíquico, que passa a ser considerado então como parte integrante da natureza. Mas como? Primeiramente, trata-se de reconhecer a realidade daquilo que é proporcionado pelas percepções internas ou pela consciência. Ou seja, trata-se de conferir o mesmo grau de dignidade ontológica ao 'psíquico' e o mesmo grau de dignidade metodológica à percepção interna no acesso a este pedaço de realidade que é o 'psíquico'.

---

[109] No original: „die Abkunft von Bereichen, die früher einmal dem Theologen gehörten".
[110] No original: „es für etwas irgendwie Grundlegenderes, ‚Höheres', ‚Jenseitigeres' hält".
[111] No original: „Aber nicht nur idealistische Denkweisen charakterisieren viele psychologische Schulen, sondern auch das damit in Zusammenhang stehende völlige Übersehen der gesellschaftlichen Realität und ihrer Bedeutung. Das konkrete Denken und Fühlen der Menschen wird vielfach betrachtet, als schwebte es "an sich" in der Luft, unabhängig von der konkreten historischen und gesellschaftlichen Situation, in der sich der denkende oder fühlende Mensch befindet".
[112] No original: „Misstrauen".

No limite, isto significa dizer que os fenômenos mentais ou os “acontecimentos de origem psíquica são um produto da natureza, cuja própria regularidade merece ser estudada de acordo com critérios científico-naturais tal como se dá”, por exemplo, “com as leis específicas da bile” (Fenichel, 1934a, p. 44)[113]. Embora saiba que os fenômenos psíquicos não sejam bem a ‘secreção do cérebro’ no mesmo sentido que a bile o é do fígado, Fenichel sugere que a psicologia, por estudar o psiquismo, não deveria ser tomada como um conhecimento menos ‘científico-natural’, assim como a “química fisiológica da bile” não possui menor validade científica em relação à “anatomia do fígado” apenas por conta da bile ser “produto da secreção do fígado” (Fenichel, 1934a, p. 44) [114].

Segue daí que a crítica de Fenichel às concepções idealistas na psicologia não atinge apenas a atitude idealista. Ela atacará também a atitude pseudo-materialista que nega completamente a realidade do dado psíquico. À primeira vista materialista, esta atitude não reconheceria os modos específicos de apresentação e apreensão da realidade psíquica. Assim, o pseudo-materialismo negaria também o valor epistemológico do ‘psíquico’, porque é igualmente um produto do próprio pensamento idealista. Ou seja, a atitude pseudo-materialista se sustenta sobre a mesma oposição ‘natural-sobrenatural’ presente nas concepções idealistas. A crítica específica de Fenichel a este falso materialismo será melhor compreendida mais abaixo, quando entendermos a ontologia natural específica do dado psíquico e, com isto, o papel da dialética na concepção de ‘materialismo’ defendida no artigo em exame.

Feita esta espécie de ‘limpeza crítica’ em torno do significado que empregará quando utiliza o adjetivo ‘materialista’, Fenichel então define:

> materialista é aquele que reconhece a realidade como tal ali onde ele a encontra – e ele a encontra tanto nos dados da percepção interna quanto naqueles da externa –, e procura compreender sua regularidade e desenvolvimento a partir de suas condições imanentes, sem ‘um além’ (Fenichel, 1934a, p. 45)[115].

Portanto, a postura ‘materialista’ se refere à postura científica que deve sustentar a psicologia comprometida com: 1) os princípios epistemológicos científico-naturais; 2) e as condições ‘imanentes’, que são as condições sociais e históricas dos fenômenos psicológicos investigados de acordo com aqueles mesmos princípios.

Visto a partir das tais condições imanentes à fundamentação do conhecimento, o materialismo é, então, uma atitude filosófica que surge destas mesmas condições sociais e

---

[113] No original: „ist dieses so entstandene psychische Geschehen ein Naturprodukt, dessen eigene Gesetzlichkeit nach naturwissenschaftlichen Kriterien ebenso studiert zu werden verdient wie die Eigengesetzlichkeit der Galle“.

[114] No original e na íntegra: „Folgt aus der Erkenntnis, dass die Galle ein Sekretionsprodukt der Leber ist, dass nur mehr Leberanatomie Wissenschaft ist, nicht aber physiologische Chemie der Galle?“

[115] No original: „*Materialist ist derjenige, der die Wirklichkeit dort, wo er sie findet -- und er findet sie in den Daten der inneren Wahrnehmung ebenso wie in denen der äusseren --, als solche anerkennt und ihre Gesetzmässkeit und Entwicklung ohne "Jenseits" aus den ihnen immanenten Bedingungen zu verstehen sucht*“.

históricas. Por exemplo, a origem da atividade científica não pode ser pensada em termos de ‘ideias’ e ‘métodos’ desenvolvidos por ‘mentes geniais’, mas, sim, como resultado das ‘necessidades materiais’ dispostas em determinado estágio da história, que aqui é compreendida como resultado “do desenvolvimento das forças de produção humanas” (Fenichel, 1934a, p. 45)[116].

Ou seja, a própria prática da ciência-natural, enquanto um tipo de conhecimento que se dedica à descrição e à explicação da realidade ‘natural’, depende de um entendimento no qual não está presente tão somente a leitura empirista na qual o “‘real’ é o que é dado no nosso mundo experiencial”. Por sinal, leitura esta que afastaria em tese o perigo de postulados idealistas, fundamentados em um “mundo metafísico”, que porventura viessem a assombrar a ontologia ‘natural’ deste ‘dado real’. Neste crivo de compreensão materialista, é forçoso reconhecer ainda que “‘explicar’ um fenômeno significa fazer previsões sobre seu andamento, ou poder utilizá-lo tecnicamente” (Fenichel, 1934a, p. 45)[117]. E, para tal, é preciso identificar a finalidade e a função de certo conhecimento dentro das condições sociais e históricas que o engendram.

Conclui-se o seguinte: o cientista-natural, orientado segundo esta concepção de materialismo, não se restringe aos princípios epistemológicos envolvidos na investigação de seu objeto de pesquisa particular. Sua teoria deve reconhecer que aquilo que nela é enunciado tem efeitos práticos, querendo ou não, para além de efeitos conceituais. E é por esta razão que Fenichel lança mão de um argumento de cunho ‘sociológico’ sobre o produto da investigação científica ocorrida dentro dos parâmetros científico-naturais. Cito-o integralmente:

> Em física ou astronomia, não há nenhuma ‘moral’, mas apenas ‘verdadeiro’ ou ‘falso’. Mas sabemos quão limitada é a possibilidade da ‘verdade científica’; a ‘verdade pura’ é uma ficção da ciência burguesa. Evidentemente, os conhecimentos no domínio da física dependem da medida em que os institutos de física estão financiados, de quem os financia e do objetivo pelo qual estão financiados. Porém, esta ficção pertence à essência da ciência burguesa e não ocorreria a ninguém querer refutar uma publicação de física dizendo que seus resultados são feios ou imorais. – Mas a opinião pública se comporta de maneira bem diferente perante a realidade anímica. Aqui, não deve haver nenhuma causalidade, nenhuma quantidade, nenhuma regularidade. Noções como o sopro de Deus, insuflado nos humanos, ainda assombram por toda parte de maneira levemente alterada, como na forma do conceito ‘espírito’; sendo um sacrilégio investigar estas noções com os mesmos meios mundanos usados para investigar o corpo. Pode-se também dizer isto da seguinte maneira: absolutizou-se tendenciosamente algumas diferenças entre os dados do ‘mundo físico’ e os do ‘mundo psíquico’, enquanto que suas coincidências (ambos são natureza e devem ser investigados com os mesmos métodos científico-naturais) foram ignoradas. Uma crítica marxista que apresente o porquê disto não seria muito difícil, mas nos levaria para longe neste momento (Fenichel, 1934a, pp. 45-46)[118].

[116] No original: „der Entwicklung der menschlichen Produktionskräfte“.
[117] No original e na íntegra: „"Wirklich" ist, was in unserer Erfahrungswelt gegeben ist, wobei wir uns nicht einen Deut dafür interessieren, ob es eine metaphysische Welt jenseits unserer Erfahrung geben könnte. Und ein Phänomen "erklären", heisst, Voraussagen über seinen Verlauf machen, bzw. es technisch benutzen können.“
[118] No original: „In Physik oder Astronomie gibt es keine ‚Moral‘, sondern nur ein ‘richtig‘ oder ‘falsch‘. Zwar wissen wir, wie begrenzt auch die Möglichkeit des ‘naturwissenschaftlich Wahren‘ ist; die ‘reine Wahrheit‘ ist eine

No entanto, além do nome, nenhuma citação direta a Marx é feita, nem referências específicas são dadas. Mesmo assim, os esclarecimentos, prestados nestas linhas acima, logo após a definição de 'materialista', indicam que a aliança defendida pelo autor entre esta postura filosófica e a atividade científica nada mais é do que fruto da leitura do marxismo feita por Fenichel.

Mas tenhamos paciência diante desta associação entre materialismo e ciência natural e voltemos às raízes mais epistemológicas dela. Suspendo agora a investigação desta trilha 'sociológica' e de fundo marxista percorrida pelo autor. Continuo, porém, sobre o texto de Fenichel, pois o próximo passo de seu argumento será disponibilizar os critérios ontológicos e epistemológicos que identificam a realidade psíquica como um dado 'natural' e a psicanálise como 'ciência natural'.

Entretanto, como precaução, relembro o leitor que a apresentação destes critérios ontológicos e epistemológicos se sustenta em uma espécie de solução ou transformação do problema filosófico que envolve a noção de experiência ou aquilo que pode ser conhecido. Aliás, problema já tangenciado no terceiro item do capítulo anterior quando tratei da referência à crítica de fundo kantiana dirigida ao dogmatismo filosófico envolvido nas concepções metafísicas; mais precisamente, a crítica dirigida ao entendimento que se tinha, no século XVIII, da 'filosofia primeira', de suas categorias racionais e transcendentais, e de seu método especulativo.

É isto que está em jogo quando Fenichel diz que "a realidade dos dados de nossa consciência não é menor do que os da natureza exterior; ela só é diferente em algumas de suas características (por exemplo, ela não é estendida no espaço)" (Fenichel, 1934a, p. 44)[119]. Desta maneira, como já foi indicado, o fenômeno psíquico é tratado 'científico-naturalmente' na medida em que sua realidade se funda sobre tudo aquilo que faz parte do "mundo da experiência" (Fenichel, 1934a, p. 45)[120]. Ou melhor, a capacidade que se tem de enunciar algo sobre a realidade deriva da capacidade de se experimentar (em sentido amplo) esta mesma realidade.

Fiktion der bürgerlichen Wissenschaft. Selbstverständlich sind die Kenntnisse im Bereich der Physik auch davon abhängig, in welcher Höhe, von wem und zu welchem Zwecke die physikalischen Institute subventioniert werden. Dennoch gehört diese Fiktion eben zum Wesen der bürgerlichen Wissenschaft, und keinem Menschen würde es je einfallen, eine physikalische Publikation damit widerlegen zu wollen, dass man sagte, ihre Resultate wären unschön oder unsittlich. – Ganz anders benimmt sich die Öffentlichkeit gegenüber der seelischen Wirklichkeit. Hier soll es keine Kausalität, keine Quantität, keine Gesetzmässigkeiten geben. Vorstellungen vom Odem Gottes, der den Menschen eingehaucht wurde, und den mit denselben irdischen Mitteln zu untersuchen wie den Körper Frevel wäre, spuken in leicht veränderter Gestalt – etwa in Form des Begriffes "Geist" – noch überall herum. Man kann das auch so sagen: Man hat einige Differenzen der Gegebenheiten "physische Welt" und "psychische Welt" tendenziös verabsolutiert, ihre Übereinstimmungen aber – beide sind Natur und müssen mit denselben naturwissenschaftlichen Arbeitsweisen untersucht werden – außer Acht gelassen. Eine marxistische Kritik, die darlegte, warum dem so ist, wäre nicht allzu schwer, würde uns aber an dieser Stelle zu weit abführen."

[119] No original: „Die Wirklichkeit der Daten unseres Bewusstseins ist keine geringere als die der äusseren Natur; sie ist nur in manchen Eigenschaften von ihr unterschieden (sie ist z.B. im Raume nicht ausgedehnt)".

[120] No original: "Erfahrungswelt".

Não me cabe, aqui, retraçar desde o final do século XVIII todo este problema envolvendo a possibilidade da psicologia se tornar uma ciência aos moldes das ciências da natureza, ao exemplo da física newtoniana, ou se restringir a um conhecimento prático que não tem validade 'universal', nem se apresenta 'necessário' por meio de leis e explicações gerais. Mas, grosso modo, este problema se alimenta, entre outras coisas, do projeto filosófico elaborado na *Crítica da razão pura* por Kant (2010)[121], no qual, a fim de realizar o julgamento de si mesma, a faculdade racional é colocada para rever seus princípios à medida que estabelece seus limites e seus modos de funcionamento. Acredito, porém, que valerá a pena explicitar pontualmente certas especificidades deste projeto que estavam na raiz do problema epistemológico enfrentado no século XX por Fenichel. Isto auxiliará nas hipóteses de leitura da próxima passagem de seu artigo programático de 1934.

Diante de uma espécie de campo de batalhas entre o dogmatismo metafísico e a indiferença cética para com os princípios racionais do conhecimento, Kant colocará a seguinte questão: por que a metafísica – este "inventário" (Kant, 1781/2010, p. 10, AXX) da Razão – não se desenvolve como uma ciência segura? Isto porque, sem consenso entre seus colaboradores quando se trata de seus resultados ou quando se trata de seu método, a metafísica se torna "mero tacteio" (Kant, 1787/2010, p.15, BVII) se comparada à matemática e a outras ciências da natureza.

A partir daí, a *Crítica* alterará o método até então utilizado pelos metafísicos e promoverá uma verdadeira revolução no modo de pensar em filosofia, ao exemplo da física moderna, para delimitar as funções ou domínios dos princípios racionais a partir da própria Razão, um todo que olha para si e para seus modos de pensar as coisas; para então – e só então –, instaurada a mirada crítica da filosofia transcendental, resguardar a possibilidade da liberdade ser pensada racionalmente, podendo se realizar de tal maneira que a ação racional não se encontre em contradição com um esquema de causalidade determinista e explicado pelas leis da natureza (Lebrun, 1993).

Para realizar isto, Kant (2010) defende, e demonstra apoditicamente no corpo de sua obra, como a própria possibilidade do conhecimento universal e necessário sobre determinado objeto – segundo o paradigma das matemáticas e das ciências naturais, sobretudo da física – está condicionada à relação entre a 'representação sensível' deste objeto – que contém o modo como o sujeito se relaciona com o objeto dos sentidos, organizado no espaço e no tempo – e a 'representação intelectual' – o conceito, aquilo com que se opera a determinação *a priori* deste objeto fornecido pela experiência.

[121] As citações deste texto contêm não apenas a paginação desta edição, como também a fórmula de referências consagradas nos estudos kantianos, qual seja: A para a primeira e B para a segunda edição, respectivamente de 1781 e 1787, mais o número da paginação original.

No caso da metafísica ou dos conhecimentos morais e práticos, seus conceitos não podem se reportar aos objetos tais como se apresentam para o sujeito do conhecimento por meio da experiência, como acontece nas ciências naturais. Já que a ocorrência conjunta do sensível e do intelectual, que delimita o campo da experiência possível, não está em vigor na metafísica e nas ciências morais e práticas, os objetos destas 'ciências' não são determinados pelas leis [necessárias] da natureza. Sem tais limites – isto é, se os objetos metafísicos são compreendidos indistintamente como coisas em si, bem como dados do campo da experiência –, a própria possibilidade do conhecimento científico, ou seja, de remeter tais objetos a explicações universais e necessárias, não sobreviveria à contradição.

A liberdade, por exemplo. Como explicar a ação determinada (condicionada) pelas leis da natureza a partir do princípio de causalidade, ao mesmo tempo em que se estabelece um princípio como o da liberdade da vontade (da ação incondicionada)? Então, para evitar a contradição decorrente dessa falta de delimitação do campo fenomenal, do campo da experiência possível, o decano do idealismo alemão, de maneira antidogmática, como que abre espaço para que a razão – ao especular sobre objetos como coisas em geral – possa pensar (e realizar) a liberdade como uma coisa em si e como uma categoria racional, dada de antemão, sem que, para isto, seja entendida como objeto da experiência, como são a gravidade ou as propriedades do triângulo, explicadas por leis gerais (Lebrun, 2001; Torres Filho, 2001).

Como já adiantei no capítulo anterior, talvez Fenichel não tivesse extenso domínio do projeto kantiano da *Crítica.* Muito menos do caminho enfrentado pelos espólios deste projeto através da tradição filosófica do século XIX até serem absorvidos, digeridos e metabolizados pela psicanálise de Freud. No entanto, no já discutido ensaio de 1923, *Psicanálise e metafísica*, mesmo não dando referências explícitas da *Crítica* de Kant (2010), Fenichel não deixa dúvidas sobre a forma como entende e soluciona o problema do 'objeto da experiência possível' (do objeto do conhecimento científico) e, claro, sobre como ele se insere no contexto geral das interrogações kantianas endereçadas a este mesmo problema.

É plausível dizer que Fenichel (1923/1953c) se mantém inspirado por esta crítica epistemológica na consideração que faz do inconsciente – ou melhor, da dinâmica psíquica inconsciente – como objeto de conhecimento. Visto da ótica empírica do método de investigação psicanalítico, o inconsciente não é apenas um princípio categorial *a priori*. O inconsciente também seria inferido a partir do fenômeno clínico. Mas, a partir daí, o autor sugere – lembremos – que o psiquismo inconsciente não é algo estendido no espaço. A dinâmica psíquica inconsciente não é uma substância extensa.

Desta maneira, a realidade psíquica, para Fenichel, tanto em 1923, quanto em 1934, é apreensível apenas temporalmente. Ou melhor, o fenômeno psíquico, como objeto de conhecimento 'científico-natural' da psicanálise, tem sua 'representação sensível' (ou sua

apresentação) dada ao sujeito epistêmico (do conhecimento) e ao sujeito psicológico (da experiência) somente de forma temporal. Portanto, o psíquico se apresenta ao investigador-analista tanto na temporalidade do funcionamento inconsciente presente em uma psicopatologia, quanto na psicologia normal. E isto, por si só, garantiria que os conceitos e leis gerais, como os que explicam universal e necessariamente os processos inconscientes, não ocorram sozinhos como categorias racionais sem nenhuma base empírica.

Além disto, a solução ou transformação deste problema epistemológico, iniciada 11 anos antes por Fenichel (1923/1953c), ao desagregar as formas de apreensão do sensível (espaço e tempo) fornecidas anteriormente por Kant (2010), gera uma ideia mais fundamental ainda. A saber: a experiência psicológica faz parte da natureza como "um domínio particular" (Fenichel, 1934a, p. 45)[122]. E, por sua vez, esta zona especial da natureza – apreendida pela experiência 'temporal' disposta, metodicamente, para a formulação de conceitos e leis gerais, por um lado, e passível de controle técnico, por outro – assegura o estatuto de realidade conferido à experiência psíquica. Contudo, em 1923, uma parte deste argumento de fato não está presente. Fenichel (1923/1953c) não opera com a noção de 'materialismo' como em 1934. Na realidade, não chega nem a usar a palavra.

Ou seja, 11 anos antes, não estavam em jogo, como estarão em 1934, no estatuto ontológico 'particular' do psiquismo – nem mesmo para a validade epistemológica do método de investigação psicanalítica –, as considerações sociais e históricas sobre a função das ciências naturais, ou melhor, sobre seu papel no controle técnico e no esboço de previsões. Lembremos que, no texto do qual me ocupo (Fenichel, 1934a), é possível encontrar estas considerações na ideia de que, embora a 'verdade científica' seja, sem dúvida, um valor moral, a concepção 'empírico-naturalista' do conhecimento científico se reporta a uma explicação 'universal e necessária' dos fenômenos naturais.

É verdade que, lá atrás, já havia, sim, uma noção empírico-naturalista a organizar os critérios do autor. Para Fenichel (1923/1953c, p. 14), a psicanálise "expôs o suposto transcendental como sendo o mero imanente". E mais, ela "nos ensina que mesmo estes fenômenos da intuição são ... fenômenos. Eles tem uma *causa* como tudo mais e não ficam fora do alcance de leis categoriais"[123]. Mas 'imanente' aí não se refere às considerações mais sociológicas sobre o conhecimento, que assegurarão finalmente, anos depois, 1) a dignidade ontológica naturalista da 'realidade' dos processos psíquicos inconscientes e 2) a legitimidade epistemológica das teorias e do método psicanalítico.

[122] No original: „eines eigenen Bereiches".
[123] No original: "has exposed the allegedly transcendental as being merely the immanent. It teaches us that even these phenomena of intuition are – phenomena; they have a *cause* like everything else, and they do not fall outside the categorical laws."

Porém, ainda não estão claros quais são os critérios epistemológicos e metodológicos, propriamente ditos, estabelecidos por Fenichel (1934a). Ponho então mais um ponto final ao desvio promovido pelas paragens da intertextualidade da questão filosófica sobre os problemas relacionados ao objeto do conhecimento. E volto ao texto. Isto ajudará a esclarecer, como já havia defendido no primeiro capítulo, como a recepção destes problemas 'importados' difusamente da crítica kantiana (especialmente, da crítica ao método especulativo da filosofia e aos limites assumidos pela faculdade racional nos seus modos de interagir com os objetos) ainda pairam no início da década de 1930 nas concepções fenichelianas. Mas, sem dúvida, de maneira temperada pelo materialismo-dialético a partir de então. Também pontuo questões que só tratarei mais especificamente no quarto capítulo: questões que se relacionam a estes problemas trazidos da crítica epistemológica de Kant, mas que, antes de chegar em Fenichel, passaram pela 'alfândega' freudiana.

Após sustentar a particularidade ontológica 'natural' do psiquismo a fim de garantir que a investigação psicanalítica se dê de acordo com os princípios científico-naturais, o autor listará então os tais critérios epistemológicos e metodológicos a serem observados pela 'psicologia dialético-materialista':

> 1.) Ela deve se enquadrar na biologia. – Os acontecimentos psíquicos se manifestam apenas no organismo vivo; é um caso especial de fenômeno vital. As leis gerais que se aplicam ao fenômeno vital também devem valer para o psíquico. A isto se soma as condutas específicas do psíquico.
> 2.) Como toda ciência natural, ela investiga leis. Portanto, ela não se satisfaz com a mera descrição de processos singulares. Seu objeto não é certa pessoa X, mas a regularidade na vida anímica humana. Sob quais circunstâncias se manifestam as vivências a, b, c? Quais forças influenciam as vivências e o conteúdo delas? De que modo elas os influenciam e qual o aspecto dos resultados?
> 3.) Uma psicologia materialista é absolutamente isenta de valores. Nela, não há bem e mal, moral e imoral, ou um dever em geral. Porém, para ela, bem e mal, moral e imoral, e o dever são modos de pensar dos seres humanos. E, como tais, eles devem ser pesquisados em sua origem a partir das condições materiais. Ela não admite de volta ao seu domínio, sob nenhum disfarce, qualquer "além" (Fenichel, 1934a, pp. 46-47)[124].

Vejamos um a um. No primeiro critério, Fenichel faz uso de um artifício de sistematização e hierarquização do conhecimento que vai incluir os fenômenos orgânicos como objeto passível de conhecimento necessário e universal, traduzível em leis gerais.

[124] No original: "1.) Sie muss sich der Biologie einordnen. – Psychisches Geschehen tritt nur am lebenden Organismus auf; es ist ein Spezialfall des lebendigen Geschehens. Die allgemeinen Gesetze, die- für das lebendige Geschehen gelten, müssen auch für das Psychische Geltung haben. Dazu kommen spezielle Verhaltungsweisen des Psychischen. – 2.) Sie untersucht wie jede Naturwissenschaft Gesetzmässigkeiten, begnügt sich also nicht mit der blossen Beschreibung einmaliger Abläufe. Ihr Gegenstand ist nicht die Person X da, sondern das Regelmässige im menschlichen Seelenleben: Unter welchen Umständen treten die Erlebnisse a, b, c auf ? Welche Kräfte haben auf Erlebnisweise und Erlebnisinhalt Einfluss? In welcher Weise nehmen sie Einfluss und wie sehen die Resultate aus? – 3.) Eine materialistische Psychologie ist absolut wertfrei. In ihr gibt es nicht gut und böse, sittlich und unsittlich oder ein Sollendes überhaupt, sondern ihr sind gut und böse, sittlich und unsittlich und Soll Denkweisen der Menschen, die als solche in ihrer Entstehung aus materiellen Voraussetzungen zu erforschen sind. Sie lässt in keiner Verhüllung irgendein 'Jenseits' wieder in ihren Bereich ein."

Uma psicologia que se queira ‘materialista’ e se diga ‘científico-natural’ precisa ser também parte da ‘biologia’. Ou seja, ela deve estar incluída em uma ordem epistêmica dirigida aos fenômenos vitais, que são também, neste sentido, uma classe particular da natureza. Sem dúvida, isto reverbera em outro problema delicado e de especial importância para os estudos de epistemologia freudiana.

Ora, o paradigma de ciência natural observado por Freud (1950[1895]/1992h, 1900[1899]/1991d, 1900[1899]/1991e, 1915/1992m) – nas fundações teóricas da psicanálise no *Projeto de psicologia*, passando pelas alterações em *A interpretação dos sonhos*, e na espécie de ‘consolidação’ destes alicerces em *Pulsões e destino da pulsão*, por exemplo – não é tão somente herdado de um mecanicismo-fisicalista, como o é para Kant. Há evidentemente um componente funcionalista-organicista da biologia do século XIX na psicanálise freudiana (Figueiredo, 1991).

Obviamente, Fenichel não teve acesso a essa problemática. Morreu em 1946, quando o velho manuscrito do *Projeto...* de Freud (1950[1895]/1992h) nem havia sido publicado ainda. Mas, pela forma como recebeu e repassou a discussão ontológica e epistemológica – respectivamente, sobre a particularidade do psiquismo e sobre o objeto do conhecimento psicanalítico –, Fenichel (1934a) deixa escapar, no primeiro critério ‘científico-natural’ que estabelece para uma psicologia materialista, uma importante diferença em relação ao mecanicismo-fisicalista. O psíquico não é qualitativamente diferente apenas porque não ocorre no espaço. Ele também é diferente porque, entre as causas dos fenômenos psíquicos, se encontram causas finais. E, mais importante ainda, porque ele só ocorre em organismos vivos.

Já no segundo critério, a exigência de explicações universais e necessárias, mais do que definida, é como que protocolada em um questionário que se assemelha, em muito, a uma listagem de comportamentos, para dizer o mínimo. A forma como as perguntas são colocadas (‘sob quais circunstâncias...’, ‘quais...’, ‘de que modo...’) e o rechaço à “mera descrição de processos singulares” (Fenichel, 1934a, p. 47) sugerem mais do que uma simples lista. O espírito regular e previsível das leis gerais e necessárias, como forma legítima de explicação de fenômenos naturais mecânicos, promove aqui, no caso de uma ‘ciência natural orgânica’, uma verdadeira indexação dos fenômenos psíquicos.

Não nos enganemos, esta indexação pode até parecer inspirada em uma psicologia comportamentalista, mas ela não é. Fenichel (1934a, p. 47) não escolhe à toa a palavra “vivências” (*Erlebenisse*). No parágrafo imediatamente anterior aos critérios em discussão, ele deixa escapar a razão conceitual desta escolha. Ela decorre do reconhecimento à ‘particularidade’ do fenômeno psíquico no âmbito da natureza. Segundo o autor, as teorias psicológicas que melhor se aproximaram dos critérios científico-naturais fracassaram na tentativa de tratar de “toda a complexa natureza da variedade das vivências reais, que até

então não era acessível à investigação científica, mas apenas descrita intuitivamente por poetas" (Fenichel, 1934a, p. 46)[125].

Aqui, o psicanalista não poupa os estudos experimentais de funções 'psicológicas' isoladas, nem a psicofísica. Classifica esta como pseudo-materialista. E justifica que aqueles "apenas abarcam uma ou outra função psíquica isolada do contexto ou detalhes quaisquer da vivência. O que é chamado no cotidiano de 'vivência', toda a complexidade da vida anímica humana e suas motivações, lhes permanece inacessível" (Fenichel, 1934a, p. 46)[126,127]. Vale perguntar: se, mesmo em decorrência das particularidades dos fenômenos psíquicos, não há como prescindir das explicações em forma de leis gerais, como resolver, então, a contradição em termos que surgiria entre: 1) o rechaço à 'singularidade' destas 'vivências' em prol da exigência epistêmica de leis gerais e 2) a própria dignidade ontológica do psiquismo tão defendida por Fenichel ao tratá-lo como algo 'natural' e 'imanente', e também como algo que se manifesta nos sujeitos individuais de uma experiência psíquica 'complexa', 'completa', 'contínua' e, claro, 'singular'?

Por fim, o terceiro e último critério nos leva de volta à trilha mais 'sociológica' do argumento de Fenichel, deixada de lado quando começamos a tratar dos problemas relacionados às condições de possibilidade do conhecimento. Novamente, o autor coloca uma exigência ao materialismo que foge ao estrito domínio das questões epistemológicas. Assim, a atitude materialista de negação do caráter sobrenatural ou transcendental do psiquismo se sustenta sobre a contradição real insuperável entre: 1) o ideal burguês de 'isenção moral' da 'verdade científica', necessário para a manutenção dos princípios de uma 'ciência natural'; e 2) o imprescindível reconhecimento das condições materiais que determinam este ideal e desvelam o caráter idealista das categorias transcendentais, inclusive aquelas contidas nas científicas, como a de 'causalidade'.

Por sua vez, só assim, cumprindo com essa paradoxal exigência, seria possível eliminar, as concepções idealistas sobre a ontologia do fenômeno psíquico; concepções estas que disputam, com o 'materialista', o terreno do pensamento psicológico e das práticas científicas e/ou terapêuticas associadas a ele. Diante dessa exigência, é imperioso

---

[125] No original: „die ganze komplexe Natur der wirklichen Erlebnisfülle, wie sie bisher wissenschaftlicher Erfässung nicht zugänglich war, sondern nur von Dichtern intuitiv geschildert wurde".

[126] No original: „sie umfasst immer nur die eine oder andere aus dem Zusammenhang isolierte psychische Funktion oder irgendwelche Details des Erlebens. Das, was man im Alltag ‚Erleben' heisst, die ganze Kompliziertheit des menschlichen Seelenlebens und seiner Motivation, bleibt ihr unzugänglich".

[127] Aqui se faz necessária uma nota de tradução. Traduzo '*Erleben' e 'Erlebnis'*, do verbo '*erleben*' (experimentar, vivenciar), por 'vivência' para facilitar a memorização da definição que Fenichel tem de 'experiência'. De maneira geral, esses substantivos em alemão podem ser traduzidos primeiramente por 'experiência' e são sinônimos de '*Erfahrung*'. Segundo a definição do Duden – Online, '*Erleben, das*' é "a. o modo pelo qual algo é experimentado; b. algo que alguém experimenta" (https://www.duden.de/rechtschreibung/Erleben). E '*erleben*' é "1. a. ser afetado ou impressionado por algo... 2. a. experimentar como uma reação ao mundo externo..." (https://www.duden.de/rechtschreibung/erleben). Além disso, '*das Erleben*' e '*erleben*' carregam consigo o radical '*leben*' (viver), assim como 'vivência' carrega o radical de 'viver'. Escolho, portanto, esta tradução sem prejuízo conceitual para facilitar esta definição que envolve a continuidade da experiência psíquica.

afirmar mais uma vez, portanto, que Fenichel (1934a) faz uso de critérios sociais e históricos para defender seu programa teórico-científico para a psicanálise, como que modulando sua concepção geral sobre o caráter científico-natural da psicanálise a partir de 1934.

No entanto, este ponto só ficará claro quando avalio a presença desta nova tônica no argumento presente em *Probelmas da técnica...* e em *A teoria psicanalítica...*. Como disse, neste capítulo, apenas pontuo as questões decorrentes dos critérios fenichelianos estipulados para a psicologia científico-natural apta a ser designada como 'dialético-materialista'. Suas consequências menos superficiais serão avaliadas em outro momento.

Pois bem, 'admitir as condições biológicas como as condições materiais' é, neste sentido, o ponto de virada tomado pelo projeto do autor. Evidentemente, a especificidade orgânica do psiquismo e o pensamento biológico funcionalista do século XIX – com suas concepções de função, estrutura e organismo que alteram radicalmente o mecanicismo-fisicalista do século XVIII – já permitiria que a teoria psicanalítica do funcionamento do aparelho mental (as instâncias, a repressão etc.) fosse considerada materialista, pois mesmo as questões éticas e morais (como o livre-arbítrio) são destituídas de seu valor transcendental – o que, para Kant (2010), lembremos, era preciso resguardar. Contudo, ao modelo de 'ciência da natureza' absorvido da biologia pela psicologia psicanalítica, se soma outra coisa.

Se o primeiro ponto de ancoragem da concepção de ciência da natureza operando neste artigo está relacionado com a teoria do conhecimento – a psicanálise é uma teoria científica quando se preocupa em designar leis gerais e descritivas das experiências psíquicas individuais e particulares de um organismo vivo, o ser humano; característica essa que permite à psicanálise designar minimamente seu objeto de pesquisa (os processos psíquicos inconscientes), e o sujeito desse conhecimento metapsicológico (se é possível dizer que exista algo como isso), que se confunde com o sujeito da experiência psíquica (seja ele o adoecido, seja ele o terapeuta-investigador). Se isto é verdade, só o é porque, mais fundamentalmente ainda para Fenichel (1934a), esta concepção materialista de uma 'ciência natural' compreende a ciência dentro de um quadro social e histórico das funções da atividade científica. Quadro no qual a atividade científica cria subsídios e técnicas para responder às necessidades humanas.

Em 1940, no artigo *O estudo dos mecanismos de defesa e sua importância para a técnica psicanalítica*[128], o autor retoma vários pontos dos textos comentados até aqui que tratam desta espécie de função da ciência, e os condensa da seguinte maneira:

[128] *The Study of Defense Mechanisms and Its Importance for Psychoanalytic Technique*.

> Toda ciência começa com problemas práticos, os quais ela tenta, primeiramente, resolver pelo método de "tentativa e erro", emprestando suas primeiras suposições gerais de outro lugar. Então, procede comparando seus resultados mais sistematicamente e, dessa forma, chega a princípios gerais que são corrigidos de acordo com novos dados. A construção de hipóteses cada vez mais precisas prossegue e, finalmente, vem a formulação da teoria, que, por sua vez, apresenta novos problemas. A solução destes leva à modificação da teoria. *O caminho vai da prática para a teoria e da teoria para uma prática melhor* (Fenichel, 1940/1954c, p. 184, itálicos meus)[129].

É possível pinçar na leitura deste trecho tanto a preocupação prática e funcional da ciência – relacionada ao seu fundamento empírico e pragmático, ao valor dos dados e à esfera da ação –, quanto a preocupação teórica e descritiva – associada ao caráter transcendental dos princípios e das leis gerais que a atividade científica desenvolve dando o nome de conhecimento.

Seguindo, o autor continua: "Esta interdependência da teoria e da prática é muito mais evidente na psicanálise do que em outras ciências, na medida em que o método de pesquisa da psicanálise e suas aplicações terapêuticas coincidem largamente" (Fenichel, 1940/1954c, p. 184)[130]. Coincidência que reforça muito a visão pragmática que ele possuía da ciência. Isso porque a teoria deve servir para promover 'uma prática melhor'.

Como busquei expor no primeiro capítulo, Fenichel não deixará de creditar ao método freudiano (ora de investigação, ora terapêutico) uma função pedagógica a serviço de um projeto racional e de autonomia da instância psíquica do 'eu' frente às paixões. A fim de investigar esta concepção do autor sobre a finalidade da prática psicanalítica, mas também para entender como Fenichel entende a função pragmática e técnica da teoria psicanalítica, volto a este problema no terceiro capítulo.

Aqui, já é hora de concluir este item e passar para o próximo. Para isto, no ritmo imposto pelo mergulho na textualidade, trago as consequências dos compromissos teóricos firmados no artigo de 1934 entre a psicanálise e o materialismo na conclusão do próprio autor:

---

[129] No original: "Every science begins with practical problems which it first tries to solve by the method of 'trial and error', borrowing its first general assumptions elsewhere. Then it proceeds to compare its results more systematically and thus arrives at general principles which are corrected in accordance with new data. The erection of ever more precise hypotheses follows, and finally there comes the formulation of theory, which in turn presents new problems, the solution of which leads to modification of the theory. The road leads from practice to theory, and from theory to better practice."

[130] No original: "This interdependence of theory and practice is much more evident in psychoanalysis than in other sciences, inasmuch as the research methods of psychoanalysis and its therapeutic applications largely coincide."

> Se o acontecimento psíquico deve ser entendido, por princípio, em função das condições materiais que lhe servem de fundamento, só pode haver duas ordens de tais condições e a única tarefa da psicologia materialista é esclarecer o respectivo objeto de investigação com base no resultado da interação de ambas. Primeiramente, ela explora o dado biológico do organismo em questão, cuja origem, por sua vez, não é fundada na psicologia, mas na história do desenvolvimento biológico, a assim chamada filogênese; e, em segundo lugar, o ambiente que modifica esta estrutura biológica do organismo (Fenichel, 1934a, p. 47)[131].

Assim, do ponto de vista genético, o fenômeno psíquico pode ser entendido como resultado da percepção (e dos traços mnésicos deixados por esta) que o sujeito da experiência possui do mundo e do próprio organismo, entendido aqui como "substância viva" que é "excitável" (Fenichel, 1934a, p. 47)[132].

Em suma, o materialismo condiciona aí, através de certa concepção do fenômeno psíquico, entendido como parte da natureza, a própria constituição da psicologia enquanto ciência natural. É graças então à consideração das "condições materiais" – da constituição do corpo e da influência do meio sobre ele – que pode ser superada a oposição irrevogável entre corpo e mente presente em certas facetas idealistas do pensamento psicológico. E isto, sem que se negue a realidade do fenômeno psíquico nem suas particularidades ontológicas.

No entanto, isto significa reconhecer ainda que a realidade do psíquico como uma particularidade da natureza depende não só de uma postura materialista, mas também de um procedimento dialético diante da natureza. É o que sugere o encaminhamento que o autor dá ao problema epistemológico no artigo de 1934, quando passa a tratar da forma como a psicanálise concebe esta interação entre os estímulos resultantes da 'constituição biológica' e a excitação vinda de fora. Diz o autor que "só há" psicologia "em uma sociedade concreta específica e em um determinado ponto desta sociedade específica" (Fenichel, 1934a, p. 48)[133].

Desta maneira, os instintos e impulsos são forças que se originam no curso do desenvolvimento biológico e são modificadas pelas influências ambientais. E os fenômenos psíquicos (como o da consciência) devem ser levados em conta como resultados da modificação que as forças instintuais sofrem a partir da influência do meio sobre elas – ou melhor, colocando em termos dinâmicos, sofrem a partir da influência de forças externas.

Acontece que, neste crivo do significado das 'condições materiais', são as circunstâncias sociais que atuam como as forças externas protagonistas sobre as forças

---

[131] No original: „Ist das psychische Geschehen prinzipiell aus materiellen Bedingungen heraus zu verstehen, die ihm zugrunde liegen, so kann es ja nur zweierlei solcher Bedingungen geben, auf deren Zusammenspiel den jeweiligen Untersuchungsgegenstand zurückzuführen einzige Aufgabe der materialistischen Psychologie ist: Erstens die biologische Gegebenheit des betreffenden Organismus, deren Zustandekommen ihrerseits nicht mehr von der Psychologie, sondern von der biologischen Entwicklungsgeschichte, der sogenannten Phylogenie, zu ergründen ist; und zweitens die Umwelt, welche auf diese biologische Struktur einwirkt."

[132] No original: „Alle lebende Substanz ist reizbar".

[133] No original: „Es gibt . . . nur in einer jeweiligen konkreten Gesellschaft und an einer bestimmten Stelle dieser jeweiligen konkreten Gesellschaft."

instintuais de origem filogenética, dando lugar à construção ontogenética de impulsos já ‘socializados’. O exemplo para isto são os efeitos da educação, da ideologia e da repressão à sexualidade sobre o psiquismo dos indivíduos. Deste modo, é “a psicologia dialético-materialista [que] investiga como se dão tais transformações da estrutura” (Fenichel, 1934a, p. 49)[134] instintual, fundada em uma ordem das necessidades biológicas.

É aí, nesta concepção de materialismo, que residiria a força da aproximação entre as teorias freudianas e o método dialético-materialista desenvolvido por Marx e Engels. Pois, se é o procedimento dialético que permite enfim reconhecer as modificações sofridas pelas necessidades humanas (‘materiais’, ‘naturais’ e ‘biológicas’) que resultam na ‘superestrutura’ psíquica, deve ser ele também a chave para se reconhecer a particularidade do psíquico, na qual o caráter científico da psicanálise se apoia. Isto porque se trata de superar os polos natureza e sobre-natureza dentro do materialismo, sem que a oposição seja completamente desfeita, o que seria, ao contrário, diminuir a realidade do psiquismo, reduzindo-o à pura constituição biológica do corpo. Rebaixamento que uma psicologia efetivamente dialético-materialista não pode se dar ao luxo de realizar.

Vejamos a seguir, a partir das diferenças de Fenichel para com Reich e Freud, como este procedimento metodológico, da consideração das forças sociais, históricas e econômicas como ‘influências externas’ do psiquismo, é de igual importância para a manutenção da postura materialista exigida da psicanálise pela concepção fenicheliana do fenômeno psíquico e da teoria psicanalítica a partir de 1934.

2.3. A psicologia dialético-materialista entre Reich e Fenichel

Tome fôlego, leitor. Volto-me agora para o fim do argumento de Fenichel (1934a). Daqui até o fim de seu texto programático, o autor discutirá os elementos ‘materialistas’ da teoria freudiana do aparelho mental e da sexualidade, para então defender, em decorrência destes elementos, a aplicação do método dialético-materialista na psicanálise. Conduzo este item mais rapidamente. Além de ser um pouco mais curto, não entro nos exemplos detalhados do autor, e deixarei o exame mais textual das últimas teses, que são úteis aos objetivos do presente capítulo, para o final do item. Por enquanto, a avaliação das ideias contidas no texto se focará sobre a intertextualidade da proposta de Fenichel com o ensaio reichiano *Materialismo dialéctico e psicanálise*.

Então, se fazem necessárias algumas palavras gerais sobre a proposta, as principais teses e o argumento de Reich (1929/1977). Neste texto, o objetivo principal é investigar os possíveis vínculos entre a psicanálise freudiana e o materialismo-dialético desenvolvido por

[134] No original: „Die dialektisch-materialistische Psychologie untersucht, wie solche Strukturveränderungen vor sich gehen.“

Marx e Engels. E, assim, a partir daí, debater “as relações da psicanálise com a revolução proletária e a luta de classe” (Reich, 1929/1977, p. 15).

Para realizar esta investigação, Reich discutirá: 1) os elementos materialistas da teoria psicanalítica freudiana, tratando, para tal, da teoria das pulsões e da teoria do aparelho mental; 2) a dialética envolvida na dinâmica, na intensidade e na topo-gênese dos fenômenos psíquicos; e 3) o lugar social da psicanálise, seu significado sociológico. A discussão feita por Fenichel (1934a) contempla efetivamente todos estes pontos de discussão. E, genericamente, concorda com o ensaio de Reich quase que integralmente. Assim, à primeira vista, é possível achar que os dois textos não se diferem em nada. Mas, não, eles contêm diferenças importantes para esta tese. Diferenças que servem como evidências do afastamento intelectual entre os autores na época do início das *Circulares*.

Em relação ao primeiro ponto de discussão, por exemplo. Embora Fenichel pareça ter copiado literalmente a estratégia argumentativa de Reich sobre a disputa que uma psicologia ‘dialético-materialista’ trava com as concepções idealistas no pensamento psicológico, há resquícios das diferenças conceituais específicas entre os dois, que já foram comentadas de passagem no item inicial deste capítulo.

É verdade que o artigo de Fenichel (1934a) como que reproduz o conteúdo e a forma geral sobre como as teorias psicanalíticas – especialmente da economia pulsional e da dinâmica entre as forças e os ‘lugares’ psíquicos – se enquadram dentro da aplicação dos princípios presentes na crítica marxista ao idealismo da filosofia alemã da primeira metade do século XIX; e também dentro da aplicação do método dialético-materialista derivado desta crítica (Lefebvre, 1947; Marx & Engels, 1845-46/2007; Marcuse 1932/1968). Veja, porém, como se dá a definição, utilizada por Reich, da postura ‘materialista’ diante dos fenômenos psíquicos:

> Se reconhecermos como materiais os fenômenos do psiquismo humano, seremos igualmente obrigados a reconhecer a possibilidade teórica de uma psicologia materialista, mesmo que não explique esta atividade mental por processos orgânicos. Rejeitar este ponto de vista equivale a recusar discutir como marxista um método puramente psicológico. E então, com toda a lógica, não será preciso falar mais de consciência de classe, de vontade revolucionária, de ideologia religiosa, etc.: bastará apenas esperar que a química acabe por fixar em fórmulas todos os processos fisiológicos correspondentes. Mas, devendo necessariamente permanecer agarrada a um formalismo causal, sem dar acesso ao conteúdo prático das representações e dos sentimentos, uma tal psicologia não conduzirá de maneira nenhuma a uma melhor compreensão do prazer, do sofrimento, ou da consciência de classe. Estas considerações vão ao centro do problema: no quadro do marxismo surge como indispensável uma psicologia que analise os fenômenos psíquicos por meio de um método psicológico e não orgânico (Reich, 1929/1977, pp. 32-33).

E continua:

> Para qualificar de materialista uma psicologia não bastará, evidentemente, que ela se ocupe dos dados materiais da vida mental. Será sobretudo necessário que ela diga claramente se considera a atividade psíquica como um dado metafísico, isto é, situado para além do orgânico, ou como uma segunda função, desenvolvendo-se a partir do orgânico e ligada à sua existência (Reich, 1929/1977, p. 33).

A começar pela presença das citações e referências a Marx[135], que não estão presentes no texto de Fenichel e, aqui, servem de fundamento para esta definição, Reich não se demora em mirar os falsos materialismos, seja em sua versão fisicalista seja a organicista. Neste sentido, nada mais justo do que fazer uso de um método psicológico específico, que trate seu objeto a partir de uma metodologia materialista-dialética frente à natureza própria deste objeto.

Além disso, em nota adicionada em 1934 ao final do trecho supracitado, Reich ainda diz o seguinte:

> Freud sempre admitiu que o psíquico se elabora na base do orgânico, sem por isso deduzir as leis psíquicas das leis orgânicas. A economia sexual que deve captar o processo sexual em todas as suas funções, psíquicas como fisiológicas, biológicas como sociais, deve descobrir a lei sexual fundamental em todas as funções deste processo, se pretender tornar-se uma disciplina científica. . . . No plano dos princípios, eis o que é importante dizer: O psíquico tem sem dúvida a sua origem no orgânico, deve apresentar as mesmas leis que este; mas, ao mesmo tempo, opõe-se ao orgânico como seu contrário e, nesta função, desenvolve leis que lhe são próprias. A tarefa da psicanálise só pode ser a pesquisa destas últimas; no essencial esta tarefa já foi realizada. Podemos acreditar que a economia sexual consiga resolver fundamentalmente o problema das relações entre as funções corporais e psíquicas; o êxito depende de circunstâncias ainda incontroláveis (Reich, 1929/1977, pp. 33-34).

Ou seja, Reich deixa bem explícito, nas definições dadas aos 'princípios materialistas', como a aplicação da dialética-materialista na investigação psicanalítica dos processos psicológicos individuais se organiza para ele como uma 'economia sexual'. Já sabemos, aos menos esquematicamente, o que isso significa. Não me delongarei sobre isto. Mas remeto novamente o leitor ao trabalho de Albertini (2016). No essencial, cabe lembrar que a ênfase dada à primazia genital esteve associada à "aposta reichiana no potencial profilático da educação", e que ela "encontra algum apoio em escritos freudianos mais iniciais" (Albertini, 2016, p. 97).

Isto decorre do fato de que Reich estava, à época do rompimento com a psicanálise, seguindo o caminho das concepções freudianas em *A moral sexual 'cultural' e a neurose moderna* (Freud, 1908/1992i). Pode-se dizer que estas concepções foram deixadas de lado por Freud (1913/1991c) já em *Totem e tabu*, e foram finalmente alteradas, ou melhor, torcidas, na 'resposta' às novas concepções reichianas, em *O mal-estar na cultura* (Freud,

[135] As citações são de passagens das teses sobre Feuerbach, que compõem parte da publicação póstuma de *A ideologia alemã* (Marx & Engels, 1845-46/2007) e contêm, grosso modo, o núcleo da crítica filosófica de Marx e Engels (Lefebvre, 1947; Marcuse 1932/1968).

1930[1929]/1992g). Assim, Reich acreditava que a ação repressora da educação e da sociedade era a verdadeira causa do represamento das moções sexuais no psiquismo, o que geraria, por sua vez, o conflito etiológico da própria neurose. Alcançar a satisfação genital era, para ele, o meio para a liberação dessa energia e, assim, para a diminuição e eliminação do conflito psíquico causador da doença nervosa.

Para Reich (1929/1977), nesse contexto, admitir a hipótese freudiana de que a repressão sustenta, no psiquismo, o mundo cultural e normativo, de tal modo que o edifício civilizatório exija dos indivíduos uma espécie de sacrifício neurótico, seria acionar novamente uma compreensão 'metafísica', na qual as questões de ordem 'social' não são remetidas às de ordem 'biológicas', nem as 'psíquicas' às 'fisiológicas'. No entanto, reconhecer 'de maneira dialética' o psiquismo, fornecendo as leis particulares do funcionamento psíquico, sem reduzir o jogo de oposições e contradições entre estas ordens envolvidas na causalidade dos fenômenos psíquicos individuais, significa "dar acesso ao conteúdo prático [e concreto] das representações e dos sentimentos" (Reich, 1929/1977, p. 32). Creio que é possível localizar, nesta passagem, onde habita o valor 'dialético' do 'método psicológico' freudiano para o autor.

Nesse sentido, já em seu prefácio, Reich (1929/1977, p. 19) reserva à psicanálise "a vida psíquica do homem tornado ser social". Para o autor, uma concepção como uma 'alma das massas', um sujeito social, só "interessa" à psicanálise "na medida em que, pelo seu conhecimento do indivíduo, ela pode explicar as manifestações" deste sujeito. Por exemplo, a relação social e histórica entre a estrutura da personalidade do líder fascista e a estrutura média de caráter dos indivíduos oferece um tipo de "psicologia de massas" (Reich, 1933/2001, p. 34). Desta maneira,

> parece que o fenômeno da consciência de classe lhe é dificilmente acessível [à psicanálise]; e . . . o movimento de massas, a política, a greve, que são do domínio da sociologia, escapam ao método psicanalítico. *Ela* [a psicanálise] *não pode portanto substituir a sociologia, nem sequer extrair de si própria uma doutrina sociológica* (Reich, 1929/1977, pp. 19-20, itálicos meus).

Portanto, nesse trecho, o autor dispensa da psicanálise, enquanto um método psicológico orientado por princípios científico-naturais, a teoria da cultura e as concepções antropológicas envolvidas nas teorias freudianas – bem como a 'visão de mundo' ou o freudismo que daí pode surgir[136] –, para em seguida, ao longo de seu ensaio, defender o

[136] Sobre a classificação de suas teorias como uma visão de mundo, em *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, mais precisamente na conferência 35, mesmo reforçando o estatuto científico da psicanálise e, assim, sua inabilidade para produzir uma visão de mundo totalizante que a tudo responde e explica, Freud (1933[1932]/1991g) acaba por considerar a possibilidade da psicanálise reproduzir uma 'visão de mundo científica'. Diferente de uma cosmovisão religiosa, que, além de instituir seus saberes sobre a origem do mundo como conhecimento legítimo, prometeria soluções aos males da humanidade de uma vez por todas em algum futuro, a visão de mundo científica explicaria o mundo no extremo oposto. Evidentemente, as explicações

que crê que seja seus elementos úteis, no caso, principalmente, o método psicológico freudiano.

Voltemos a Fenichel. Mas agora, em *Sobre algumas diferenças entre mim e Reich nas concepções psicanalíticas* (Fenichel, 1934/1998c), pois é neste manuscrito, lembremos, anexo à circular de julho de 1934, que encontraremos o psicanalista pontuando, uma a uma, as diferenças em relação a seu amigo e interlocutor. Se "fundamentalmente" ele tem "pouco ou nada contra as doutrinas de Reich", tem, "ao contrário, muito contra o modo como estas opiniões fundamentam outras que são mecanicamente opostas e ligadas umas às outras em um sistema" (Fenichel, 1934/1998c, p. 811)[137].

Fenichel é contra o esquema usado por Reich. Continua ele:

> Acima de tudo, minha objeção é à *esquematização* de Reich, diante da explícita extração do contexto no qual os fenômenos devem ser compreendidos, que finalmente chega a ponto de os próprios fenômenos concretos serem negligenciados. Através das assim chamadas 'grandes linhas', as pequenas realidades ficam negligenciadas. Mas esta dita esquematização – e com o tempo isso se tornou cada vez mais claro – acarreta certo modo de pensar *não-dialético*, que não consegue enxergar opiniões científicas contraditórias como surgidas umas das outras ou estando em relação umas com as outras, mas que se esforça, em toda parte, em estabelecer frentes antagônicas marcantes que se colocam mecanicamente em oposição, uma contra a outra (Fenichel, 1934/1998c, p. 811)[138].

---

científicas cosmogônicas colocam em cheque as explicações religiosas. E, mais importante, o modo de entender, explicar e modificar o mundo cientificamente não gera uma promessa de uma solução final, nem um entendimento final sobre o estado e o ser das coisas – entendimento este também 'prometido' por uma cosmovisão filosófica. Contudo, o que me chama mais atenção neste texto freudiano não é a célebre comparação entre os tipos de cosmovisão, citada à exaustão pela literatura, muitas vezes para exaltar a assertiva freudiana de que a psicanálise não é uma doutrina filosófica. O que me chama atenção é justamente quando Freud (1933[1932]/1991g), em meio à comparação final da concepção marxista da história a uma cosmovisão filosófica e do bolchevismo a uma religiosa, tratará da querela envolvendo o papel determinante da divisão social e dos fatores econômicos sobre a vida humana e sobre a natureza. Em determinado momento, afirma o seguinte: "Si alguien estuviera en condiciones de demostrar en detalle el modo en que se comportan, se inhiben y se promueven entre sí estos diversos factores, la disposición pulsional común a todos los hombres, sus variaciones raciales y sus modelamientos culturales bajo las condiciones del régimen social, de la actividad profesional y las posibilidades de ganarse el sustento; si alguien, digo, lo consiguiera, habría completado el marxismo hasta convertirlo en una real y efectiva ciencia de la sociedad. Es que en verdad la sociología, que trata de la conducta de los hombres en la sociedad, no puede ser otra cosa que psicología aplicada. En sentido estricto sólo existen dos ciencias: la psicología, pura y aplicada, y la ciencia natural" (Freud, 1933[1932]/1991g, p. 166). Se o problema, para Freud, é que o marxismo pudesse dar uma explicação totalizante sobre o mundo a partir de sua concepção da história como desenvolvimento das forças produtivas, então o que seria uma explicação sobre a origem do mundo cultural e normativo a partir da comparação com a neurose do homem moderno? Neste sentido, vale recuperar a distinção feita por Assoun (1991), que expõe como a psicanálise enquanto um saber (científico ou não) não significa o mesmo que um freudismo, uma doutrina extraída das hipóteses e teorias de Freud que explica a complexidade da vida humana, a partir destas hipóteses e teoria, como uma redução à psicossexualidade, por exemplo; ou mesmo uma doutrina combinada a outra, como o freudo-marxismo.

[137] No original: „ich im Grunde wenig oder gar nichts gegen die Lehrmeinungen Reichs habe, dagegen sehr viel gegen die Art und Weise, wie diese Meinungen begründet, anderen Meinungen in mechanischer Weise entgegengesetzt und miteinander zu einem System verbunden werden."

[138] No original: „Mein Widerspruch gilt vor allem dem Schematisieren Reichs, das schließlich so weit geht, dass vor lauter Ziehung des Rahmens, in dem die Phänomene erfasst werden sollen, die konkreten Phänomene selbst zu kurz kommen. Über die sogenannten ‚großen Linien' werden die kleinen Wirklichkeiten vernachlässigt. Mit dieser sogenannten Schematisierung ist aber - mit der Zeit immer deutlicher werdend - eine gewisse undialektische Denkweise verbunden, die widersprechende wissenschaftliche Meinungen nicht als auseinander hervorgegangen oder miteinander in Verbindung stehend sehen kann, sondern überall bemüht ist, scharfe kontradiktorische Fronten zu ziehen, die zueinander in mechanistischem Gegensatz stehen."

Então, no quinto e último item das diferenças específicas analisadas a partir dessa objeção geral Fenichel à ‘esquematização de Reich’, ao tratar da ‘metodologia’ como “ramo” da “ciência da lógica, que se dedica aos métodos e à posição sistemática de uma ciência em relação à outra” (Fenichel, 1934/1998c, p. 838)[139], o autor revela que pouco leu sobre o assunto. De fato, é bem possível que tenha lido quase nada. Seus conhecimentos de lógica, filosofia da ciência e teoria do conhecimento – espero que já esteja claro, leitor – não eram de um especialista. Mesmo assim, extraiamos o que for possível do entendimento que Fenichel possuía da questão, já que fazia uso de certos princípios gerais de organização a fim de classificar as ciências não só em razão de seus objetos de pesquisa, mas também levando em conta outras dimensões.

Além, é claro, do caso de ciências como a física e a química, a anatomia e a fisiologia, que consideram ‘as diferentes propriedades’ e os ‘diferentes modos de observação’ de um mesmo objeto, haveria ainda as ciências que se classificam em um domínio fronteiriço – como a sexologia –, pois investigam seu objeto de pesquisa com os métodos de ciências distintas – como os métodos psicológicos ou sociológicos e mesmo com os métodos da fisiologia ou da anatomia. Consequentemente, do ponto de vista do objeto de pesquisa, a psicanálise seria uma ciência própria, porque estuda a vida mental dos humanos – ao exemplo das primeiras ciências e seus objetos próprios. Ao mesmo tempo, quando aceita “o grande papel da psicossexualidade dentro da vida anímica humana”, ela estabelece uma relação com “domínios fronteiriços”, sem a qual “não pode conceber completamente” aquela psicossexualidade, que depende da “fisiologia da vida sexual, de um lado”, e da “sociologia da vida em conjunto dos humanos, de outro” (Fenichel, 1934/1998c, p. 839)[140]. Assim, a psicanálise funcionaria também como a sexologia, que realiza suas investigações no cruzamento metodológico estabelecido por outras ciências.

Com isto em mente, Fenichel perguntará: qual o significado de algo como uma ‘psicanálise marxista’? Ou melhor, qual a relação entre psicanálise e marxismo? Se ‘marxista’ é aplicar o método dialético-materialista e/ou uma teoria sociológica que faz uso deste método, então, “‘[psicanálise] marxista’ pode também significar duas coisas: ou nomeadamente uma [psicanálise] que pensa de um modo conscientemente dialético-materialista” ou “a dita ‘aplicação da [psicanálise] às ciências sociais’”, que é baseada na

[139] No original e na íntegra: „Der Zweig, der von Reich mit Unrecht so verachteten Wissenschaft der Logik, der sich mit den Methoden der Wissenschaften und ihrer systematischen Stellung zueinander befaßt, heißt die Methodenlehre. Ohne dass ich viele Lehrbücher dieser Lehre studiert hätte, sagt mir mein Verstand“.

[140] No original e na íntegra: „In ihrer Forschungstätigkeit erkennt sie die große Rolle, die innerhalb des menschlischen Seelenlebens überhaupt der Psychosexualität zukommt. Diese Psychosexualität kann sie nicht ganz erfassen, wenn sie nicht auch ihren ‚Grenzgebieten‘ Beachtung schenkt, der Phylsiologie des Sexuallebens einerseits, der Soziologie des Zusammenlebens der Menschen andererseits“.

"concepção *marxista*" (Fenichel, 1934/1998c, pp. 839-840)[141] das condições sociais e econômicas, a dita 'infraestrutura'.

Neste sentido, dentro da 'sistemática científica', essa segunda concepção indica uma nova "subdivisão" da psicanálise "que considera os fatores sociais e considera de fato de modo mais correto, por exemplo, em contraposição à filosofia da cultura de Freud". Ou ainda, uma "subdivisão do marxismo", na qual a psicanálise se enquadra "na ideia do decorrer geral dos processos sociais", de onde se protege, por sua vez, de tornar-se "um psicologismo errôneo" (Fenichel, 1934/1998c, p. 840)[142].

Como Reich, Fenichel também dissocia as noções e o método psicológicos das concepções antropológicas presentes na doutrina freudiana. No entanto, sustentará, ao contrário, que seu interlocutor não abre mão apenas das noções idealistas fomentadas no bojo das concepções freudianas sobre o ser humano e seu mundo cultural. De certa forma, para o autor, é como se Reich abrisse mão inclusive de noções que fazem da psicanálise uma 'ciência da natureza' a ser classificada como 'psicologia dialético-materialista'.

Então, Fenichel crê que seu interlocutor dissocia os pontos de vista 'dinâmico', 'tópico' e 'econômico'. Pontos de vista que são 'métodos de observação' articulados na psicanálise, e que, sozinhos, não constituem uma ciência própria e independente. Diz ele:

> A 'economia sexual' é, na minha opinião, nada mais do que a aplicação desse método de observação à sexologia. Dentro da psicologia sexual, nós, que somos psicanalistas, tomaremos por correta aquela 'economia sexual' que aplica a abordagem econômica à sexologia marxista. (Fenichel, 1934/1998c, p. 840)[143].

Em outras palavras, de acordo com o autor, a 'economia sexual' é apenas o ponto de vista econômico aplicado ao fenômeno da sexualidade, mas não uma nova ciência, como queria Reich (1929/1977). Um ponto de vista que poderia estar presente em ciências distintas. Como está na psicanálise e na sexologia. Entretanto, Fenichel considera correta, segundo os critérios dialético-materialistas, apenas a abordagem econômica psicanalítica da sexualidade. Perspectiva psicanalítica esta que deve levar em conta, incondicionalmente, aquelas outras duas abordagens, a dinâmica e a tópica.

Portanto, Fenichel defende – tanto no manuscrito em discussão, quanto no artigo pivô das análises deste capítulo – que a psicanálise está apta a ser ordenada dentro da

---

[141] No original: „kann 'marxistische Ps.A.' auch zweilerlei bedeuten: Entweder nämlich eine Ps.A., die in bewuß dialektisch-materialistischer Weise denkt. . . . die sogenannte ‚Anwendung der Ps.A. auf die Gesellschaftswissenschaften' . . . die *marxistische* Auffassung".

[142] No original: „‚Unterabteilun von Ps.A.' . . . die die gesellschaftlichen Faktoren berücksichtigt und zwar in richtiger Weise berücksitigt, etwa im Gegensatz zu Freuds Kulturphilosophie. . . . Unterabteilung von ‚Marxismus' . . . in der Vorstellung vom Gesamtablauf gesellschaftlicher Prozesse . . . ein falscher Psychologismus".

[143] No original: „'Sexualökonomie' ist, meine ich, nichts anderes als die Anwendung dieser Betrachtungsmethode auf die Sexualwissenschaft. Innerhalb der Sexualpsychologie werden wir, die wir Psychoanalytiker sind, diejenige 'Sexualökonomik' für die richtige halten, die die Betrachtungsweisen der Ökonomik auf die marxistische Sexualwissenschaft anwendet."

tradição marxista. E isto por conta de seus elementos materialistas e de suas correspondências metodológicas, no campo da psicologia, à aplicação do método dialético no campo da sociologia. Mas, diferente de Reich (1929/1977), além de aproximar da psicanálise os princípios epistemológicos e metodológicos aplicados pela crítica marxista à economia política[144], Fenichel (1934a; 1934/1998c) manterá a integralidade de sua fidelidade teórica para com certos princípios da psicanálise freudiana, porque não deriva da ideia de uma 'psicanálise marxista' outra ciência, tal como a 'economia sexual'[145].

Então, adentremos ainda um pouco mais naquelas diferenças conceituais que Fenichel (1934/1998c) tinha com Reich. Para além do contexto de disputas político-institucionais, a necessidade do autor em esquadrinhá-las e apresentá-las aos colegas psicanalistas se assenta também em uma disputa teórico-científica com seu interlocutor. E mais, é possível dizer que, para Fenichel, elas decorrem do uso 'deturpado' por parte de Reich do ponto de vista econômico da teoria freudiana.

Nos quesitos "angústia" e "necessidade de supressão do instinto" (Fenichel, 1934/1998c, pp. 821-831)[146], após explicar as ideias freudianas acerca do tema, o autor resume a posição de seu interlocutor, acentuando seu teor mais biologicista e menos psicológico na maneira de conceber o problema. Nesses quesitos, aponta também como Reich exagera o papel profilático e salvador da genitalidade. E não deixa de comentar, no primeiro deles, que seu amigo pensava a angústia como um resultado da repressão das forças externas sobre as forças instintuais internas, negando, consequentemente, à ideia de 'sinal de angústia' seu valor heurístico, já que, para Reich, a angústia sempre seria traumática e nunca uma antecipação no quadro neurótico.

Já no quesito "técnica", a propósito da análise do caráter de Reich, Fenichel (1934/1998c, pp. 831-838)[147] aponta mais uma vez para a pouca flexibilidade de Reich na forma como entendia a disposição das resistências nas formações carateriais da personalidade. De novo, assim como em *Sobre a teoria da técnica psicanalítica* (Fenichel, 1935/1953d), o autor acusa a técnica e a teoria reichianas de um excessivo

[144] A consequência da crítica filosófica de Marx e a aplicação do método dialético-materialista sobre as questões de economia política estão presentes em *O capital* (Marx, 1867/2013).

[145] No prefácio à segunda edição, publicada em 1944, de *Análise do caráter*, numa espécie de referência velada a esse argumento de Fenichel (1934/1998c), Reich (1933/1995) defende que essa argumentação só esconde a natureza política de sua exclusão da psicanálise em 1934 no Congresso de Lucerna. Diz Reich (1933/1995, p. 10): "A responsabilidade pela fixação dos limites da psicanálise oficial, mediante a qual a economia sexual e a teoria do orgasmo ficaram excluídas, é daqueles mesmos membros da Associação Psicanalítica Internacional que lutaram por minha expulsão desta. Mais tarde eles começaram a ter problemas de consciência e tentaram fazer parecer que havia sido eu quem quisera separar minhas teorias da teoria psicanalítica. Todavia, é preciso que fique bem claro aqui que a economia sexual nunca se afastou do conteúdo central das conquistas científicas de Freud. Falsas considerações de natureza social, que perderam seu valor em consequência das revoluções sociais dos dez últimos anos, levaram a que o movimento psicanalítico se desvinculasse da economia sexual. A economia sexual não é rival da psicanálise, tal como a lei da gravidade de Newton não é rival da lei da harmonia de Kepler. A economia sexual representa a continuação da psicanálise freudiana e dá-lhe uma base científica natural na esfera da biofísica e da sexologia social."

[146] No original: „II. Angst ... III. Notwendigkeit der Triebunterdrückung".

[147] No original: „IV. Technik".

comprometimento com um esquema rígido, que desconsidera um tanto o sentido do conflito psíquico, presente na base das formas do caráter, em favor da avaliação e de uma terapêutica voltadas para a diminuição da intensidade deste conflito.

Por fim, no primeiro quesito de *Sobre algumas diferenças entre mim e Reich nas concepções psicanalíticas*, o autor trata talvez de sua maior diferença, não para com seu amigo e interlocutor, mas sim, para com Freud: o "instinto de morte" (Fenichel, 1934/1998c)[148]. Aliás, o conteúdo geral de *Uma crítica do instinto de morte* (Fenichel, 1935/1953f)[149] repete integralmente o conteúdo desse ponto de debate entre Fenichel e Reich. Assim, aproveito para expor este conteúdo.

Mais uma vez, Fenichel apresenta o assunto retraçando suas origens conceituais na obra freudiana. Assim, conta sobre a primeira teoria freudiana das pulsões e da alteração substancial feita em *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/1992j). Alteração que considerará a origem e a natureza sexual das pulsões do eu, antes vista apenas pelo âmbito da autoconservação, da fome. Depois, fala da razão teórica da especulação freudiana acerca do instinto de morte em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/1992k): o princípio do nirvana, de retorno ao inanimado, uma tendência ao repouso. E, claro, do motivo clínico em *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924/1992l): a constatação da agressividade sem ganhos libidinais nem narcísicos, como se "o princípio de prazer – o *leitmotif* que nos habilita, em todas outras ocasiões, a nos orientarmos em relação às ações humanas" estivesse "suspenso" (Fenichel, 1935/1953f, p. 365)[150].

Daí em diante, a crítica de Fenichel (1934/1998c; 1935/1953f) seguirá as linhas gerais da crítica reichiana em *Análise do caráter* (1933/1995), mais precisamente na parte sobre *O caráter masoquista*. Os dois acreditam que o raciocínio envolvendo a concepção do instinto de morte "fornece muitas oportunidades para maus usos inconvenientes" (Fenichel, 1935/1953f, p. 370)[151]. Dois exemplos destes 'usos indevidos' são: 1) a ideia de um instinto de morte, ao indicar uma força primária, pode paralisar o próprio processo analítico diante de uma interpretação fatalista de um quadro masoquista, que exigiria investigações mais profundas; 2) a nova teoria pulsional, ao deixar de entender o conflito psíquico como um embate entre a libido e as forças instintuais de autoconservação e do eu, pode deslocar a origem deste conflito, que é, antes de qualquer coisa, um conflito entre indivíduo e mundo externo; o que "significaria uma total eliminação do fator social da etiologia da neurose e equivaleria à [sua] completa biologização" (Fenichel, 1935/1953f, p. 370)[152].

---

[148] No original: „I. Todestrieb".
[149] *A Critique of the Death Instinct*.
[150] No original: "the principle – the leitmotif which on all other occasions enables us to orient ourselves in regard to human actions – seems to be suspended".
[151] No original: "gives many opportunities for unfortunate misuses."
[152] No original: "would mean a total elimination of the social factor from the etiology of neuroses, and would amount to a complete biologization of neuroses."

Grosso modo, no caso de Reich, ele não pode, então, concordar com a admissão de uma classe de pulsões como o 'instinto de morte', pois, em última instância, isto levaria à concepção de "uma vontade biologicamente imanente para o sofrimento" (Fenichel, 1934/1998c, p. 815)[153]. Já no caso de Fenichel – embora esteja de acordo com seu amigo sobre estes perigos da nova teoria pulsional –, ele não deixa de admitir que tanto o motivo clínico-empírico quanto a razão teórica de Freud, por detrás desta teoria, devem ser levados em conta. No entanto,

> a suposição de 'um movimento para a morte' deveria ser apreendida de modo diferente do que assumindo a existência de dois tipos de instintos que são opostos entre si desde o início, sendo o objetivo de um o relaxamento da tensão e a morte, e o objetivo do outro o aumento da tensão e a ligação em unidades maiores (Fenichel, 1935/1953f, pp. 371-372)[154].

Não entrarei nos detalhes do exame feito por Fenichel deste problema. Sua conclusão – na verdade, uma refutação da ideia de que o 'instinto de morte' seja uma classe primária das pulsões – parte de algumas considerações heurísticas a partir de *Pulsões e destino da pulsão* (Freud, 1915/1992m). Aqui, o importante desta conclusão é mais a relação dela com a crítica reichiana a toda problemática do instinto de morte. De novo, 'em linhas gerais', uma crítica de Fenichel é desenvolvida no embate com Reich – não obstante, agora, o alvo seja a nova teoria pulsional de Freud. Assim, mirando a ideia de um impulso em direção à morte como uma classe de pulsões tão primária quanto a de vida, Fenichel realiza uma crítica ao reducionismo biologizante, que é também uma crítica ao pseudomaterialismo que poderia surgir desta redução (nada dialética) do psíquico ao orgânico.

Isto ocorre porque o materialismo-dialético, absorvido nesta troca viva de ideias com Reich, faz com que Fenichel veja, na concepção do instinto de morte, um terreno fértil para o florescimento de concepções idealistas na psicanálise. Em tese, algo a ser rejeitado, como vimos, na aplicação da dialética-materialista às concepções freudianas, as únicas verdadeiramente aptas a preencher os critérios estabelecidos para uma psicologia dialético-materialista. Ou para uma psicologia 'marxista', o que dá no mesmo para Fenichel – como ficará evidente, se ainda não está.

No artigo programático de 1934, esta conclusão, que tiro da crítica fenicheliana ao instinto de morte, fica clara em duas passagens. Primeiramente, depois de definir a psicologia dialético-materialista como aquela que investiga as alterações das estruturas psíquicas a partir da interação entre corpo e meio, entre instintos e forças externas, tanto as

---

[153] No original: „eines biologisch immanenten Willens zum Leid."

[154] No original: "the assumption of 'a course toward death' should be apprehended otherwise than by assuming the existence of two kinds of instincts which are opposed to each other from the start, the aim of the one being relaxation of tension and death, that of the other, increase of tension and binding into higher unities."

naturais quanto as determinadas pelas particularidades das relações socioeconômicas, Fenichel diz:

> O reconhecimento de que toda a ordem social existente modifica, por meio de sua ideologia, as estruturas psíquicas de seus membros não é novo e, certamente, não é antimarxista. Seria antimarxista apenas se tomasse as ideias por algo pertencente ao além, que se opões às condições econômicas (Fenichel, 1934a, p. 49)[155].

Depois, quando passa a considerar os elementos materialistas da psicanálise a partir das congruências entre Freud e Marx, o autor complementa:

> Não podemos mais evitar a questão de que a psicanálise, ainda que contenha elementos idealistas dos quais o marxista deve se afastar, é, no entanto, em essência, a única ciência empírica da vida anímica que cumpre todas as exigências que enumeramos, e que, por isto, é considerada como gérmen de uma psicologia dialético-materialista. . . . tanto os raciocínios explanados anteriormente sobre os modos de pensar dinâmico e econômico de uma psicologia materialista, quanto as explicações sobre o efeito da ideologia se originam, naturalmente, do pensamento psicanalítico e reproduzem o pensamento de Freud (Fenichel, 1934a, pp. 51-52)[156]

Por isto, o autor apontará justamente a nova teoria pulsional, envolvendo o conceito de 'instinto de morte', como um dos elementos idealistas a serem evitados pela 'futura' psicologia dialético-materialista.

Além disto, do ponto de vista cronológico do desenvolvimento da obra de Fenichel, ainda é possível dizer que sua visão do 'instinto de morte' nesse momento (Fenichel, 1934a; 1934/1998c; 1935/1953f) é radicalmente contrária àquela que organizava as observações em *O aspecto clínico da necessidade de punição* (Fenichel, 1925/1953b)[157], onde o jovem psicanalista, muito próximo do texto freudiano, não se mostrava nada contrário ao uso da hipótese conceitual do 'instinto de morte' na explicação do sentimento de culpa e das atitudes masoquistas em dois casos de Freud, que são alvo da discussão nesse artigo de 1925[158]. Mudança de ponto de vista esta que também presta testemunho da pequena, mas

---

[155] No original: „Die Erkenntnis, dass die jeweils bestehende Gesellschaftsordnung die psychischen Strukturen ihrer Mitglieder durch ihre Ideologie verändert, ist nicht neu und gewiss nicht antimarxistisch. Sie würde nur antimarxistisch, wenn man nun die Ideen für etwas Jenseitiges hielte, das dem ökonomisch Bedingten entgegentritt."

[156] No original: „Wir können der Frage nicht mehr ausweichen, dass die Psychoanalyse, wiewohl auch sie idealistische Elemente enthält, von denen der Marxist abrücken muss, dennoch im Kerne die einzige empirische Wissenschaft vom Seelenleben ist, die all die Forderungen, die wir aufgezählt haben, erfüllt, und die deshalb als Keim einer dialektisch-materialistischen Psychologie zu betrachten ist. . . . sowohl die vorhin ausgeführten Gedankengänge über die dynamische und ökonomische Denkweise einer materialistischen Psychologie als auch die Ausführungen über die Ideologiewirkung natürlich bereits aus psychoanalytischen Denkweisen heraus stammten und die Denkart von Freud wiedergaben."

[157] *The Clinical Aspect of the Need for Punishment*.

[158] Diz Fenichel (1925/1953b, p. 91): "Nós esperamos ter sido bem-sucedidos em reproduzir a impressão captada no tratamento de pacientes deste tipo. Esta impressão pode ser considerada como uma confirmação clínica imediata da doutrina freudiana dos instintos e da visão de que o sentimento de culpa é algo único, primitivo e implacável, o qual não recuaria diante da destruição do próprio ego do paciente e não é sinônimo de libido sexual passiva. É o representante clínico dos instintos de morte mudos". ("We hope we have succeeded in reproducing the impression received in the treatment of patients of this class. That impression may be regarded as an immediate clinical confirmation of the Freudian doctrine of the instincts, and the view that the sense of guilt

consequente, modulação na obra de Fenichel, que resulta, por sua vez, deste verdadeiro 'destino epistemológico' traçado em *Sobre a psicanálise como gérmen de uma futura psicologia dialético-materialista*.

Portanto, fato é que o programa epistemológico de 1934, além de ter sido endereçado particularmente aos marxistas, exibe em suas teses os fundamentos teóricos da psicanálise através do crivo do materialismo-dialético, a ponto de criar ecos em outras passagens da obra de Fenichel. Seja porque estas passagens tocam diretamente no tema, mesmo que de forma incipiente, seja porque esta discussão epistemológica e metodológica de 1934 está nestas passagens, indiretamente, de fundo, fornecendo a nova tonalidade de certas assunções teóricas do autor, ou sobre a metapsicologia freudiana ou sobre a prática psicanalítica.

A título de exemplo destas ressonâncias, cito mais uma passagem de sua obra na qual vemos certos fenômenos serem investigados de um modo específico da psicanálise enquanto psicologia dialético-materialista. Psicologia esta que examina o psiquismo em termos da interação entre constituição e meio, entre estrutural e atual, entre necessário e contingente.

Em *O instinto de acumulação de riquezas*, Fenichel (1938[1934]/1954b) analisa as origens do destino tomado pelas pulsões nesta interação constituição-e-meio e que leva certos indivíduos a 'acumular bens', e conclui o seguinte:

> As necessidades dos seres humanos que buscam satisfação são a causa da produção. O desenvolvimento da produção e também dos princípios de distribuição constituem a história da humanidade. Não é minha tarefa investigar em que ponto e através de quais motivos no curso deste desenvolvimento surgiu um capitalismo que tem de criar o ideal geral de acumulação de riquezas. Eu só posso afirmar que isto não pode ser resultado de uma "mutação anal-erótica" que caiu do céu. Tanto a invenção de dinheiro quanto as alterações na natureza do dinheiro, só puderam ser possíveis somente com a existência de certa intensidade de instintos anais-eróticos e, sobretudo, com a existência de certa quantidade de restrição sobre instintos anais-eróticos. Entretanto, as restrições devem igualmente, por sua vez, ter suas histórias anteriores e seus determinantes materiais. Assim, ocorre uma ação recíproca e contínua entre realidade externa e a estrutura instintual modificada por ela.
>
> Um impulso de acumulação de riquezas só existe em certas épocas sociais definidas (Fenichel, 1938[1934]/1954b, pp. 107-108)[159].

---

is a unique, primitive, ruthless thing, which would not shrink from the destruction of the patient's own ego, and is not synonymous with passive sexual libido. It is the clinical representative of the mute death instincts.")

[159] No original: "The needs of human beings which seek satisfaction are the cause of production. The development of production and also of the principles of distribution constitute the history of mankind. It is not my task to investigate at what point and through which motives in the course of this development there arose a capitalism that had to create the general ideal of amassing wealth. I can only affirm that it cannot be the result of an 'anal-erotic-mutation' that has fallen from heaven. Both the invention of money and alterations in the nature of money could be possible only with the existence of a certain intensity of anal-erotic instincts and above all with the existence of a certain amount of restraint upon the anal-erotic instincts. However, the restraints in turn must likewise have their previous history and their material determinants. Thus there takes place a continual reciprocal action between external reality and the instinctual structure modified by it. – A drive to accumulate wealth exists only in certain definite social epochs".

No entanto, se é sobre o materialismo-dialético que a cientificidade das teorias psicanalíticas deveria se apoiar evitando assim cair em idealismos, até que ponto Fenichel precisou adequar a este programa a psicanálise freudiana? Sem dúvida, este programa para a psicanálise é decisivo no estabelecimento da organização das *Circulares* entre Fenichel e seu grupo. Mas quais seriam os rastros mais profundos deste programa na estrutura de suas maiores obras, *Problemas da técnica...* e *A teoria psicanalítica...*? Deixo a resposta a estas questões para os próximos capítulos.

Em todo caso, diante do exposto até aqui, é possível adiantar que a aplicação do método dialético-materialista, empregado por Marx e Engels em sua teoria sociológica, causa, sim, uma virada na leitura que Fenichel faz da teoria psicanalítica. De 1934 em diante, sua obra não deixará mais de ressoar o projeto científico de uma psicologia dialético-materialista. Isto acontece mesmo sem Fenichel mencionar esta aplicação, nem citar Marx ou Engels ou qualquer outro marxista. E mesmo com Fenichel se mantendo institucionalmente leal à psicanálise freudiana, já que a proteção de seus princípios teóricos 'comuns' aos da sociologia marxista assim demandava.

Porém, é preciso também considerar o conhecimento um tanto precário do autor sobre o marxismo. De fato, ele não era um profundo conhecedor desta tradição política e de pensamento. Como já disse, começou a estudá-la e a frequentar agremiações socialistas a partir de 1929. O único texto no qual Fenichel trata de forma originária, efetiva e direta da relação do marxismo com a psicanálise é o artigo de 1934. Nele, a referência a Marx por detrás das considerações sobre o materialismo-dialético se resume basicamente à visão marxista de que o processo histórico resulta das "relações de produção e [dos] antagonismos e lutas de classe criados por [aquelas relações]" (Fenichel, 1934a, pp. 52-53)[160].

E, além das cartas secretas, as marcas deste projeto só podem ser inferidas a partir das poucas passagens que mencionam e indicam as tais condições sociais nas quais os fenômenos psíquicos se dão, ou das passagens que comentam os princípios epistemológicos da psicanálise (Jacoby, 1983). Efetivamente, o desenvolvimento deste projeto teórico ficaria restrito às discussões sobre a aplicação sociológica da psicanálise e aos 11 anos de cartas secretas, trocadas entre um grupo no qual a imensa maioria dos membros sequer havia estudado um texto de Marx ou de Engels.

Em um encontro do grupo dos analistas 'marxistas' durante o Congresso da IPA em 1936, do qual falaremos algumas coisas no próximo capítulo, Fenichel e seus camaradas também assumiriam a deficiência do grupo perante as teorias marxistas. Deficiência que

[160] No original: „die Produktionsverhältnisse und die durch sie geschaffenen Klassengegensätze und Klassenkämpfe".

deveria ser sanada pelo contínuo estudo da obra de Marx e Engels. Fenichel assim resume na circular enviada após o encontro:

> Menos esperançoso pareceu o debate sobre 'psicanálise marxista'. O fracasso até aqui das tentativas de um trabalho preparatório mais sistemático para a pesquisa positiva correspondente . . . se deve provavelmente menos à depressão política geral ou à dificuldade da formulação escrita do que ao desconhecimento factual. Somos todos psicanalistas e somos diletantes no campo do marxismo. Nós deveríamos estudar [isto] e seremos forçados pelas circunstâncias, dentro da psicanálise, a aprender [sobre isto]. (Fenichel, 1998a, p. 462)[161]

Contudo, por mais incipiente que seja a elaboração desse projeto a partir da relação entre os elementos 'científico-naturais' da psicanálise e o pensamento marxista, do ponto de vista teórico, Fenichel nunca o abandonará de vez. No plano das ideias de Fenichel sobre os princípios que regulam a teoria psicanalítica e que dirigem a prática psicanalítica, a aproximação entre psicanálise e marxismo terá efeitos permanentes.

Por isso, para poder tratar das marcas dessa aproximação nos próximos capítulos, quis evidenciar aqui (sobretudo, neste último item), as origens reichianas do projeto de Fenichel. Não há dúvida de que ele conhecia, como se diz, de cabo-a-rabo o ensaio de Reich e de que este trabalho fora de importância central em seus estudos sobre o materialismo-dialético[162]. Mas não quis evidenciar estas origens só por meio de suas semelhanças com as hipóteses de Reich sobre os possíveis vínculos entre psicanálise e materialismo-dialético.

Por outro lado, achei por bem apontar as diferenças afins a esta discussão, pois, como vimos, leitor, elas revelam as razões teóricas de Fenichel para manter-se um aliado da ortodoxia freudiana de Viena. Isto é, o psicanalista não abre mão daqueles elementos 'científico-naturais' e 'dialéticos' da psicanálise, úteis ao desenvolvimento de uma 'psicologia dialético-materialista', apesar de sua crítica aos idealismos contidos no movimento psicanalítico e na doutrina freudiana. Assim, acredito que identificar as especificidades da carta conceitual no texto de Fenichel (1934a), por si só, seja o bastante para tratar das marcas subterrâneas, mas fundamentais, dali em diante na obra do autor; marcas que foram talhadas por esse verdadeiro 'destino epistemológico' previsto para a psicanálise.

Deste ponto de vista, pouco importa quão correta e profunda conceitualmente foi a leitura fenicheliana da obra de Marx e Engels ou de outros marxistas. A ideia aqui não foi

---

[161] No original: „Weniger hoffnungsfreudig sah die Aussprache über ›marxistische Analyse‹ aus. Das bisherige Scheitern der Versuche zu einer systematischeren Vorarbeit für entsprechende positive Forschung (›schriftliches Kinderseminar‹) ist wohl weniger der allgemeinen politischen Depression oder der Schwierigkeit schriftlicher Formulierung zu verdanken als der sachlichen Unkenntnis. Wir sind alle Psychoanalytiker und auf dem Gebiete des Marxismus Dilettanten. Wir müßten lernen und werden innerhalb der Analyse durch die Umstände zum Lehren gezwungen".

[162] Vale lembrar, como já mencionado ao final do segundo item do capítulo anterior, que Fenichel (1931) escrevera uma resenha sobre o ensaio de Reich (1929/1977).

traçar uma genealogia das concepções de Fenichel a partir desta obra e das tradições de leitura dela, mas sim entender como o ‘marxismo’ absorvido por ele atua sobre sua concepção geral que tinha do conhecimento psicanalítico. Tampouco importa, do ponto de vista de uma rigorosa história das ideias, que esta visão dialética-materialista marxista não seja, efetiva e realmente, a mesma a organizar a leitura freudiana das contradições e oposições entre “as necessidades biológicas primitivas e as forças opositoras originadas por meio da influência do mundo externo” (Fenichel, 1934a, p. 53)[163]. Essas questões fogem ao objetivo deste capítulo (e da tese) que é tratar da tonalidade ‘materialista-dialética’ própria (portanto, já absorvida, digerida e metabolizada intelectualmente pelo autor) do programa teórico de Fenichel para com a psicanálise. Assim, o que era preciso nesse momento foi cumprido.

[163] No original: „die primitiven biologischen Bedürfnisse und ihre durch die Einfussnahme [sic] der Aussenwelt entstandenen Gegenkräfte.“

3. A PRÁTICA PSICANALÍTICA DE FENICHEL: PSICOLOGIA DO EU

Agora, convoco o leitor a me acompanhar no exame da concepção de Fenichel sobre a prática psicanalítica. Para isto, precisaremos adentrar mais uma vez o contexto das formulações do autor. Avalio, então, no primeiro item, a atuação de Fenichel no movimento psicanalítico em Praga e em Los Angeles a partir das *Circulares*.

Averiguado o horizonte histórico da concepção de Fenichel sobre a prática psicanalítica, busco evidenciar, no segundo item, dois elementos fundamentais dela. Em primeiro lugar, mostrar a forma como o autor compreende a finalidade prática do conhecimento psicanalítico nos auxiliará a identificar a presença de certas teses e argumentos do programa de psicologia dialético-materialista de 1934 – tal como ele foi explicitado no capítulo anterior – na obra de 1941, o livro *Problemas da técnica psicanalítica*. Isso deve nos ajudar a responder se algo daquele programa restou nesta obra e, se sim, o quê. E em segundo lugar, expor a função terapêutica da psicanálise para Fenichel, por meio da forma como ele enxerga a aplicação técnica dos princípios metapsicológicos, nos possibilitará extrair o ideal de cura que organiza sua prática psicanalítica. Por sua vez, isso nos permitirá encontrar novamente a ideia de uma terapia voltada para um fortalecimento da autonomia do Eu frente às forças inconscientes.

Com isto, chegamos ao terceiro item, para considerar as implicações das noções de Fenichel sobre essa finalidade prática do conhecimento psicanalítico e essa função terapêutica a partir de uma breve discussão sobre ética em psicanálise.

3.1. A atuação de Fenichel no movimento psicanalítico: da Europa aos Estados Unidos

Antes de prosseguirmos, leitor, creio que seja a hora de uma breve pausa para olharmos em retrospectiva os problemas investigados até aqui. No primeiro item do capítulo um, vimos como o jovem estudante Otto Fenichel ingressou no mundo psicanalítico. Engajado no movimento da juventude germânica e tendo levantado a bandeira do esclarecimento sexual, ele acabaria mantendo parte de suas motivações científicas e políticas juvenis quando passa a frequentar a Associação Psicanalítica de Viena (WPV) no final da década de 1910.

Depois, no segundo item do mesmo capítulo, avaliei a atuação de Fenichel em meio à expansão institucional do movimento psicanalítico. Como ele não fora o único a se tornar membro das agremiações de psicanalistas naquela época, achei por bem indicar como o

comportamento político desse movimento flertou, até os anos 1930 e de maneira um tanto difusa, com as pautas progressistas defendidas pelos novos participantes. Então, foi possível perceber que o movimento psicanalítico acabou compartilhando do entusiasmo daqueles analistas envolvidos em alguma medida na socialdemocracia berlinense ou vienense, sem, no entanto, adotar irrevogavelmente as ideias dessa socialdemocracia.

Lembremos que, desde 1926, a disputa em torno das diretrizes da formação psicanalítica, da unidade delas e, especialmente, da aceitação dos analistas sem formação em medicina, era o verdadeiro debate político-institucional do qual Fenichel participaria como docente do Instituto de Berlim e como membro das Comissões de Ensino local e internacional. Assim, quando as pautas e as discussões propostas pela esquerda socialdemocrata e marxista atingiram Fenichel, já ao final dos anos 1920, no momento em que ele inicia seus estudos do marxismo e seus esforços para aproximá-lo epistemologicamente da psicanálise, essas pautas e discussões não continuariam, por muito mais tempo, a influenciar indiretamente[164] as decisões dentro do movimento psicanalítico, já que o foco de suas associações se tornou a formação de novos analistas. E mais, quando essas pautas e discussões da esquerda chegaram a Fenichel, elas tampouco foram suficientes para alterar seu consolidado engajamento, pois ele continuaria dedicado à busca por alterar profundamente os caminhos da humanidade de forma pedagógica, promovendo o esclarecimento sexual e individual.

Diante disto, no primeiro item do capítulo dois, precisei me restringir a esta absorção pontual do marxismo por Fenichel, que, embora tenha gerado certa alteração no seu entendimento da teoria psicanalítica, pouco se refletiu no movimento psicanalítico como um todo. De fato, essa absorção do marxismo por Fenichel, impulsionada e cultivada pelo diálogo dele com Reich, não produziu muito mais do que uma rudimentar fundamentação programática para a plataforma político-institucional dos analistas de esquerda que fariam parte do grupo das *Circulares*.

Ou seja, mesmo tentando levar a cabo seu projeto de uma ‘psicologia dialético-materialista’, e mesmo tentando articular um grupo de psicanalistas de esquerda para este projeto (como testemunham os primeiros anos das *Circulares*), Fenichel não deixará de priorizar as questões da formação e do ensino psicanalíticos, nem abandonará a IPA como espaço primordial de defesa de certos fundamentos da psicanálise freudiana. Na verdade, Fenichel se unirá até mesmo à ortodoxia psicanalítica de Viena em um ‘front único’ contra os desvios teóricos desses fundamentos.

Acompanhando desde o início a atuação político-institucional do psicanalista no movimento psicanalítico, foi possível perceber que a relação dessa atuação com sua obra

[164] Refiro-me aqui à abertura das clínicas populares de psicanálise e à implementação nos serviços públicos de medidas de saúde e pedagógicas de cunho psicanalítico, já comentadas no primeiro capítulo desta tese.

se reflete, então, em três estratégias: 1) a conservação dos princípios científico-naturais das teses freudianas; 2) a defesa da independência da psicanálise para com a medicina; 3) e o estudo das possíveis aplicações sociológicas da psicanálise, que não serão de fato desenvolvidas.

Agora, ocupo-me da atuação de Fenichel dentro do movimento psicanalítico desde sua chegada em Praga, em 1935, até o fim de sua vida em Los Angeles, em 1946. A ideia é tratar da atuação paradoxal do psicanalista, que sempre defendeu, no plano político-institucional, a psicanálise científico-natural freudiana das 'novas' psicanálises, ao mesmo tempo em que acabou desenvolvendo, no plano teórico-literário, uma psicanálise marcada de modo indelével por seu projeto de psicologia dialético-materialista.

O leitor acompanhará comigo, então, como este projeto deixou de servir, durante esse período de 1936 a 1945, como fundamentação programática da plataforma político-institucional dos analistas 'marxistas', para operar apenas de maneira escondida na obra de Fenichel. Para isso, apresento minha leitura da sua correspondência secreta mantida com os psicanalistas de esquerda, visando, na leitura delas, os dados históricos relacionados à atuação político-institucional de Fenichel. E, como contraponto, continuo observando as teses enunciadas por Jacoby (1983) e por Mühlleitner (2008).

Pois bem, Praga forneceu um ambiente propício para os esforços de Fenichel em promover os princípios psicanalíticos de uma psicologia dialético-materialista, oferecendo, assim, algum fôlego para os estudos marxistas do grupo das *Circulares.* Desde 1933, a capital tcheca era, depois de Paris, o principal destino para a social-democracia alemã, que, censurada, se viu expulsa de seu território natal. Não só socialistas e comunistas se exilaram em Praga, como também algumas de suas instituições (como o Partido Social-Democrata Alemão) reabriram suas sedes ali (Röder, 1992).

Mas esse ambiente favorável não durou muito. Pois, a partir de 1936, a crescente ameaça de anexação da Tchecoslováquia pela Alemanha fez com que o governo nacional colaborasse com o III Reich e perseguisse socialistas e comunistas alemães. E isso contribuiu para a associação do grupo dos analistas 'marxistas' à ortodoxia psicanalítica de Viena. Associação cada vez mais intensa, seja pela cautela diante da perseguição política, seja pela defesa dos fundamentos freudianos frente à sua deterioração dentro do regime nazista (Jacoby, 1983; Mühlleitner, 2008).

Nesse contexto, Fenichel pôde retomar, quando se muda para Praga em outubro de 1935, os encontros dos psicanalistas de esquerda, assim como pôde frequentar novamente com mais assiduidade (como nos tempos de Berlim) os espaços políticos, culturais e artísticos que reivindicavam o marxismo. Além, é claro, de prosseguir com suas atividades de ensino, ocupar o cargo de analista-didata e liderar o Grupo de Trabalho Psicanalítico (GT de Praga), subordinado à Associação Psicanalítica de Viena (WPV). No entanto, podemos

dizer que o tipo de posição ‘marxista’ representada por Fenichel dentro do movimento psicanalítico tenha alcançado seu auge no Congresso da IPA em Marienbad, República Tcheca, durante o verão de 1936.

Concordando com Mühlleitner (2008), é possível dizer que o Congresso em Marienbad foi um ponto de inflexão para o desenvolvimento coletivo do projeto de psicologia dialético-materialista baseada na psicanálise científico-natural. Depois disto, a participação dos membros das *Circulares* nos debates desta empreitada teórica começa a evanescer. Vejamos, então, com mais calma alguns momentos da estadia de Fenichel em Praga antes de sua fuga para os EUA.

No primeiro semestre de 1936, junto de alguns destinatários das *Circulares* e de outros participantes não analistas, Fenichel encabeçou um grupo de estudos psicanalítico-marxista que tinha como pano de fundo a leitura minuciosa do livro *A guerra camponesa na Alemanha*[165] de Engels (1850/2016). Na circular enviada em 7 de julho de 1936, o psicanalista conta que, a partir desta leitura e de outras fontes afins, ele e os colegas puderam tratar de “sociologia e [de] psicologia da religião” (Fenichel, 1998a, p. 441)[166].

Na mesma carta, ainda é possível ler que algumas noites de conferências e discussões oficiais do próprio GT de Praga também foram ou seriam dedicadas aos temas escolhidos pelos analistas ‘marxistas’. O historiador Thomas Rubinstein, por exemplo, havia programado para o segundo semestre daquele ano um curso sobre a história da Revolução Russa, que seria oferecido a membros interessados do GT. Com isto, Fenichel ainda buscava levar adiante a organização de uma plataforma ‘marxista’ comum para os psicanalistas de esquerda dentro da IPA.

Porém, na próxima missiva, datada de 6 de setembro e enviada depois do Congresso da IPA, Fenichel, menos otimista, resume a situação internacional do movimento psicanalítico àqueles que não puderam estar presentes na reunião:

> A impressão geral – assim me pareceu – foi que (apesar de algumas boas palestras), desde Lucerna, a derrocada da psicanálise progrediu rapidamente. Organizacionalmente, isto se mostrou especialmente nos avanços dirigidos dos EUA contra o trabalho internacional da IPA. Cientificamente, isto se mostrou não apenas no baixo nível e na natureza não científica de muitas palestras, mas também na escolha dos temas, em que (exceto pelo simpósio por nós sugerido) pareciam ser privilegiadas questões heterogêneas secundárias, enquanto quase nada era dito sobre os controversos problemas fundamentais da psicanálise. (Fenichel, 1998a, p. 448)[167]

165 *The Peasant War in Germany*.

166 No original: „Soziologie und Psychologie der Religion“.

167 No original: „Gesamteindruck war – so schien mir – daß (trotz einiger guter Vorträge) der Zerfall der Psychoanalyse seit Luzern rapide Fortschritte gemacht hat; dies zeigte sich organisatorisch insbesondere in den gegen die internationale Arbeit der I.P.V. gerichteten Vorstößen Amerikas, wissenschaftlich nicht nur im niedrigen Niveau und der unwissenschaftlichen Art mancher Vorträge, sondern auch in der Themenwahl, bei der (von dem von uns angeregten Symposion abgesehen) heterogene nebensächliche Fragen bevorzugt schienen, während über die strittigen Grundprobleme der Psychoanalyse fast überhaupt nicht die Rede war“.

Desta maneira, do ponto de vista político-institucional, a ‘impressão geral’ de Fenichel se origina da oposição da ‘federação’ estadunidense à IPA, àquilo que ela significava: centralização institucional da psicanálise e unidade pedagógica da formação analítica. Para o organizador das *Circulares*, esta postura de oposição do embrião da futura Associação Psicanalítica Americana (APA) era uma posição da ‘direita’ psicanalítica.

Fenichel (1998a) também conta como a política foi um tema evitado nas apresentações do Congresso. No entanto, fora da programação oficial, os assuntos mais tratados eram a prisão de Edith Jacobssohn e a situação da Sociedade de Psicanálise Alemã (DPG). Para o autor, este tipo de censura velada nada mais era do que um reflexo da ascensão fascista por toda Europa Central sobre o microcosmo da psicanálise, algo que acabaria por impelir à marginalidade política e social todas as forças contrárias a essa ascensão.

Diante desta espécie de retraimento da psicanálise tal qual a defendida por Fenichel naquele momento, ou seja, de uma psicanálise que pudesse servir aos propósitos de certa esquerda política e que tivesse condições de lançar os alicerces epistêmicos de uma psicologia dialético-materialista, ele e alguns analistas integrantes do círculo íntimo de destinatários das cartas secretas se encontraram durante o Congresso para discutir a estratégia a ser tomada pelos analistas ‘marxistas’.

Porém, mesmo que “céticos a respeito de [suas] possibilidades de obterem resultado” (Fenichel, 1998a, p. 460)[168], o grupo continuou apostando, assim como na época do Congresso de Lucerna dois anos antes, na estratégia de que poderia ganhar influência dentro da IPA por meio: 1) de mais publicações científicas de seus membros; 2) da construção de programas de congressos, de outros eventos e, sobretudo, de cursos oferecidos aos novos candidatos. Para isto, continuariam aproveitando sua importante presença, tanto intelectual quanto institucional, dentro do GT de Praga; e, claro, dentro da já formada ‘frente única’ com a ortodoxia vienense, comentada no segundo capítulo.

Neste sentido, apesar do pessimismo de Fenichel quanto ao evento, os membros das *Circulares* obtiveram uma vitória no Congresso de Marienbad: o GT foi reconhecido como lugar de formação subordinado à WPV. Assim, conduzidos por Fenichel, Annie Pink e Steff Bornstein, os cursos oferecidos pelo GT de Praga tratariam de maneira intensiva da psicanálise científico-natural freudiana, bem como de suas ‘corretas’ aplicações terapêuticas e sociológicas. Deste modo, como líder do GT e membro readmitido da WPV, Fenichel também passou a viajar constantemente à sua cidade natal para dar conferências e seminários.

[168] No original: „in bezug auf unsere Wirkungsmöglichkeiten skeptisch“.

O artigo *Troféu e triunfo* (Fenichel, 1939[1936]/1954d)[169], por exemplo, é resultado destas apresentações. E, durante cinco finais de semana, Fenichel ofereceu, também em Viena, um curso intitulado *Problemas da técnica*, no qual discutiu e aprofundou suas concepções sobre a prática analítica (Mühlleitner, 2008). Sobre as linhas gerais destas concepções, já falei no primeiro capítulo quando comentei os artigos de 1935, que foram inicialmente apresentações de Fenichel em Praga. Voltarei, entretanto, no próximo item, aos detalhes mais específicos da forma como o psicanalista entendia sua prática e de como esse entendimento foi articulado em concordância com o projeto de psicologia dialético-materialista.

Outra importante consequência do encontro do grupo das *Circulares* em Marienbad foi a nova configuração das cartas. Como já indiquei no capítulo anterior, de 1936 até 1945, as cartas passaram a ter dois blocos distintos de pontos de discussão. Isso porque os membros do grupo acusaram as cartas de ser uma "mistura de ciência e fofoca" (Fenichel, 1998a, p. 463)[170]. Assim, um bloco passou a ser dedicado exclusivamente às questões político-institucionais do movimento psicanalítico, enquanto que o outro bloco a se ocupar da discussão científica propriamente dita.

O primeiro bloco contém, portanto, resumos de relatos pessoais repassados a Fenichel, tanto pelos membros da organização das cartas quanto por outros correspondentes; assim como notícias referentes às instituições psicanalíticas retiradas de fontes oficiais. Já o segundo bloco contém, por sua vez, as discussões em torno dos manuscritos enviados pelos membros do grupo; o exame da literatura psicanalítica, com resenhas de livros, artigos e periódicos; e, finalmente, o debate sobre a aplicação sociológica da psicanálise. Um dos trabalhos que ocupou grande parte deste bloco durante 1936 foi a já comentada brochura encomendada pelos editores da *Revista Internacional* e da *Imago*, a qual fazia um apanhado crítico das pesquisas psicanalíticas realizadas entre 1930 e 1936 (Fenichel, 1998a).

Depois do Congresso de Marienbad, os encontros do grupo dos psicanalistas 'marxistas' não deixaram de acontecer. Continuaram com alguma força até o verão de 1937. Fenichel (1998a) chega a comentar, por exemplo, em carta enviada em junho deste ano, sobre o contato estabelecido entre seu grupo e o de jovens historiadores marxistas da Universidade de Praga que manifestaram interesse em integrar o debate sobre materialismo-dialético e psicanálise.

---

[169] *Trophy and Triumph*. Este artigo é um estudo clínico dedicado, entre outras coisas, ao exame dos "sentimentos narcísicos de bem-estar" ligados à perda da onipotência, "nos quais a própria insignificância sente-se protegida em algo infinitamente maior", tal como acontece no "patriotismo" e no "êxtase religioso" ("narcissistic feelings of well-being in which one's own insignificance feels sheltered within a something infinitely great … patriotism … religious ecstasy") (Fenichel, 1939[1936]/1954d, p. 143).

[170] No original: „Gemenge von Wissenschaft und Tratsch".

Ademais, na carta de 17 de março de 1937, Fenichel trata do programa de um curso, idealizado também em Marienbad, que seria oferecido no verão seguinte, mas que nunca aconteceria. Entre os temas marxistas que seriam tratados em *Sobre o método do materialismo histórico* estavam: "a dialética; a perspectiva histórica; o fundamento da sociedade; as relações de produção; o efeito dialético da produção; a oposição entre as forças de produção e as relações de produção; classes e luta de classes" (Fenichel, 1998a, p. 560)[171]; além, é claro, de temas históricos concretos, como a Revolução Francesa, a Revolução Inglesa de 1642 etc. Depois, a intenção era avançar em direção aos temas psicanalíticos. De acordo com Fenichel (1998a, p. 561), o curso se ocuparia então do "*reflexo das condições sociais na formação do caráter e das neuroses do indivíduo*". O que abriria caminho para temas como "a teoria da 'família como fábrica de ideologia'"[172], e assim por diante.

No entanto, após o Congresso da IPA no verão de 1936 – a propósito, o último do gênero do qual Fenichel participaria –, os encontros dos analistas 'marxistas' e as atividades remanescentes voltadas para a aproximação entre psicanálise e materialismo-dialético, se tinham ainda alguma força, começaram a se mostrar como os últimos esforços em grupo desse projeto. Ainda que Fenichel continuasse a participar individualmente desses espaços de discussão até o fim da vida[173], o desenvolvimento desse projeto epistemológico se limitou mais e mais às *Circulares*. Mesmo nelas, sua prioridade foi dissolvida. Isto é, a força do projeto de psicologia dialético-materialista (especialmente de seu já pequeno vetor político-institucional) foi apagada diante de duas necessidades de maior urgência para Fenichel e seus camaradas.

Como aponta Jacoby (1983), do ponto de vista político-institucional, eles se dedicariam exclusivamente ao combate, durante a formação dos novos analistas, contra os desvios e as alterações dos fundamentos científico-naturais da psicanálise freudiana; e à própria sobrevivência dos psicanalistas exilados ou que ainda viviam sob o jugo nazi-fascista. O que não implica, a meu ver, do ponto de vista teórico, o abandono completo por parte de Fenichel daquele projeto de psicologia dialético-materialista.

Já no final do verão de 1937, os planos de emigração de nosso protagonista para os EUA, que já existiam desde o início do ano, ganharam um impulso. Segundo Mühlleitner (2008, p. 295), "no início de setembro, ele mesmo foi notificado de sua deportação e foi

[171] No original: „Die Dialektik. – Die geschichtliche Betrachtungsweise. – Die Grundlage der Gesellschaft. – Die Produktionsverhältnisse. – Dialektische Wirkung der Produktion. – Widerspruch zwischen Produktionskräften und Produktionsverhältnissen. – Klassen und Klassengegensätze".

[172] No original: „*Widerspiegelung gesellschaftlicher Zustände in der Charakter- und Neurosenbildung des Einzelnen*. Dabei käme es weniger daraufan, noch einmal die Theorie der ›Familie als Ideologiefabrik‹ zu erörtern".

[173] Posteriormente, nos EUA, vale citar a título de exemplo um seminário de literatura conduzido por ele e oferecido dentro do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Los Angeles (GE de Los Angeles). Esse seminário chegou a contar com a participação de Max Horkheimer e Theodor Adorno, famosos representantes da 'Teoria crítica' (Fenichel, 1998a; Jacoby, 1983; Mühlleitner, 2008).

convocado várias vezes pelo Comissariado de Polícia", mas Elizabeth Gerö, que fez formação psicanalítica em Praga com Fenichel, "aparentemente pôde intervir e a permissão de residência [dele] foi prolongada".

Na sequência desses acontecimentos, pelo que é indicado na última circular de 1937, o psicanalista procurou manter o ritmo de suas atividades de ensino e de sua produção literária. Além dos compromissos no GT de Praga, continuou indo a Viena aos finais de semana para dar cursos aos candidatos em formação. A cada quinze dias, discutia a "'Teoria geral das neuroses'" em um dos cursos com os futuros psicanalistas e conduzia "um seminário socrático [sobre] 'Conceitos fundamentais da teoria psicanalítica'" (Fenichel, 1998a, p. 673)[174].

Aliás, ainda no espírito das decisões do grupo das *Circulares* tomadas em Marienbad, Fenichel forneceria, na primeira carta de 1938, o relato de uma viagem de conferências pela Europa Ocidental que contém as informações sobre a situação local das associações e grupos psicanalíticos instalados pelos países em que passou. No itinerário da viagem, realizada em janeiro de 1938, constavam paradas na Suíça, na França, na Inglaterra e na Holanda. As notícias eram pouco animadoras para o desenvolvimento da psicanálise freudiana. Segundo Fenichel (1998a, p. 717), as "causas comuns" desta desesperança "poderiam ser buscadas . . . na situação política e, com ela, na reduzida segurança concedida à existência dos analistas"[175].

Embora o psicanalista quisesse honrar seus compromissos com os analistas em formação sob sua tutela e tenha, assim, aproveitado da renovação de sua permissão de residência, ele sabia que seu tempo em terras europeias não duraria muito mais. Então, com a ideia de partir sendo elaborada desde o ano anterior, Fenichel intensificou a correspondência com Simmel e Deri, seus velhos conhecidos já exilados em Los Angeles. Com isto, buscava por possibilidades de trabalho e coletava informações sobre o ainda incipiente meio psicanalítico na Costa Oeste dos EUA (Fenichel, 1998a; Mühlleitner, 2008).

Após a ocupação da Áustria pelas tropas nazistas, iniciada na noite de 11 de março de 1938, e sua anexação à Alemanha, Fenichel toma de vez a decisão de ir embora da Europa. No final daquele mês, recebe o documento comprobatório de seu vínculo empregatício com o Grupo de Estudos Psicanalíticos de Los Angeles (GE de Los Angeles), onde daria aulas e supervisões. Assim, pôde dar entrada no pedido de visto para os EUA. Partiria de Praga, enfim, no 1º de maio (Mühlleitner, 2008).

Nesse ínterim, a WPV é dissolvida. Na circular enviada em 14 de março, Fenichel (1998a, p. 741) conta que a direção da Associação vienense, mesmo com as ameaças

[174] No original: „In Wien begann ich, an jedem zweiten Weekend zwei Ausbildungskurse zu halten und zwar eine ›allgemeine Neurosenlehre‹ und ein sokratisches Seminar ›Grundbegriffe der analytischen Theorie‹".
[175] No original: „gemeinsamen Ursachen . . . Diese können … in der politischen Situation und der damit gegebenen verringerten Sicherheit der Existenz der Analytiker gesucht werden".

advindas do caos político, dizia aos seus: “não emigrem!”. Acreditavam que “a ruína do grupo vienense poderia significar, afinal, a ruína da psicanálise”[176]. Mas depois da busca policial na casa dos membros do diretório executivo da WPV, realizada no dia seguinte ao desta carta, ficou claro que o fim da Associação seria inevitável dentro do novo regime.

De acordo com a leitura de Fenichel (1998a) sobre essa querela, a resistência dos vienenses tinha um significado importante para o movimento psicanalítico: as associações restantes na Europa (inclusive a dos ingleses) não teriam força suficiente para manter a unidade da IPA e dos padrões da psicanálise por ela sustentados. Por conseguinte, as associações estadunidenses ganhariam mais poder na defesa de suas posições dentro do movimento psicanalítico internacional, abrindo caminho, assim, para a transformação da psicanálise em uma especialidade médica. Ou seja, “a disputa entre a IPA e a *American Federation* [Federação Americana] seria na verdade uma disputa entre a preservação da psicanálise e sua assunção em um subgênero de ‘psicoterapia’” (Fenichel, 1998a, p. 738)[177].

Para Fenichel e o grupo das *Circulares*, esta disputa significava na realidade duas batalhas. Por um lado, era preciso fortalecer a defesa da psicanálise praticada sem restrições por aqueles que não passaram pela formação em medicina. Por outro, as atividades de ensino e os trabalhos científicos deveriam forjar as novas gerações psicanalíticas nos fundamentos freudianos. Dessa maneira, garantir-se-ia a independência e o valor científico-natural da psicanálise para que ela pudesse, um dia talvez, cumprir com seu destino epistemológico.

Em outras palavras, o projeto de psicologia dialético-materialista foi relegado, de fato, para o futuro. Então, “para ganhar uma tal influência” da psicanálise científico-natural sobre as novas gerações de psicanalistas, Fenichel (1998a, p. 741) queria, como denuncia ainda a carta de 14 de março de 1938, “publicar [seus] acabados manuscritos ‘Teoria geral das neuroses’ e ‘Problemas da técnica’”[178]. Elaboradas incialmente, dessa forma, na atmosfera de seu projeto de 1934, as duas maiores obras do líder das *Circulares* tinham como propósito servir de ‘manuais’ de psicanálise, por assim dizer, aos novos analistas.

De todo modo, o clima pouco receptivo da psicanálise nos EUA aos analistas de esquerda atuantes na IPA não foi a causa determinante do retraimento de uma psicanálise aplicada, não só ao campo terapêutico das doenças nervosas, mas também em favor de uma sociedade mais justa e mais igualitária. O engajamento desses analistas de esquerda já havia sido abalado e triturado no próprio clima hostil e violento do fascismo na Europa Central durante a década de 1930. Jacoby (1983) resume muito bem como Fenichel e seus

[176] No original: „›Nicht emigrieren!‹ . . . ein Zerfall der Wiener Gruppe könnte einen Zerfall der Psychoanalyse überhaupt bedeuten“.
[177] No original: „wäre der Kampf zwischen der I.P.V. und der *American Federation* wirklich ein Kampf zwischen Erhaltung der Analyse und ihrem Aufgehen als einem Unterkapitel der ›Psychotherapie‹“.
[178] No original: „Um solchen Einfluß zu gewinnen . . . meine fertigen Manuskripte ›Allgemeine Neurosenlehre‹ und ›Probleme der Technik‹ . . . zu publizieren“.

companheiros na empreitada 'psicanalítico-marxista' (tanto presencial quanto nas *Circulares*) acabariam, neste contexto, redirecionando seu engajamento para a defesa da psicanálise freudiana clássica. Diz o historiador:

> O fascismo forçou os freudianos engajados a baterem em retirada. Como Fenichel colocou em sua conferência de despedida de Praga, os freudianos politizados deveriam se retirar e preservar a psicanálise clássica; isto era o melhor que os tempos permitiam. A situação nos Estados Unidos reforçou esta distribuição de energia. (Jacoby, 1983, p. 120)[179]

Pois bem, depois de uma longa viagem, passando por Viena, Paris e Le Havre, a família Fenichel chega à cidade de Nova Iorque no dia 15 de maio. Enquanto isto, as *Circulares* estavam suspensas. Enviada em 30 de abril de 1938, a correspondência de número 47 fora a última endereçada da Europa. Já a próxima carta, a primeira escrita do Novo Mundo e datada de 25 de junho, contém um relato detalhado do percurso do psicanalista pelos EUA até chegar a Los Angeles. De leste a oeste, ele visitou algumas associações psicanalíticas em Nova Iorque, New Haven, Boston, Chicago, Topeka e São Francisco (Fenichel, 1998a).

Além de se inteirar sobre o estado da psicanálise em cada um destes lugares, Fenichel aproveitou para ir ao Congresso da APA, que ocorrera primeiramente em Chicago e depois em San Francisco, com a participação da Associação Americana de Psiquiatria. Dando suas conferências neste trajeto em direção ao oeste, ele pôde propagandear e debater seus pontos de vista. Também pôde reencontrar velhos conhecidos, imigrantes como ele, bem como se apresentar aos novos colegas e estabelecer contato com "possíveis alianças" (Mühlleitner, 2008, p. 315).

Como Fenichel (1998a) já esperava, as primeiras notícias que enviou do continente americano confirmavam que o mundo psicanalítico nos EUA não só sofria da dependência em relação à medicina, deixando pouco espaço para os analistas não-médicos[180], como também era um ambiente de extrema concorrência entre os pares – principalmente em Nova Iorque. Docentes e didatas disputavam pacientes e buscavam angariar candidatos para suas próprias concepções psicanalíticas. E os analistas mais afetados neste embate profissional eram os imigrantes.

Somada ao clima de concorrência profissional, a dispersão do movimento psicanalítico nos EUA era intensificada, pois a formação não fornecia, como na Europa, um "vínculo libidinal e sentimental com Freud" (Fenichel, 1998a, p. 879)[181]. Como vimos no capítulo um, a palavra de Freud talvez fosse a verdadeira causa unificadora a animar o

[179] Que fique claro que o ambiente cultural nos EUA talvez tenha facilitado a tal 'distribuição de energia', o que não quer dizer que o contexto estadunidense foi a causa dessa mudança do foco de atuação do grupo das *Circulares* (Jacoby, 1983).
[180] A partir de 1938, candidatos sem graduação em medicina já não eram aceitos por determinação da APA.
[181] No original: „sentimentalen libidinösen Bindung an Freud".

movimento psicanalítico, mas parece que, no Novo Mundo, ela não possuía tanta força afetiva para vincular os analistas entre si em um movimento centralizado. Ainda assim, mesmo neste ambiente um tanto árido para os analistas imigrantes, o líder das *Circulares* não deixou de tratar das emergências pelas quais passavam seus companheiros em solo europeu; e buscou por postos de trabalho para os que desejavam fugir da guerra iminente.

Já instalado na Califórnia, Fenichel aproveitou as férias de verão para ler as atas do GE de Los Angeles e ficar por dentro das discussões que seriam retomadas em setembro. Enquanto isso, ele foi se familiarizando com a língua, os costumes e a nova cidade. No começo, teve muita dificuldade com o inglês. Saía-se até que bem com os termos técnicos psicanalíticos. Mas a linguagem da rua lhe era quase incompreensível. Com os pacientes, fazia uso de um dicionário. No entanto, as aulas de idioma com Ruth Lachenbruch, que lhe ajudaria no futuro com a tradução de *A teoria psicanalítica…* e de outros textos, fariam com que fossem sanadas estas dificuldades iniciais com a língua inglesa (Mühlleitner, 2008).

Em seu novo lar, Fenichel (1998a) continuou recebendo, coletando, editando e repassando nas *Circulares* os relatos contendo as informações sobre a situação local do movimento psicanalítico espalhado pelo globo. Até a eclosão da Segunda Guerra Mundial em 1939, as cartas continuariam chegando normalmente aos destinatários na Europa. Posteriormente, por conta da possível censura, o psicanalista só enviaria a eles pequenos resumos das correspondências. Do outro lado, os relatos vindos da Europa, cada vez mais, deixavam de chegar às suas mãos.

Na primeira circular de 1939, datada de 6 de fevereiro, Fenichel (1998a) anuncia suas atividades em Los Angeles. Como analista-didata, fazia parte da Comissão de Ensino da Sociedade Psicanalítica de Topeka, Kansas. Embora o Grupo de Estudos fosse subordinado a esta Sociedade, Fenichel, Simmel e Deri tinham autonomia sobre a admissão de membros, candidatos e sobre o conteúdo programático das reuniões e temas dos seminários. Ali, os analistas europeus e não-médicos eram bem-vindos.

Contudo, a partir de 1940, quando os psicanalistas em Los Angeles, São Francisco e redondezas se empenharam na construção de uma sociedade californiana, buscando sua independência de Topeka, um dos empecilhos para o reconhecimento da independência dos californianos fora precisamente o estatuto de membro conferido a não-médicos. Em meio a este processo, após um dos encontros para a formação desta sociedade, já em março de 1941, Fenichel (1998a, p. 1435)[182] conta que “a maioria dos analistas médicos esclareceu não querer pertencer a nenhuma organização de especialistas na qual não-

[182] No original: „Die Mehrzahl der ärztlichen Analytiker hat erklärt, keiner Fachorganisation angehören zu wollen, in der auch Nicht-Ärzte vollberechtigte Mitglieder sind. So groß ist ihre Angst, das Wohlwollen der nicht-analytischen Ärzteschaft zu verlieren!“.

médicos também são membros com plenos direitos. Tão grande é o medo deles de perder a simpatia do corpo médico não-psicanalítico!".

Um ano depois, em março de 1942[183], é fundada a Sociedade Psicanalítica de São Francisco (SFPS), à qual o GE de Los Angeles estaria vinculado até se tornar uma sociedade independente quatro anos depois. Simmel foi eleito seu presidente e, de acordo com as determinações da APA, Deri e Bernfeld receberam o título de Membros Honoríficos, pois, como não-médicos, não poderiam fazer parte de Comissões (Fenichel, 1998a; Mühlleitner, 2008).

Ao lado da admissão e do status de não-médicos, outra querela discutida com o mesmo afinco nas *Circulares* era o reconhecimento oficial pela APA de vários Institutos em uma mesma cidade que propunham formações diversas. Em Nova Iorque, desde 1939, Horney já tinha "seu próprio círculo, seus próprios candidatos à formação" (Fenichel, 1998a, p. 1222)[184]. E, anos depois, Radó e William Silverberg conseguiram uma autorização da APA para abrirem duas especializações psicanalíticas para médicos, respectivamente, na Columbia University e na New York Medical College. Representando a SFPS em reunião da Comissão de Ensino da APA, Fenichel votou contra esses pedidos de autorização (Mühlleitner, 2008).

Lembremos que nas *Circulares*, a partir de 1936, paralelamente a estas contendas institucionais documentadas, uma parte dos pontos de discussão trata exclusivamente de problemas teóricos da psicanálise, clínica ou aplicada. Sem dúvida, o debate em torno de tais problemas e o exame da literatura correspondente tocam, em vários pontos, não só nas discussões teóricas entre analistas, como também revelam a divergência entre as suas concepções nos bastidores das políticas institucionais relativas à formação e à regulamentação profissional psicanalíticas.

Na visão de Fenichel, certas concepções de uma parte dos psicanalistas transitavam dos fundamentos científico-naturais freudianos a um apelo 'psicologista', ou mesmo 'biologicista', na compreensão dos fenômenos psíquicos e de suas implicações sociais, políticas e históricas, ignorando assim as causas ambientais do psiquismo. Outras, negando aos fenômenos psíquicos a parcela biológica constituinte de sua natureza, serão caracterizadas como 'culturalistas'. Por exemplo, ainda em 1936 e 1937, os pontos de vista de Marie Bonaparte e Edward Glover figuravam como representantes do primeiro tipo de desvios teóricos do corpus freudiano; e os de Abram Kardiner, Fromm e Horney do segundo.

---

[183] Importante mencionar que, de 1942 até o seu final em 1945, as *Circulares* foram escritas em inglês e não mais em alemão.

[184] No original: „ihren eigenen Kreis, eigene Ausbildungskandidaten"

No próximo capítulo, terei oportunidade de retomar um pouco desta crítica fenicheliana ao reducionismo 'psicologista' e 'biologicista' e, sobretudo, ao 'culturalismo' dentro da literatura psicanalítica, examinando, para tal, algumas discussões científico-literárias realizadas nas *Circulares* após a sua 'reestruturação' de 1936. Por enquanto, no presente capítulo, importante é dizer que esta batalha dupla contra o psicologismo e contra o culturalismo ganhou pesos distintos. Dentro do movimento psicanalítico nos EUA, entre os representantes da primeira tendência e os da segunda, Fenichel preferiu se aliar no plano institucional aos primeiros, reforçando sua pecha de 'ortodoxo' e 'conservador' em matéria de psicanálise[185]. Foi neste contexto, posicionando-se mais próximo dos 'ortodoxos' e 'conservadores', que Fenichel pôde publicar suas concepções nos dois grandes 'manuais' de técnica e de teoria psicanalíticas, respectivamente, de 1941 e de 1945.

Voltando à atuação de Fenichel no movimento psicanalítico, além das disputas em torno da fundação de associações e institutos de psicanálise e das disputas sobre as normas de formação, ele prosseguiu com sua estratégia de ganhar as novas gerações para a psicanálise científico-natural ao assumir, como se viu, alguns cargos dentro do GE de Los Angeles, mas também ao ocupar outros dois cargos cruciais para seus planos 'político-pedagógicos'.

Em carta enviada em 11 de agosto de 1939, Fenichel compartilha com seus companheiros o convite recebido para que colaborasse com o *Trimestral Psicanalítico*[186]. Havia sido chamado para conduzir a seção de resenhas do periódico. Ao final da notícia, o líder das *Circulares* especula sobre o potencial do novo cargo para a "disputa pela manutenção da psicanálise freudiana nos EUA" (Fenichel, 1998a, p. 1185)[187]. Pouco tempo depois de assumir a redação da seção de resenhas*,* Fenichel torna-se um dos editores da revista.

Interessante notar que, dos artigos apresentados e comentados por ele nesse periódico, a maioria tratava, por razões conjunturais óbvias, de psicologia da guerra e de psiquiatria militar. E, mais importante ainda, o *Problemas da técnica*…, que nada mais é do que uma coletânea de uma série de artigos publicados no *Trimestral Psicanalítico* em 1938 e 1939, foi publicado graças ao aparato editorial da revista.

O outro cargo estratégico, ocupado por Fenichel, foi o da presidência de um Comitê de Tradução para as Obras Completas de Freud, para o qual foi convidado pelo próprio presidente da APA[188]. Na circular de 5 de maio de 1944, após relatar a novidade aos

---

[185] "No entanto", como enuncia Jacoby (1983, pp. 127-128), "na questão da análise leiga, sua fidelidade implicava deslealdade para a maioria dos conservadores, que se opunham em geral a psicanalistas não-médicos".

[186] *Psychoanalytic Quarterly.*

[187] No original: „neuer Posten unter Umständen ein wichtiger Platz im Kampfe für die Aufrechterhaltung der Freudschen Analyse in Amerika werden könnte".

[188] Tal Comitê era composto ainda por Bibring, Wälder, Heinz Hartmann e Richard Sterba.

companheiros, Fenichel (1998a, p. 1817) avalia o convite: “Sou da opinião de que a publicação de tal tradução seria a contribuição mais valiosa que poderíamos fazer atualmente à psicanálise de Freud nos EUA”[189].

Na resposta de Fenichel ao presidente da APA, transcrita nesta mesma carta, é possível ainda ler a sugestão do psicanalista para que a APA e este Comitê de Tradução se juntassem a Jones e à Associação Britânica, que tinham seus próprios planos de tradução para a obra freudiana. Desde o início, nos EUA, Fenichel (1998a) considerava essencial este trabalho de tradução da obra freudiana para que o ensino psicanalítico no mundo anglófono fosse influenciado segundo suas concepções.

Ao lado de suas ocupações dentro do movimento psicanalítico, ainda no final de 1941, Fenichel passou a trabalhar no texto de sua maior obra. Em 1943, em uma pequena contribuição enviada ao Congresso da APA, em Detroit, para ser lida no simpósio sobre as *Tendências atuais na teoria e na prática psicanalíticas*[190], o psicanalista reafirma a relação desta obra com a estratégia de proteção dos fundamentos freudianos. Diz ele:

> A falta de clareza, os mal-entendidos, os desvios e as tentações que remobilizam as resistências no atual movimento psicanalítico – e que refletem as condições instáveis à nossa volta – tornam desejável que a essência da psicologia dinâmica freudiana seja formulada de um modo inequívoco. No âmbito de minhas modestas possibilidades, estou tentando contribuir para essa tarefa escrevendo uma ‘Teoria psicanalítica das neuroses’. (Fenichel, 1998a, p. 1730)[191].

Ao mesmo tempo em que Fenichel anuncia, em 1943, suas esperanças (ou o que restara delas) de salvar, o mínimo que pudesse, os fundamentos científico-naturais da psicanálise freudiana, seu descontentamento crescente com a situação do movimento psicanalítico afetava também o grupo das *Circulares.* Na missiva secreta de 10 de julho, o psicanalista faz uma reflexão sobre as cartas, que deve ser transcrita aqui pelo peso de suas palavras:

> Certamente esta edição deveria ser introduzida por um editorial de comemoração, já que é a 100ª ‘circular’. . . . Entretanto, eu não me sinto em absoluto como se ‘comemorasse’ a ocasião. Eu ainda recebo cartas em que alguns de vocês são muito gratos pelas ‘circulares’, pois elas lhes permitem manter contato com acontecimentos importantes no movimento psicanalítico e com publicações sobre sociologia psicanalítica. E, embora isto me motive a continuar, não é suficiente para superar minhas dúvidas sobre se este trabalho vale a pena. Certamente, todos nós concordaremos que, sem dúvida, não há qualquer grupo organizado, ou pseudo-organizado, que uniria suas atividades para influenciar o movimento psicanalítico;

---

[189] No original: “I am of the opinion that the publication of such a translation would be the most valuable contribution we could make to Freud’s psychoanalysis in America today”.

[190] *Present Trends in Psychoanalytic Theory and Praxis*

[191] No original: “The unclarities, misunderstandings, deviations and temptations to remobilize resistances in the present-day psychoanalytic movement – which all reflect the unstable conditions in our surroundings – make it desirable that the essence of Freudian dynamic psychology should be formulated in an unmistakable way. Within the frame of my modest possibilities, I am trying to contribute to this task by writing a ›Psychoanalytic Theory of Neuroses‹”.

> ou para realizar pesquisa sociológica ou política. O que permanece é a informação sobre fatos e a revisão de publicações sociológicas. Estes objetivos limitados até poderiam valer a pena, mas somente se estivessem baseados em alguma colaboração. (Fenichel, 1998a, p. 1765)[192].

Dessa maneira, em algum momento, Fenichel passou a ter consciência de que as *Circulares* já não eram mais uma troca de correspondências entre um grupo de analistas visando à manutenção da psicanálise freudiana para o futuro desenvolvimento de suas teorias psicológicas e de seus dispositivos terapêuticos, de modo que eles pudessem ostentar o qualificativo de 'dialético-materialista' ou de 'marxista'.

Acontece que, desde a época em que Fenichel estava em Praga, como afirmei acima acompanhando Jacoby (1983), suas estratégias e táticas – que o levaram a se concentrar primariamente sobre os desvios e o esvaziamento da psicanálise científico-natural, bem como sobre a autonomia profissional e científica em relação à medicina – fez com que o objetivo inicial das cartas secretas deixasse de ser a organização do grupo de psicanalistas 'marxistas'.

Além disso, Fenichel já dava sinais de que sentia a falta de colaboração dos companheiros há algum tempo. Na circular de 25 de novembro de 1940, o psicanalista retoma a história das cartas e da formação do grupo dos analistas de esquerda. Depois de questionar o sentido adquirido pela correspondência ao longo dos anos em face de sua proposta original, Fenichel critica os colegas por ter ficado com a maior parte do trabalho, dizendo que as cartas "se tornaram mais ou menos [seu] assunto privado e pessoal" (Fenichel, 1998a, p. 1385)[193].

A última circular, de número 119, enviada em 14 de julho de 1945, reforça a sensação de solidão de Fenichel neste grande empreendimento e a ideia de que a própria existência da psicanálise freudiana estava em jogo, obstruindo a possibilidade de pautar outras questões mais avançadas. Assim, o psicanalista finaliza os onze anos de cartas dizendo que estaria ocupado com "tarefas mais urgentes" (Fenichel, 1998a, p. 1945)[194].

De posse de sua cidadania estadunidense desde fevereiro de 1945, Fenichel começaria no verão deste ano sua jornada para obter a validação de seu diploma de medicina, para a qual se exigia um ano de residência. Isso porque, embora pudesse atender

---

[192] No original: "This issue rightly should be introduced by a celebrating editorial, since it is the 100th ›Rundbrief‹. . . . However, I do not feel like ›celebrating‹ on this occasion at all. I still get letters that some of you are very grateful for the ›Rundbriefe‹, because they enable them to keep in contact with important events in the psychoanalytic movement, and with publications about psychoanalytic sociology. And although this prompts me to continue, it is not sufficient to overcome my doubts as to whether this work is worthwhile. We certainly will all agree that there is no question of any organized or pseudo-organized group which would unite its activities so as to influence the psychoanalytic movement, or so as to do sociological or political research work. What remains is the information about facts and the reviewing of sociological publications. These limited aims might still be worthwhile; however, only if they were based on some cooperation".

[193] No original: „Rettung der naturwissenschaftlichen Analyse … Die Rundbriefe sind mehr oder weniger meine persönliche Privatangelegenheit geworden".

[194] No original: "more urgent tasks".

e participar de comitês nas associações psicanalíticas como médico[195], Fenichel não era reconhecido legalmente como médico, o que fazia dele um analista 'leigo'. E, para que não fosse questionado pelas autoridades médico-psicanalíticas ao defender que não-médicos também pudessem se formar e praticar a psicanálise, fora impelido a este esforço (Jacoby, 1983; Mühlleitner, 2008)[196].

Aceito para a residência médica no Hospital Cedros do Líbano[197], que seria iniciada um mês após a derradeira circular, Fenichel precisou parar com suas atividades clínicas, docentes e institucionais no movimento psicanalítico. Passaria um semestre cansativo por conta do trabalho no hospital. Mesmo assim, ainda encontraria tempo para a revisão final de *A teoria psicanalítica*..., que seria publicado em dezembro. No final de janeiro de 1946, um mês após completar 48 anos, quando se recuperava de uma forte gripe em casa, Fenichel veio a falecer por conta de um aneurisma cerebral.

3.2. *Problemas da técnica psicanalítica* e a concepção fenicheliana sobre a prática psicanalítica

Dedico-me agora a destrinchar a concepção de Fenichel sobre a prática psicanalítica a partir de sua noção de 'teoria da técnica', que teve seu núcleo e princípios desenvolvidos nas conferências sobre técnica psicanalítica dadas em Praga e Viena, entre 1935 e 1936, ainda na atmosfera conceitual do projeto de psicologia dialético-materialista ou de psicologia 'marxista'. Para esse exame do entendimento fenicheliano sobre 'o que faz o psicanalista?', sobre 'o que é analisar?' e sobre 'por que uma teoria da técnica?', proponho uma leitura da coletânea de artigos *Problemas da técnica psicanalítica* (Fenichel, 1941), publicada pelo aparato editorial do *Trimestral psicanalítico.*

Como vimos, essa coletânea de artigos tinha o propósito de servir como um 'manual' de técnica. Efetivamente, ela acabou transportando para o movimento psicanalítico dos EUA as teses produzidas no contexto daquelas conferências de Fenichel, em Praga e Viena, cujo intuito era fortalecer, através da formação, a transmissão de uma psicanálise que cumpre com os requisitos do projeto de psicologia dialético-materialista, que foram discutidos no capítulo anterior desta tese. Assim, o exame desse texto de Fenichel (1941) deve jogar luz sobre como ele concebe a prática psicanalítica e a função terapêutica da psicanálise em outro contexto, completamente distinto, duas décadas após ter iniciado sua formação.

---

[195] Quando a APA restringiu a formação e a prática psicanalíticas oficiais àqueles candidatos que comprovassem formação médica, a decisão previa que qualquer analista que tivesse terminado a formação psicanalítica até 1938 poderia exercer a psicanálise.

[196] Fenichel não tirou sua licença anteriormente porque o estágio não era remunerado e tomaria todo seu tempo, deixando-o sem renda quando ainda dependia de seus honorários. Além disso, o seu pedido de naturalização, requisito para o estágio, demoraria de 1941 até 1945 para ser emitido.

[197] *Cedars of Lebanon Hospital*.

Já indiquei no primeiro e no segundo capítulos desta tese que as generalidades dessas concepções sobre a prática psicanalítica permanecerão inalteradas. Nessa obra de 1941, elas não deixam de carregar consigo uma noção – presente desde o início da década de 1920 – de que a terapêutica psicanalítica deve ser conduzida como uma espécie de 'educação afetiva' do eu. Por isso, tratarei dos detalhes desta noção. Isto significa que terei de repetir a exposição de algumas teses de Fenichel, já explicitadas com o comentário sobre outros textos seus nos capítulos anteriores.

Creio que esta repetição tornará possível esclarecer como os fins terapêuticos da psicanálise acabam se alinhando à proposta epistemológica de Fenichel (1934a) preparada em *Sobre a psicanálise como gérmen de uma futura psicologia dialético-materialista*[198]. Ao mesmo tempo, será mais fácil também entender o papel dos limites externos que foram colocados, pelo contexto da aliança de Fenichel com a ortodoxia do mundo psicanalítico nos EUA, para o desenvolvimento positivo dessa proposta de 1934 dentro das teses e argumentos do *Problemas da técnica*…. Além disso, essa repetição facilitará a compreensão, ao final da tese, dos limites internos dessa mesma proposta dentro da economia conceitual dos grandes 'manuais' de Fenichel (1941; 1945).

Mas antes de passar ao exame textual propriamente dito, peço licença ao leitor para recuperar, mais uma vez, algumas problemáticas enfrentadas até aqui. Isso porque, se, do ponto de vista da história de seu envolvimento e de sua atuação no movimento psicanalítico, Fenichel nunca deixaria de enxergar nesse movimento o espaço mais propício para seu engajamento pessoal em um projeto 'pedagógico' de autonomia do indivíduo (que deve possibilitar uma mudança radical no núcleo da personalidade humana), lembremos que, do ponto de vista teórico e da obra deixada pelo autor, certos pontos das suas concepções sobre o conhecimento e a prática psicanalíticos ganharam outra tonalidade a partir do 'destino epistemológico' dialético-materialista estipulado em 1934.

Ora, quando indaguei, no terceiro item do capítulo um, a concepção geral de Fenichel (1923/1953c) sobre o tipo de conhecimento que é a psicanálise e para que ela serve enquanto terapia, pontuei como o espírito crítico de certo kantismo vulgar pairava em sua obra desde o início. A principal decorrência deste espírito crítico é a tese sobre o caráter 'naturalista' do conhecimento psicanalítico e 'empirista' de seu método de investigação. Assim, o autor repete o famoso enunciado freudiano segundo o qual a psicanálise é definida como uma ciência natural.

No caso de Fenichel (1923/1953c), isso significa que a psicanálise deve cumprir com duas cláusulas ou critérios epistemológicos: 1) ela deve se comportar como um conhecimento que almeja a explicação das causas (efetiva e final) dos fenômenos psíquicos, tornando-os inteligíveis; 2) ela deve se comportar também como um

[198] *Über die Psychoanalyse als Keim einer zukünftigen dialektisch-materialistischen Psychologie.*

conhecimento que serve aos ideais de previsão e controle da ordem natural dos fenômenos psicológicos.

Acontece que, para Fenichel, a consequência prática, ou melhor, da aplicação técnica dessas cláusulas ou critérios seria um método terapêutico que, além de se confundir com o método de pesquisa sobre os fenômenos psicológicos inconscientes (a interpretação analítica), almeja uma maior autonomia da consciência e da instância psicológica do Eu, como se o ideal de cura organizando a aplicação desse método terapêutico fosse um ideal de emancipação racional do indivíduo diante de suas paixões e sofrimentos.

É importante que o leitor entenda isso, pois, como vimos, aqueles requisitos epistemológicos e esse ideal de cura articulam a conduta do psicanalista, na exposição de Fenichel (1935/1953d; 1935/1953e) sobre o bom funcionamento da técnica psicanalítica. De certo modo, a leitura de Fenichel dos adágios freudianos 'tornar o inconsciente consciente' e 'onde era isso, deve o eu advir' o leva a afirmar que a intervenção analítica deve sempre se preocupar, de um lado, com o significado da série associativa do analisando, e, por outro, com a intensidade do conflito psíquico que está presentificado nas resistências. Assim, o objetivo da análise seria fornecer ao analisando a capacidade de reconhecer os mecanismos decorrentes da repressão e a capacidade de poder viver com alguma liberdade os afetos que, antes desse reconhecimento, perturbavam o funcionamento psíquico e atrapalhavam, assim, a experiência individual com a própria corporeidade e com o mundo como um todo.

Se esses elementos não deixarão de marcar em diferentes momentos de sua obra, com certa persistência, a forma como Fenichel concebe o conhecimento psicanalítico, nem as generalidades de como entende sua finalidade prática, então, o que mudará com o projeto de psicologia dialético-materialista de 1934? Foi pensando nesta questão que me dediquei ao exame detalhado do artigo de Fenichel (1934a) no segundo e no terceiro item do capítulo dois.

Mais especificamente, no segundo item do capítulo dois, vimos o que sobreviveu da postura filosófica assumida anteriormente por Fenichel (1923/1953c) diante da natureza do conhecimento psicanalítico. A postura materialista de 1934 mantém, do 'materialismo' empirista e cético de 1923, a ontologia naturalista na qual o 'psicológico' faz parte do mundo dos fenômenos, e para a qual o 'psíquico' é parte da imanência desse mundo e não se resume a uma categoria transcendental da razão. Essa postura materialista mantém também aqueles dois critérios epistemológicos (ou cognitivos) já discutidos no capítulo um: a exigência de explicações universais e necessárias e a exigência de previsibilidade e controle da ordem natural.

No entanto, também argumentei que, às condições de possibilidade e de legitimidade do conhecimento, Fenichel (1934a) acrescenta um terceiro critério que não estava presente

antes de iniciar seus estudos sobre a literatura marxista no fim da década de 1920. Assim, pudemos acompanhar como o autor faz ao ‘materialista’ uma exigência que foge ao estrito domínio das questões epistemológicas. O materialismo fenicheliano do início dos anos 1930 assume também um critério sociológico.

A atitude materialista, ao negar o caráter sobrenatural ou transcendental do psiquismo, não abandona os requisitos cognitivos (presentes nas exigências científico-naturais) de universalidade e necessidade das teses psicanalíticas sobre o ‘previsível’ funcionamento psíquico humano. Para isso, essa atitude materialista deve recorrer aos ideais burgueses de ‘isenção moral’ e de ‘verdade científica’. Mas, paradoxalmente, essa mesma atitude materialista, defendida por Fenichel (1934a), deve reconhecer os determinantes materiais destes requisitos e destes ideais do conhecimento científico e, portanto, compreendê-los como produtos de um esquema de valorização social do controle da ordem ‘natural’ e ‘imanente’ da própria experiência humana.

Esse reconhecimento das condições materiais que sustentam a produção do conhecimento científico, por sua vez, assume um lugar de fundamental importância na crítica aos idealismos no âmbito do pensamento psicológico e das práticas científicas e/ou terapêuticas associadas a ele, pois estipula que o conhecimento ou sua aplicação não podem escapar de suas determinações sociais, históricas e econômicas. Assim, essas determinações fornecem ao quadro explicativo da própria teoria o embate de forças entre os grupos sociais envolvidos em sua elaboração; bem como fornecem a relação dessa teoria com a fase histórica das necessidades humanas e das relações de produção, e com a própria demanda de sua aplicação prática, seja para o desenvolvimento técnico, seja para a formação profissional.

Vejamos a seguir como as concepções mais tardias de Fenichel (1941) sobre a prática psicanalítica herdarão essas marcas da postura ‘materialista’. Passemos então ao texto a fim de conferir se é verdade que Fenichel incorpora de algum modo, sorrateiro que seja, seu engajamento intelectual ‘marxista’ em sua cartografia conceitual.

A partir de problemas práticos de técnica levantados na literatura psicanalítica, Fenichel (1941) tinha como objetivo principal defender e esboçar uma teoria da técnica. Isso porque o tema era tratado sem muita consistência sistemática pelos colegas. E porque o autor acreditava que, para novos analistas, não é fácil relacionar os conceitos aprendidos com o que fazem na clínica. Tratava-se de um problema crucial, já que teoria e prática deveriam se beneficiar da relação causal entre elas. Sem dúvida, esse objetivo de uma teoria da técnica era muito coerente com o propósito de ‘manual’ por trás da publicação dessa obra.

Para alcançar seu objetivo, o autor julga essencial demonstrar ao longo do texto a "ação recíproca contínua" (Fenichel, 1941, p. 2)[199] entre estas esferas na psicanálise. No capítulo anterior, quando eu comentava *O estudo dos mecanismos de defesa e sua importância para a técnica psicanalítica* (Fenichel, 1940/1954c), mencionei a visão do autor sobre o papel da ciência, sobre como não apenas a prática fornece os dados para a elaboração do conhecimento, mas também como as próprias teorias orientam e se refletem nas ações humanas. Como indiquei ali, esta é uma peça importante do argumento fenicheliano referente à função de uma teoria e, em última instância, do conhecimento.

No livro de 1941, a finalidade prática de uma teoria é reafirmada logo de início quando o autor diz que "é tarefa de toda teoria em todas as ciências levar a uma prática melhor" (Fenichel, 1941, p. 3)[200]. Se fosse possível, perguntaria ao autor: não seria tarefa da ética esta a da melhor prática? Perguntaria isso no sentido de uma reflexão sobre qual ação terapêutica deve ser tomada para que determinado fim seja alcançado, permitindo, assim, que esta ou aquela técnica seja mais bem aplicada em certo contexto. Em vez de se assentar sobre a dedução de princípios 'universais' do funcionamento psíquico, a teoria da técnica não deveria ser um 'conhecimento prático' fornecido pela própria 'particularidade' da situação clínica?

Coloco estas questões porque tomo emprestado o argumento de psicanalistas que, como Figueiredo e Coelho Junior (2008) ou Lacan (1959-60/1988), resolvem discutir por outro ângulo a extensa problemática da técnica psicanalítica. De modos distintos e distantes temporalmente, estes trabalhos indicam que o que é feito em meio à situação terapêutica deve ser remetido a um tipo de reflexão realizada a partir das posições ocupadas pelo analista e pelo analisando na relação com a alteridade. Reflexão esta que sugere, assim, uma conduta clínica pensada segundo a particularidade e a singularidade do fenômeno psicológico (patológico ou normal). Mas, por ora, deixo estas questões para serem discutidas mais à frente, no próximo item.

Antes, lembremos que, na visão de Fenichel (1940/1954c; 1941), as teorias sobre o funcionamento psíquico orientam o tratamento dos males psicológicos, pois os métodos psicanalíticos de pesquisa e terapêutico se confundem. Ou seja, a interpretação analítica é, ao mesmo tempo, a via privilegiada para a observação dos processos inconscientes e a intervenção que desencadeia a elaboração dos conteúdos psíquicos represados à margem do fluxo da consciência.

Instalada sobre a coincidência dos métodos de investigação e terapêutico, a teoria da técnica de Fenichel (1941) reflete não só a velha ideia de que o tratamento visa a consciência dos produtos da dinâmica inconsciente dos afetos – ou que o tratamento deve

[199] No original: "continual reciprocal action".
[200] No original: "It is the task of every theory in all science to lead to better practice".

"sujeitar o irracional no homem à razão" (Fenichel, 1935/1953d, p. 335)[201] –, mas defende também que o analista sustenta suas ações (interpretativas) sobre leis científicas gerais do psiquismo.

Dito de outro modo, se a terapia está atrelada à investigação racional dos processos psíquicos inconscientes, a técnica deve ser fundamentada sobre os princípios metapsicológicos e não em outro lugar. Assim, a relação causal mútua entre teoria e prática está na base da reflexão de Fenichel (1941) sobre a técnica psicanalítica. De um lado, o valor empírico dos dados clínicos legitima os princípios e os enunciados metapsicológicos e, de outro, a ação terapêutica deve se dar de acordo com estes mesmos princípios e enunciados.

Obviamente, isto não significa que a teoria da técnica deva ser uma simples racionalização compulsiva e estéril por parte do analista. Fenichel (1941, pp. 23-24) admite: "nós podemos e devemos ser *elásticos* na aplicação de todas as regras técnicas. Tudo é admissível se ao menos se sabe o porquê"[202]. E é por conta desta cláusula teórica, exigindo enunciados sobre os 'porquês', que o *Problemas da técnica*… defenderá uma 'teoria da técnica' como fundamentação das ações tomadas por qualquer analista no decorrer de uma análise.

Insisto neste ponto do argumento fenicheliano: embora a técnica seja um problema instrumental relacionado a uma escuta preparada e alinhada com o inconsciente do próprio analista, com sua subjetividade, ela é, antes de tudo, um problema objetivo. Por isto, ela deve ser encarada teoricamente e se organizar a partir de certos princípios. Diz a tese de Fenichel:

> Temos uma concepção dinâmica e econômica da vida psíquica. Assim, nossa técnica, que luta por uma mudança dinâmica e econômica no paciente, deve também seguir princípios dinâmicos e econômicos. Deve aderir consistentemente ao modo de pensamento subjacente a toda psicanálise, e o procedimento surgido da intuição, que com certeza é indispensável, deve ser disposto de acordo com critérios racionais. (Fenichel, 1941, p. 13)[203].

Antes de buscar os elementos específicos da relação funcional desses princípios teóricos com a técnica psicanalítica, ainda é preciso evidenciar outra coisa. Além das decorrências da suposição de uma coincidência metodológica e da relação mútua e determinante entre teoria e prática na psicanálise, a teoria da técnica fomentada por

---

[201] No original: "to subject the irrational in man to reason".

[202] No original: "we can and must be *elastic* in the application of all technical rules. Everything is permissible, if only one knows why". Vale mencionar que essa ideia já estava contida em um texto de Ferenczi (1928/1992), que consta também nas referências de Fenichel (1941).

[203] No original: "We have a dynamic and economic conception of psychic life. Therefore our technique which strives for a dynamic and economic change in the patient, must also follow dynamic and economic principles. It must adhere consistently to the mode of thinking underlying all psychoanalysis, and the procedure arising from intuition, which to be sure is indispensable, must be arranged according to rational criteria".

Fenichel (1941) também leva em conta as considerações históricas sobre o desenvolvimento do pensamento e das práticas psicológicos. Ela faz uso do mesmo expediente crítico do artigo de 1934, localizando na psicanálise o confronto entre o pensamento científico e materialista e o pensamento mágico das psicologias idealistas.

O autor repete, então, o entendimento de que foi a psicanálise a primeira disciplina psicológica a conquistar a complexidade da experiência psíquica para a investigação científico-natural. Por princípio, o psíquico ou anímico, como objeto desta investigação, deve ser compreendido dentro da natureza orgânica do corpo humano. Imprescindível para a discussão sobre técnica, portanto, a afirmação de que a "psicanálise aborda a neurose como ela faz com todos os fenômenos psíquicos, com o pressuposto fundamental de que a função original do aparelho psíquico é descarregar as quantidades de excitação que vêm de fora e, posteriormente, ligá-las" (Fenichel, 1941, p. 15)[204].

A seu turno, derivam-se algumas noções psicopatológicas destes compromissos epistemológicos e ontológicos da psicologia assumidos por Fenichel (1934a; 1941). Por exemplo, a noção psicopatológica (paradigmática para o autor) de que as psiconeuroses resultam da barragem, edificada pelas defesas do Eu, contra a descarga das energias instintuais. Ou ainda, a compreensão de que um traumatismo gera um afluxo de excitação muito grande para o trabalho de ligação do aparelho mental, o que produziria, por sua vez, o sintoma neurótico, que se forma pela impossibilidade de ligação da grande soma de excitação no psiquismo.

É este quadro de referência teórica (psicológico e psicopatológico) que sustenta a restrição, colocada pelo autor ao campo de ação da técnica analítica, de que é possível "influenciar terapeuticamente somente o ego" (Fenichel, 1941, p. 15)[205]. Seja por meio do fortalecimento de suas defesas, seja "suprimindo a defesa ou trocando-a por uma verdadeiramente adequada" (Fenichel, 1941, p. 16)[206].

Neste sentido, a técnica analítica, quando bem empregada (isto é, segundo os fins estipulados teoricamente), deve fornecer as condições para a elaboração dos conteúdos inconscientes, substituindo assim as defesas patológicas por outras saudáveis que permitem certa circulação da energia psíquica pelo aparelho todo. Ainda assim, Fenichel (1941) não descarta que o fortalecimento ou a destruição de uma defesa podem se fazer necessários. Desde que não interfira, é claro, no controle racional, saudável e consciente, por parte da instância egoica, dos instintos e das defesas inconscientes do próprio Eu e das outras partes do sistema.

---

[204] No original: "Psychoanalysis approaches the neurosis as it does all psychic phenomena, with the fundamental assumption that the original function of the psychic apparatus is to discharge entering quantities of excitation and later on, to bind them".
[205] No original: "therapeutically influence only the ego".
[206] No original: "doing away with the defense or replacing it with a really suitable one".

Em resumo, de acordo com o *Problemas da técnica*...,

> a tarefa terapêutica é, então, [1] reunir no ego consciente os conteúdos (tanto as parcelas de instinto quanto as de ansiedades inconscientes do ego) que foram retidos da consciência e da personalidade total por contra-investimentos do ego; [2] e abolir a eficácia dos contra-investimentos (Fenichel, 1941, pp. 17-18)[207].

E para alcançar esta finalidade, a técnica interpretativa da psicanálise é empregada segundo os tais 'critérios racionais'. Isto é, os princípios dinâmico e econômico, que regulam o funcionamento psíquico, devem ser observados no emprego da interpretação.

O aspecto dinâmico deste funcionamento tem a ver com o "jogo de forças" (Fenichel, 1941, p. 31)[208], muitas vezes contraditório, estabelecido entre instinto, defesas e estímulos externos, sendo cada uma destas partes regidas por tendências próprias. Dessa forma, estabelecer uma regra como a associação livre significa tentar diminuir, tanto quanto possível, a atividade defensiva (e por ventura conflituosa) do Eu, que está sob jurisdição do princípio de realidade. Ou seja, dizer ao analisando 'fale sem censuras' vale como uma tentativa de afrouxar a tendência de oposição ao processo primário, de oposição à descarga livre da energia psíquica, guiada, por sua vez, pelo princípio de prazer. O que favoreceria, segundo Fenichel (1941), a sequência do trabalho interpretativo e a produção de novos derivados inconscientes.

No entanto, por mais que este trabalho mine o conflito entre as forças na origem de um sintoma, as forças defensivas inconscientes do Eu são geralmente muito bem guarnecidas, pois "as 'resistências' permanecem" (Fenichel, 1941, p. 32)[209]. Quanto mais profundas, quanto mais próximas do núcleo inconsciente, mais entrincheiradas essas forças defensivas estarão. Decorre daí a crítica a Klein (1932/1997) concernente à interpretação dos conteúdos inconscientes profundos, do próprio recalcado. Se, contrariamente, a interpretação se realizar a partir do material mais acessível, ela enfraqueceria gradualmente as forças de oposição, expondo a qualidade ativa destas forças, das defesas e resistências. Postura ativa da qual o próprio analisando não suspeita conscientemente.

Correlato a este aspecto dinâmico do psiquismo a ser considerado pela interpretação, que se dá sobre as defesas (nada ou pouco adequadas) investidas contra os derivados instintuais inconscientes, há o aspecto topográfico da antiga máxima psicanalítica, 'tornar consciente o inconsciente'. Fenichel (1941) pondera que, na maioria das vezes, nomear o conteúdo latente não basta para a resolução do conflito entre investimentos e contra-investimentos na base do sintoma neurótico. "Assim, a fórmula dinâmica mais correta

---

[207] No original: "The therapeutic task then is to reunite with the conscious ego the contents (both portions of instinct and unconscious anxieties of the ego) which have been withheld from consciousness and the total personality by countercathexes, and to abolish the effectiveness of the countercathexes".
[208] No original: "play of forces".
[209] No original: "The 'resistances' remain".

é que nós devemos 'remover as resistências'" (Fenichel, 1941, p. 43)[210], deixando, dessa maneira, a interpretação de conteúdo para quando as primeiras tiverem seu poderio reduzido.

Já o aspecto econômico do psiquismo se relaciona com a intensidade do choque entre as forças atuantes no psiquismo. Segundo Fenichel (1941, p. 47), a interpretação deve agir "não apenas sobre o ponto dos conflitos instintuais efetivos, mas sobre o ponto dos conflitos instintuais atuais *mais importantes*". O que significa dizer que a interpretação deve ter por alvo "os mais importantes conflitos *no momento*"[211]. E isto é de fundamental interesse para a técnica analítica, pois acaba ordenando a sequência das interpretações e evitando a arbitrariedade dos possíveis efeitos de uma interpretação fora de hora. De certa forma, "ao aspecto econômico pertence a *dosagem* das interpretações" (Fenichel, 1941, p. 49)[212].

Por outro lado, por mais que, do ponto de vista genético-estrutural do aparelho psíquico, o Eu e suas funções sejam formados posteriormente, a sobredeterminação (as diferentes tendências e causas) dos fenômenos psíquicos impede a eficácia das interpretações que acompanhem estritamente a ordem histórica de sedimentação dos conteúdos psíquicos. Ir da resistência mais superficial ao conteúdo instintual mais profundo não significa seguir à risca um esquema genético invertido da formação dos sintomas (Fenichel, 1941).

A partir dos critérios e princípios derivados da própria metapsicologia e que fornecem certa inteligibilidade aos aspectos do funcionamento psíquico, Fenichel (1941) conclui que, em seus elementos mais básicos, interpretar o conteúdo afetivo de um sintoma ou de uma resistência a esse afeto, por exemplo, significa, grosso modo, fazer com que "a atenção do ego [seja] dirigida a um 'derivado pré-consciente'" (Fenichel, 1941, p. 52)[213]. Mas como avaliar, então, na prática, a validade deste processo?

Para o autor, a validade da interpretação é dada pela aceitação da interpretação por parte do analisando. O analista confirma uma hipótese interpretativa ligada ao fenômeno clínico de acordo com as reações por parte do analisando dentro do campo transferencial. Porém, o material exposto pela reação do analisando à interpretação exige um passo seguinte. Os motivos e as causas deste material demandarão dois tipos de trabalho ou de elaboração. E aí habitam as duas vias (terapêutica e epistêmica) da interpretação que levam à coincidência metodológica assinalada acima.

O primeiro tipo de trabalho está diretamente vinculado ao encaminhamento, dado por parte do analisando, que é traçado por suas associações elaborativas e, portanto, também

[210] No original: "Therefore the more correct dynamic formula is that we must 'remove the resistances'".
[211] No original: "not only at the point of actual instinctual conflicts, but at the point of the *most important* current instinctual conflicts… the most important conflicts *at the moment*".
[212] No original: "On the economic side belongs the *dosage* of interpretations".
[213] No original: "the attention of the ego is drawn to a 'preconscious derivative'".

pelos obstáculos inconscientes impostos a elas. Assim, a fim de evitar a rejeição por parte do analisando do produto inconsciente exibido após as intervenções e as subsequentes associações, Fenichel (1941, p. 97) recomenda que "todas as interpretações e, particularmente, o mais importante caso especial de interpretação, a interpretação da transferência, devem ser feitos *repetidamente* a cada nova barreira de resistência"[214]. Isto é, o analista precisa insistir na interpretação, sobretudo dos derivados inconscientes do analisando que são atualizados e atuam na relação com o analista. E é precisamente com base nesse laço transferencial estabelecido entre analista e analisando que as reações por parte deste último validam as intervenções daquele.

Já o outro trabalho é feito pelo próprio analista. Uma elaboração conceitual que, ao observar o material clínico, cria as hipóteses explicativas propriamente ditas. O exemplo mais patente desse tipo de trabalho 'epistêmico' decorrente da interpretação é a formulação de que a formação de um sonho responde à satisfação de um desejo inconsciente (Freud, 1900[1899]/1991d, 1900[1899]/1991e). Daí em diante, tais hipóteses serão confrontadas com os princípios e noções gerais (impostos pela natureza do conhecimento e do objeto psicanalíticos) até ganharem autonomia teórica na composição de uma lei explicativa. E isso por meio de um trabalho consciente e racional. Desta forma, quando a interpretação analítica dá a conhecer o funcionamento mental doente, revela, em contrapartida, o funcionamento saudável.

Façamos aqui uma pequena digressão sobre essa confrontação das hipóteses clínicas, colocadas pela interpretação do analista na própria sessão de análise, com os princípios e noções gerais assumidos pela psicanálise freudiana. Na pequena introdução ao capítulo sétimo de *A interpretação dos sonhos,* no qual se encontra *A psicologia dos processos oníricos*, Freud (1900[1899]/1991d, 1900[1899]/1991e) aponta um claro corte no plano da obra. Dali em diante, preocupado não mais com a investigação dos processos oníricos em si, mas com a teoria psicológica que os explique e os fundamente, diz ele:

> Tropeçamos na impossibilidade de esclarecer o sonho como fato psíquico, pois explicar significa reconduzir ao conhecido, e, no momento, não existe nenhum conhecimento psicológico ao qual possamos subordinar, a partir do exame psicológico dos sonhos, aquilo que se pode discernir na qualidade de princípio explicativo. Ao contrário, seremos obrigados a estabelecer uma série de novas suposições que toquem, mediante conjecturas, o edifício do aparato psíquico e o jogo de forças que nele atuam. (Freud, 1900[1899]/1991e, p. 506)

Nesta passagem, há duas questões importantíssimas para a compreensão do posicionamento do dito inventor da psicanálise frente aos problemas colocados pela elaboração de sua psicologia das profundezas. A primeira delas se refere a um horizonte

[214] No original: "All interpretations, and particularly the most important special case of interpretation, transference interpretation, must be made *repeatedly* at every new resistance barrier".

produtor das teses específicas sobre o funcionamento dos sonhos, remetido, ainda que de forma inacabada, à empiria do sonho. A segunda questão é que o horizonte explicativo das teses gerais sobre o psiquismo não deve derivar tão somente daquilo que, sob a ótica de um novo método de interpretação, vinha sendo afirmado desde o segundo capítulo da obra. Assim, a explicação dos processos oníricos, em relação ao funcionamento geral do psiquismo, precisaria ser fundamentada sobre as teorias adquiridas pela tradição dedicada à psicologia dos sonhos. Mas aí habitaria um impasse: estas mesmas teorias serão descartadas graças ao novo método e às descobertas decorrentes dele. Portanto, uma nova explicação deveria ser elaborada ou buscada em outro lugar que não na tradição que se ocupou da psicologia dos sonhos.

Argumentando contra as leituras de Freud que tratam sua obra como um bloco teórico único e contra aquelas que a tratam como um tecido conceitual cheio de rupturas radicais, Monzani (1989) se dedica, entre outras mudanças, àquelas operadas na passagem do *Projeto de psicologia* (Freud, 1950[1895]/1992h) para *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900[1899]/1991d, 1900[1899]/1991e). Para ele, embora não seja errado dizer que o modelo neuronal do aparelho mental, presente no manuscrito de 1895, é deixado de lado pela ficção de um aparelho mental pensado em termos processuais, na obra de 1900, é imprescindível reconhecer (como prova o trecho citado acima) que a fundamentação das teses a serem erigidas nessa última obra se encontra para além do método de interpretação que é empregado na compreensão do(s) sentido(s) por detrás de um sonho.

A maneira como o comentador de Freud analisa esta questão mostra como vestígios importantes das teorias de 1895 estão presentes não só nas teses psicológicas de 1900, como na explicação econômica ou tópica do aparelho mental. Mas também mostra como, em vez de um “divórcio insuperável” (Monzani, 1989, p. 106) entre interpretação do sentido singular e sobredeterminado (método de caráter hermenêutico) e explicação do funcionamento geral do psiquismo (teoria na qual estão conjugadas noções como de intensidade e representação), “existiria . . . uma subordinação recíproca entre [elas] interpretação e explicação, cada uma a seu nível: a interpretação *produz* teses que a explicação *fundamenta*” (Monzani, 1989, p. 114).

Portanto, de maneira muito semelhante a Freud (1900[1899]/1991d, 1900[1899]/1991e), Fenichel (1941) coloca na conta dos princípios metapsicológicos (dinâmico e econômico) o problema da fundamentação teórica das hipóteses feitas pelo analista que são produzidas no próprio trabalho de investigação proporcionado pela interpretação.

Continuando, Fenichel (1941) discutirá ainda, a partir das generalidades teóricas do método de interpretação psicanalítico, suas finalidades terapêuticas específicas, que se relacionam com a origem topológica (estrutural) do conteúdo a ser dissecado pela

interpretação, e com os diferentes tipos de resistência tendo em vista as origens desse conteúdo. Esmiuçando essas especificidades e diferenças, o autor levará em conta, por exemplo, as discrepâncias entre uma 'análise do Eu' e uma 'análise do Isso'. Porém, o autor atacará a diferenciação entre 'conflito estrutural' e 'conflito instintual' que foi proposta por Alexander (1933) ao levantar essas discrepâncias. Transcrevo o nó desta crítica:

> Temos dúvidas, no entanto, quanto ao 'conflito entre dois instintos'. É da essência do Id que não haja contradições nele. Instintos antagônicos em conteúdo podem ser satisfeitos sucessivamente ou em derivados comuns a ambos (por exemplo, a representação por meio do oposto). Com certeza, *existem* neuroses do segundo tipo [relacionada ao conflito entre os conteúdos do Id], mas o conflito instintual subjacente a elas é sempre um conflito *estrutural também*. Um dos instintos contrários, situado mais próximo do ego no momento, é mantido como uma defesa do ego e é fortalecido para propósitos defensivos do ego. Embora instintual em sua natureza, ele é, em sentido relativo, uma defesa contra o instinto, se comparado a instintos mais profundos e que foram rechaçados. (Fenichel, 1941, p. 60)[215]

Entende-se daí que o conflito estrutural ou o instintual são sempre problemas decorrentes da dinâmica entre forças defensivas e forças a serem evitadas. Algo condizente com os princípios metapsicológicos que orientam a técnica psicanalítica. Assim, a análise não deixa de ter como tarefa terapêutica a restituição dos conteúdos repelidos pela atividade defensiva do Eu e a destituição desta mesma atividade. Seja a interpretação analítica usada para desvendar o conteúdo latente instintual de um ato falho ou de um chiste, seja ela empregada para diluir propriamente uma resistência, a finalidade destas variações técnicas permanece a mesma.

Se ainda não está evidente a preocupação psicopatológica e terapêutica central de Fenichel após a apresentação das concepções do autor sobre a prática psicanalítica que vão de encontro a uma análise das defesas do Eu, vale a pena, nesse caso, trazer a conclusão do próprio autor em relação à ação da interpretação psicanalítica e à finalidade desse método. Diz ele:

> Uma vez que não podemos na prática atacar eventuais fatores constitucionais, o nosso objetivo permanece analisar *historicamente* as atitudes defensivas tão completamente quanto possível, para que, através da análise delas, a *história dos conflitos instintivos* do indivíduo fique clara para nós. (Fenichel, 1941, p. 66)[216]

[215] No original: "We have doubts however about the 'conflict between two instincts'. It is the essence of the id that there are no contradictions in it. Instincts antagonistic in content can be satisfied successively or in derivatives common to both (for instance, representation by means of the opposite). To be sure, neuroses of the second type *exist*, but the instinctual conflict underlying them is always a *structural* conflict *as well*. One of the contradictory instincts is situated at the moment closer to the ego, is maintained as an ego defense and reinforced for the defensive purposes of the ego; it is, although instinctual in nature, in a relative sense a defense against instinct, in comparison with deeper, warded off instincts".

[216] No original: "Since we cannot in practice attack any possible constitutional factor, our aim remains to analyze *historically* the defensive attitudes as thoroughly as possible, so that through their analysis the *history of the instinctual conflicts* of the individual is made clear to us".

Em última instância – continua mais à frente o autor –, essa finalidade da psicanálise como interpretação 'histórica' de defesas e resistências contra o conteúdo instintual torna

> possível fazer descobertas completamente eficazes dos impulsos dentro de si mesmo, o que não deixa dúvida quanto à realidade e à vivacidade afetiva do que é experimentado, sem ter, para isso, que realmente vivê-los no momento, mas sendo capaz de submetê-los *in statu nascendi* ao juízo crítico do ego. (Fenichel, 1941, p. 70)[217]

Em outras palavras, para Fenichel (1941), 'psicanalisar' significa submeter os impulsos à capacidade crítica e consciente do Eu por meio da interpretação, que localiza e abala o conflito de forças envolvidas nos processos psíquicos inconscientes.

Contudo, leitor, repassemos o paradigmático argumento de Mezan (2014) que indica como uma teoria ou um determinado tipo de intervenção psicanalítica se desenvolvem também em resposta a uma determinada 'matriz clínica'. Nesse sentido, as diferenças de modelo metapsicológico entre psicanalistas como Lacan e Fenichel, por exemplo, não apenas estão relacionadas a uma leitura que privilegiaria este ou aquele momento da teoria freudiana, como também se originam em uma atuação clínica voltada para diferentes tipos psicopatológicos – nesses casos, uma clínica voltada à análise com psicóticos e outra à análise de neuróticos.

Quando Fenichel (1941) se dirige à *Análise do caráter* (Reich, 1933/1995) para tratar, mais uma vez, do papel de resistência do caráter, o autor expõe novamente a concordância geral com os princípios freudianos presentes no texto reichiano, assim como também retoma suas objeções ao modo como Reich aplica esses princípios. Nesse momento, Fenichel (1941, p. 103) admite a importância de que a interpretação se dê sobre o "ponto em que se encontra a resistência economicamente decisiva e, especialmente, em relação ao caráter"[218]. Só assim seria possível abrir caminho para "a desejada alteração dinâmica e econômica" (Fenichel, 1941, p. 104)[219] prescrita pelos princípios metapsicológicos que devem orientar a conduta psicanalítica.

Outro parêntese se faz necessário aqui. O conceito de caráter tal qual é utilizado por Fenichel (1941) significa a soma total (e dialeticamente orientada) das atitudes humanas diante do mundo. O caráter resulta, portanto, tanto das fases da sexualidade, quanto da sublimação e das formações reativas dos componentes instintuais sexuais. Desse modo, o autor retira as vigas-mestras do conceito por ele utilizado de dois textos de Reich (1933/1995) que compõem o livro *Análise do caráter.* São eles: *Sobre a técnica de*

[217] No original: "possible to make thoroughly effective discoveries of impulses in oneself which leave no doubt concerning the reality and affective vividness of what is experienced without having really to live them out at the moment, but be able to subject them *in statu nascendi* to the critical judgment of the ego".
[218] No original: "the point where the economically decisive resistance lies, and especially in relation to the character".
[219] No original: "the desired dynamic and economic alteration".

interpretação e de análise da resistência (1927) e *Sobre a técnica de análise do caráter* (1928)[220].

Como decorrência técnica primordial dos princípios teóricos adotados pelo autor, a análise das resistências (provocadas especialmente pelo caráter) implica também, como já foi indicado em parágrafos acima, um entendimento psicopatológico estritamente associado à 'matriz clínica' das neuroses. Essa é a verdadeira razão clínica que faz com que Fenichel (1941) localize no fenômeno das resistências o foco da interpretação. O autor não poderia ser mais claro sobre isso quando afirma que "a análise da *resistência* é o verdadeiro agente terapêutico" (Fenichel, 1941, p. 106)[221].

Aliás, Fenichel (1934a) já indicava desde antes que o material clínico a mobilizar o seu projeto se limitava ao campo das neuroses. Diz ele: "O que a psicanálise de hoje pode com seus conhecimentos é uma terapia de neuroses para indivíduos doentes, que devem ser tratados diariamente por uma hora durante meses e anos. Ela não pode fazer nada além disso" (Fenichel, 1934a, p. 51)[222]. E mais, o próprio título da maior obra de Fenichel (1945), *A teoria psicanalítica das neuroses*, não deixa de testemunhar que a teoria pensada ali é desenvolvida a partir das diversas faces assumidas pela sintomatologia neurótica.

Diante dessas considerações sobre a preocupação de Fenichel (1941) com o Eu, as resistências, os traços de caráter e a correta aplicação da interpretação, é possível afirmar que a técnica analítica apresentada nesse texto se aproxima da concepção sobre o conhecimento psicanalítico presente no artigo de 1934. Isso porque o texto de 1941 repete algo de fundamental da economia argumentativa de Fenichel (1934a). A saber: a imanência particular do psiquismo e o caráter científico-natural da psicanálise, que validam o conhecimento fornecido por seu método de investigação, são conjugados às considerações sociais e históricas, de tal maneira que estas considerações colocam, no horizonte de legitimação do conhecimento psicanalítico, a finalidade prática de suas teorias.

Já observamos que, no texto de 1934, o autor reconheceu o serviço prestado pela ciência natural – que propõe leis gerais e exige controle e previsibilidade da ordem 'imanente' do mundo – aos ideais de 'isenção moral' e 'verdade científica', que são, em última instância, determinados por certa ordem social, histórica e econômica. Assim, inserido nesta ordem, o sujeito-pesquisador deve considerar também as 'condições materiais' do próprio quadro explicativo de uma teoria científico-natural ou de uma técnica nela baseada. Esse reconhecimento das condições materiais e objetivas, seja no

[220] Não cabe aqui retraçar todo o caminho da noção de caráter desde Freud até esse momento da obra de Reich. No entanto, recomendo para isso a leitura de *Notas sobre a noção de caráter em Reich* (Silva & Albertini, 2005).
[221] No original: "the *resistance* analysis is the real therapeutic agent".
[222] No original: „Was die heutige Psychoanalyse mit ihren Erkenntnissen kann, das ist Neurosentherapie an einzelnen Kranken, die monate- und jahrelang täglich eine Stunde lang behandelt werden müssen. Sonst kann sie nichts".

funcionamento psíquico, seja no próprio entendimento desse funcionamento, trouxe, como consequência, um estatuto ontológico 'particular' no qual figura a imanência do fenômeno psíquico, tanto em relação à natureza mecânica dos fenômenos físicos, quanto em relação à natureza orgânica dos fenômenos biológicos.

Vimos que, a partir daí, Fenichel (1934a) pegou emprestado de certas teses reichianas sobre a dialética do funcionamento do psiquismo a ideia de que a própria origem de sua ontologia 'particular' depende daquela consideração do papel de determinação das condições materiais sobre essa realidade *sui generis* do psíquico. O que ainda levaria a uma aparente contradição lógica. Para Fenichel (1934a), ao mesmo tempo em que é imprescindível à psicanálise explicar o funcionamento universal dos processos psíquicos sem se importar com a singularidade da 'vivência única, complexa e contínua' do indivíduo, que é o portador desses processos psíquicos, também é fundamental tratar o psiquismo como dado empírico, 'imanente' e 'natural' dessa 'vivência' singular.

Mas, no *Problemas da técnica*…, a postura materialista, que paira na atmosfera geral de seus conceitos, teses e argumentos, não põe em questão a relação dos critérios epistemológicos com o ideal de controle e previsão da ordem natural. Aqui, a postura materialista se restringe apenas às considerações sobre a finalidade prática da teoria, que deve proporcionar uma aplicação técnica 'melhorada'. Como busquei evidenciar acima, essas considerações sustentam a forma como o autor entende o fim terapêutico de um conjunto de enunciados gerais que, além de explicarem universalmente a complexidade da vida psíquica única e singular, estipulam uma orientação mínima da conduta psicanalítica.

Ademais, ainda que a textualidade do trabalho de 1941 não ouse nomear todo o lastro do artigo de 1934, vimos que a postura filosófica do 'materialista' também se faz presente quando a crítica ao pensamento mágico ou idealista de certas psicologias, que enquadram a especificidade do psiquismo como sobrenatural, leva Fenichel (1941, p. 12) a afirmar que "Freud foi o primeiro a obter reconhecimento para o irracional, o psicogênico"[223] como parte da própria ordem natural, reconhecendo, para isso, a particularidade do fenômeno psíquico.

Contudo, é verdade também que o contexto do mundo psicanalítico dos EUA – como exposto no item anterior – filtrou dessa postura filosófica materialista seus adjetivos 'dialético-materialista' e 'marxista'. Mas isso não foi uma imposição. A própria atuação político-institucional assumida ali por Fenichel facilitaria esse filtro (Jacoby, 1983). Até porque, como já insisti desde o começo, ele talvez nunca tenha sido um 'marxista' no sentido forte do termo[224].

[223] No original: "Freud was the first to gain recognition for the irrational, the psychogenic".
[224] Nesse sentido, Mühlleitner (2008, p. 342) chega a defender que, "no sentido americano, Fenichel era um liberal que estava satisfeito e concordava completamente com a política e a sociedade dos Estados Unidos".

Ainda assim, as marcas desse projeto continuarão funcionando como garantia da legitimidade epistêmica da psicanálise (que ele pensava e fazia) mesmo em suas obras nas quais os adjetivos ‘marxistas’ são omitidos e nas quais, é verdade, a consideração sociológica das condições materiais não é aprofundada. Logo, no plano das ideias de Fenichel sobre os princípios que regulam a teoria psicanalítica e que dirigem a prática psicanalítica, a rudimentar aproximação entre psicanálise e materialismo-dialético terá efeitos permanentes.

Sem dúvida, a partir de 1934, o ingrediente dialético-materialista é adicionado na relação metodológica entre a terapêutica e a investigação psicanalíticas. Esse ingrediente afetará, indiretamente que seja, a compreensão de Fenichel (1941) dos adágios técnicos freudianos (‘tornar o inconsciente consciente’ e ‘onde era isso, deve o eu advir’). E esse mesmo ingrediente materialista também estará atuante, como veremos no capítulo seguinte, em *A teoria psicanalítica...* (Fenichel, 1945).

3.3. As implicações éticas da concepção fenicheliana sobre a prática psicanalítica

Feita a leitura do *Problemas da técnica*... e abordadas as ideias sobre a terapia psicanalítica contidas nele, concentro-me agora nas implicações da concepção do autor sobre a prática psicanalítica. A ideia deste item não é oferecer soluções aos problemas encontrados e pontuados até aqui. Antes, é extrair desses problemas as indagações que eu tomo por fundamentais, ainda nestas primeiras décadas do século XXI, para o debate em torno da história e da fundamentação das teorias e práticas em psicanálise e, de modo mais geral, em psicologia. Dito isto, aviso que, neste item, arrisco algumas reflexões que fogem do objetivo principal desta tese, e que podem gerar perguntas para futuras pesquisas.

Dos problemas envolvidos na concepção de Fenichel sobre a prática psicanalítica, sem dúvida, dois me sobressaíram na leitura de seus textos. Espero ter deixado claros os dois: 1) a finalidade prática do conhecimento psicanalítico, ressaltada pela defesa fenicheliana de uma ‘teoria da técnica’ que garanta a aplicação de uma ‘melhor prática’, e pela postura ‘materialista’ que reconhece a função e as condições do conhecimento para além de categorias transcendentais; 2) a função terapêutica dessa aplicação, ressaltada com a exposição do ideal de cura relacionado a uma clínica dos sintomas e do caráter neuróticos, e com a exposição do próprio funcionamento da técnica interpretativa do método terapêutico psicanalítico que busca uma ‘educação afetiva’ do Eu.

No início do segundo item deste capítulo, tratando especificamente do primeiro desses pontos, ou seja, da finalidade prática do conhecimento psicanalítico, adiantei uma questão que se impôs a mim diante do papel da ‘teoria da técnica’ de Fenichel. Refletir e

orientar a aplicação técnica, seja ela qual for, por princípios minimamente racionais me pareceu uma problemática ética. De certa forma, é essa problemática que está em jogo quando se reconhece como, em tempos logicamente distintos, mas cronologicamente superpostos, o modo de agir empregado por um profissional depende de um caldeirão no qual suas concepções sobre a natureza humana, os crivos teóricos pelos quais designa as qualidades das realidades (neste caso, as psicológicas) e sua própria posição subjetiva no mundo são confrontados entre si, a fim de responder qual a melhor ação a ser tomada diante de e para o outro, seja ele outro indivíduo, seja ele o plano da coletividade.

Considerei deste modo a problemática envolvida em algumas noções de Fenichel a respeito da finalidade prática do conhecimento psicanalítico, pois tomei de empréstimo certas teses e certos argumentos de Figueiredo e Coelho Junior (2008) e de Lacan (1959-60/1988). Peço, então, licença ao leitor mais uma vez. Neste caso, pela extravagância de um empréstimo que não terá tempo de explorar o peso, a profundidade e a história próprios dessas teses e desses argumentos. Afinal, meu objetivo aqui é tratar das implicações éticas daquelas noções de Fenichel.

Dos primeiros autores, é importante evidenciar duas questões fundamentais referentes à reflexão ética na psicanálise. No ensaio *Presença, implicação e reserva* e seus apêndices, Figueiredo (2008) indica como a natureza das recomendações técnicas aos analistas, presentes na literatura psicanalítica desde Freud (1911-1915[1914]/1991h), “não impedem, antes exigem, que se conceda um maior relevo à *posição* que o analista precisa sustentar para que uma análise ocorra” (Figueiredo, 2008, p. 15). Essa posição, entendida nesse ensaio como ‘presença do analista’ no vínculo estabelecido pelo analisando com o próprio analista e com a configuração clínica como um todo, balança entre dois polos. De um lado, uma presença implicada, que expressa disponibilidade e confiabilidade. Do outro, uma presença reservada, que evita um comportamento sugestivo e mesmo impositivo por parte do analista em suas intervenções.

Já no ensaio *Fala, escuta e campo terapêutico em psicanálise*, a fim de tratar de certos aspectos ‘técnicos’ da escuta e da fala do analista, e partindo de considerações sobre o vínculo clínico entre analisando e analista que deslocam a fundamentação da prática analítica para a relação transferencial/contratransferencial, Coelho Junior (2008) dirige às recomendações freudianas algumas interrogações inspiradas na tradição do pensamento fenomenológico-existencial (Merleau-Ponty, Husserl, Heidegger e Sartre). Tomo por crucial para uma reflexão sobre ética em psicanálise precisamente esse deslocamento da fundamentação da prática analítica para o campo transferencial.

Se as propriedades da ‘situação analítica’ a revelam como um “campo comum no sentido de uma situação perceptiva e pré-reflexiva compartilhada, de um espaço e de um tempo compartilhados, de um campo marcado pela intercorporeidade [sensível]” (Coelho

Junior, 2008, p. 75), então, a ação terapêutica (tanto a escuta quanto a fala analíticas) e seu poder transformador operam de um lugar (a própria experiência) que não pode ser expresso nem nos termos de uma ontologia dualista que estabelece uma natureza distinta entre mente e corpo, nem nos termos de uma epistemologia que fundamenta a ação terapêutica e legitima a inteligibilidade dessa experiência a partir da oposição entre sujeito e objeto do conhecimento. Assim, é do próprio campo da intersubjetividade, ou melhor, da 'intercorporeidade' sensível entre analisando e analista que se extrai a 'medida' dessa ação.

Reconheço nessas duas questões tratadas por Figueiredo e Coelho Junior (2008) – a 'posição que o analista deve sustentar para que a análise ocorra' e o papel do vínculo entre analista e analisando, do campo transferencial, na orientação da ação terapêutica – pontos tratados na avaliação da concepção fenicheliana sobre uma 'teoria da técnica'. Isso porque, mesmo que tomemos a distância e levemos em conta as tremendas diferenças entre as propostas de Fenichel entre 1940 e 1941 e as de Figueiredo e Coelho Junior (2008), estes trabalhos remetem aquilo que é feito em meio à situação terapêutica a um tipo de reflexão realizada a partir do conhecimento prático adquirido nesta mesma situação.

Como garantia e legitimação de uma técnica, entendo que a 'teoria da técnica' de Fenichel também pode ser encarada como um 'conhecimento prático' fornecido pela própria 'particularidade' da situação clínica, considerando assim as posições ocupadas pelo analista e pelo analisando na relação com a alteridade. Assim, mesmo que Fenichel reflita sobre e oriente sua prática a partir de uma dedução de princípios 'universais' do funcionamento psíquico que se preocupam primordialmente com aquilo que não é singular nesse funcionamento, também há elementos suficientes na observância desses princípios que impõem, à reflexão da ação terapêutica, a singularidade do funcionamento psíquico do indivíduo em tratamento.

Comecemos pelas consequências da observância do princípio dinâmico no texto de Fenichel (1941). Ali, esse princípio permite localizar o objeto da interpretação psicanalítica. Mas, em termos práticos, isso não significa apenas apontar genericamente que a interpretação se dá sobre o conflito entre as forças atuantes nos processos mentais. A aplicação técnica do princípio dinâmico coloca, necessariamente, para o analisando o trabalho associativo dos seus conteúdos afetivos e representacionais que estão em conflito. Já a observância do princípio econômico, que em tese permite identificar o ponto de maior intensidade do conflito psíquico, coloca para a aplicação técnica da interpretação psicanalítica o momento em que ela deve ocorrer. Temporalidade esta que também indica a singularidade da interpretação.

Dessa maneira, o trabalho associativo – realizado pelo analisando e operado pela intervenção do analista – pode lidar diretamente com a série histórica particular dos conteúdos afetivos e representacionais explorados na análise, que revelam não só as

possíveis ‘causas’ específicas de um sintoma, como indicam também, para o analista, o próprio caminho a ser seguido pelas próximas interpretações diante da reconfiguração do conflito psíquico.

Da observância desses princípios do funcionamento psíquico, decorre ainda uma terceira consequência prática da aplicação da técnica psicanalítica. Essa terceira consequência se refere à insistência da interpretação diante dos mecanismos de defesa e das resistências gerados ao longo do tratamento. Tomando as reações do analisando após as intervenções e as subsequentes associações como critério de validade e de eficácia das interpretações, Fenichel (1941) incluirá, como elemento principal do cálculo da ação terapêutica, os derivados inconscientes do analisando que são atualizados e atuam na relação com o analista. Ou seja, o autor levará em conta a relação transferencial na reflexão específica sobre a conduta a ser tomada em determinado caso.

Mais ainda, no capítulo destinado ao *Comentário sobre a análise da transferência*[225], Fenichel (1941, p. 72)[226] menciona o papel da “personalidade do analista [que] influencia a transferência”. O autor não ignorava, assim, o papel da contratransferência. Ele reconhece que nada pode proteger mais a experiência analítica de abusos por parte daquele que aplica a interpretação psicanalítica do que a efetividade da análise do próprio analista. Contudo, para Fenichel (1941), isso tem a ver com a concepção clássica freudiana de certo controle racional por parte do analista de seus próprios derivados inconscientes. Diz ele:

> Portanto, o analista deve considerar *tudo* o que ocorre no tratamento, qualquer coisa que seja, exclusivamente como material, e ele não pode reagir às tempestades emocionais do analisando com emoção em troca; daí a exigência de que o próprio analista tenha sido analisado. (Fenichel, 1941, p. 72)[227]

Esse controle dos afetos em meio à situação analítica, por parte do analista, está em completa congruência com uma aplicação técnica da psicanálise que é relacionada a certos princípios teóricos (universais e necessários), e que tem por objetivo a promoção de uma autonomia maior da parte consciente do Eu frente às forças inconscientes que o acometem. O que leva ao segundo ponto da concepção de Fenichel sobre a prática psicanalítica que me chamou atenção: a função terapêutica da psicanálise. Esta função, além de ser explicitada por um ideal de cura ligado, em última instância, a uma clínica dos sintomas e do caráter neuróticos, também está evidente na exposição de Fenichel (1940/1954c; 1941) sobre o próprio funcionamento da técnica interpretativa.

---

[225] *Comments on the Analysis of the Transference*.
[226] No original: “the personality of the analyst influences the transference”.
[227] No original: “Therefore the analyst must regard *everything* that occurs in the treatment, whatever it may be, exclusively as material, and he may not react to the analysand’s emotional storms with emotion in return; hence the requirement that the analyst himself have been analyzed”.

Cito mais uma vez Fenichel (1940/1954c) no artigo que precede o livro de 1941 comentado acima:

> Nós apenas devemos ter em mente como a psicanálise funciona em princípio. Ela demonstra os derivados [instintuais] como tais, e conduz então a uma tolerância diante de derivados constantemente menos distorcidos e, assim, confronta gradualmente o ego com os conteúdos reprimidos. Nesse percurso, ela remove o isolamento destes frente à personalidade como um todo e permite que os instintos reprimidos alcancem o desenvolvimento pelo qual o ego, como um todo, passou até então. A sexualidade infantil é transformada em sexualidade adulta pela intervenção do ego, o que torna possível as sublimações e uma vida sexual ordenada. (Fenichel, 1940/1954c, p. 189)[228]

Nesse texto, a apresentação resumida do objetivo da técnica interpretativa mostra claramente a função terapêutica da psicanálise voltada para uma 'educação afetiva' do Eu. Porém, esta passagem sugere ainda uma noção de desenvolvimento da sexualidade um tanto quanto teleológica. Por trás dela, haveria certo adaptacionismo operando no entendimento de Fenichel (1940/1954c), quando ele fala da promoção da 'tolerância diante de derivados menos distorcidos' e do 'confronto' entre os conteúdos reprimidos e as defesas que o Eu do analisando deve domar.

No entanto, é verdade também que Fenichel (1941) se defende de possíveis objeções que enxerguem nessa noção adaptacionista da função terapêutica da psicanálise certo conformismo, por parte do analisando, com a configuração das forças constituintes e ambientais que atuam em seu psiquismo. Diz o autor:

> Quando se diz que a análise deveria no fim tornar possível que o paciente se adapte à realidade, isso foi interpretado como se os analistas acreditassem que os pacientes curados deveriam considerar as circunstâncias da vida a que estão expostos no momento como imutáveis, e que deveriam se adaptar a elas. Em nenhum lugar nos escritos de Freud pode ser encontrada qualquer coisa do tipo. Temo, porém, que entre os analistas esta opinião pode ocasionalmente ser expressa. Tal interpretação está *errada*. A adaptação à realidade não significa nada além do que a capacidade de julgar *racionalmente* tanto a realidade quanto os resultados prováveis das próprias ações do paciente. Mas julgar os resultados prováveis de suas ações e regular suas ações nesse sentido não significa aceitar todas as circunstâncias dadas. Existe também a chamada *aloplasticidade*, a possibilidade de alterar a realidade em conformidade com os desejos da pessoa. (Fenichel, 1941, pp. 89-90)[229]

---

[228] No original: "We must just keep in mind how psychoanalysis Works in principle. It demonstrates derivatives as such, and then leads to tolerance toward constantly less distorted derivatives, and so gradually confronts the ego with the repressed contents. In this way it removes the isolation of the latter from the whole personality, and lets the repressed instincts catch up with the development which the ego as a whole has passed through in the meantime. Infantile sexuality is changed into adult sexuality through intervention of the ego, which makes possible an ordered sexual life and sublimations".

[229] No original: "When it is said that analysis should in the end make it possible for the patient to adapt to reality, this has been interpreted to mean that analysts believe patients who are cured should regard as unchangeable those circumstances of life to which they are now exposed and should adapt themselves to them. Nowhere in Freud's writings can anything of the sort be found. I fear however that among analysts this opinion may occasionally be expressed. Such an interpretation is *wrong*. Adaptation to reality means nothing else than the ability to judge *rationally* both reality and the probable results of one's own actions. But to judge the probable results of one's actions and to regulate one's actions accordingly, does not mean to accept all given circumstances. There exists as well the so called *alloplasticity,* the possibility of altering reality in conformity with one's wishes".

De todo modo, mesmo que a psicanálise não seja conformismo para Fenichel, a aplicação técnica da interpretação psicanalítica para fins terapêuticos ainda deve ser orientada por um ideal de cura racionalizante e, sobretudo, por princípios metapsicológicos que supõem um funcionamento psíquico saudável relacionado ao papel autônomo do Eu na dinâmica e na economia afetiva, em relação ao próprio corpo e em relação ao mundo. E isso me traz de volta ao empréstimo que faço das elucubrações de Lacan (1959-60/1988) no sétimo ano de seus seminários, que teve por tema *A ética da psicanálise*, no qual a conduta analítica é pensada a partir de uma reflexão ética que tira suas forças, dentre outras, da interlocução do psicanalista francês com o estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss.

Em um trabalho anterior, baseado em minha pesquisa de mestrado, pude expor como a 'ética do desejo' lacaniana era subsidiária de um pensamento antropológico que perpassava as concepções clínicas com as quais Lacan dirigia sua conduta analítica[230]; e como a reflexão sobre esta conduta prescreveria, em última instância, um modo de atuar propriamente psicanalítico no vínculo com a alteridade (Palumbo, 2016). Creio valer a pena trazer alguns pontos da leitura que fiz dessa problemática nas propostas de Lacan (1959-60/1988).

Na argumentação lacaniana, o impasse entre diferentes concepções de ética ('freudiana', aristotélica e kantiana) motiva também uma reflexão que deve ordenar a 'excelência' da prática psicanalítica a partir de uma compreensão dos efeitos da subjetividade – ou melhor, das marcas singulares do circuito dos impulsos inconscientes – sobre o vínculo que se estabelece na própria experiência de análise. Ou seja, para o psicanalista francês, era como se o velho Freud tivesse esboçado, sem saber, uma reflexão ética com sua metapsicologia, com suas teorias sobre os princípios do funcionamento psíquico e sobre as pulsões. Assim, segundo Lacan (1959-60/1988) a 'reflexão ética' de fundo freudiana era aquela que se dá a partir da presença da realidade na interdição da consumação do desejo, que, de outro modo, sem ser interditada, levaria à cessação da busca pela satisfação pulsional (isto é, à volta ao inorgânico, à morte).

O ponto fundamental dessa aproximação lacaniana dos componentes da metapsicologia freudiana com a ética aristotélica e com a ética kantiana, que merece comentário, é o seguinte: por definição, toda subjetividade, quando remetida a uma ética, depende de uma ordem de referência, mesmo que essa ordem não imponha, por meio de um ideal organizador positivado, um bem maior comum a ser alcançado – no exemplo aristotélico, o 'viver bem', a 'felicidade'. No caso da psicanálise, mesmo que esta referência ainda seja o confronto 'trágico' com a interdição do objeto primordial e único da pulsão (que

[230] Sobre essa questão da presença do pensamento antropológico na psicanálise freudiana e na lacaniana, recomendo, respectivamente, os livros *Freud e as ciências sociais. Psicanálise e teoria da cultura* de Assoun (2012) e *Lacan e Lévi-Strauss ou o retorno a Freud (1951-1957)* de Zafiropoulos (2018).

causa e motiva o desejo e que figura na fantasia originária), o plano de uma reflexão sobre a conduta psicanalítica ainda deve ser remetido à posição do analista, ao seu desejo, ao seu suposto saber e à aparência que assume de objeto da fantasia originária[231].

Dessa forma, a proposta lacaniana de orientação ética da prática psicanalítica é fomentada a partir da singularidade radical do desejo inconsciente, que se apresenta na transferência e que é sempre um desejo pela alteridade. Logo, o uso lacaniano de uma ordem de referência, que toma os aspectos singulares da subjetividade do analisando e do analista, não coloca como ideal organizador dessa ética nenhuma racionalidade fundada em princípios universais e necessários a serem buscados na metapsicologia freudiana. Na contramão das concepções fenichelianas, Lacan (1959-60/1988, p. 362) rejeita esse tipo de princípio, pois os considera como "moralização racionalizante". Para ele, concepções como as de Fenichel articulam o ideal de cura organizador de uma análise como uma espécie de "harmonização psicológica" (Lacan, 1959-60/1988, p. 363).

Sem dúvida, essa diferença entre Fenichel e Lacan se dá por conta dos compromissos teóricos completamente distintos dos dois. Como é de se esperar, entretanto, deixo de lado a história dos compromissos das teses lacanianas, que é longa e já bem documentada pela vasta literatura disponível[232]. Aqui, essa história só nos levaria para longe. Voltemos, então, aos acordos filosóficos de Fenichel que vimos marcar sua concepção sobre a prática psicanalítica, em especial, àqueles acordos desvelados no exame da finalidade prática do conhecimento psicanalítico, que vai embutida nessa concepção.

Lembremos que a postura 'materialista', fiadora do programa epistemológico de Fenichel (1934a), reapareceu em sua 'teoria da técnica' de 1941, na crítica que faz ao pensamento mágico e idealista em psicologia. Evitar a reedição de uma prática psicológica que trata a 'realidade psíquica' como algo ininteligível ou como algo de 'outro mundo', significa reconhecer duas condições de existência de uma psicologia materialista.

A primeira condição, mais específica, é a 'materialidade' do psíquico. Mesmo que ela não se comporte como a realidade física, mesmo que o psíquico seja a experiência viva e

[231] Nos termos mais herméticos de Lacan (1959-60/1988), entendo que essa ética do desejo singular promove a atuação no espaço analítico sem deitar abaixo nem os ideais compartilhados nem os bens particulares que organizam a subjetividade daqueles que passam pela experiência analítica (tanto analista, quanto analisando). O que se passa é a confrontação do desejo pelo Outro simbólico, que permite o reconhecimento da falta de uma satisfação final das pulsões, com o pedaço imaginário e especular da alteridade (o outro da relação dual e objetal 'eu-mundo') que tampona a falta do objeto real necessário para essa satisfação. O trágico (ou cômico) dessa experiência, que seria propriamente a experiência analítica 'bem' conduzida, é que o objeto real necessário para a satisfação da pulsão, da livre descarga completa e, portanto, do fim do desejo, está desde sempre interditado.

[232] A título de exemplo, além do livro de Zafiropoulos (2018) já recomendado em outra nota de rodapé especificamente por conta dos compromissos teóricos lacanianos com a antropologia de Lévi-Strauss, indico também, do mesmo autor, o livro *Lacan et les sciences sociales* (Zafiropoulos, 2001). Ao leitor interessado em um panorama do trajeto interno desses compromissos teóricos na obra de Jacques Lacan, talvez valha a pena ainda a leitura de *A paixão do negativo: Lacan e a dialética* (Safatle, 2006), *Lacan: la formation du concept de sujet* (Ogilvie, 2005) e *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação* (Simanke, 2002).

subjetiva que um indivíduo tem de si e do mundo, o funcionamento psíquico é passível de um conhecimento que pode ser expresso por leis gerais, e também é passível de controle. Já a segunda, mais genérica, é que a teoria científica 'materialista' deve buscar suas causas para além de categorias transcendentais, na objetividade imanente das relações sociais, históricas, políticas e econômicas, e também na dialética entre estas relações 'objetivas' e o ideal burguês de 'verdade científica' e de valorização de controle de uma ordem natural.

Acontece que a contradição entre as exigências de controle da natureza e de explicações universais e necessárias e a particularidade do fenômeno psíquico, entendido como 'experiência viva e subjetiva que um indivíduo tem de si e do mundo', coloca um problema insolúvel nesse ponto da articulação entre os critérios epistemológicos do programa de 1934 e a concepção de uma 'teoria da técnica' de 1941. Para esclarecer o núcleo desse problema, proponho uma rápida digressão a partir do debate da teoria do conhecimento propriamente dita envolvendo a psicanálise.

Precisamos entender que, para certa tradição de pensamento, as teorias psicanalíticas, ou mesmo psicológicas, no plano de seus conceitos e enunciados, não têm força suficiente para negar ou mesmo rever as figuras da teoria do conhecimento, como se pudessem fornecer irrestritamente um novo entendimento sobre o sujeito e o objeto do conhecimento. Que a empiria clínica possa fornecer evidências para reflexões sobre as condições do conhecimento e sobre a natureza das coisas, contribuindo assim para esse debate da teoria do conhecimento, isso é uma coisa. Outra, completamente diferente, é esperar dela a resposta sobre a melhor concepção sobre o que é o conhecimento. Lembro aqui rapidamente do aviso de Laplanche (1970) quanto ao problema da associação entre objetividade (objeto do conhecimento) e objetalidade (objeto libidinal). Não é porque os objetos de nossa percepção estão submersos nas águas do princípio do prazer que os objetos a serem conhecidos – objetos passíveis de uma explicação científica – são necessariamente os mais banhados de libido na configuração subjetiva daquele que julga conhecer.

No entanto, toda essa questão não faz o menor sentido do ponto de vista de Fenichel. Não porque ele não seja, como vimos nos capítulos anteriores, um grande especialista da crítica kantiana a uma empiria ingênua, que entende o conhecimento como resultado de um processo de abstração com os dados de nossa percepção, e ao dogmatismo racionalista, que estipula que o conhecimento se dá apenas no nível das categorias transcendentais do intelecto. Embora relacionado a isso, a raiz do desconhecimento de Fenichel a respeito dessa problemática da teoria do conhecimento se encontra em outro lugar.

A confluência entre a empiria do dado psíquico e os princípios metapsicológicos, que fundamentam o conhecimento psicanalítico a partir de certos critérios epistemológicos,

ocorre no plano investigativo do método psicanalítico, ou seja, no plano da ‘observação’ dos processos psíquicos inconscientes. Mas esses mesmos princípios funcionam também como ordem de referência para a fundamentação da prática psicanalítica, que, como vimos, respeita a singularidade do plano terapêutico desse mesmo método, a interpretação analítica. Assim, é a confusão de Fenichel (1940/1954c; 1941) diante do que ele chama de ‘coincidência metodológica’ a geradora do problema insolúvel entre a exigência do controle da ordem natural, na qual se encontra o psíquico, e o ideal de cura voltado para a ‘educação afetiva’ do Eu, que deve fortalecer a capacidade de autonomia do Eu racional e consciente frente às paixões que assolam a alma.

Façamos o exercício de trazer novamente à psicanálise a crítica epistemológica de inspirações kantianas. Tomada do ponto de vista desse ‘tribunal da razão’, no qual o júri já está comprado e que muitas vezes busca demonstrar o profundo desacordo da teoria psicanalítica com os fundamentos e condições de uma suposta verdadeira produção de conhecimento, a psicanálise seria com certeza extirpada do rol do conhecimento possível. É o que sugere Gabbi Junior (2006, p. 101) quando fala das “limitações” da psicanálise quanto ao fato de ser considerada como conhecimento científico.

Nesse sentido, fica evidente, sob o jugo dessa crítica de inspirações kantianas, como algumas confusões podem ocorrer entre o ato de conhecer (caráter descritivo da razão) e as concepções e especulações antropológicas sobre a natureza do Homem (caráter prescritivo da razão). Isso porque, ao ser “obrigada ao mesmo tempo a determinar o campo empiricamente e a estudá-lo, produzindo uma confusão entre o transcendental, ou seja, a determinação do campo de investigação, e o empírico, a investigação do campo” (Gabbi Junior, 2006, p. 102), a psicanálise confundiria o descritivo da ciência e o prescritivo de uma antropologia filosófica – confusão esta que privilegiaria o segundo termo em detrimento do primeiro. Confusão, aliás, que seria própria de qualquer projeto de psicologia científica. É quase como dizer que a correlação entre o método de investigação e de descrição dos fenômenos psíquicos (saudáveis ou não) e o tratamento das neuroses (resultantes de um conflito entre representações e afeto) se comporta como uma homologia perigosa de registros entre método de pesquisa e terapêutica.

Mesmo que críticas desse tipo tenham sua validade e sejam, mais do que bem argumentadas, demonstradas, fato é que a psicanálise se constrói com esta homologia entre método de pesquisa e terapêutica. Pois trata da experiência psicológica (de sofrimento, de dor etc.) ao mesmo tempo em que investiga sua natureza, condições e leis de funcionamento. Isto, por si só, já garantiria a validade do argumento pragmático-empirista, usado não só por Fenichel (ou dos argumentos que assumem a reflexão ética propriamente dita sobre a natureza do conhecimento produzido pela experiência analítica), de que a teoria psicanalítica, antes de qualquer compromisso transcendental ou lógico,

resulta de (e serve a) um propósito prático. A forma como Fenichel (1941) incorpora a postura ‘materialista’ no reconhecimento das causas materiais do conhecimento psicanalítico parece caminhar justamente nesse sentido, ainda que tenha como origem um critério epistemológico (Fenichel, 1934a).

4. A TEORIA PSICANALÍTICA EM FENICHEL: MATERIALISMO, NATURALISMO E PSICOLOGIA CIENTÍFICA

Depois do longo caminho até aqui, ainda é preciso responder certas questões fundamentais sobre as consequências do programa de psicologia dialético-materialista de Fenichel (1934a) para sua concepção do conhecimento psicanalítico. Por isso, no primeiro item, busco evidenciar, antes de examinar suas consequências, como esse programa também se faz presente em *A teoria psicanalítica da neurose* (Fenichel, 1945).

Já no segundo item, tento esclarecer porque e como o recurso ao 'naturalismo' das teses freudianas na própria economia conceitual da obra de Fenichel foi uma resposta às exigências do programa de psicologia dialético-materialista. Isso permitirá levar a associação dessa obra com a 'ortodoxia' freudiana para além de uma discussão meramente histórica sobre o engajamento institucional de Fenichel no movimento psicanalítico.

Por fim, no terceiro item, trato das implicações das noções de Fenichel sobre as teorias psicanalíticas e sobre a fundamentação do conhecimento psicanalítico, a partir de uma discussão sobre epistemologia da psicanálise.

4.1. *A teoria psicanalítica da neurose* e a concepção fenicheliana sobre o conhecimento psicanalítico

É chegada a hora de examinarmos a maior obra de Fenichel (1945), *A teoria psicanalítica da neurose.* Como de praxe, vale começar esta análise retomando rapidamente o contexto de publicação e a origem desse texto. Como já pormenorizado no primeiro item do capítulo anterior com a leitura das *Circulares* (Fenichel, 1998a), a preparação da obra em questão ocorreu em um momento no qual seu autor passou a concentrar todas as suas energias no ensino da psicanálise. Ensino este que deveria ter como norte uma leitura da obra freudiana que acentuasse a tonalidade científico-natural de seus fundamentos.

Deixando de lado, desse modo, o engajamento intelectual nas pautas de esquerda em sua atuação dentro do movimento psicanalítico europeu e, depois, nos EUA, Fenichel acabou usando de sua influência neste movimento para defender e 'salvar', por assim dizer, um conhecimento e uma prática psicanalíticos comprometidos com certa visão naturalista e materialista. Isso porque a conjuntura macropolítica, o contexto do exílio e do próprio movimento psicanalítico, entre 1936 e 1945, forçariam o autor a um passo atrás.

Fenichel precisou, então, adequar suas estratégias desenvolvidas no âmbito da disputa político-institucional e do debate teórico dos primeiros anos da década de 1930. Estratégias estas que estavam voltadas para a elaboração e para o fortalecimento de um

projeto de psicologia dialético-materialista, e que tinham como base a psicanálise científico-natural freudiana (Fenichel, 1934a). Assim, a publicação de 1945 abdicou das referências explícitas ao pensamento dialético-materialista daquele período.

Embora *A teoria psicanalítica...* traga, em seus enunciados, no corpo de seus conceitos e na estrutura de seus argumentos, como busco evidenciar abaixo, o espírito dos compromissos assumidos com os critérios de legitimação e validação do conhecimento e da prática psicanalíticos, estipulados em 1934 e expostos no segundo capítulo desta tese, a referida obra não menciona em nenhuma passagem os termos 'materialismo-dialético' ou 'dialética', muito menos 'marxismo' ou os nomes de Marx ou Engels. Mesmo o termo 'materialista', de especial importância para Fenichel, ocorre somente uma vez.

Em seu prefácio, Fenichel (1945) conta que os pilares de seu trabalho foram desenvolvidos a partir de seus cursos sobre a teoria psicanalítica do funcionamento específico de quadros neuróticos distintos. Tais pilares foram publicados em uma série de artigos do *Trimestral psicanalítico*[233] entre 1932 e 1934, intitulada *Panorama da psicanálise clínica*[234] (Fenichel, 1932a, 1932b, 1932c, 1933a, 1933b, 1933c, 1934b, 1934c). Portanto, iniciado no mesmo período em que Fenichel elaborava seu projeto de 1934, o texto publicado apenas em 1945 não conseguiu evitar a presença dos compromissos teóricos daquele projeto.

Então, é importante que o leitor tenha em mente o seguinte: dados o seu contexto de publicação e a sua origem no conjunto da obra de Fenichel, o grande livro de 1945 deveria servir aos desafios do ensino psicanalítico para as novas gerações como um 'manual' de psicanálise científico-natural e de defesa da psicanálise freudiana, sem, no entanto, avançar de maneira consequente com o programa epistemológico de 1934. Assim, se é possível, por um lado, localizar a presença deste projeto de psicologia dialético-materialista no livro de 1945, é possível também, por outro, verificar que este projeto esbarrou na manutenção da psicanálise freudiana mais 'clássica', ou seja, que ele não pôde ser mais do que 'um projeto'.

Pois bem, passemos aos elementos estruturais gerais de *A teoria psicanalítica...*. Ainda no prefácio de seu livro, Fenichel (1945) diz o seguinte:

> A falta de uma "Parte geral" era a principal desvantagem deste livro [*Panorama da psicanálise clínica*]. Portanto, quando me foi solicitado preparar uma segunda edição, eu preferi escrever um novo livro, que não trataria apenas do tema do *Panorama* de forma mais sistematizada e atualizada, mas também da questão de uma teoria "geral". (Fenichel, 1945, p. v)[235]

[233] *Psychoanalytical Quarterly*.
[234] *Outline of Clinical Psychoanalysis*.
[235] No original: "The lack of a 'General Part' was the main drawback of this book. Therefore, when I was asked to prepare a second edition, I preferred to write a new book, which would not only treat the subject matter of the *Outline* in a more systematized and up-to-date form, but the question of 'general' theory as well".

Por ‘Parte geral’, o autor se refere à teoria psicológica geral da psicanálise. Nesse sentido, essa parte serve como horizonte de legitimação e validação da teoria psicopatológica psicanalítica das neuroses, estejam seus enunciados descrevendo os mecanismos comuns dos quadros neuróticos, estejam eles se ocupando de seus funcionamentos específicos.

Contudo, a necessidade de Fenichel (1945) em revisar os princípios gerais da psicologia psicanalítica em uma ‘Parte geral’ não deve ser entendida como uma tentativa de ‘palavra final’ sobre a psicologia psicanalítica. No primeiro capítulo de sua obra, o autor é enfático sobre isso: “este livro *não* é um manual de psicologia psicanalítica; ele se limita a uma teoria da neurose” (Fenichel, 1945, p. 8)[236].

Dessa maneira, a estrutura da obra de 1945 reflete a necessidade de uma apresentação geral dos princípios teóricos da psicanálise e o anseio de um ensino sistemático de uma psicopatologia psicanalítica dos quadros clínicos neuróticos. Em suas *Considerações preliminares*[237], primeira parte do livro e formada por seis capítulos, Fenichel (1945) expõe, então, questões ligadas àqueles princípios e à teoria psicológica psicanalítica. Em seguida, na segunda parte, constituída de dezessete capítulos, o autor traz para o primeiro plano a *Teoria psicanalítica da neurose*[238] propriamente dita.

Nesta segunda parte, os conteúdos se agrupam em torno de seis grandes blocos. São eles: 1) *Neuroses traumáticas*; 2) *Psiconeuroses, o conflito neurótico*; 3) *Psiconeuroses. Mecanismos da formação de sintoma e neuroses específicas*; 4) *Psiconeuroses, as elaborações secundárias de sintomas*; 5) *Combinações de neuroses traumáticas e psiconeuroses*; 6) e, por fim, *Evolução e terapia das neuroses*[239].

Partindo de uma discussão sobre as generalidades das neuroses traumáticas e das psiconeuroses, Fenichel (1945) concentrará o terceiro, o quarto e o quinto desses blocos de capítulos nas especificidades da sintomatologia neurótica. Esses blocos contêm a maioria esmagadora dos capítulos da segunda parte do grande manual. Eles tratam, com efeito, de maneira sistemática, do acúmulo da literatura psicanalítica sobre a psicopatologia neurótica.

Das manifestações clínicas histéricas, obsessivas e perversas às perturbações associadas ao caráter neurótico ou à concorrência do trauma atual na explicação causal dos quadros neuróticos, Fenichel (1945) dedica onze capítulos, aproximadamente dois terços do volume de um livro de seiscentas páginas, a uma apresentação dos fenômenos psicopatológicos discorridos e discutidos a partir de sua leitura de uma bibliografia de 1646 títulos.

---

[236] No original: “this book is *not* a textbook of psychoanalytic psychology; it limits itself to the theory of neurosis”.
[237] *Preliminary Considerations*.
[238] *Psychoanalytic Theory of Neurosis*.
[239] *Traumatic Neuroses; Psychoneuroses, the Neurotic Conflict; Psychoneuroses. Mechanisms of Symptom Formation, and Special Neuroses; Psychoneuroses, the Secondary Elaborations of Symptoms; Combinations of Traumatic Neuroses and Psychoneuroses; Course and Therapy of Neuroses.*

Sem dúvida, essa apresentação transcorre “de um modo definido e um tanto dogmático” (Fenichel, 1945, p. 10)[240], tanto porque o autor a faz seguindo os princípios da teoria psicanalítica, os quais crê serem os de uma ciência natural, quanto porque essa apresentação das manifestações neuróticas deságua finalmente nas questões da terapia psicanalítica destes quadros clínicos. Explicando, assim, a teoria e a terapia psicanalíticas das neuroses de maneira dedutiva (dos princípios gerais às aplicações técnicas), Fenichel (1945) termina sua grande obra com dois capítulos dedicados à clínica das neuroses. Tema este que retoma a visão do autor sobre a técnica psicanalítica e sobre a finalidade prática do conhecimento psicanalítico, já avaliados anteriormente.

Obviamente, apesar da importância numérica e das razões de Fenichel (1945) associadas à psicopatologia psicanalítica das neuroses, não há espaço aqui para tratar, de forma consistente, de toda a extensão desse livro. Além disso, lembro que meu intuito neste capítulo não é trabalhar as problemáticas psicopatológicas, propriamente clínicas, que recheiam esse livro. Assim, o foco de minha análise textual recai sobre os capítulos que compõem as *Considerações preliminares* e sobre aqueles dois últimos capítulos que tratam da terapia psicanalítica das neuroses. Isso porque precisamos responder a duas perguntas.

Em primeiro lugar, como Fenichel (1945) operará, em suas teses e seus argumentos, a preservação das exigências epistemológicas colocadas para a psicanálise em seu texto de 1934? Defendo que os princípios e critérios de uma psicologia dialético-materialista – tais quais articulados nesse projeto de psicologia que serviu de ‘plataforma’ teórica para os estudos do grupo em torno das *Circulares* – estão presentes também em *A teoria psicanalítica*.... Então, me concentro nos compromissos teóricos assumidos por seu autor nestas *Considerações preliminares*.

Em segundo lugar, como Fenichel (1945) assume as decorrências de seu entendimento, tal qual desenvolvido no *Problemas da técnica*... (Fenichel, 1941), sobre a finalidade terapêutica da psicanálise e sobre a finalidade prática de suas teorias? Responder a essa questão permitirá evidenciar os limites internos ao projeto de psicologia dialético-materialista dentro da economia conceitual de Fenichel ao final de sua obra. Passemos, então, à primeira dessas questões.

De maneira geral, nos primeiros três capítulos de *A teoria psicanalítica*..., não é difícil se deparar com enunciados muito próximos, em forma e em conteúdo, aos examinados nesta tese anteriormente. Do primeiro ao terceiro destes capítulos introdutórios, Fenichel (1945) busca apresentar, respectivamente, 1) a relação entre as teorias psicológicas e psicopatológicas em psicanálise a partir de certos critérios concernentes à sua cientificidade; 2) os pontos de vista psicanalíticos que legitimam suas teses sobre o funcionamento e o desenvolvimento do aparato mental (tanto saudável quanto adoecido); 3) e o funcionamento

[240] No original: “in a definite, somewhat dogmatic fashion”.

do método de investigação, de onde se extrai o material empírico que serve de evidência para o conhecimento psicanalítico.

Com relação ao primeiro desses tópicos, Fenichel (1945) mobiliza, mais uma vez, como é de se esperar, sua defesa de uma psicanálise fundamentada nas exigências dirigidas a uma ciência natural. Como tal, a psicanálise deve entender os fenômenos psíquicos, não obstante suas particularidades, como parte integrante da ordem natural do mundo. Por isso, encontramos novamente, neste livro, a concepção de que a psicanálise tem por objeto de estudo os fenômenos que resultam da 'interação' entre a constituição orgânica do indivíduo e o meio que o cerca.

Acompanhemos as palavras de Fenichel (1945) em uma longa passagem. Diz o autor:

> A psicologia científica explica os fenômenos mentais como um resultado da interação de necessidades físicas primitivas – enraizadas na estrutura biológica do homem e desenvolvidas no curso da história biológica (e, portanto, variáveis no decorrer da história biológica posterior) – e as influências do ambiente sobre essas necessidades. Não há lugar para nenhum terceiro fator.
>
> Que a mente tenha de ser explicada nos termos de constituição e meio é uma concepção muito antiga. O que é característico da psicanálise é *o que* ela enxerga como estrutura biológica, *quais* influências ambientais ela reconhece como constituintes e *como* ela relaciona as influências estruturais e ambientais entre si. (Fenichel, 1945, p. 5)[241]

Embora o autor não fale em 'condições materiais' do fenômeno psicológico, esta definição de uma 'psicologia científica' (e das especificidades da psicanálise enquanto uma teoria deste tipo) traz os mesmos elementos básicos da postura materialista sustentada por Fenichel (1934a) diante dos idealismos e do pensamento mágico nas teorias psicológicas. Isto é, no trecho citado, o autor acentua tanto a parcela biológica quanto a parcela ambiental da série causal do fenômeno psíquico.

Considerado assim, o psíquico não se resume à realidade física ou à biológica, mas tampouco se enquadra em uma ordem 'sobrenatural'. Logo, o autor repete aí o estatuto ontológico naturalista do 'psicológico', já presente em sua obra desde a defesa que fez do empirismo cético na pesquisa freudiana dos processos inconscientes (Fenichel, 1923/1953c). Postura científica esta na qual os fenômenos psíquicos inconscientes figuram como resultantes de certas forças ambientais sobre a ordem natural orgânica, não se reduzindo a uma categoria transcendental da razão.

Justificando sua definição do objeto de estudo da psicanálise, o autor continua:

---

[241] No original: "Scientific psychology explains mental phenomena as a result of the interplay of primitive physical needs – rooted in the biological structure of man and developed in the course of biological history (and therefore changeable in the course of further biological history) – and the influences of the environment on these needs. There is no place for any third factor.

"That the mind is to be explained in terms of constitution and milieu is a very old conception. What is characteristic for psychoanalysis is *what* it regards as biological structure, *which* environmental influences it recognizes as formative, and *how* it relates structural and environmental influences to each other".

> Quanto à estrutura biológica, uma psicologia científica deve, antes de tudo, assentar-se dentro da biologia. Fenômenos mentais ocorrem apenas em organismos vivos; fenômenos mentais são um caso especial de fenômenos da vida. As leis gerais que são válidas para fenômenos da vida também são válidas para fenômenos mentais; leis especiais que são válidas apenas para o plano dos fenômenos mentais devem ser acrescentadas.
>
> Uma psicologia científica investiga, assim, como faz qualquer ciência, *leis* gerais. Ela não se satisfaz com uma mera descrição de processos psíquicos individuais. Uma descrição exata de processos históricos é seu meio, não seu fim. Seu objeto de estudo não é o indivíduo X, mas a compreensão de leis gerais que regem as funções mentais.
>
> Além disso, uma psicologia científica é absolutamente livre de valoração moral. Para ela, não há de forma alguma bem ou mal, moral ou imoral, nem o que deveria ser; para uma psicologia científica, bem e mal, moral e imoral, e o que deveria ser são produtos de mentes humanas e têm de ser investigados como tais.
>
> Quanto às influências do entorno, elas devem ser estudadas em detalhe em sua realidade prática. Não há uma 'psicologia do homem' em sentido amplo, como se ela estivesse num vazio, mas somente uma psicologia do homem em uma determinada sociedade concreta e em um lugar social determinado dentro desta sociedade. (Fenichel, 1945, pp. 5-6)[242]

Fenichel (1945) repete aí, em sua justificativa, o conteúdo dos mesmos três critérios epistemológicos do artigo de 1934. Desse modo, são requisitos de uma psicologia científica tanto as exigências de explicações universais e necessárias e, portanto, de previsibilidade da ordem natural por meio de leis gerais, quanto a exigência de remeter a essas explicações a própria existência das categorias morais (supostamente transcendentais) ou das influências ambientais sobre o 'psicológico'. São essas exigências que acabam por determinar, no livro em questão, o campo de legitimação e validação dos enunciados psicanalíticos sobre o funcionamento psíquico ('normal' e 'patológico'). Ou seja, como em 1934, essas exigências básicas reaparecem como princípios organizadores de um entendimento dos fenômenos psíquicos que se pretende uma 'ciência natural'.

É curioso notar que, também como em 1934, reaparece aí a contradição em termos entre: 1) os critérios epistemológicos que exigem leis gerais sobre o funcionamento psíquico e rechaçam aquilo que há de singular e subjetivo neste funcionamento; e 2) o próprio estatuto ontológico particular do psiquismo, que, além de 'natural' e 'imanente', se manifesta objetivamente, em sua totalidade fenomenal, na experiência psicológica individual, 'complexa', 'completa' e 'contínua'.

---

[242] No original: "As to the biological structure, a scientific psychology first of all must posit itself within biology. Mental phenomena occur only in living organisms; mental phenomena are a special instance of life phenomena. The general laws that are valid for life phenomena are also valid for mental phenomena; special laws that are valid only for the level of mental phenomena must be added.

"Thus a scientific psychology investigates, as does any science, general *laws*. It is not satisfied with a mere description of individual psychic processes. An exact description of historical processes is its means, not its goal. Its subject is not the individual X but the comprehension of general laws governing mental functions.

"Besides, a scientific psychology is absolutely free of moral valuation. For it, there is no good or evil, no moral or immoral, and no what ought to be at all; for a scientific psychology, good and evil, moral and immoral, and what ought to be are products of human minds and have to be investigated as such.

"As to the influences of the surroundings, these must be studied in detail in their practical reality. There is no 'psychology of man' in a general sense, in a vacuum, as it were, but only a psychology of man in a certain concrete society and in a certain social place within this concrete society".

Da mesma forma que no artigo de 1934, essa contradição se resolve na seguinte fórmula: a psicanálise versa, enquanto ciência natural, sobre processos psicológicos comuns e passíveis de inteligibilidade, mas que se manifestam particularmente. Resultante, em última instância, da interação entre 'constituição' e 'meio', a tal experiência psicológica individual serve apenas, ao menos para a teoria psicanalítica e para seu método de descrição histórica, como exemplar de um suposto conhecimento universal e necessário sobre certos processos psíquicos, que não podem ser objetivamente isolados da mesma forma que são as funções psicológicas em experimentos psicofísicos ou comportamentais.

Por esta razão, Fenichel (1945) também realoca outro ponto do argumento de 1934. Associada ao seu terceiro critério, que corresponde aos dois últimos parágrafos no excerto citado acima, a mesma atitude filosófica materialista de negação do caráter sobrenatural ou transcendental do psiquismo reaparece retomando as 'influências ambientais' como condições materiais e objetivas das próprias categorias morais e dos fenômenos psíquicos. E isso de tal forma, no caso da particularidade ontológica do psiquismo – ou seja, tendo em vista que os fenômenos psíquicos não se reduzem à constituição biológica do indivíduo –, que a natureza do 'psicológico' só pode ser compreendida a partir do reconhecimento das forças do meio, que são primordialmente históricas, contingentes e particulares.

No artigo de 1934, a natureza particular do 'psicológico' depende dessa consideração do papel de determinação das condições materiais. Ali, investigar o psíquico como interação entre constituição, aquilo que é estrutural, e meio, aquilo que é contingente, implica necessariamente certas assunções filosóficas. E a definição de Fenichel no texto de 1945 sobre o objeto de estudo de uma psicologia científico-natural e as justificativas dadas a ela recuperam de seu programa epistemológico de 1934 justamente as assunções atribuídas pelo autor ao materialismo-dialético.

Portanto, na citação acima, aparecem conjuntamente, de um lado, os critérios forjados em certo modelo 'naturalista', derivado do discurso científico moderno, que visa à explicação por meio de leis gerais, e que responde a um esquema de valorização social da previsibilidade e do controle da ordem natural; e, de outro, um critério cunhado a partir do reconhecimento da ontologia particular do psiquismo, ou seja, as forças ambientais, que contribuem também com a 'materialidade' dos fenômenos psíquicos para além da mera constituição biológica do corpo portador destes fenômenos.

Seguindo então tais prerrogativas ontológicas e epistemológicas, Fenichel (1945) chega ao segundo capítulo introdutório de seu livro, no qual trata dos pontos de vista psicanalíticos que, segundo ele, organizam a explicação do funcionamento psíquico de acordo com essas prerrogativas. Para o autor, os pontos de vista dinâmico, econômico e estrutural estabelecidos nas teses freudianas sobre os processos psíquicos inconscientes e sobre a sexualidade – repito, seja na vida saudável, seja na vida adoecida do ser humano –

são precisamente os bastiões do compromisso da psicanálise com aquela definição de psicologia científica.

Novamente, o argumento consiste em pensar o aparato mental de acordo com o modelo do arco reflexo nervoso entre estímulo e resposta. Logo, não só a dinâmica entre forças instintuais e forças externas que alteram as primeiras ao longo da história do indivíduo, como também o deslocamento dessas forças pelo aparelho mental, regido primordialmente pela descarga energética, funcionam como modelos elementares da compreensão psicanalítica dos fenômenos psíquicos. Assim, Fenichel (1945, p. 15) insistirá na definição do objeto de estudo da psicologia científica em relação a esses modelos: "Fenômenos mentais devem ser considerados como o resultado da interação de forças pressionando respectivamente em direção a e contra a motilidade"[243].

Desse momento em diante, o autor faz uso de uma referência a *O eu e o isso* (Freud, 1923/1992e), a fim de explicar a formação do 'eu primitivo' a partir de uma "superfície [que] é diferenciada gradualmente em relação à suas funções de percepção de estímulo e de descarga" (Fenichel, 1945, p. 15)[244]. Parágrafos depois, Fenichel (1945, p. 16) compara: "o ego está para o id assim como o ectoderma está para o endoderma. O ego se torna o mediador entre o organismo e o mundo externo"[245].

Isto é, o recurso aos pontos de vista da metapsicologia freudiana para explicar o funcionamento psíquico básico promove uma exposição 'genética' desse mesmo funcionamento e da estrutura do aparelho mental. Desse modo, "uma explicação dinâmica também é uma explicação *genética*, já que ela examina não apenas um fenômeno como tal, mas também as forças que o ocasionaram" (Fenichel, 1945, p. 11)[246]. E isso é de fundamental importância aqui por dois motivos relacionados ao conteúdo e à forma do argumento de Fenichel (1945).

Primeiramente, porque todo o segundo bloco de capítulos das *Considerações preliminares* de Fenichel (1945) se dedica ao detalhamento dessa exposição genética. Intitulado *O desenvolvimento mental*[247], esse bloco trata da formação do eu primitivo, do desenvolvimento das forças instintuais, em especial da sexualidade, e, por fim, da formação da consciência moral e do Supereu[248]. Em segundo lugar, porque, para o autor, a finalidade prática da psicanálise, enquanto terapia de quadros neuróticos, também depende dessa

[243] No original: "Mental phenomena are to be regarded as the result of the interplay of forces pressing respectively toward and away from motility".
[244] No original: "surface is differentiated gradually with respect to its functions of stimulus perception and discharge".
[245] No original: "The ego is to the id as the ectoderm is to the endoderm. The ego becomes the mediator between the organism and the outer world".
[246] No original: "A dynamics explanation is also a *genetic* one, since it examines not only a phenomenon as such but the forces that brought it about as well".
[247] *The mental development*.
[248] Não por acaso, Fenichel (1945) praticamente copia o esquema de desenvolvimento da libido de Abraham (1924/1994) em *Um breve estudo do desenvolvimento da libido visto à luz dos transtornos mentais* (*A Short Study of the Development of the Libido, Viewed in the Light of Mental Disorders*).

leitura geneticista das teorias freudianas. Lembremos que a visão de Fenichel (1941) do processo terapêutico psicanalítico assume um ideal de cura e de funcionamento saudável muito preciso, a saber: a análise deve favorecer certa 'maturidade' do Eu frente aos conflitos nos quais está submerso. No livro de 1945, a coisa não se passa de outro modo.

Diante disso, é possível afirmar que a aplicação das prerrogativas da psicologia científico-natural ao caso da psicologia psicanalítica, e, mais especificamente, a maneira pela qual esta aplicação se dá em Fenichel (1945), quando ele expõe os modelos elementares da metapsicologia freudiana, o forçam a uma teoria psicanalítica das neuroses que, em tese, tem a função de organizar racionalmente o trabalho terapêutico de qualquer analista. O que nos leva ao terceiro ponto discutido no terceiro capítulo introdutório de *A teoria psicanalítica...*: o método de pesquisa da psicanálise.

Para apresentar o funcionamento do método de pesquisa psicológica proposto por Freud (1900[1899]/1991d, 1900[1899]/1991e), Fenichel (1945) recorre, como antes (Fenichel, 1923/1953c, 1934a, 1941), à coincidência entre 1) a 'finalidade científica ou epistêmica' de decifração da natureza do sonho e dos processos que o formam e 2) a 'finalidade terapêutica ou técnica' da interpretação psicanalítica, que, ao desencadear novas associações elaborativas de conteúdos instintuais e representacionais, visa "confrontar o ego racional do paciente com as emoções irracionais efetivas dentro dele" (Fenichel, 1945, p. 28)[249], 'desamarrando', assim, os nós do conflito psíquico na origem do quadro neurótico.

Novamente, Fenichel (1945) trata do funcionamento da interpretação na prática clínica: a interpretação das resistências, a interpretação da transferência e a orientação da interpretação a partir dos princípios dinâmicos e econômicos. O autor assim o faz, pois precisa demonstrar, dentro de seu grande manual, que é a prática clínica com os quadros neuróticos a fornecedora do material empírico da investigação psicanalítica.

Voltemos rapidamente ao primeiro capítulo de sua introdução. Ali, Fenichel (1945, p. 7) diz o seguinte: "a aplicação dos princípios gerais da ciência natural ao campo específico da psicologia pressupõe naturalmente o desenvolvimento de novos *métodos* de pesquisa que são adequados aos seus objetos de estudo"[250]. Isto é, a 'psicologia científico natural' de 1945, que tem sua definição enraizada na da 'psicologia dialético-materialista' de 1934, demanda não só um estatuto ontológico particular de seu objeto de estudo, como também 'pressupõe' uma metodologia apropriada aos seus anseios.

Dessa maneira, podemos encaminhar uma resposta à primeira pergunta desse item. Os compromissos teóricos de Fenichel (1945) assumidos em suas *Considerações preliminares* dão testemunho de que os princípios e critérios de uma psicologia dialético-

[249] No original: "to confront the patient's reasonable ego with the irrational emotions effective within him".
[250] No original: "The application of the general principles of natural science to the special field of psychology naturally presupposes the development of new *methods* of research that are adequate to its subject matter".

materialista, tal como articulados em 1934 (e que serviram de 'plataforma' para os estudos do grupo em torno das *Circulares*), continuam organizando sua leitura da obra freudiana. Mais do que isso, mesmo sua proposta de ensino de uma psicopatologia psicanalítica se estabelece dentro dos parâmetros colocados por esses princípios e critérios.

Portanto, Fenichel (1945) entende que a teoria psicanalítica da neurose possui uma finalidade prática, ao submeter às prerrogativas ontológicas e epistemológicas, com todas suas contradições, tanto os modelos explicativos elementares da psicanálise, que sustentam as teses sobre o funcionamento e o sobre o desenvolvimento do aparato mental, quanto o método psicanalítico de investigação dos fenômenos psíquicos, que funciona como avesso da 'terapia'. Assim, os enunciados psicanalíticos comprometidos com os critérios de uma 'psicologia científica' devem fornecer o compasso da apresentação de Fenichel (1945) sobre o núcleo duro do conhecimento psicanalítico, que se ocupa da explicação causal *e* do tratamento dos quadros neuróticos.

O que acontece aí, assim como em 1934, é a proposta de que a psicanálise se comporte ao exemplo de uma ciência natural, ao mesmo tempo em que se exige do conhecimento científico algo que não se limita nem ao valor de inteligibilidade de suas teses, nem à 'verdade' contida nelas. Por esta razão, para Fenichel (1945), a legitimidade e validade epistemológica da psicanálise tem que recorrer também ao valor social e histórico de suas teorias e aplicações.

Além da própria natureza particular da experiência psíquica rejeitar a suposição de um domínio transcendental, o próprio horizonte explicativo, ou seja, os enunciados da psicanálise efetivamente científicos precisam reconhecer os limites que lhes são estipulados pelas contingências sociais e históricas. Nesse sentido, Fenichel (1945) insiste, já na segunda página do livro, no expediente crítico contra a preservação dos idealismos dentro das teorias psicanalíticas e, de maneira geral, no pensamento psicológico. Diz ele:

> Uma olhada na história da ciência ensina que o processo de superação da magia não foi um processo contínuo. Houve avanços e retrocessos que certamente não podem ser explicados apenas nos termos de uma história das ideias. As flutuações nesta disputa [entre pensamento científico e pensamento mágico] dependem de condições históricas complicadas. Elas podem ser compreendidas somente por meio do estudo da sociedade na qual a disputa ocorre, e dos interesses conflitantes de seus vários grupos. . . . a história da psicologia médica não é exceção a essa regra. . . .
>
> A psicanálise representa nessa disputa um passo definitivo em direção à meta do pensamento científico em psicologia – em direção oposta ao [pensamento] mágico. Recentemente, Bernfeld salientou de novo a orientação completamente materialista dos professores de Freud e do pensamento pré-psicanalítico do próprio Freud. (Fenichel, 1945, p. 4)[251]

[251] No original: "A glance at the history of science teaches that the process of overcoming magic has not been a continuous one. There have been advances and retreats which certainly cannot be explained merely in terms of a history of ideas. The fluctuations in this struggle are dependent on complicated historical conditions. They can be understood only through the study of the society in which the struggle takes place and of the conflicting interests of its various groups. . . . the history of medical psychology is no exception to this rule…

Repare, leitor, como Fenichel (1945) opera a preservação dos mesmos princípios e critérios de 1934, quando conjuga o caráter científico da psicanálise às considerações históricas e sociais da produção de seus próprios enunciados. Mesmo que uma psicologia científica tenha de produzir um conhecimento universal e necessário sobre uma parcela da ordem natural (que é, dessa forma, passível de controle e previsibilidade), o horizonte de legitimidade e validade de seus enunciados inclui o contexto de produção e a finalidade prática desses mesmos enunciados.

Há ainda nessa citação a avaliação de que a posição materialista de Freud está enraizada em sua formação no campo das ciências naturais. Como indicado acima, Fenichel (1945) seleciona, a partir dos compromissos da psicanálise com as ciências naturais, os aspectos da teoria freudiana que lhe parecem estar de acordo com uma visão materialista dos fenômenos psicológicos. A teoria do aparelho mental e a teoria sobre a sexualidade infantil, amarradas pelo conceito de instinto, fornecem uma explicação (dinâmica, econômica e tópica) sobre o funcionamento mental que *também* é uma explicação (genética) do desenvolvimento mental.

No segundo item, seguirei o rastro da referência feita na citação a Bernfeld (1944), em *As primeiras teorias de Freud e a Escola de Helmholtz*[252], para discutirmos a proximidade de Fenichel com as leituras mais biologicistas da obra freudiana, a qual pode ser acompanhada na crítica empreendida nas *Circulares* e dirigida aos neo-freudianos culturalistas.

No entanto, precisamos ainda responder a segunda questão colocada neste item ao livro de Fenichel (1945): de que maneira *A teoria psicanalítica...* – como manual de psicopatologia psicanalítica que é – transmite o entendimento apresentado em *Problemas da técnica*... sobre a finalidade terapêutica da psicanálise e sobre a finalidade prática de suas teorias?

Nos dois últimos capítulos de seu livro, Fenichel (1945) trata, respectivamente, da evolução clínica das neuroses e da terapia de tais quadros clínicos. No primeiro deles, o autor expõe as três possibilidades dessa evolução: a cura da sintomatologia (tanto aparente, quanto 'real'), a estagnação do quadro e sua piora progressiva. O ponto de referência do tratamento, seu ideal de cura 'real' ou a finalidade terapêutica da psicanálise, continua sendo a alteração (dinâmica e econômica) do conflito estrutural e inconsciente basal entre instinto e repressão; alteração esta que deve oferecer, assim, maior controle do Eu consciente sobre os impulsos internos do Isso, sobre as imposições morais do Supereu e

---

Psychoanalysis represents in this struggle a definite step toward the aim of scientific thinking in psychology – away from the magical. Recently Bernfeld again stressed the completely materialistic orientation of Freud's teachers and of Freud's own prepsychoanalytic thinking".

[252] *Freud's Earliest Theories and the School of Helmholtz*.

sobre as imposições do mundo externo, fornecendo ao Eu, desse modo, a capacidade de se adaptar e de ter autonomia diante dessas imposições.

Fenichel (1945) propõe, dessa forma, que essas possibilidades de evolução clínica, de mudança nos processos psicopatológicos, sejam vistas como a superfície de processos psicológicos subjacentes e mais profundos. Grosso modo, a teoria psicanalítica das neuroses, apoiada em uma pesquisa que se confunde com um tratamento, se apresenta nesse momento como um conhecimento "sobre a natureza do conflito inconsciente" (Fenichel, 1945, p. 552)[253].

Feito isso, Fenichel (1945) inicia uma discussão sobre o tratamento das neuroses e também sobre as possibilidades de prevenção delas. O último capítulo do livro, *Terapia e profilaxia de neuroses*[254], ocupa-se, então, da reflexão sobre como uma psicopatologia psicanalítica pode contribuir para essas questões práticas. Com isso, o autor mantém sua concepção geral sobre a finalidade primordial da análise e de sua técnica de interpretação. No entanto, sua 'teoria da técnica' de 1941 não aparece nesse último capítulo como foco da discussão. O que Fenichel (1945) faz é tomar o conhecimento propiciado pelas teorias freudianas como ponto de partida da discussão sobre o tratamento e sobre a prevenção das neuroses.

Basicamente, o último capítulo de *A teoria psicanalítica...* se concentra em dois tópicos. O primeiro deles é uma espécie de comparação entre o tratamento psicanalítico e outros tipos de psicoterapia. Como resposta à objeção de que os psicanalistas "'defendem exclusivamente seu próprio método'" (Fenichel, 1945, p. 554)[255], o autor se concentra em reconhecer a validade de outros tipos de intervenção terapêutica em quadros psiconeuróticos e em outros quadros clínicos de doenças nervosas.

Para os fins desta pesquisa, não vem ao caso tratar dos tipos específicos de técnicas psicoterápicas que são avaliadas por Fenichel (1945). O que importa saber disso é que a comparação delas com o método psicanalítico se realiza sob a alçada da explicação psicanalítica sobre o funcionamento psíquico e sobre o que deve ser feito na prática clínica. Por isso, o reconhecimento do autor de outros tipos de psicoterapia se dá na mesma chave argumentativa de sua defesa de uma 'teoria da técnica', como a realizada no livro de 1941, que limita, mas que não impede a elasticidade técnica.

Considerando as mudanças de um sintoma neurótico durante sua evolução clínica, Fenichel (1945, p. 556) afirma que a psicanálise representa "a anulação da repressão [que] permite que os esforços sexuais infantis participem do desenvolvimento da personalidade e

[253] No original: "on the nature of the unconscious conflict".
[254] *Therapy and prophylaxis of neurosis*.
[255] No original: "swear exclusively by their own method".

que se transformem na sexualidade adulta satisfazível"[256]. Contudo, ter como alvo essa mudança profunda na dinâmica mental não invalida a aplicação de outros recursos técnicos que funcionem para além da interpretação dos derivados do conflito entre as forças psíquicas. Assim, "o princípio dessas psicoterapias pode ser visto frequentemente em operação no decorrer de um tratamento psicanalítico, quando melhoras ocorrem antes de uma mudança psicanaliticamente induzida e verdadeira ser alcançada" (Fenichel, 1945, p. 557)[257].

Depois de apresentar o princípio geral das técnicas psicoterápicas que funcionam, como a sugestão, ajudando a criar um substituto à manifestação sintomática, mas que não permitem a 'verdadeira mudança' do conflito neurótico patogênico proposta pela terapêutica psicanaliticamente orientada, Fenichel (1945) se debruça sobre as indicações e contraindicações do tratamento psicanalítico. Apesar de seu visível otimismo com as teorias freudianas, que fornecem inteligibilidade às causas da doença nervosa e ao tratamento que se supõe, por essa habilidade explicativa, o mais eficaz contra ela, o autor abre caminho para que a própria psicanálise seja superada. E ele faz isso da mesma forma que abre espaço para a elasticidade técnica dentro do tratamento em si.

Sobre as indicações do tratamento psicanalítico, Fenichel (1945, p. 573) afirma que este, "operando por meio da supressão dos conflitos patogênicos, é indicado sempre que dificuldades neuróticas representarem o resultado de um conflito neurótico"[258]. Já sobre suas contraindicações, o autor afirma que não há "uma contraindicação absoluta" ao tratamento psicanalítico. Entretanto, "como contraindicações relativas" (Fenichel, 1945, p. 575)[259], certas questões precisam ser consideradas. Entre elas: a idade do analisando, situações de vida desfavoráveis, a trivialidade da neurose, distúrbios de linguagem severos, a falta de uma parcela racional e cooperativa do Eu, personalidades esquizofrênicas, uso de remédios etc.

Fenichel (1945) é da opinião de que estas questões podem ser empecilhos, visto que o método psicanalítico é 'idealmente' aplicado por meio da linguagem e com a cooperação, em algum grau consciente, da instância egoica; e é 'idealmente' aplicado em favor do desenvolvimento da capacidade de autonomia dessa instância frente às forças instintuais sexuais e frente às forças que atuam, de maneira defensiva, contra a sexualidade. Ainda assim, esses empecilhos são relativos porque, para o autor, não haveria nenhum problema em usar os recursos sugestivos a fim de preparar o analisando, no decorrer do tratamento,

[256] No original: "the undoing of the repression enables the infantile sexual strivings to participate in the development of the personality and to turn into satisfiable adult sexuality".
[257] No original: "The principle of these psychotherapies can frequently be seen at work in the course of a psychoanalytic treatment, when improvements occur before a real psychoanalytically induced change is achieved".
[258] No original: "working by undoing pathogenic conflicts, is indicated whenever neurotic difficulties represent the outcome of a neurotic conflict"
[259] No original: "an absolute contraindication. . . . as relative contraindications".

para o emprego da interpretação analítica do conflito patogênico e de seus derivados na relação transferencial, causando, para isso, algo como uma 'neurose artificial'[260].

Entendo que, mesmo com essa espécie de 'fé' na habilidade terapêutica do método psicanalítico, Fenichel (1945) considera que a prática clínica impõe a esse método seus limites, pois a própria prática acaba estabelecendo a medida objetiva e 'material' de um ideal de tratamento. Na sequência dessas considerações sobre as contraindicações do método terapêutico da psicanálise, em uma curta seção na qual o autor lamenta a falta de estatísticas sobre esse método e a dificuldade de fornecê-las, ele diz:

> Não há dúvida de que a terapia psicanalítica deixa muito a desejar. Há fracassos e sucessos parciais. Mas tampouco há dúvida de que a psicanálise, como o único método radical, é o melhor método disponível para o tratamento das neuroses. Sua principal desvantagem é o grande gasto de tempo e de dinheiro. Sua virtude, da qual todos analistas se orgulham e que pertence apenas à psicanálise, é que ela é edificada sobre um ponto de vista científico, e que a terapia é também um método de pesquisa que permite um ponto de vista científico mais amplo, que não é apenas útil no tratamento das neuroses, mas que também é de aplicação mais universal. (Fenichel, 1945, p. 582)[261].

Nesta passagem, mesmo otimista, Fenichel (1945) admite que a própria prática limita a finalidade primordial da psicanálise como um método terapêutico proposto, antes de mais nada, para o tratamento das psiconeuroses (nas quais o conflito entre instinto e repressão é o principal agente patogênico). Pensando na forma como o autor coloca, no início de seu livro, a questão da cientificidade da psicanálise e da finalidade prática de seu conhecimento, é como se essa limitação prática na própria aplicação do método se desse a partir de um 'cálculo' entre quatro fatores principais: 1) os enunciados teóricos que orientam o método; 2) os critérios de legitimação e validação desses enunciados; 3) as variáveis infinitas do campo de fenômenos que serve de evidência empírica aos enunciados; 4) o uso do método para a) a investigação e b) para a alteração desse campo de fenômenos.

A possibilidade de uma superação de certos enunciados psicanalíticos é indicada, assim, pela importância de reconhecer, em uma *Teoria psicanalítica da neurose* tal como Fenichel (1945) pretende ensinar, os limites que se impõem, na própria prática clínica, ao método e à provável adaptação desse método às incontáveis variáveis dos fenômenos. Por isso, o otimismo do argumento sobre as indicações e contraindicações da terapia psicanalítica é também um otimismo cauteloso.

---

[260] Vale lembrar que Freud (1919[1918]/1992c) e, sobretudo, Ferenczi (1918/1993a, 1919/1993b, 1920/1993c) já haviam tratado das adaptações do método terapêutico psicanalítico desenvolvido na clínica das psiconeuroses.

[261] No original: "There is no doubt that psychoanalytic therapy leaves much to be desired. There are failures and partial successes. But there is also no doubt that psychoanalysis, as the only radical method, is the best method available for the treatment of neuroses. Its main disadvantage is the great expenditure of time and money. Its virtue, of which all analysts are proud and which belongs to psychoanalysis alone, is that it is built upon scientific insight, and the therapy is also a research method affording further scientific insight that is not only useful in treating neuroses but that is also of more universal application".

Mais cauteloso ainda é o otimismo da última seção, na qual Fenichel (1945) tratará das ‘aplicações universais’ do conhecimento psicanalítico, ou seja, das aplicações de suas teses sobre o funcionamento e sobre o desenvolvimento mental. Nesse momento, o autor trata da aplicação desse conhecimento na prevenção dos quadros neuróticos. Em primeiro lugar, é possível ver como Fenichel (1945) não espera muito mais da psicanálise do que ela já faz em um debate sobre ‘higiene mental’, no qual sua maior contribuição é a elucidação das causas psicogênicas dos quadros neuróticos. Em contrapartida, a verdadeira capacidade profilática do conhecimento psicanalítico se encontraria na prática pedagógica.

Tanto na prevenção médica direta das neuroses, quanto na orientação do processo educacional a fim de prevenir que a repressão da sexualidade na infância não ocorra sob o signo do horror a ela, gerando o conflito patogênico do qual se alimentará um quadro neurótico posterior, Fenichel (1945) é cauteloso porque sabe que a condição das neuroses depende de fatores que nada tem de individuais ou psicológicos, no sentido da ‘vivência psíquica’ única, contínua e singular dos indivíduos, com a qual lida a teoria psicanalítica.

Definindo o fenômeno neurótico em paralelo à definição do próprio fenômeno psíquico, Fenichel (1945) diz:

> Enquanto as exigências reprimidas representam forças biológicas (e, mesmo assim, elas fazem isso apenas em última análise), o fato de elas terem de ser reprimidas de qualquer modo é ocasionado pela pressão do meio social. . . . Aqui o psicólogo deve admitir sua insuficiência e concordar que o problema da etiologia das neuroses não é um problema médico individual, mas um que precisa de consideração sociológica suplementar.
>
> As neuroses são o resultado de medidas educacionais desfavoráveis e socialmente determinadas, que correspondem a um contexto social dado e desenvolvido historicamente e que são necessárias neste contexto. Elas não podem ser alteradas sem uma mudança correspondente neste contexto. (Fenichel, 1945, p. 586)[262]

Ou seja, a aplicação do conhecimento psicanalítico na prevenção das neuroses encontra de novo seus limites. Aqui as variáveis contingenciais das condições materiais do fenômeno psíquico (assim como as variáveis relacionadas à constituição biológica) não podem ser compreendidas pelo conhecimento psicanalítico, pois suas teses científicas se referem aos fenômenos psíquicos. Mais importante ainda, o campo de fenômenos a que essas variáveis contingenciais do ‘psicológico’ se referem tampouco pode ser alterado com a aplicação terapêutica da psicanálise.

Esse argumento não só já estava presente no artigo de 1934, como também é a partir dele que Fenichel (1934a) aponta os limites práticos da psicanálise enquanto uma

[262] No original: “While the repressed demands represent biological forces (and even this they do only in the last analysis), the fact that they have to be repressed at all is brought about by the pressure of the social environment. . . . Here the psychologist must admit his inadequacy and agree that the problem of the etiology of neuroses is not an individual medical problem but one that needs supplementary sociological consideration.

“Neuroses are the outcome of unfavorable and socially determined educational measures, corresponding to a given and historically developed social milieu and necessary in this milieu. They cannot be changed without corresponding change in the milieu”.

terapia voltada para as psiconeuroses. Imediatamente após considerar esse limite do método terapêutico psicanalítico, o autor afirma:

> Em vista da terrível miséria neurótica das massas, que é injustamente ignorada ao lado da igualmente terrível miséria material, uma tal terapia é risível. (Não se despreza, com isso, no entanto, do nosso ponto de vista, as longas análises com pacientes individuais; esse trabalho terapêutico insuficiente é ao mesmo tempo o único método de pesquisa da futura psicologia dialético-materialista). (Fenichel, 1934a, pp. 51-52)[263]

Acontece que Fenichel (1934a) entende que o problema da profilaxia das neuroses não é enfrentado pela teoria psicanalítica, justamente porque o conhecimento psicanalítico que cumpre com os critérios epistemológicos de psicologia dialético-materialista, com os quais o autor associa também os critérios de uma ciência natural, não é um conhecimento capaz de explicar a causa das influências ambientais sobre o psiquismo, pois elas se originam no campo dos fenômenos sociais, campo que a psicanálise só tem acesso indiretamente, de forma mediata, ou seja, por meio dos fenômenos psíquicos.

Portanto, assim como em 1934, as decorrências dos critérios epistemológicos assumidos por Fenichel (1945) colocam também um limite interno ao projeto de psicologia dialético-materialista com base nas teses freudianas. Tanto quanto depender do conhecimento em biologia, a psicanálise depende de 'considerações sociológicas suplementares'. E isso porque a ontologia do fenômeno psíquico e as exigências metodológicas defendidas a partir desses critérios impõem ao conhecimento psicanalítico, enquanto psicologia científica, as fronteiras que o caracterizam e o discriminam de outro conjunto de enunciados.

Nesse sentido, repetindo os mesmos critérios de 1934 em sua definição de psicologia científica, e ao indicar os limites práticos da psicanálise que timidamente apontam para sua superação, Fenichel (1945) preserva seu projeto de psicologia dialético-materialista. Que este projeto não tenha progredido para algum tipo de resultado positivo, como uma teoria psicológica estritamente dialético-materialista, orientada pelo materialismo histórico que alimenta a crítica de Marx e Engels à economia política, isso é incontestável de um ponto de vista histórico.

Desde o início desta tese, vimos que o contexto histórico da obra de Fenichel como um todo teve um peso significativo para o seu desenvolvimento. O entusiasmo intelectual do autor com as teses e o método terapêutico freudianos e a defesa dessas teses e desse método, por ele, no âmbito institucional do movimento psicanalítico continuam presentes em

[263] No original: „Eine solche Therapie ist angesichts des ungeheuren neurotischen Elends der Massen, das mit Unrecht neben dem ebenso ungeheuren materiellen Elend gar nicht beachtet wird, lächerlich. (Man verachte deshalb aber auch von unserem Standpunkt die langwierigen Analysen an Einzelpatienten nicht; diese unzulängliche therapeutische Arbeit ist doch gleichzeitig die einzige Forschungsmethode der werdenden dialektisch-materialistischen Psychologie.)".

seu livro de 1945, ao final de sua obra como um todo. Esse entusiasmo e essa atitude combativa são visíveis no tom otimista com o qual o autor trata das possibilidades teóricas e práticas da psicanálise. Sem dúvida, a relação de Fenichel com o movimento psicanalítico e com o pensamento freudiano, que pode ser apreendida da leitura das *Circulares*, permeará as publicações mais importantes do autor. E isso de tal maneira que essas publicações foram planejadas para a manutenção da psicanálise freudiana, e lidas posteriormente, de modo geral, como representações cabais da ortodoxia em psicanálise, como reprodução erudita daquilo que seria o 'clássico' na literatura psicanalítica. Algo que acabou limitando, por um lado, o desenvolvimento do destino epistemológico prenunciado à psicanálise em 1934.

Porém, as nuances do estudo introdutório de Fenichel sobre o marxismo, a intertextualidade entre ele e Reich sobre o suposto materialismo dialético das teses freudianas e, claro, o apelo ao materialismo, por meio de certa 'cientificidade', de certo 'naturalismo' e de certa 'dialética', tanto nas teorias quanto nas técnicas psicanalíticas, pairam por sobre os principais textos de Fenichel depois de 1934. Por esta razão, é possível dizer que o projeto de psicologia dialético-materialista continua operando a textualidade e a economia conceitual e argumentativa da obra de Fenichel até seu fim. Com um resultado negativo, o projeto de psicologia dialético-materialista de Fenichel atua nos seus dois maiores livros – *Problemas da técnica...* e *A teoria psicanalítica*... –, dando os parâmetros da técnica e do conhecimento psicanalíticos que deveriam ser ensinados de acordo com os critérios científicos inspirados em um materialismo dialético muito específico. O que acaba limitando, por sua vez, o desenvolvimento da própria psicanálise freudiana ao campo de fenômenos iniciais que ela buscava explicar e alterar.

4.2. A opção de Fenichel diante do naturalismo freudiano

Agora, leitor, exploro a associação da obra de Fenichel a uma psicanálise mais 'ortodoxa' do ponto de vista teórico. O lado histórico dessa associação, de suas raízes e evolução, vem sendo mencionado desde o primeiro capítulo. Mas, aqui, ela será explorada a partir do recurso ao 'naturalismo' das teses freudianas, utilizado por Fenichel para cumprir com os compromissos exigidos pela postura 'materialista'.

No segundo item do segundo capítulo deste trabalho, após ter explorado a influência do que chamei de kantismo vulgar sobre a concepção geral que Fenichel tinha da psicanálise já no início da década de 1920, quando ele aderiu ao movimento psicanalítico e começou a publicar seus trabalhos psicanalíticos, comentei de passagem alguns pontos de discussão decorrentes dos critérios epistemológicos exigidos por Fenichel (1934a) de uma psicologia dialético-materialista. Além do problema sociológico e histórico colocado no

horizonte do quadro explicativo, pela finalidade prática das teorias psicanalíticas[264], sinalizei, naquele momento, que os pontos de discussão resvalavam também em outro campo de problemas: o debate em torno da concepção de ciência natural utilizada por Freud a fim de legitimar os fundamentos de suas teses sobre o funcionamento mental e sobre a sexualidade.

Com isto em mente, creio ser importante reinserir os pontos de discussão levantados a partir da leitura do programa de Fenichel (1934a) que acabam invocando o debate dedicado a esse segundo campo de problemas. Assim, proponho, de pronto, retomar as origens dessa discussão sobre a concepção de ciência articulada por Freud. Ao fazer essa retomada, seguirei o rastro da referência feita a Bernfeld (1944), no momento em que Fenichel (1945) relaciona a cientificidade da psicanálise ao materialismo em Freud, mais uma vez sob a égide de seus critérios epistemológicos. Essa pista nos dará a possibilidade de acompanhar como o naturalismo contido nas teorias freudianas era imprescindível para o desenvolvimento do programa de 1934.

Ao final do item, teremos mais subsídios para entender porque foi principalmente a observância consequente dos critérios epistemológicos assumidos por suas propostas intelectuais que o lançaria na defesa das teses freudianas mais ‘naturalistas’. Creio que isso esclarecerá, finalmente, como certos elementos ditos ‘ortodoxos’ estavam de fato presentes na obra de Fenichel; e porque esses mesmos elementos foram capazes de se sobressaírem justamente por causa da presença interna subterrânea dos critérios do programa ‘dialético-materialista’ de 1934.

Pois bem, quando apresentava a psicanálise ao público leigo ou quando delimitava as linhas mestras da teoria psicanalítica, Freud (1913/1991i, 1915/1992m, 1923[1922]/1992n, 1933[1932]/1991g, 1940[1938]/1991f) sempre insistiu no fato da psicanálise ser uma prática clínica que trata dos males da alma. Também enfatizava que ela funcionava como um método de pesquisa (correlato às intervenções desta prática) que serviria ao desvelamento de domínios que ainda eram desconhecidos pela consciência daquele que a este método se submetia, e, em última instância, desconhecidos pelo conhecimento psicológico que se tinha até então. Por sua vez, este procedimento (extremamente dependente do material empírico-clínico) garantiria à psicanálise seu outro estatuto, o de teoria, à maneira das ciências da natureza. Teoria organizada em torno da explicação geral dos processos psíquicos inconscientes.

Contudo, o próprio Freud não indicou muito mais do que isto nestas considerações epistemológicas de sua produção teórica. Nem mesmo designou com muita exatidão, nem à

[264] Lembremos, problema este explorado no item acima e no capítulo anterior, por meio da presença em outros textos do autor dos critérios epistemológicos exigidos por Fenichel (1934a) de uma psicologia dialético-materialista.

exaustão, qual a natureza e quais condições são próprias ao conhecimento psicanalítico. Chegou menos perto ainda de esboçar uma sorte de analítica transcendental ou uma filosofia sobre alguma ‘razão metapsicológica’. O que não impede, de maneira alguma, que se possa extrair, como muitos fizeram a partir de uma leitura dos textos freudianos, indicações sobre os fundamentos e/ou a estrutura do conhecimento psicanalítico. Um verdadeiro cruzamento literal da genealogia das ideias e conceitos freudianos com uma reflexão epistemológica ‘ampla’ que trata de entender como a psicanálise se resolve (ou não) no plano de suas teorias.

Já na década de trinta, autores como Maria Dorer (1932/2012), em *As bases históricas da psicanálise*, Ludwig Binswanger (1936/1970), em *A concepção freudiana do homem à luz da antropologia*, e Roland Dalbiez (1936), em *O método psicanalítico e a doutrina freudiana*, investigaram ou as influências históricas sobre o trabalho de conceituação ou as articulações teóricas de Freud a partir de algum pensamento epistemológico externo.

Ou seja, trabalhos como estes tratavam de compreender a produção de conhecimento em psicanálise seja por meio de uma história das ideias presentes no plano dos principais pilares teóricos da metapsicologia freudiana, seja até mesmo por meio de certo tribunal de alguma teoria do conhecimento. Repare que essas obras não puderam levar em conta nem os últimos trabalhos de Freud (1937/1991j, 1939[1934-1938]/1991k, 1940[1938]/1991f), nem tiveram acesso à publicação póstuma do manuscrito conhecido como *Projeto de uma psicologia* (Freud, 1950[1895]/1992h). Fenichel, falecido no início de 1946, tampouco pôde entrar em contato com este último.

Posteriormente, seguindo o já mencionado trabalho de Dalbiez (1936), Jean Hyppolite (1959/1971) e Paul Ricoeur (1965) se dedicaram ao exame da presença de uma polarização entre a doutrina freudiana e o método de interpretação elaborado por Freud. Para os autores, algo não se passava bem entre os enunciados teóricos sobre o aparelho mental e o procedimento de investigação de significados que Freud teria usado para propor esses enunciados. Existiria alguma coisa que seria da ordem de um descompasso entre o naturalismo da sua linguagem explicativa e o caráter hermenêutico de seu procedimento. Já indiquei no último capítulo, seguindo Monzani (1989), que esse descompasso é só aparente, pois tanto a linguagem explicativa naturalista das teorias de Freud, quanto o caráter hermenêutico de seu método operam, dentro da obra freudiana, em registros diferentes. “A interpretação *produz* as teses que a explicação *fundamenta*” (Monzani, 1989, p. 114).

Tenhamos em mente que, em última instância, esta polarização presente no movimento interno do entendimento freudiano sobre o caráter científico do conhecimento psicanalítico, desde seus anos de fundação, seria entre outras coisas a marca da querela

metodológica entre ciências naturais e ciências do espírito[265]. Centralizada, já desde antes da psicanálise surgir, em grande parte na figura de Wilhelm Dilthey (1883/1966) – mais especificamente, em sua obra *Introdução às ciências do espírito* –, esta querela significava opor ao método explicativo das ciências da natureza, que visava à elaboração de leis gerais, um método compreensivo ou hermenêutico para a fundamentação de disciplinas como história e sociologia. A função deste segundo método seria a explicitação dos sentidos particulares e contingentes dos fenômenos humanos.

Para além da herança desta polarização na psicanálise entre a interpretação particular e a explicação geral, outros autores sempre sustentaram a estreita e quase unívoca ligação epistemológica de uma ciência psicanalítica com as ciências da natureza. Sem dúvida, Fenichel foi um deles. Outros a reforçar que o espírito científico formador de Freud teria sido o das ciências naturais foram Bernfeld (1944, 1949) e o próprio Jones (1953/1989), este último claramente impulsionado por interesses concernentes à agenda do movimento psicanalítico. Nas teses destes autores, Freud poderia somar à sua experiência de autoanálise, de onde teria surgido a verdadeira originalidade de sua obra, o rigor de uma pesquisa que era devedora de sua formação médica defumada nos ares das ciências naturais.

Tudo se passa como se o inventor da psicanálise aplicasse, sem desvios, as ideias de Helmholtz e Brücke sobre a utilidade do modelo fisicalista no estudo das funções orgânicas, e as ideias de Herbart e Fechner sobre a utilidade da matemática no estudo de funções psicológicas, como a percepção. Na realidade, grande parte da responsabilidade nesse entendimento sobre as características do aspecto científico da psicanálise recai sobre o texto de Bernfeld (1944). Isso porque ele serviu como uma forma de propaganda da correlação existente entre a concepção freudiana de ciência natural e o fisicalismo-materialista aplicado à pesquisa fisiológica dos professores Helmholtz e Brücke. E esse ponto é fundamental para entendermos a referência de Fenichel (1945) a esse texto na passagem citada que associa o materialismo ao núcleo científico da psicanálise freudiana. Logo abaixo voltarei a ele.

No entanto, esse caráter formador do materialismo-fisicalista no bojo da teoria freudiana foi amenizado ao longo do tempo. Se a forte presença desse caráter é inegável na articulação das concepções mais fundamentais de Freud, também é preciso admitir nelas a presença de outros tons de naturalismo. Fazem parte dessas tonalidades as influências de Brentano e de Stuart Mill, pensadores que não aceitavam a redução da postura naturalista, com a qual os fenômenos psíquicos deveriam ser investigados, a um mero decalque de uma fisiologia dos fenômenos psicológicos.

---

[265] Respectivamente, *Naturwissenschaften* e *Geisteswissenschaften.*

Nesse sentido, Carvalho e Monzani (2015) sugerem, acompanhando Cranefield (1957, 1966), que o exemplar abandono do modelo neuronal de base fisicalista do *Projeto*... (Freud, 1950[1895]/1992h), em favor do modelo mental de *A interpretação...* (Freud, 1900[1899]/1991d, 1900[1899]/1991e), significou uma espécie de admissão, por parte de Freud, de seu fracasso diante da tarefa de pensar uma psicologia do mecanismo de defesa[266] a partir de um modelo que reduzia à materialidade física a natureza dos fenômenos psíquicos. Escapando, assim, da insuficiência das categorias fisicalistas (tanto ontológicas, quanto metodológicas) na compreensão dos fenômenos psíquicos, Freud não precisaria abandonar o naturalismo (e o empirismo) de sua concepção de ciência.

A respeito do papel das concepções de Brentano e Stuart Mill na admissão de Freud dessa falha do materialismo-fisicalista no estudo dos fenômenos psíquicos, Carvalho e Monzani (2015) dizem o seguinte:

> A despeito de tratar-se de filosofias distintas, entendemos que parte dos discursos desses filósofos permitiu uma aproximação de Freud com uma argumentação de defesa da cientificidade da psicologia que, por um lado, não abandona o naturalismo e que, por outro, não recorre ao solo fisiológico. Nessa parte de sua formação, Freud encontrou não apenas subsídios para seu conceito de representação de objeto como também elementos argumentativos para a sustentação da cientificidade da psicologia por meio de uma concepção empirista que lhe permitia suavizar a prerrogativa pelo suporte neurológico e fisiológico, mas que nem por isso o levou a uma concepção, por exemplo, apenas compreensiva do psiquismo. (Carvalho & Monzani, 2015, p. 805).

Logo, complementam os comentadores em sua conclusão:

> defendemos que tal pluralidade de influências evoca uma abertura para a avaliação do modo pelo qual Freud dimensionou a sua própria concepção de ciência da natureza. Isso implica expandir o horizonte de seu naturalismo, o qual, por sua vez, não se esgota em nenhuma dessas influências e que, ao ser restringido a apenas uma delas, fatalmente afasta outras qualidades importantes da obra de Freud. (Carvalho & Monzani, 2015, p. 806)

Adentremos um pouco mais no debate genealógico sobre os fundamentos das teorias freudianas concernentes ao funcionamento psíquico. Como já comentado acima e no terceiro capítulo desta tese, se não há incompatibilidade entre método e teoria – tal como é realçado pela argumentação de Hyppolite (1959/1971) ou de Ricoeur (1965) quando tratam do descompasso entre o procedimento hermenêutico e a linguagem explicativa naturalista de Freud –, e se tampouco certos requisitos das ciências da natureza e de certa postura naturalista são abandonados completamente em favor de outra forma de determinar e produzir o conhecimento sobre os fenômenos psíquicos, então a "subordinação recíproca" (Monzani, 1989, p. 114) entre interpretação e explicação parece estar submetida a um plano

[266] Psicologia do mecanismo de defesa esta que o havia intrigado em *As neuropsicoses de defesa* (Freud, 1894/1991l).

distinto de critérios epistemológicos que não é o mesmo do paradigma materialista-fisicalista das ciências naturais.

De acordo com Assoun (1981), a necessidade freudiana de montar um quadro explicativo geral para a psicologia dos sonhos, e posteriormente para a própria psicologia geral psicanalítica, está arraigada em uma espécie de negação do dualismo (ou pluralismo) científico-metodológico. Assim, seria preciso reconhecer que, para Freud, o modelo de ciência é um só: a psicanálise deveria explicar os fenômenos ao exemplo da ciência natural, propondo leis universais do funcionamento mental (saudável ou não). E isto de tal maneira, afirma Assoun (1981), que a interpretação seja ela mesma uma explicação. Pois, em última análise, a interpretação é ordenada (do conteúdo manifesto de um sonho ao seu conteúdo latente) para revelar uma relação de causa-efeito e não apenas para compreender o significado de um evento singular. Logo, a interpretação psicanalítica não é orientada apenas para expor as cadeias associativas das quais um determinado sentido é excluído, mas também para expor como e porque esta dinâmica de exclusão ocorreu.

Por outro lado, a partir deste movimento, denunciado pelo comentador de Freud, de recusa a classificar a psicanálise como outra coisa que não uma ciência da natureza, a obra freudiana teria não só se comprometido com essa concepção que exige leis gerais e o controle da natureza, como também teve de fazer certas concessões às suas concepções para que fossem flexíveis e não cedessem a visões restritas dos fenômenos naturais. Entretanto, mais do que comparar as influências e os fundamentos conceituais e argumentativos das noções envolvidas na concepção de ciência empregada por Freud ao longo de sua obra, Assoun (1981) vai mais longe. Seria preciso, segundo ele, recorrer à forma como Freud foi desenvolvendo suas teses e argumentos sobre o aparelho mental, ao mesmo tempo em que 'deglutia' e 'metabolizava' os fundamentos epistemológicos que orientavam sua pesquisa[267].

Ora, claro que a tal recusa freudiana mencionada acima também é consequência de uma posição defensiva perante ataques e acusações feitos à suposta falta de cientificidade da psicanálise. Lembremos ainda de todo o processo de institucionalização da psicanálise

[267] Nesse sentido, vale considerar os apontamentos posteriores de Assoun (2012) sobre como essas concessões fariam com que o 'interesse científico' da psicanálise a levaria a criar um intenso debate com as mais diversas ciências do espírito dedicadas à compreensão do fenômeno particular – de sua disposição e significado na história humana. Assim, a flexibilização de um modelo científico estreito – mas que não é abandonado em momento algum – permite arranjar em seu devido lugar, no edifício da obra freudiana, certas contribuições. Diferentemente da hipótese dos processos oníricos inconscientes, certas hipóteses freudianas precisaram se apoiar em algo a mais (como na etnografia ou na psicologia social disponíveis na época). No entanto, vale dizer que, mesmo que certas teses psicanalíticas (Freud, 1913/1991c, 1921/1992d) tenham algum valor antropológico ou sociológico, ao delimitarem respectivamente ou a gênese de processos culturais e das instituições humanas ou a formação e manutenção do vínculo social, elas ainda o fazem a partir do modo psicanalítico de investigar e pensar certos fenômenos. Afinal, para além de outras determinações, estes fenômenos também contariam com a participação de fatores psicológicos inconscientes (como a simbolização da fantasia de parricídio, o pai morto ou o totem; ou como o investimento objetal em um ideal organizador da identificação entre os indivíduos em um coletivo).

em torno da obra freudiana e do freudismo, já assinalado anteriormente no primeiro capítulo. Essas questões sobre a legitimação e validação do conhecimento psicanalítico não eram um problema exclusivamente teórico.

De todo modo, essa genealogia das teorias freudianas, realizada por Assoun (1981), desemboca no problema da 'identidade teórica freudiana'. Identidade forjada a partir de modelos científicos específicos ligados às ciências naturais, mas que ganha sua autonomia frente aos mesmos modelos. Ou seja, o problema epistemológico da fundamentação das teorias freudianas acaba sendo tratado não só pela genealogia dessas teorias, mas também pela gênese de uma 'identidade teórica' da psicanálise freudiana que supostamente estaria construída entre a apropriação freudiana de determinadas tradições científicas e o ato enunciativo do próprio discurso metapsicológico. Diz o comentador de Freud: "a *originalidade* freudiana não está em nenhuma parte melhor visível do que sobre a linha imaginária onde ela subverte a linguagem de seu tempo *sem cessar de dizê-la sua*" (Assoun, 1981, p. 13).

Apostemos, então, que o fundador da psicanálise estivesse, sim, tratando "o saber psicanalítico como *episteme*, ou seja, como tipo de saber específico e autônomo" (Assoun, 2007, p. 519), à medida que o faz dialogar com os outros saberes. Segundo o comentador, quando Freud (1913/1991i) escreve o texto *O interesse pela psicanálise*, o diálogo da psicanálise com outras disciplinas enunciaria as fronteiras entre esses saberes e, consequentemente, as especificidades e a autonomia da psicanálise.

Transportemos essa aposta para o caso de Fenichel. Assim, não seria também algo semelhante ao que acontece com ele quando prenuncia à psicanálise naturalista de Freud um 'destino epistemológico' em uma 'psicologia dialético-materialista'? Nesse sentido, os limites internos impostos pelos critérios epistemológicos de Fenichel (1934a) à teoria e à prática psicanalíticas, e que são reassumidos em 1941 e em 1945, indicariam um ato enunciativo de uma nova forma de organizar, legitimar e validar o conhecimento e a alteração dos fenômenos psicológicos.

Infelizmente, leitor, não há como responder concretamente a essa pergunta. A leitura dos comentários sobre a problemática epistemológica envolvida na obra freudiana indica que talvez Fenichel (1941, 1945) só quisesse de fato preservar da psicanálise aquilo que interessava ao seu programa de 1934. Mas dizer que Fenichel (1945) só enfatizava o naturalismo de Freud e a identidade naturalista da psicanálise porque propôs, em 1934, algo completamente diferente a partir de sua leitura e apropriação da obra freudiana já é outra coisa.

Porém, é verdade que Fenichel (1945) talvez não estivesse considerando o abismo entre o materialismo-dialético assumido anteriormente por ele e a noção de materialismo fisicalista nas origens do naturalismo científico em Freud – do qual este se afastou ao

recusar a redução do psíquico ao fisiológico ou ao anatômico. Dessa forma, o líder das *Circulares*, sem perceber que Bernfeld (1944) falava de um materialismo muito mais restrito do que o materialismo-dialético, atesta o compromisso da psicanálise com a materialidade do fenômeno psíquico por meio da preocupação com o naturalismo científico freudiano.

A questão é que, submetendo a causalidade de um campo de fenômenos (acessados pela experiência dos processos psíquicos) a uma explicação que possa prever, por meio de leis gerais, as novas ocorrências desses fenômenos, Fenichel garantirá, a partir de 1934, a natureza dos fenômenos psíquicos com as cláusulas dialético-materialistas, que só se preocupam com o naturalismo das teorias e do método freudianos porque esse naturalismo traria consigo um entendimento materialista e histórico desses fenômenos, e não propriamente um entendimento fisicalista, nem puramente organicista-biológico. Na prática, isso significou realçar o desenvolvimento mental e a teoria dos instintos, e rechaçar as partes das teorias freudianas que supostamente se afastam do solo naturalista.

Além da ligação de Fenichel ao movimento psicanalítico, de seu apreço por ele e, é claro, dos problemas envolvendo seu exílio, a observância consequente das cláusulas do programa de 1934 em suas propostas intelectuais, tanto no livro de 1941, quanto no de 1945, o levaram a se associar, assim, aos elementos naturalistas das teorias freudianas que podiam ser aproveitados por uma teoria dialético-materialista. Por esta razão, algumas discussões científico-literárias realizadas nas *Circulares*, após sua 'reestruturação' de 1936, ajudarão a mostrar como a preservação desses elementos acaba colocando também a obra final de Fenichel (1941, 1945) ao lado da 'ortodoxia' psicanalítica, mais próximo daqueles que acentuavam o lado organicista-biológico da psicanálise freudiana, do que daqueles que acentuavam o seu lado mais culturalista e psicossocial. Investiguemos, então, a ofensiva do autor contra as leituras 'culturalistas' da obra freudiana.

Desta ofensiva, escolho em primeiro lugar os comentários sobre o livro *Novas abordagens em psicanálise*[268]*,* de Horney (1939/1947). Em carta enviada em 15 de julho de 1939, Fenichel (1998a) apresenta aos companheiros uma resenha sua desse livro que, segundo ele, fora publicada no periódico *Assistência social hoje*[269]. O início da resenha revela um pouco do público para o qual ela se dirige. Antes de apresentar sua leitura de Horney (1939/1947), Fenichel (1998a) faz uma introdução dedicada ao desenvolvimento da psicanálise. Nesse momento, ele recupera mais uma vez o argumento que coloca a psicanálise ao lado da ciência. Ele insiste, então, que, na disputa histórica pelo terreno da psicologia entre o pensamento científico e o pensamento mágico, a psicanálise fosse uma das manifestações do primeiro, e provavelmente a mais bem acabada dessas manifestações.

[268] *New Ways in Psychoanalysis*.
[269] *Social Work Today*.

A crítica ao livro começa aí. Usando de certo sarcasmo, Fenichel (1998a) diz:

> E agora, mais uma vez, surgiu um livro que promete revelar 'novas abordagens em psicanálise'. Novamente, muitas coisas têm de ser removidas da estrutura da psicanálise (e não se sabe de fato o que determina a escolha da Sra. Horney) e, então, tudo estará bem de novo. Diz ela: A superestrutura teórica, que está errada, tem de ser arrancada; entretanto, as observações corretas feitas por Freud têm de ser conservadas, e simplesmente interpretadas de maneira diferente. (Fenichel, 1998a, p. 1164)[270]

Em seguida, Fenichel (1998a) faz uma lista de tudo o que a colega teria sugerido 'arrancar' da psicanálise. Não só ele não concorda que tudo nesta lista seja apenas conjectural, como também discorda que teorias que se queiram científicas possam ser 'arrancadas' assim do seu campo de observação. Depois disso, o autor apresenta aquilo que sua colega de movimento psicanalítico acreditava precisar ser retido das observações freudianas, o que não é muita coisa. Temos aí nessa segunda lista: 1) a sobredeterminação do fenômeno psíquico; 2) a existência de algo inconsciente; 3) o entendimento de que as forças dominantes em ação nos indivíduos são emoções que estão em conflito umas com as outras; 4) a tese que explica os equívocos da fala como resultados deste conflito emocional e de outros que se dão inconscientemente, e a tese que elucida os sonhos como a realização de um desejo; 5) a formulação sobre a repetição de algo típico das relações do paciente com as outras pessoas na relação dele com seu terapeuta.

A partir daí, Fenichel (1998a) tratará de mostrar como mesmo essas concepções não conservam quase nada das teorias psicanalíticas. Ao fazer essa seleção, Horney (1939/1947) estaria deixando de lado certos aspectos fundamentais das teorias de Freud. Com relação à segunda concepção, Fenichel (1998a) aponta como a noção de inconsciente retida perde o aspecto ativo e inconsciente do Eu. O "conceito de 'inconsciente' da Sra. Horney é algo totalmente diferente do de Freud" (Fenichel, 1998a, p. 1165)[271]. É como se a colega de Fenichel tomasse o pré-consciente pelo inconsciente.

No que concerne à terceira concepção freudiana a ser preservada por Horney (1939/1947), Fenichel (1998a) levanta a seguinte discussão:

> O fato de haver conflitos dentro da pessoa não revela muito, se não se esclarece *o que* está em conflito com *o que*; e a Sra. Horney deve pensar nisso de forma absolutamente diferente da de Freud, já que ela não acredita na importância fundamental dos instintos. (Fenichel, 1998a, p. 1165)[272]

---

[270] No original: "And now once more a book has appeared which promises to reveal 'new ways in psychoanalysis'. Again, several things are to be removed from the structure of psychoanalysis, - (and one really doesn't know what determines Mrs. Horney's choice) – and then everything will be all right again. She says: The theoretical superstructure, which is false, is to be stripped off; the correct observations made by Freud are, however, to be retained, and simply interpreted differently".

[271] No original: "Mrs. Horney's concept of 'unconscious' is something totally different from Freud's".

[272] No original: "That there are conflicts within the person does not reveal much, if one does not clarify *what* is in conflict with *what*; and Mrs. Horney must think about this absolutely differently from Freud, since she does not believe in the fundamental significance of the instincts".

Para o autor, apesar de sua colega partir de constatações corretas sobre certas falhas da psicanálise, por exemplo, quando os psicanalistas desconhecem importantes fatores sociais e culturais na determinação do fenômeno psíquico, recusar a teoria dos instintos significava não aceitar as observações da psicanálise sobre as "camadas mais profundas da personalidade" (Fenichel, 1998a, p. 1165)[273], que seriam fundamentais para uma explicação genética dos conflitos que vão se sedimentando na personalidade como um todo e que, portanto, formam os traços de caráter.

Com isto, Fenichel (1998a) encaminha suas conclusões sobre o livro de Horney (1939/1947). Grosso modo, de acordo com ele, o grande erro de sua colega estaria em abandonar a postura naturalista da psicanálise em prol de uma crítica, sem dúvida necessária, à pouca atenção que foi dada, até então, pelo conhecimento psicanalítico às influências ambientais sobre o psíquico e à importância dos fatores sociais e culturais nessas influências. Assim, o autor declara sua defesa dos elementos naturalistas da psicanálise ligados ao desenvolvimento mental e à teoria dos instintos, elementos estes que, em Freud, revelariam o compromisso das teorias e do método psicanalíticos com o pensamento científico.

O segundo alvo principal das ofensivas de Fenichel (1998a) contra o 'culturalismo' na psicanálise, e que merece destaque aqui, é o livro *O indivíduo e sua sociedade*[274], de Kardiner (1939). A primeira referência a esse texto nas *Circulares* aparece na carta datada de 11 de agosto de 1939. Ali, Fenichel (1998a) apresenta uma troca de correspondências entre ele e Kardiner. Na transcrição de parte dessa troca, é possível ler o pedido de Kardiner a Fenichel para que fizesse uma resenha de seu livro, ainda a ser publicado.

Com o manuscrito em mãos, Fenichel responde agradecendo pelo convite. Nesta resposta, reassegurando seu interesse pela aplicação sociológica da psicanálise, Fenichel (1998a) confessa:

> Eu não estaria exagerando se declarasse que a aplicação da psicanálise à sociologia é, no geral, a principal tarefa da psicanálise. Você também sabe que eu sou da opinião de que as primeiras aplicações desse tipo à la Reik ou Róheim estavam basicamente erradas. No entanto, o perigo oposto também existe hoje: rejeitando as falhas das analogias simples demais entre indivíduo e sociedade, pode-se ignorar ou subestimar as descobertas específicas de Freud e o inconsciente. Um exemplo desalentador desse segundo perigo é o novo livro de Karen Horney: 'Novas abordagens em psicanálise'. (Fenichel, 1998a, p. 1191)[275]

[273] No original: "deepest layers of the personality".
[274] *The Individual and His Society*.
[275] No original: "I do not say too much if I declare that the application of psychoanalysis to sociology is the main task of psychoanalysis in general. You also know that I am of the opinion that the first applications of this kind à la Reik or Róheim have been basically wrong. However, the opposite danger does also exist today: Rejecting the errors of the all too simple analogizations of individual and society, one might neglect or underestimate the specific discoveries of Freud and the unconscious. A disheartening example for this second danger is the new book of Karen Horney: 'New Ways in Psychoanalysis'".

Chama atenção o fato do líder das *Circulares* afirmar que a finalidade principal da psicanálise é, de modo geral, sua aplicação sociológica. O que indicaria algo contrário a minha hipótese de que a própria obra de Fenichel (1934a, 1941, 1945) expõe, em algumas passagens, os limites impostos à 'verdadeira' psicanálise, à sua finalidade terapêutica, por seus compromissos teóricos e por sua finalidade prática. Outra coisa a chamar atenção nesse trecho é a menção a Horney (1939/1947). Fenichel (1998a) se apressa em explicitar o 'perigo da rejeição' àquelas teorias freudianas que manifestam os compromissos da psicanálise com os critérios de uma psicologia científica.

Meses depois, já em julho de 1940, Fenichel (1998a) apresenta aos companheiros das *Circulares* a íntegra da resenha dedicada ao livro de Kardiner (1939). O texto da resenha já havia sido enviado ao autor do livro e estava previsto para ser publicado na *Revista Internacional*, em alemão, e no *Trimestral Psicanalítico*, em inglês. De modo geral, o resenhista insistiu no tal 'perigo da rejeição' às teorias freudianas que se assentavam sobre o solo naturalista. Para Fenichel (1998a), Kardiner (1939) caminhava na mesma direção, pois parecia negar certos enunciados importantes da teoria das pulsões.

Então, no dia 10 de setembro do mesmo ano, Fenichel (1998a) resolve abrir, para o grupo das cartas, a discussão epistolar entre ele e Kardiner que se deu na sequência dos eventos narrados acima. Primeiramente, Kardiner informa que recebeu a carta de Fenichel contendo a resenha de seu livro e agradece pelo trabalho. Depois disso, ele só lamenta a Fenichel o quão desapontado ficou com a resenha. Detalha página a página as críticas do resenhista que considera pouco fidedignas ao texto de seu livro. As mais importantes, que merecem atenção aqui, se referem, diz Kardiner a Fenichel, ao "ponto central de todo o seu criticismo", que é "todo o problema metodológico da psicologia instintivista" (Fenichel, 1998a, p. 1367)[276].

Para Kardiner, o conceito 'instinto' tinha limitações claras dentro do quadro explicativo da psicanálise. O tipo de alteração promovido pelas influências ambientais sobre o psiquismo (sobretudo as influências de seus fatores sociais e culturais) não podia ser explicado como uma alteração qualitativa do próprio instinto. Segundo o correspondente de Fenichel, a alteração nunca se dava no nível dos instintos, mas sim "na organização do ego para se alcançar certas satisfações dos impulsos" (Fenichel, 1998a, p. 1363)[277].

Em determinada passagem de sua carta, Kardiner esclarece o ponto nodal do desacordo entre ele e Fenichel:

[276] No original: "the central point of your entire criticism . . . the whole methodological problem of instinctivist psychology".
[277] No original: "in the organization of the ego in order to achieve certain drive gratifications".

> Novamente, devo repetir que o que é tido por você como estrutura instintual é para mim uma reorganização complicada do ego a fim de se alcançar determinado objetivo. Uma distinção deve ser feita entre um princípio conotativo e um princípio estrutural. A organização do ego é descrita em termos de estrutura, e isso sempre se refere às funções executivas. O conceito de impulso só fornece a qualidade da satisfação buscada e esta é a crítica essencial à teoria da libido. (Fenichel, 1998a, pp. 1365-1366)[278].

Mais à frente, Kardiner conclui sua resposta a Fenichel dizendo que o conceito 'instinto' em Freud é um 'princípio conotativo', mas não um 'princípio estrutural'. Consequentemente, o uso desse conceito implica, eventualmente, "ignorar o lado estrutural, porque o conceito instinto não permite o exame de aspectos estruturais" (Fenichel, 1998a, pp. 1367-1368)[279].

Na réplica a Kardiner, Fenichel (1998a, p. 1370) sustentará com muito cuidado a indispensabilidade do "ponto de vista instintivista e da teoria da libido . . . para a psicanálise"[280]. Embora dê razão a Kardiner em vários dos pontos aventados por ele, Fenichel continua não aceitando a opção de seu interlocutor quanto ao uso do conceito de 'instinto' na teoria psicanalítica. Contra a crítica de Kardiner, que defende que a natureza dos instintos não revela a estrutura e as funções superiores do psiquismo, Fenichel (1998a) afirma que é preciso conservar "a clara noção de que a psicologia é uma disciplina biológica e de que todas as mudanças nas mentes humanas que acontecem através das experiências humanas operam por meio de forças biológicas" (Fenichel, 1998a, p. 1376)[281].

Conservar essa noção é necessário porque indica o compromisso fundamental da psicanálise com o pensamento científico. E Fenichel justifica a existência desse compromisso fazendo referência a Freud (1915/1992m) em *Pulsões e destinos da pulsão*. Assim, Fenichel (1998a) prossegue com sua conclusão:

> Você achará [neste texto de Freud (1915/1992m)] uma exposição sobre a relatividade da concepção de instinto, incluindo mudanças de objetos, objetivos e relações dos instintos entre si. Se estes *três são alterados*, nós podemos dizer que a 'estrutura dos instintos' mudou. (Fenichel, 1998a, p. 1376)[282]

É digno de nota que esta referência a Freud (1915/1992m) também funciona como evidência do compromisso fundamental da psicanálise com o pensamento científico, quando

---

[278] No original: "Again I must repeat what passes for you as instinctual structure is to me a complicated reorganization in the ego in order to achieve certain aim. A distinction must be made between a connotative principle and a structural one. Ego organization is described in terms of structure, and this always refers to executive functions. The concept drive only supplies the quality of the gratification sought and this is the essential criticism of the libido theory".

[279] No original: "to ignore the structural side, because the concept instinct does not permit the examination of the structural aspects".

[280] No original: "instinctivistic standpoint and the libido-theory … for psychoanalysis".

[281] No original: "the clear insight that psychology is a biological discipline and that all the changes in human minds which occur throughout human experiences operate through biological forces".

[282] No original: "you will find an exposition on the relativity of the conception of instinct including changes of objects, aims and relations of the instincts to each other. If these *three are changed* we can say that the 'structure of instincts' has been changed".

Fenichel (1945) recorre à ‘exigência científico-natural’ de que a psicologia psicanalítica deve se assentar sobre a biologia. Essa exigência leva, por sua vez, à ideia de que é a constituição orgânica do indivíduo que passará pelas alterações promovidas pelo contato com o ambiente no decorrer do desenvolvimento do aparelho mental, e, claro, na gênese das funções desse aparelho.

Por fim, vale ainda mencionar a ofensiva mais contundente de Fenichel (1998a) dirigida contra essa espécie de revisionismo ‘culturalista’ da psicanálise. Trata-se da crítica às ideias de *O medo à liberdade*, de Fromm (1941/1974)[283], que tomou uma postura semelhante à de Horney (1939/1947) e à de Kardiner (1939) quanto à teoria dos instintos. Em carta enviada em 3 de março de 1942, Fenichel (1998a) anexa uma longa resenha sobre o livro do velho colega. Publicada pela primeira vez em 1944 na *Resenha psicanalítica*[284], essa revisão crítica será reeditada no segundo volume da *Coletânea...*. Com algumas alterações no vocabulário, por exemplo, nas menções a Marx, Fenichel (1944/1954e) permanece insistindo na importância da teoria freudiana dos instintos para o compromisso da psicanálise com o naturalismo científico.

De maneira geral, após apresentar o conteúdo do livro de Fromm (1941/1974), Fenichel (1944/1954e, 1998a) tenta mostrar como é danoso, para a produção de um pensamento científico em psicologia, aplicar a psicanálise a problemáticas primordialmente sociológicas. O problema para Fenichel (1944/1954e, 1998a) estaria em usar das teses psicanalíticas sobre a existência de fatores sociais no desenvolvimento mental para expiar certo biologicismo na discursividade teórica de Freud. Mais uma vez, Fenichel (1944/1954e, 1998a) coloca seu ponto sobre o aspecto intrínseco do recurso freudiano ao naturalismo científico, que se dá por meio da teoria pulsional. Sem aceitar os princípios dessa teoria ou seus enunciados, investigar e explicar, tal como faz Fromm (1941/1974) em seu livro, os aspectos psicológicos de fenômenos que são, na realidade, de ordem sociológica esbarraria sempre na falta de uma compreensão naturalista do que é o ‘psicológico’.

Fenichel (1944/1954e) coloca então, dessa maneira, seu desacordo com a opção de leitura de Fromm (1941/1974):

> Um homem é um ser social porque não consegue se sentir instintivamente satisfeito sem outros seres; porque ele existe apenas na medida em que, enquanto indivíduo, ele se sente na necessidade de contato com outros indivíduos. Mas o que Fromm afirma? Segundo ele, Freud disse que o indivíduo humano é, em primeiro lugar, uma entidade isolada com certas exigências instintivas, e só *em segundo lugar* ele chama pelos outros indivíduos, dos quais ele precisa como instrumentos para sua satisfação. Freud nunca disse isso. Um ser humano nunca é ‘antes de tudo uma entidade isolada’. . . . O que Fromm não enxerga, ou tenta negar, é que as relações sociais só podem ‘formar indivíduos’ por causa de certa estrutura biológica do homem; e que o estudo desse fundamento biológico e o estudo do que acontece com esse fundamento sob circunstâncias sociais diferentes tornam compreensível como relações

[283] O título original do livro de Fromm (1941) é *Escape from Freedom* [*Fugindo da liberdade*].
[284] *Psychoanalytic Review*.

> sociais formam indivíduos. É verdade que condições sociais alteradas também mudam as necessidades do indivíduo. Mas pode ser mostrado psicanaliticamente que velhas necessidades biologicamente fundadas encontraram uma nova e alterada expressão nas novas necessidades. (Fenichel, 1944/1954e, p. 265)[285]

Nessa longa passagem, é possível ler de forma resumida a opção de leitura da obra freudiana feita por Fenichel (1998a). Para ele, a ontologia naturalista do fenômeno psicológico permite o entendimento psicológico da 'formação do indivíduo' nos termos científico-naturais. Só assim, a partir da estrutura biológica, o estudo genético dos fenômenos psíquicos pode dar inteligibilidade à forma de atuação das relações sociais no desenvolvimento mental, ou melhor, no decorrer da imanência e da concretude da experiência psicológica de um indivíduo.

Se, por um lado, Fenichel (1998a) fez questão de apontar, nessas discussões sobre os livros de Horney (1939/1947), Kardiner (1939) e Fromm (1941/1974), porque se mantinha aliado ao estofo 'biologicista' de certas teses e argumentos da obra freudiana, por outro, Fenichel (1998a) também se preocupou em reconhecer quão corretos estavam seus interlocutores na crítica à pouca consideração dos psicanalistas pelos aspectos sociais do fenômeno psíquico, o que levava esses interlocutores a compactuar, às vezes sem saber, com uma postura idealista – ou porque fenômenos sociológicos, antropológicos, históricos e econômicos eram reduzidos ao psicológico, ou porque o fenômeno psicológico era completamente reduzido à fisiologia ou à anatomia, como faziam os psicanalistas criticados por esses interlocutores de Fenichel.

Um rápido exemplo desse último tipo de posição reducionista, criticada ainda mais duramente por Fenichel (1944) em uma de suas resenhas para o *Trimestral psicanalítico*, é o artigo *Revolução e evolução*[286], de Jones (1941). Segundo Fenichel (1944), ao buscar explicar a mente revolucionária, Jones (1941) reduz as manifestações de uma revolução a categorias psicológicas. "Nem as circunstâncias sociais, enquanto possível fonte de tendências revolucionárias, nem a determinação social das atitudes psíquicas do povo revolucionário são discutidas" (Fenichel, 1944, p. 122)[287].

Feita a revisão do lugar de Fenichel no debate sobre a concepção freudiana de ciência natural, e feita essa revisão das discussões científico-literárias em torno dos

---

[285] No original: "A man is a social being because he cannot feel instinctively satisfied without other beings; because he exists only in so far as an individual, as he feels himself in need of contact with other individuals. But what does Fromm state? According to him Freud said that the human individual is, first of all, a secluded entity with certain instinctual demands, and only *secondarily* he asks for other individuals whom he needs as instruments for his satisfaction. Freud never said that. A human being is never 'first of all a secluded entity'. . . . What Fromm does not see, or tries to deny, is that social relations can only 'form individuals' because of a certain biological structure of man; and that the study of this biological basis and of what happens to this basis under different social circumstances makes it understandable how social relations form individuals. It is true that changed social conditions also change the individual's needs. But it can be shown psychoanalytically that in the new needs old biologically based needs have found a new and changed expression".

[286] *Revolution and Evolution*.

[287] No original: "Neither social circumstances as a possible source of revolutionary tendencies nor the social determination of the psychic attitudes of the revolutionary people are discussed".

reducionismos ontológicos proporcionados pelas leituras da psicanálise pouco comprometidas com os critérios epistemológicos que garantiriam, supostamente, a cientificidade da psicanálise, é possível concluir que a obra fenicheliana posterior ao artigo programático de 1934 não é apenas associada à 'ortodoxia' psicanalítica por motivos históricos e institucionais que marcaram o contexto da publicação dos textos chave do autor.

Portanto, foi a observância das exigências epistemológicas estipuladas pelo próprio Fenichel (1934a) que acabou demandando, dentro da economia conceitual de seus 'manuais' de técnica e teoria psicanalíticas (Fenichel, 1941, 1945), um alinhamento conceitual com as teorias freudianas sobre o aparelho mental e sobre a sexualidade e os instintos. É porque a materialidade do fenômeno psíquico só existe na medida em que esse fenômeno se apresenta como o resultado complexo da 'interação' entre a constituição orgânica do indivíduo e a atuação do meio sobre essa constituição, que a psicanálise não só discorre cientificamente sobre esse fenômeno, como também deve entender essa materialidade sem reduzi-la a nenhum desses termos: nem à constituição biológica, nem às influências ambientais, em sua maioria, sociais e culturais.

Quando Fenichel (1945) trata dos limites práticos e teóricos colocados pela psicanálise, no caso da aplicação da teoria e da prática terapêutica psicanalíticas na profilaxia do caráter neurótico, fica evidente que essa aplicação significava elucidar os aspectos do desenvolvimento psíquico individual como um todo sob a influência das instituições que têm por função primeira a educação. Para o autor, as medidas pedagógicas da família e da escola, por exemplo, são as principais responsáveis pela formação das forças contra-instintuais, usando, para isso, da própria energia das forças instintuais.

Falando dessa questão específica, Fenichel (1945) cita precisamente os colegas nos quais concentrou seu trabalho crítico diante do revisionismo culturalista da psicanálise: Horney (1939/1947), Kardiner (1939) e Fromm (1941/1974). Nesse momento, Fenichel (1945) reafirma como a teoria dos instintos é crucial no entendimento científico-natural da psicanálise. Diz ele:

> Nossos comentários deixam claro que a percepção do poder formador das forças sociais sobre as mentes individuais não requer nenhuma mudança nos conceitos de instinto de Freud, como certos autores acreditam [e aqui vem a referência dos livros resenhados nas *Circulares*]. As necessidades instintivas são a matéria-prima formada pelas influências sociais. . . . Diferentes 'constituições biológicas' contêm múltiplas possibilidades; ainda assim, não são realidades, mas potencialidades. É a experiência, isto é, as condições culturais, que transforma as potencialidades em realidades, e que molda a estrutura mental efetiva do homem forçando suas demandas instintivas para certas direções, favorecendo algumas delas e bloqueando outras, e até mesmo desviando partes delas em direção contrária ao resto. (Fenichel, 1945, p. 588)[288]

[288] No original: "Our comments make it plain that the insight into the formative power of social forces upon individual minds does not require any change in Freud's concepts of instincts, as certain authors believe (653, 820, 921). The instinctual needs are the raw material formed by the social influences. . . . Different 'biological

Desse modo, a preservação dos aspectos naturalistas das teorias freudianas relacionados à teoria dos instintos foi essencial a Fenichel ao longo de sua obra. E isso porque, para ele, o tipo de 'psicologia científica' que é a psicanálise deveria cumprir com os requisitos mínimos de uma psicologia dialético-materialista.

4.3. As implicações epistemológicas da concepção fenicheliana sobre o conhecimento psicanalítico

Neste momento, trago à cena certas implicações da concepção de Fenichel sobre o conhecimento psicanalítico, mais especificamente, sobre a fundamentação desse conhecimento. Desta vez, vou aproveitar o exame de *A teoria psicanalítica*... e das ideias sobre o caráter científico da psicanálise defendidas neste livro, para evidenciar essas implicações. Assim como fiz no terceiro item do capítulo precedente, não busco dar soluções a nenhuma problemática explorada até aqui, mas sim recuperar as interrogações dessas problemáticas datadas, que creio serem pertinentes ainda hoje para a discussão sobre história e filosofia da psicanálise, ou mesmo da psicologia. Logo, proponho novamente algumas reflexões para além do foco principal desta pesquisa.

Das problemáticas decorrentes da concepção de Fenichel sobre a fundamentação do conhecimento psicanalítico, três parecem-me ser as mais valiosas. São elas: 1) a definição de psicologia científica, defendida pelo autor, faz uso das mesmas exigências estabelecidas para uma psicologia dialético-materialista; 2) sendo o naturalismo científico um requisito da própria postura materialista, os critérios de fundamentação do conhecimento psicanalítico limitam a aplicação desse conhecimento a um papel muito específico, o tratamento de certa classe de fenômenos psicopatológicos; 3) mesmo assim, o conhecimento psicanalítico adquirido nesse campo de fenômenos pode ser aplicado em outros, ou seja, como uma psicologia da 'vivência' individual, contínua e cotidiana, esse conhecimento pode ser aplicado de tal maneira que certos enunciados psicanalíticos deveriam ser considerados na explicação e alteração de outras 'realidades', não só das psicopatológicas.

Com respeito à primeira dessas problemáticas, pudemos confirmar, neste capítulo e no precedente, a presença dos critérios epistemológicos da psicologia dialético-materialista. As leituras dos livros *Problemas da técnica...* e *A teoria psicanalítica...* permitiram localizar a reprodução desses critérios, defendidos no artigo de 1934, no subsolo das concepções de

---

constitutions' contain manifold possibilities; yet they are not realities but potentialities. It is experience, that is, the cultural conditions, that transforms potentialities into realities, that shapes the real mental structure of man by forcing his instinctual demands into certain directions, by favoring some of them and blocking others, and even by turning parts of them against the rest".

Fenichel sobre a prática e sobre o conhecimento psicanalíticos; concepções estas que ficariam associadas na história da psicanálise a um pensamento mais conservador.

Essa presença dos mesmos critérios incluía tanto a repetição de princípios ontológicos e metodológicos de um naturalismo científico, quanto o reconhecimento de que este naturalismo está submetido a um esquema de valores no qual a própria 'verdade' científica de determinada realidade natural da ordem imanente do mundo responde a um ideal de controle e previsão.

No segundo capítulo, vimos que foi a inclusão desse reconhecimento que permitiu uma nova compreensão do naturalismo científico, de tom empiricista e cético, que foi defendida por Fenichel (1923/1953c) desde o início de sua obra. A partir de 1934, a imanência do fenômeno psíquico significa reconhecer duas coisas. Primeiramente, o estatuto ontológico 'particular' desse fenômeno, referido às suas 'condições materiais', determina uma abordagem empírico-naturalista de uma 'realidade' que não se reduz ao mundo físico.

Em segundo lugar, mesmo o entendimento 'naturalista', universal e necessário, sustentado por essa abordagem do fenômeno psíquico, também estará sujeito às 'condições materiais', não se resumindo apenas ao seu valor epistemológico ou cognitivo. Dessa forma, a atitude materialista fará parte da articulação de Fenichel (1941, 1945) sobre a finalidade prática do conhecimento psicanalítico e sobre os fundamentos desse próprio conhecimento.

Contudo, Fenichel (1934a, 1941, 1945) não vai muito além disso. Não há como saber o quanto o autor tinha claro para si que os critérios de legitimação e validação da psicologia dialético-materialista não admitiam apenas os critérios propriamente epistemológicos de uma ciência natural biológica, como traziam também consigo um critério essencialmente mais histórico e sociológico envolvendo as determinações externas das teses e dos argumentos das teorias psicanalíticas.

Em outros termos, embora haja indicações por parte do autor, não há como saber de que maneira esses critérios dialético-materialistas essencialmente distintos se relacionariam entre si. Até porque, como já indiquei no segundo capítulo, se fôssemos levar a cabo um estudo genealógico e axiológico da obra de Fenichel em relação à literatura marxista ou à própria obra de Marx e Engels, nos depararíamos com certo amadorismo do psicanalista na leitura dessa literatura.

Já no que concerne à segunda das problemáticas listadas acima, busquei mostrar, ao longo deste capítulo e do precedente, como a conservação do naturalismo científico pela postura materialista acabou levando a uma delimitação na aplicação prática da psicanálise a partir da própria fundamentação do conhecimento psicanalítico. No entanto, a tal conservação do naturalismo científico pelo materialismo defendido por Fenichel levou ao problema da forma assumida por esse naturalismo na própria psicanálise freudiana. Por

conseguinte, no início do item anterior, quando tratei da concepção de ciência natural em Freud, precisei assumir, diante da literatura dedicada a essa questão, que talvez o tipo de naturalismo presente nesta concepção tivesse mais matizes do que aquele que é sustentado pela leitura de Fenichel da obra freudiana.

No entanto, para os fins desta tese, pouco importou se Fenichel de fato estava ciente ou não de que o naturalismo freudiano se instaura, entre outras coisas, pela negação de um materialismo-fisicalista tanto na ontologia do fenômeno psíquico, quanto nos procedimentos de investigação desse fenômeno. Isso porque, frente ao tipo de naturalismo presente na obra freudiana, apostei, junto de Assoun (1981), na identidade epistemológica das teses freudianas que estaria contida na própria discursividade 'original' dessas teses.

Se Freud desenvolveu a psicanálise a partir de concessões ao naturalismo de sua educação científica, que fora influenciada enormemente, entre outras coisas, pelo materialismo-fisicalista – o que ditaria uma das faces das fronteiras do conhecimento psicanalítico –, então o tipo de naturalismo exigido pela postura materialista em Fenichel também seria da ordem de uma delimitação do objeto e dos procedimentos de estudo da 'psicologia científica psicanalítica', sustentada por ele a meio caminho do estabelecimento de uma psicologia dialético-materialista.

Quando forçamos a reflexão nesse sentido, fica mais fácil perceber porque foi o projeto de 'psicologia dialético-materialista' que exigiu de Fenichel uma defesa constante das teorias de Freud sobre o aparelho mental e sobre a sexualidade, feita a partir de um ponto de vista histórico-genético e instintivista. Dentro desse quadro, no qual o fenômeno psíquico deve ser estudado como a interação entre estrutura orgânica individual e contingências ambientais, o conhecimento psicanalítico pode, então, segundo Fenichel (1934a, 1941, 1945), versar cientificamente sobre um aspecto da realidade 'natural' humana. Isto é, sobre as regularidades da experiência 'singular', 'complexa' e 'contínua' que um indivíduo tem de si, da própria corporeidade e do mundo.

Porém, também é dentro desse quadro de critérios que a aplicação desse conhecimento, a sua finalidade prática, acaba sendo limitada a uma terapia voltada para as psiconeuroses. O que não impede, de acordo com Fenichel (1934a, 1945), que o conhecimento psicanalítico contribua para a elucidação da relação dos fenômenos psíquicos com outros aspectos da realidade, como os fenômenos sociais, os quais, por sua vez, não podem ser explicados apenas pela investigação da experiência psíquica individual.

Dessa maneira, os textos *O instinto de acumulação de riquezas* (Fenichel, 1938[1934]/1954b)[289], *Troféu e triunfo* (Fenichel, 1939[1936]/1954d)[290] e *Elementos de uma*

[289] *The Drive to Amass Wealth*.
[290] *Trophy and Triumph*.

teoria psicanalítica do antissemitismo (Fenichel, 1946[1938]/1954f)[291], assim como a discussão sobre a profilaxia do caráter neurótico, no livro de 1945, fornecem os pouquíssimos exemplos da terceira problemática decorrente da concepção fenicheliana da fundamentação do conhecimento psicanalítico.

Nesse sentido, a aplicação do conhecimento psicanalítico adquirido no domínio médico, no campo das psiconeuroses, ao se limitar a uma psicologia da 'vivência' individual, contínua e cotidiana, não pode se prestar diretamente à explicação e à alteração de outras 'realidades' que não as psicológicas. Se o conhecimento psicanalítico se prestasse a isso, essa aplicação incorreria no rompimento com as cláusulas científico-naturais de sua fundamentação e com a própria postura dialético-materialista que impõe essas cláusulas.

Para evidenciar algumas implicações da concepção de Fenichel sobre o conhecimento psicanalítico, tendo em vista as consequências de seu programa de psicologia dialético-materialista, transportemo-nos para outras discussões aparentadas a essa. Peço novamente a tua paciência, leitor. Como meu objetivo aqui é tratar dessas implicações para a discussão epistemológica envolvendo a psicanálise, não haverá tempo hábil de examinar com propriedade as articulações que apresento a seguir.

Comecemos pelo texto *O freudismo*, de Bakhtin (1927/2009). De modo geral, neste ensaio, o autor desenvolve uma crítica ao 'motivo ideológico' do freudismo, ou seja, do aspecto doutrinal da psicanálise. Seus principais alvos são os autores soviéticos que fizeram uma espécie de apologia marxista da psicanálise – Bikhovski, Zalking, Fridman e Luria –, como se ela fosse uma ciência-natural, uma psicologia objetiva sobre a dinâmica psíquica entre forças naturais. Em meio à elaboração de sua filosofia da linguagem, Bakhtin (1927/2009) se esforça em apresentar as teorias freudianas como uma expressão de uma psicologia subjetiva. Em certo sentido, isso significa recusar a linguagem naturalista de Freud que serviria de prova da cientificidade de suas teorias psicológicas. E mais, significa entender o funcionamento psíquico como expressão de uma luta entre motivos ideológicos nos próprios indivíduos e não como um conflito entre as tais forças naturais. Mas vejamos como o filósofo russo chega aí.

Bakhtin (1927/2009) parte da avaliação de que o freudismo, como uma doutrina filosófica, responde a questões sobre a essência do homem, definindo-o como um 'ser biológico'. Por conseguinte, a consciência humana seria apenas expressão deste 'ser biológico' que é essencialmente sexual. Mas, ao contrário dessa avaliação assumida por

[291] *Elements of a Psychoanalytic Theory of Anti-Semitism.* Esse texto é uma versão modificada de *Psicanálise do antissemitismo* (*Psychoanalysis of Anti-Semitism*) (Fenichel, 1940[1938]), que foi publicado no segundo volume do primeiro número da *American Imago* em 1940. Por sua vez, esta primeira versão do texto de Fenichel (1946[1938]/1954f) foi antes uma conferência dada na Associação Psicanalítica de Topeka em 1938, quando o autor fazia sua viagem do leste ao oeste dos EUA.

Bakhtin (1927/2009), há aquelas que dispensam da psicanálise essa doutrina e tentam salvar seu ‘verdadeiro núcleo científico’. Diz o autor,

> existe uma opinião bastante difundida [e aqui vem uma nota do autor em referência aos apologistas soviéticos de Freud] segundo a qual, a despeito de ser falho e inaceitável o motivo ideológico central, há na psicanálise um sadio e valioso germe científico: sua teoria psicológica. Os defensores de semelhante opinião supõem que a doutrina psicológica especial de Freud é perfeitamente compatível com uma concepção filosófica diferente, e responde justamente às reivindicações que o marxismo coloca diante da psicologia científica. (Bakhtin, 1927/2009, p. 13)

Se já não soubéssemos quais são os alvos declarados de Bakhtin (1927/2009), ou mesmo que o texto programático de Fenichel (1934a) fora produzido depois deste ensaio de Bakhtin (1927/2009), se não tivéssemos estas informações, esse excerto poderia muito bem passar por uma resposta direta a Fenichel (1934a), não é mesmo, leitor? Como vimos no primeiro e no segundo capítulo, é claro que a aproximação da psicanálise ao pensamento marxista não se restringiu apenas aos círculos de psicanalistas dispostos a entenderem e atuarem sobre os problemas psicossociais. A disputa em torno da face teórica do problema da aproximação entre esses pensamentos transitava, naquela época, entre os que defendiam e os que atacavam a noção de que as teorias psicológicas psicanalíticas cumprem com os requisitos do materialismo-dialético.

Em sentido oposto a Fenichel (1934a), Bakhtin (1927/2009) apresenta as teorias psicológicas e o método de interpretação freudianos para demonstrar como essas teorias e esse método não cumprem, efetivamente, com tais requisitos. Depois de expor as teorias freudianas sobre o funcionamento mental e sobre a sexualidade e as pulsões, o filósofo russo trata de dois pontos chave do método freudiano: a associação livre na situação clínica e o protótipo da interpretação, a análise dos sonhos; e ainda passa rapidamente pelo espinhoso tema da teoria freudiana sobre as formações culturais – a qual, por sinal, Fenichel (1934/1998c) também recusa[292].

Com esta apresentação, Bakhtin (1927/2009) conclui que as teorias e o método psicanalíticos contêm elementos subjetivistas, introspectivistas e idealistas. Apesar do vocabulário às vezes fisicalista, às vezes organicista, de suas teorias, a psicanálise trata de um psiquismo inconsciente que só pode ser acessado indiretamente por meio de seus produtos que surgem na consciência, e ela faz uso das velhas categorias da psicologia, como representação e afeto. Em dado momento, o autor toca na questão da teoria das pulsões e diz algo que merece citação:

> Alguns partidários de Freud afirmam, tendo em vista a sua ‘teoria das pulsões’, que a biologia é a base objetiva da psicanálise.

[292] Como vimos no capítulo dois, no terceiro item.

> Essa afirmação não se baseia em nada. Estamos mais autorizados a falar de psicologização e subjetivização da psicologia por Freud. O freudismo dissolve no subjetivo-psíquico todas as formas e processos objetivo-biológicos do organismo. Todos os termos biológicos que abundam nas páginas dos livros e artigos de psicanálise perdem aqui sua consistência objetiva, dissolvendo-se integralmente no contexto psicológico-subjetivo. (Bakhtin, 1927/2009, p. 73)

Para Bakhtin (1927/2009), mesmo revestida dessa pretensa objetividade, a psicanálise pouco tem de novo em relação às velhas psicologias. Na realidade, seu objeto de estudo continua sendo a experiência individual, a 'vivência' interior. Ela não se importa com a fisiologia ou com a sociologia das formações psicológicas. A novidade da psicanálise, aquilo que a distingue, é seu entendimento diante de um psiquismo cindido, caótico e disputado internamente pelas partes que o compõem. Desse modo, Bakhtin (1927/2009, p. 77) afirma que Freud "não toma os enunciados no seu aspecto objetivo, não procura as suas raízes fisiológicas e sociológicas, mas tenta encontrar neles próprios os verdadeiros motivos do comportamento: o próprio paciente deve lhe comunicar a respeito das profundezas do 'inconsciente'". Nada mais na contramão da posição tomada por Fenichel (1998a) quando este se apoia na teoria pulsional para defender as teorias freudianas dos 'ataques' que vinha sofrendo das leituras culturalistas.

Voltemos então a este ponto em Fenichel (1934a, 1945). Seja no seu programa de psicologia dialético-materialista, onde elenca os critérios com os quais as teorias e o método freudianos também parecem estar comprometidos, seja na sua definição de psicologia científica, na qual foi possível rastrear a presença daqueles critérios, o autor insiste na natureza particular dos fenômenos psíquicos. Na verdade, a particularidade dessa 'natureza' do psicológico se deve à ideia de que a interação entre constituição e meio, que produz o fenômeno psíquico, não se reduz à estrutura biológica nem às forças sociais e culturais. Como 'interação' entre essas esferas de fenômenos, o psicológico ganha algo como uma autonomia 'fenomenal', por assim dizer.

O caráter histórico-genético do método psicanalítico defendido por Fenichel (1934a, 1945) ganha seu peso aí. Ele permite investigar apropriadamente essa interação que é o psíquico, porque a particularidade ontológica dessa ordem de fenômenos acaba impondo ao 'psicológico' a sua apreensão temporal e, portanto, a impossibilidade de fatiá-lo em eventos comportamentais, verbais ou perceptuais isolados. Mas como acessar o fenômeno psíquico assim compreendido sem recorrer à introspecção, ou melhor, à narrativa produzida sempre com o auxílio da consciência? É possível investigar objetivamente a 'vivência', a 'experiência' individual, como Fenichel (1934a, 1945) propunha quando aproxima a psicanálise de uma psicologia dialético-materialista ou de uma psicologia científico-natural?

Perguntas como essas mobilizam, desde o século XIX, as tentativas de desenvolvimento de uma psicologia científica. Com certeza, não será aqui que obteremos as

respostas para elas. De qualquer maneira, a exigência, feita e reatualizada por Fenichel (1934a, 1941, 1945), de que a experiência individual forneça o centro de gravidade das manifestações psíquicas é compatível com os critérios dialético-materialistas na exata proporção em que ela revela um aspecto próprio da realidade material, embora não extenso, nem propriamente quantificável em alguma medida.

Mesmo que, em última instância, a objetividade dessa experiência só esteja na fisiologia dos instintos ou na sociologia das influências ambientais, como aponta a leitura crítica de Bakhtin (1927/2009) da obra freudiana, para Fenichel (1934a), o compromisso da psicanálise com uma postura dialético-materialista exige que o psiquismo faça parte do mundo natural como a transformação de um corpo biológico em um corpo dentro da história. Assim, é a imanência desse corpo biológico e da história que o 'atravessa' que permitem com que o corpo transformado, não sendo apenas lugar de funções orgânicas, conte ele mesmo a 'experiência' ou a 'vivência' que tem dessa transformação. Lembremos que é precisamente do entendimento desta transformação, segundo Fenichel (1934a) em referência explícita a Reich (1929/1977), que se extrai uma 'dialética' nas teorias psicológicas de Freud[293].

Terminemos essas considerações das implicações da concepção fenicheliana sobre o conhecimento psicanalítico com outra discussão mais recente. Espero que ela nos ajude, por fim, a esclarecer como o materialismo de Fenichel (1934a) recoloca para a fundamentação do conhecimento psicanalítico a participação de um critério de validação do conhecimento que não é apenas epistemológico ou relacionado ao 'valor cognitivo' de uma teoria. Para isto, tomo emprestada a argumentação de Lacey (2008) em *Entendimento científico e controle da natureza*.

Imerso em uma discussão sobre o lugar dos valores na atividade científica[294], Lacey (2008) argumenta como a ciência moderna ganha seus contornos em uma 'estratégia materialista' de restrição e seleção dos dados que mantém estreita relação com o 'moderno esquema de valores'. Tomando como ordem natural subjacente os dados materiais, a ciência moderna – e o autor toma aqui como exemplo a física newtoniana – delimita e escolhe quais são os dados a serem remetidos às teorias para que estas sejam, assim, confirmadas ou refutadas. Segundo o autor, essa 'estratégia materialista' é delineada

[293] Associado ao 'amadorismo' de Fenichel em relação às teorias marxistas e ao debate filosófico em torno delas, comentei no segundo capítulo como essa noção de 'dialética' está provavelmente desinformada a respeito deste conceito na literatura marxista. Lida em Freud pelos defensores da aproximação entre psicanálise e marxismo, a 'dialética' da interação entre constituição orgânica e contingências sociais não é a mesma 'dialética' usada, por exemplo, por Marx & Engels (1845-46/2007). Apreendida, como se sabe, da filosofia hegeliana, o conceito de 'dialética' na tradição marxista define um complicado jogo de oposições entre objeto e sujeito e de contradições internas entre objetividade e subjetividade no âmbito da realização objetiva do sujeito, a qual se dá pelo trabalho humano e na história humana. Nesse entendimento, não está em questão propriamente o sujeito da experiência psicológica, individualizado e passivo, mas o sujeito da história (Engels, 1878/2015, Lefebvre, 1947; Marcuse, 1932/1968).

[294] O texto em questão está inserido em uma coletânea de trabalhos intitulada *Valores e atividade científica 1* (Lacey, 2008).

sempre no horizonte de uma ‘perspectiva’ de controle e previsibilidade que é definida anteriormente no bojo dos valores sociais e cognitivos.

A respeito da presença dos valores cognitivos na ‘estratégia materialista’ de restrição e seleção de dados, e na avaliação teórica propriamente dita, Lacey (2008) diz o seguinte:

> Há uma espécie própria de reciprocidade entre os dados assim selecionados e as teorias submetidas a restrições materialistas que habilita os primeiros a exercerem um papel de evidência em relação às últimas, visto que os fenômenos descritos por dados desse tipo podem ser representados como produtos da ordem subjacente.
>
> A respeito da relação que deve haver entre a teoria e os dados empíricos com vistas a sustentar a adequação da teoria existe uma controvérsia persistente. Para os meus atuais propósitos, estipularei simplesmente que considero que essa relação é mais bem analisada em termos de uma teoria manifestar intensamente, com relação aos dados, um conjunto de *valores cognitivos*. Sob o domínio das estratégias materialistas, aspiramos a estabelecer teorias que sejam empiricamente adequadas, que exibam poder explicativo, unificador e preditivo, que sejam internamente consistentes, que não envolvam recursos a hipóteses *ad hoc,* que mantenham vínculos explicativos com outras teorias bem estabelecidas, além de talvez algumas outras poucas coisas. (Lacey, 2008, p. 157).

No caso da presença desses valores cognitivos na avaliação de uma teoria, eles estipulam as condições do conhecimento científico moderno, exigindo dele as características listadas acima: ‘adequação empírica da teoria’, ‘poder explicativo’, ‘universalidade’, ‘capacidade de predição’, ‘consistência interna de seus enunciados’ etc. De acordo com o autor, nesse momento da atividade científica no qual as teorias são avaliadas e escolhidas, estão em jogo apenas esses valores. No entanto, no momento anterior, de delimitação e escolha dos dados da investigação científica, e no posterior, de aplicação das teorias na orientação de uma técnica, a ‘estratégia materialista’ revela a presença de valores sociais, que nada mais são do que a expressão da relação entre essa estratégia e o contexto social.

O controle da natureza seria, então, o valor social mais facilmente reconhecível no esquema de valores moderno adotado pela estratégia, correlata a esse esquema, de delimitação e escolha dos dados. Que fique claro que tal ‘estratégia materialista’ não se resume a esta perspectiva de controle, pois a avaliação teórica depende exclusivamente dos valores cognitivos. Assim, apesar dessa avaliação ser relativamente imparcial, a atividade científica como um todo nunca é neutra. Isso porque a ‘estratégia materialista’ e a perspectiva de controle da ordem natural subjacente se reforçam mutuamente, no contexto da modernidade.

Mais à frente, Lacey (2008) conclui:

> Embora as estratégias materialistas e a perspectiva do controle sejam *distintas*, no contexto moderno, é normalmente difícil *separá-las*. Conforme se verá, conduzir-se pelas estratégias materialistas na pesquisa científica também contribui para a manifestação mais profunda do moderno esquema de valor do controle, e adotar esse esquema, mediante o

> comprometimento com ele, implica promover a pesquisa científica sob as estratégias materialistas – as contribuições vêm de ambos os lados, não em qualquer caso tomado individualmente, mas como um padrão sólido, constante e recorrente, e nem sempre do modo como foram previstas e anteriormente intencionadas. As estratégias e a perspectiva do controle têm se reforçado mutuamente de forma tão efetiva que seus interesses têm se tornado amplamente idênticos. (Lacey, 2008, p. 166)

Não seria o terceiro critério epistemológico de Fenichel (1934a), essencialmente um critério sociológico das condições do conhecimento, uma espécie de reconhecimento, remoto que seja, da participação dos valores sociais na fundamentação do conhecimento? Pergunto isso porque, como vimos no segundo item do capítulo dois, a exigência de explicações universais e necessárias e a exigência de previsibilidade e controle da ordem natural são remetidas a esse terceiro critério. Isso de tal modo que, mesmo sustentando a imanência do fenômeno psicológico, não abandonando estes requisitos cognitivos e contemplando, assim, a partir deles, os ideais de 'isenção moral' e 'verdade científica', a atitude materialista dependerá ainda do reconhecimento de que estes mesmos requisitos são também produtos de certo contexto sócio-histórico.

Portanto, é possível dizer que a discussão realizada por Fenichel (1934a, 1945) recoloca para a fundamentação do conhecimento psicanalítico a participação de valores que não se remetem apenas à legitimidade interna de uma teoria. Mais ainda, ao colocar esse horizonte do contexto social e histórico como condicionante da própria produção das teorias psicológicas psicanalíticas, o psicanalista dissolve, com isto, uma separação nítida entre a pura explicação dos fenômenos psíquicos e a alteração deles. Por conseguinte, a aplicação dessas teorias da psicanálise, que se propõe a tal alteração, ainda que logicamente distinta da explicação de fato, está potencialmente presente nos critérios de fundamentação da própria teoria.

CONCLUSÃO

Antes de apresentar minhas considerações finais propriamente ditas, creio ser fundamental um resumo daquilo que foi explorado nesta tese desde seu início. No primeiro capítulo, *O engajamento do jovem Fenichel no movimento psicanalítico*, o leitor pôde acompanhar, grosso modo, como se deu o envolvimento histórico de Fenichel com uma psicanálise de esquerda e como ele passou a ocupar uma posição de destaque e de articulador dentro do movimento psicanalítico. Além disso, pôde se deparar também com as concepções gerais de Fenichel que foram desenvolvidas antes de 1934, e que permaneceriam operando, mas de forma nuançada, em suas formulações posteriores.

No primeiro item desse capítulo, *Do movimento juvenil ao movimento psicanalítico*, foi possível, então, ver como o ímpeto científico do jovem Fenichel, misturado ao seu engajamento no movimento juvenil germânico em Viena, o levaria à defesa do esclarecimento sexual. Mesmo evitando fazer desse envolvimento a explicação causal direta da aproximação do autor com o movimento psicanalítico, esse traço pessoal de seu envolvimento no movimento juvenil permitiu averiguar o contexto inicial – na virada da década de 1910 para a década de 1920 – da participação de Fenichel no movimento psicanalítico.

Depois, no segundo item do primeiro capítulo, *O engajamento nas políticas do movimento psicanalítico*, foi preciso repassar a atuação de Fenichel durante a fase de expansão institucional do movimento psicanalítico, levanto em conta, para isso, a relação histórica entre o comportamento político desse movimento (às voltas, na época, com a transmissão da psicanálise e com a formação de novos analistas) e o reformismo social, assumido não só por Fenichel, mas também pela ampla maioria dos novos analistas. Como docente do Instituto de Berlim e como membro das Comissões de Ensino local e internacional, a atuação político-institucional de Fenichel se concentrou na disputa em torno das diretrizes da formação psicanalítica.

Já no terceiro item desse primeiro capítulo, *Psicanálise: ciência-natural e 'pedagogia dos afetos'*, foi indicado como o espírito crítico do que chamei de 'kantismo vulgar' pairava em sua obra desde o início, influenciando assim de forma geral sua concepção sobre o tipo de conhecimento que é a psicanálise e sobre sua função terapêutica. Decorre do compromisso com esse espírito as duas primeiras cláusulas ou critérios epistemológicos a serem exigidos da psicanálise, a saber: 1) ela deve se comportar como um conhecimento que almeja a explicação das causas dos fenômenos psíquicos; 2) e ela deve ter como norte os ideais de previsão e controle da ordem natural dos fenômenos psicológicos. Assim, a consequência prática dessas cláusulas ou critérios seria um método terapêutico que não só

se confunde com a investigação dos fenômenos psicológicos inconscientes, como busca também fornecer certa autonomia da consciência e do Eu diante das paixões da alma.

Prosseguindo, no segundo capítulo, *Um projeto dialético-materialista para a psicanálise*, o leitor pôde entrar em contato com o contexto, a textualidade e a intertextualidade do projeto de psicologia dialético-materialista de Fenichel. As problemáticas tratadas foram as seguintes: 1) o envolvimento intelectual do autor com o marxismo; 2) as especificidades do projeto de psicologia do autor; 3) e a presença do diálogo entre ele e Reich nas bases mesmas desse projeto.

No primeiro item desse capítulo, *Os 'psicanalistas marxistas' e a organização das cartas secretas,* o problema enfrentado foi precisamente a história do envolvimento do autor com o pensamento marxista entre o final da década de 1920 e o início da década de 1930. Desse modo, a absorção específica do marxismo por Fenichel foi abordada a partir da interlocução do autor com Reich – verdadeira geradora dessa absorção – e a partir da constituição da troca de correspondência das *Circulares* – que tinha como uma de suas principais funções a construção de uma plataforma de esquerda dentro da IPA. Com isto, foi possível perceber que essa absorção do marxismo por Fenichel e sua atuação no movimento psicanalítico se limitaram às defesas da psicanálise científico-natural freudiana e da independência entre a psicanálise e a medicina.

Já no segundo item do segundo capítulo, *A psicologia dialético-materialista, ciência natural*, foi preciso entender o que mudou e o que permaneceu na economia conceitual da obra de Fenichel após a elaboração do projeto de psicologia dialético-materialista de 1934. De fato, o materialismo renovado do autor se deve a um novo critério 'epistemológico'. Se Fenichel (1934a) manteve a ontologia naturalista, com a qual compreende o ser do 'psíquico', e as duas cláusulas epistemológicas – que exigem explicações universais e necessárias, e previsibilidade e controle da natureza –, o autor o faz incluindo uma cláusula que chamei de 'sociológica'. Ou seja, a atitude materialista de Fenichel passa, dali em diante, a reconhecer as condições materiais (sociais, econômicas e históricas) por detrás também dos requisitos propriamente cognitivos, o que o leva a compreender esses requisitos como resultados de um ideal de controle da ordem 'imanente' da experiência humana. Reconhecimento e modo de compreensão estes que fornecem, por sua vez, os alicerces da crítica de Fenichel aos idealismos 'atemporais' do pensamento psicológico ou psicanalítico, e das práticas científicas e/ou terapêuticas ligadas a esse pensamento.

Por conseguinte, no terceiro item desse segundo capítulo, *A psicologia dialético-materialista entre Reich e Fenichel*, foi importante fazer um levantamento das semelhanças e das diferenças teóricas entre os projetos de aproximação 'psicanálise-e-materialismo dialético' de Reich e de Fenichel. Assim, explicitadas as origens 'reichianas' dos conceitos decorrentes da postura materialista de Fenichel, fica evidente como se refletem um no outro

o restrito ‘marxismo’ presente na atuação político-institucional do autor – entre o início de seu envolvimento com essa tradição de pensamento e prática políticos, e o estabelecimento das *Circulares* – e o ‘vespeiro’ filosófico das exigências assumidas em seu projeto de psicologia dialético-materialista, que, como vimos, firma determinados compromissos ‘materialistas’ decorrentes da aproximação ‘psicanálise-e-materialismo-dialético’.

Na tensa relação com Reich, o projeto teórico de Fenichel acaba assinando uma espécie de contrato com a psicanálise freudiana que o marcaria no resto de sua atuação no movimento psicanalítico como um aliado da ortodoxia psicanalítica de Viena e da IPA; e que também marcaria o resto de sua obra como a representação de uma teoria psicanalítica científico-natural e de uma prática psicanalítica, digamos, mais convencional e clássica. Por esta razão, os capítulos seguintes, *A prática psicanalítica de Fenichel: psicologia do Eu* e *A teoria psicanalítica em Fenichel: materialismo, naturalismo e psicologia científica*, foram dedicados, respectivamente, às concepções do autor posteriores a 1934 relativas à técnica e à teoria psicanalíticas.

Então, no terceiro capítulo, *A prática psicanalítica de Fenichel: psicologia do Eu*, o leitor encontrou o exame da concepção de Fenichel sobre a prática psicanalítica. A principal ideia foi explicitar essa concepção na forma como o autor compreende a finalidade prática do conhecimento psicanalítico e a função terapêutica da psicanálise.

Ainda assim, no primeiro item desse capítulo, *A atuação de Fenichel no movimento psicanalítico: da Europa aos Estados Unidos*, foi necessário ainda continuar averiguando o contexto de produção da obra de Fenichel. Dessa maneira, suas atuações no movimento psicanalítico europeu, no eixo entre Praga e Viena, e no movimento estadunidense foram tratadas a fim de esclarecer a elaboração inicial e o momento da publicação das maiores obras do autor. Tanto o *Problemas da técnica...* quanto *A teoria psicanalítica...* foram produzidos para servir ao propósito de Fenichel de ensinar e transmitir uma psicanálise comprometida com os fundamentos científico-naturais freudianos.

Apenas depois, no segundo item do terceiro capítulo, ‘*Problemas da técnica psicanalítica*’ *e a concepção fenicheliana sobre a prática psicanalítica*, o exame se voltou efetivamente para a concepção do autor sobre a prática psicanalítica a partir da noção de ‘teoria da técnica’. Ao interrogar a forma como Fenichel compreende a finalidade prática do conhecimento psicanalítico em seu manual de técnica de 1941, a presença do expediente crítico de 1934 foi recuperada, confirmando, por sua vez, a presença de algumas teses e argumentos do programa de psicologia dialético-materialista, sobretudo aqueles relativos a essa finalidade prática do conhecimento em geral. Foi então de acordo com a postura ‘materialista’ veiculada por esse programa que a função terapêutica da psicanálise e o ideal de cura a organizar a terapia psicanalítica puderam ser reintroduzidos aos novos analistas, que deveriam aprender, assim, uma técnica orientada pelos princípios da psicanálise

científico-natural freudiana, tal como defendida por Fenichel, ou seja, uma psicoterapia voltada para o campo da sintomatologia neurótica.

Feita essa discussão em torno da concepção de Fenichel sobre a prática psicanalítica, algumas considerações sobre as implicações éticas dessa concepção se impuseram. Logo, no terceiro item do terceiro capítulo desta tese, *As implicações éticas da concepção fenicheliana sobre a prática psicanalítica*, foi necessário indicar os problemas na concepção de Fenichel que geram perguntas pertinentes ao debate envolvendo diretamente a ética em ou da psicanálise.

Tomando emprestado, dessa maneira, certos questionamentos desse debate, a forma como Fenichel entende o processo terapêutico em sua 'teoria da técnica' fez pensar que há operando na psicanálise algo como um 'conhecimento prático'. Ou seja, o tratamento psicanalítico das psiconeuroses tem uma orientação, e esta é dada por certos princípios científico-naturais que também organizam o conhecimento psicológico da psicanálise. Mas o tal 'conhecimento prático', mesmo que prescrito por esses princípios, se dá apenas a partir da e na experiência particular e singular do fenômeno psíquico (saudável ou doentio) em jogo em uma análise.

Na sequência, no quarto e último capítulo desta tese, *A teoria psicanalítica em Fenichel: materialismo, naturalismo e psicologia científica*, o leitor se deparou finalmente com uma análise da concepção de Fenichel sobre o conhecimento psicanalítico. O foco geral deste capítulo foi avaliar as consequências do programa de psicologia dialético-materialista de 1934 sobre o final da obra de Fenichel.

Por isso, no primeiro item desse capítulo, '*A teoria psicanalítica da neurose*' *e a concepção fenicheliana sobre o conhecimento psicanalítico*, o exame textual do grande livro de Fenichel (1945) procurou mostrar como se deu a preservação do projeto de 1934. Em especial, como as teorias psicológicas de Freud e os princípios científico-naturais que devem organizar a psicanálise são defendidos pelo autor a partir dos compromissos com a postura dialético-materialista, firmados naquele projeto onze anos antes. E, claro, como a própria finalidade prática do conhecimento psicanalítico e a função terapêutica da psicanálise acabam estipulando, no grande 'manual' de Fenichel (1945), os limites de tal projeto dialético-materialista, já que as teorias psicológicas e psicopatológicas de Freud deveriam, pela observância desses princípios científico-naturais, guardar distância de aplicações que fizessem retornar pela porta dos fundos do pensamento e da prática psicológicos o idealismo ou o pensamento mágico.

Nesse sentido, no segundo item do quarto capítulo, *A opção de Fenichel diante do naturalismo freudiano*, foi necessário enfrentar o recurso ao 'naturalismo' das teses freudianas feito por Fenichel. Respondendo aos próprios requisitos do projeto de psicologia dialético-materialista – e também ignorando os caminhos tomados pelo materialismo

fisicalista na obra de Freud, que servia para indicar os compromissos do fundador da psicanálise com o paradigma das ciências naturais –, Fenichel optou pela defesa das teorias psicológicas naturalistas de Freud, pois elas forneciam um conhecimento científico e materialista. Logo, a associação da obra de Fenichel com a 'ortodoxia' psicanalítica não foi apenas motivada pelo contexto da produção e publicação de suas propostas intelectuais em *A teoria psicanalítica...*. Mais do que isso, as consequências conceituais e argumentativas da preservação das exigências do programa de 1934 já continham os elementos que foram lidos como os de uma psicanálise mais 'conservadora'.

Discutidos os problemas envolvendo a concepção de Fenichel sobre as condições e a natureza do conhecimento psicanalítico, outras considerações que extrapolam o mero exame da obra fenicheliana precisaram ser feitas. Mas, desta vez, sobre as implicações epistemológicas mais gerais dessa concepção. Deste modo, no terceiro item do quarto e último capítulo, *As implicações epistemológicas da concepção fenicheliana sobre o conhecimento psicanalítico*, foi importante enfrentar as questões derivadas da concepção de Fenichel que tocam no debate em torno da epistemologia da psicanálise.

Ao trazer os questionamentos do debate feito na época de Fenichel justamente em torno da aproximação 'psicanálise-e-materialismo-dialético' e os questionamentos de um debate mais recente sobre a relação dos valores cognitivos da fundamentação do conhecimento em geral com os valores sociais do contexto de desenvolvimento de uma teoria pela atividade científica, outra ideia se delineou no fim do último capítulo. Isto é, quando Fenichel (1934a, 1945) trata dos critérios e princípios que organizam o campo de fundamentação do conhecimento psicanalítico, o autor mobiliza um argumento que conta também com a presença de valores que não se remetem apenas à legitimidade interna de uma teoria. Consequentemente, sendo a presença do contexto social e histórico uma das condições da própria construção das teorias psicológicas psicanalíticas, Fenichel como que 'dissolve' uma separação nítida entre a pura explicação dos fenômenos psíquicos e a alteração deles, mesmo que estas esferas sejam logicamente distintas.

Dessa maneira, apresento minhas conclusões finais. Quanto à história do envolvimento de Fenichel com o movimento psicanalítico e ao contexto de publicação de sua obra, tive pouco a acrescentar às teses de Jacoby (1983) e Mühlleitner (2008). De fato, Fenichel, ao mesmo tempo em que se empenhou bastante para desenvolver seu projeto de psicologia dialético-materialista e promover as pautas da esquerda política dentro desse movimento, acabou contribuindo, graças às estratégias escolhidas por ele, para que esse mesmo projeto se restringisse à defesa dos aspectos científico-naturais das teorias psicológicas de Freud e a uma associação um tanto quanto suspeita com os colegas dos aparatos institucionais desse movimento que defendiam a 'clássica', 'conservadora' e 'ortodoxa' psicanálise de Freud.

Do ponto de vista mais biográfico do envolvimento de Fenichel com o movimento psicanalítico, o engajamento político do autor tinha um caráter intelectual. Ou seja, a 'militância' de Fenichel esteve voltada para certos ideais que estiveram muito próximos dos do movimento psicanalítico na fase de expansão de seus aparatos institucionais. Antes e depois de sua aproximação com a tradição de pensamento marxista, a 'militância' de Fenichel – se é que se pode chamar assim a atuação do autor no movimento psicanalítico – sempre ocorreu dentro desse movimento. Isso porque Fenichel acreditava em um reformismo social que prezava pela mudança radical do núcleo da personalidade humana. E a psicanálise era, nesse sentido, um dos caminhos mais sólidos para alcançar tal utopia política.

Já do ponto de vista mais sócio-histórico do contexto de produção e publicação de seus trabalhos, a aproximação 'psicanálise-e-materialismo-dialético' feita por Fenichel foi, sem dúvida, uma operação teórica datada e pouco profunda. Fenichel era um amador nesse campo e boa parte do que absorveu dele veio por meio de sua interlocução com Reich, que discordava da confiança depositada por Fenichel no movimento psicanalítico e suas respectivas instituições a fim de desenvolver uma psicanálise comprometida com as pautas da esquerda política.

No fim, essa confiança de Fenichel no movimento psicanalítico e sua 'militância' restrita a ele acabaram servindo para que seu engajamento no projeto de uma teoria e uma prática socialmente comprometidas fosse limitado pelo contexto de exílio e de perseguição aos judeus, aos comunistas e socialistas, e mesmo aos psicanalistas freudianos. Mas, se essa atuação paradoxal de Fenichel o ajudou a esconder as parcas referências ao marxismo que funcionaram, em 1934, como o campo de fundamentação de seu projeto de psicologia dialético-materialista, fazendo também com que a comunicação entre os psicanalistas de esquerda ficasse secreta, isso não significa que sua obra deixou efetivamente de ser organizada por esse projeto.

No que concerne à textualidade do final de sua obra, espero ter conseguido esclarecer que a defesa do naturalismo das teorias psicológicas de Freud e a defesa de uma prática terapêutica orientada pelos princípios científico-naturais da psicanálise são fruto da observância por Fenichel dos critérios epistemológicos de seu projeto de 1934.

É claro que o projeto de Fenichel (1934a) não é aprofundado pelos livros *Problemas da técnica...* e *A teoria psicanalítica*..., mas isto não quer dizer que ele não esteja presente gerando consequências nesses trabalhos. Do ponto de vista da continuidade ou da ruptura das concepções de Fenichel sobre o conhecimento e a prática em psicanálise, os critérios epistemológicos assumidos naquele programa de 1934 trazem consequências importantes para a forma como o autor entende a fundamentação do conhecimento psicanalítico, a finalidade prática desse conhecimento e a função terapêutica da psicanálise.

Em primeiro lugar, a consequência do projeto de 1934 para a fundamentação e para as condições do conhecimento psicanalítico é uma delimitação do objeto de investigação da psicanálise e da cientificidade das teorias psicanalíticas que acaba por estipular as teorias psicológicas de Freud como a expressão da postura 'dialético-materialista' no campo do pensamento psicológico. Assim, para que a psicanálise pudesse dar inteligibilidade aos fenômenos psíquicos (sadios e doentios), seu conhecimento deveria se limitar ao psicológico como uma parte da natureza que resulta da interação entre a constituição orgânica e biológica do corpo e as influências ambientais, que são, em sua maioria, sociais e culturais. E, mais ainda, seus procedimentos de investigação e seus enunciados teóricos deveriam buscar a explicação universal e necessária dos fenômenos psíquicos, e o controle e a previsão da ocorrência desses mesmos fenômenos, mas sem deixar de reconhecer que o horizonte desse quadro explicativo e dos valores cognitivos (universalidade, necessidade, controle e previsão) está enraizado em um esquema de valoração no qual os valores sociais são definitivos.

A observância dos critérios epistemológicos do programa de 1934 no livro de 1945 faz com que Fenichel coloque um limite à aplicação do conhecimento psicanalítico de tal maneira que esse conhecimento não extrapolasse o campo de observação dos fenômenos psicológicos. Logo, a ideia mesma de uma aplicação sociológica da psicanálise não poderia se valer de uma explicação de fenômenos sociais que os reduzisse a manifestações psicológicas. Esse tipo de aplicação deveria se limitar a explicar os fenômenos psíquicos envolvidos no campo dos fenômenos sociais. Ultrapassar esse limite da aplicação do conhecimento psicanalítico significaria abandonar os critérios epistemológicos de 1934 e os princípios científico-naturais assumidos por eles.

Em segundo lugar, as consequências do projeto de 1934 para a finalidade prática do conhecimento psicanalítico e para a função terapêutica da psicanálise são as considerações de que a expressão do horizonte sócio-histórico do quadro explicativo da psicanálise reinsere no debate sobre a técnica psicanalítica tanto o papel de orientação das teorias psicológicas de Freud na tarefa de organizar a prática psicanalítica, quanto as fronteiras do domínio de problemas psicopatológicos aos quais se aplica a psicoterapia psicanalítica estrita, focada assim na resolução do conflito neurótico entre repressão e instinto.

Neste caso, a observância dos critérios do programa de 1934 no livro de 1941 (ou no final do livro de 1945) faz com que Fenichel exponha a finalidade prática do conhecimento psicanalítico por meio de uma 'teoria da técnica' que garanta alguma excelência da técnica psicoterapêutica empregada em uma análise, seja ela propriamente a interpretação analítica, seja ela uma técnica sugestiva eventualmente necessária. Assim, essa aplicação da psicanálise deveria ser sempre organizada a partir do quadro explicativo das teorias

psicológicas de Freud, e, em última instância, dos princípios científico-naturais da psicanálise por detrás dessas teorias freudianas.

Além disso, apesar do otimismo com a potência da prática psicanalítica, a função terapêutica da psicanálise a mobilizar a concepção que Fenichel tem dessa prática acaba limitada ao campo da sintomatologia neurótica, porque a orientação da aplicação técnica da psicanálise dada pelo conhecimento psicanalítico cria um ideal de cura que conduz o tratamento psicanalítico como uma pedagogia dos afetos, fornecendo ao Eu maior capacidade de adaptação e autonomia no trato com os impulsos do Isso, com as restrições do Supereu e com a presença da realidade externa.

Dessa maneira, vale retomar a opinião de Jacoby (1983) sobre a aproximação 'psicanálise-e-materialismo-dialético' operada por Fenichel quando este enumera os critérios a serem cumpridos pela psicanálise no desenvolvimento de uma psicologia dialético-materialista. Psicologia esta, lembremos, pouco afeita aos idealismos por detrás do conceito de instinto de morte, ou de uma antropologia filosófica presente na teoria da cultura psicanalítica, ou aos idealismos de uma prática que deixasse à intuição a tarefa de informá-la e orientá-la. Diz Jacoby (1983):

> Por um lado, ele era inequivocamente dedicado a uma psicanálise política; por outro, ele deu continuamente contribuições psicanalíticas que mal exalavam política. Em seus anos em Berlim, ele se tornou conhecido como um sensato compilador e árbitro do conhecimento psicanalítico. Mas essas contribuições não se transformaram em marxismo. Às vezes, os dois empreendimentos se tocavam. Em seus principais escritos psicanalíticos, ele regularmente comentava e aludia às realidades sociais e políticas, mas nada além. Ele se contentava em mostrar que a psicanálise, por si só, era incompleta e requeria uma sociologia. (Jacoby, 1983, p. 74).

De fato, pelo que foi exposto até aqui, Fenichel não era um profundo conhecedor do marxismo. E mais, ele pouco conhecia a fundo a discussão envolvendo a epistemologia psicanalítica, até porque grande parte dessa discussão ainda seria desenvolvida posteriormente a sua morte. Além disso, é verdade que o contexto histórico de produção e publicação de sua obra, como foi apontado acima, também limitariam externamente o desenvolvimento de seu projeto de psicologia dialético-materialista. Mas não foi apenas a atuação paradoxal de Fenichel no movimento psicanalítico que contribuiria para isso.

A meu ver, as consequências do programa de 1934 na economia e na cartografia conceitual e argumentativa de Fenichel (1941, 1945) acabam trazendo consigo os elementos que também paradoxalmente farão da obra do autor uma representação fiel de uma leitura ortodoxa e conservadora do pensamento freudiano. Isso porque o naturalismo freudiano mantido por Fenichel na sua apresentação do que é o conhecimento psicanalítico e do que é fazer psicanálise ocorre na medida em que o autor tenta manter os compromissos colocados pelos critérios epistemológicos assumidos em 1934. A crítica de

Fenichel aos neo-freudianos culturalistas pode ser lida precisamente como o corolário da manutenção desses compromissos.

No que concerne aos objetivos secundários desta tese, as implicações epistemológicas e éticas das concepções fenichelianas (sobre o conhecimento e a prática psicanalíticos) geraram alguns questionamentos que valem ser retomados aqui nessas considerações finais. Em relação às primeiras destas implicações, parece-me que, quando Fenichel (1934a, 1945) inclui a presença dos valores sociais no horizonte do quadro explicativo da psicanálise, ocorre uma dissolução entre a pura explicação dos fenômenos psíquicos e a alteração deles. Em relação às segundas, parece-me que a psicanálise acaba se organizando como um 'conhecimento prático' que, mesmo que orientado pelos princípios científico-naturais do conhecimento psicanalítico, se constitui na experiência particular e singular dos fenômenos psíquicos que ocorrem em uma análise.

Seria o caso de contar na psicanálise com uma insolúvel contradição entre os conhecimentos prático e teórico (ou 'científico')? Ou o caso de contar na psicanálise com uma contradição aparente entre um conhecimento universal e necessário da experiência psicológica viva e contínua e um conhecimento prático e contingente dessa mesma experiência no decorrer de uma análise particular? Creio que essas perguntas carregam consigo o gérmen de outras questões no âmbito mais geral dos pensamentos e práticas psicológicos. É importante lembrar que a extensão dessas problemáticas impede que o exame da forma como Fenichel articula as teorias psicológicas freudianas traga soluções suficientes para a contradição existente entre a universalidade dessas teorias e a singularidade e contingência do objeto sobre o qual essas mesmas teorias versam. Essas problemáticas ainda merecem mais investigações, sobretudo investigações que se dêem no âmbito do debate epistemológico contemporâneo.

Porém, é importante dizer que o tipo de 'interacionismo' presente na obra de Fenichel – assumido em sua concepção sobre a natureza do objeto da psicologia científica ou da psicanálise (ou seja, o psíquico como resultado da interação entre constituição e ambiente) – traz para a psicologia a necessidade de um diálogo constante com as disciplinas que de fato se dediquem aos componentes que participam da formação da experiência psicológica, mas que não podem ser explicados simplesmente como fenômenos psicológicos. Mais ainda, a concepção de Fenichel sobre a natureza do psíquico indica como o aspecto temporal desta entidade permite um alargamento da posição naturalista que organiza os valores cognitivos e as exigências epistemológicas normalmente associados à ideia de uma ciência natural.

Já no que concerne à história do movimento psicanalítico, mais precisamente à história política desse movimento, vale dizer que, se por um lado a história de Fenichel pode servir de exemplar da relação pontual das instituições psicanalíticas com a agenda social-

democrata durante a década de 1920, por outro, uma investigação mais detida sobre essa relação, que não foi realizada de fato aqui, poderá revelar qual a profundidade, as marcas mais concretas e as contradições decorrentes de tal relação para a história do movimento psicanalítico.

REFERÊNCIAS

Referências de Otto Fenichel[295]:

Fenichel, O. (1916, Mai). Sexuelle Aufklärung. *Schriften zur Jugendbewegung*, *3*, 52-60.

Fenichel, O. (1928). Bernfeld, Siegfried: Sozialismus und Psychoanalyse. Dazu Diskussionsbemerkungen von Otto Kaus, Barbara Lantos, D. Ed. Alexander, Otto Müller, Ernst Simmel., Der sozialistische Arzt. II, 2/3 [Resenha]. *Imago*, *14*(2-3), 385-388. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=imago.014.0385a&type=hitlist&num=5&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1928%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

Fenichel, O. (1931). Reich, Wilhelm: Dialektischer Materialismus und Psychoanalyse. Unter dem Banner des Marxismus, III, 5. Oktober 1929 [Resenha]. *Imago*, *17*(1), 132-137. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=imago.017.0132a&type=hitlist&num=26&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1931%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

Fenichel, O. (1932a). Outline of clinical psychoanalysis - I. *Psychoanalytic Quarterly*, *1*, 121-165. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.001.0121a&type=hitlist&num=24&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1932%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1931). *Hysterien und Zwangneurosen: psychoanalytische spezielle Neurosenlehre.* Wien: Áustria: Internationaler Psychoanalytischer Verlag.[296]

Fenichel, O. (1932b). Outline of clinical psychoanalysis - II. *Psychoanalytic Quarterly*, *1*, 292-342. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.001.0292a&type=hitlist&num=22&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1932%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1931). *Hysterien und Zwangneurosen: psychoanalytische spezielle Neurosenlehre.* Wien: Áustria: Internationaler Psychoanalytischer Verlag.

Fenichel, O. (1932c). Outline of clinical psychoanalysis – III. *Psychoanalytic Quarterly*, *1*, 545-652. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.001.0545a&type=hitlist&num=23&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1932%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1931). *Hysterien und Zwangneurosen: psychoanalytische spezielle Neurosenlehre.* Wien: Áustria: Internationaler Psychoanalytischer Verlag.

Fenichel, O. (1933a). Outline of clinical psychoanalysis - IV. *Psychoanalytic Quarterly*, *2*, 94-122. Recuperado de http://www.pep-

[295] Incluo, quando houver, as referências de outras versões dos textos de Fenichel trabalhados nesta tese.
[296] Os artigos da série *Outline of clinical psychoanalysis* são traduções dos capítulos de dois volumes em alemão que tratam da teoria psicanalítica de quadros neuróticos específicos.

web.org/document.php?id=paq.002.0094a&type=hitlist&num=5&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Ctitle%2Coutline%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1931). *Hysterien und Zwangneurosen: psychoanalytische spezielle Neurosenlehre.* Wien: Áustria: Internationaler Psychoanalytischer Verlag.

Fenichel, O. (1933b). Outline of clinical psychoanalysis - V. *Psychoanalytic Quarterly*, *2*, 260-308. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.002.0260a&type=hitlist&num=3&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Ctitle%2Coutline%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1931). *Perversionen, Psychosen, Charakterstörungen: psychoanalytische spezielle Neurosenlehre.* Wien: Áustria: Internationaler Psychoanalytischer Verlag.

Fenichel, O. (1933c). Outline of clinical psychoanalysis - VI. *Psychoanalytic Quarterly*, *2*, 562-591. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.002.0562a&type=hitlist&num=4&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Ctitle%2Coutline%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1931). *Perversionen, Psychosen, Charakterstörungen: psychoanalytische spezielle Neurosenlehre.* Wien: Áustria: Internationaler Psychoanalytischer Verlag.

Fenichel, O. (1934a). Über die Psychoanalyse als Keim einer zukünftigen dialektisch-materialistischen Psychologie. *Zeitschrift für Politische Psychologie und Sexualökonomie*, *1*(1), 43-62. Recuperado de http://www.lsr-projekt.de/zpps/zpps1.html

(1967). Psychoanalysis as the nucleus of a future dialectical-materialistic psychology. *American Imago*, *24*, 290-311. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=aim.024.0290a&type=hitlist&num=0&query=zone1%2Carticle%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1967%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1972). Sobre el psicoanálisis como el embrión de una futura psicología dialéctico-materialista. In: Gente (Org.), *Marxismo, Psicoanálisis y Sexpol* (Izquierda Freudiana, Vol. 1, pp. 160-183). Buenos Aires: Argentina: Granica.

Fenichel, O. (1934b). Outline of clinical psychoanalysis - VII. *Psychoanalytic Quarterly*, *3*, 42-127. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.003.0042a&type=hitlist&num=6&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Ctitle%2Coutline%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1931). *Perversionen, Psychosen, Charakterstörungen: psychoanalytische spezielle Neurosenlehre.* Wien: Áustria: Internationaler Psychoanalytischer Verlag.

Fenichel, O. (1934c). Outline of clinical psychoanalysis—Concluded - VIII. *Psychoanalytic Quarterly*, *3*, 223-302. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.003.0223a&type=hitlist&num=7&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Ctitle%2Coutline%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1931). *Perversionen, Psychosen, Charakterstörungen: psychoanalytische spezielle Neurosenlehre.* Wien: Áustria: Internationaler Psychoanalytischer Verlag.

Fenichel, O. (1940). Psychoanalysis of antisemitism. *American Imago*, *1B*(2), 24-39. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=aim.001b.0024a&type=hitlist&num=26&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1940%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1. (Trabalho original apresentado em 1938).

Fenichel, O. (1941). *Problems of psychoanalytic technique*. Albany, NY: Psychoanalytic Quarterly.

(1938). Problems of psychoanalytic technique – I-II. *Psychoanalytic Quarterly*, *7*, 421-442. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.007.0421a&type=hitlist&num=2&query=zone1%2Carticle%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2CBetween%7Cstartyear%2C1938%7Cendyear%2C1939%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1939). Problems of psychoanalytic technique – III. *Psychoanalytic Quarterly*, *8*, 57-87. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.008.0057a&type=hitlist&num=46&query=zone1%2Carticle%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2CBetween%7Cstartyear%2C1938%7Cendyear%2C1939%7Cviewperiod%2Cweek%7Cpagenum%2C2%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1939). Problems of psychoanalytic technique – IV-V. *Psychoanalytic Quarterly*, *8*, 164-185. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.008.0164a&type=hitlist&num=45&query=zone1%2Carticle%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2CBetween%7Cstartyear%2C1938%7Cendyear%2C1939%7Cviewperiod%2Cweek%7Cpagenum%2C2%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1939). Problems of psychoanalytic technique –VI. *Psychoanalytic Quarterly*, *8*, 303-324. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.008.0303a&type=hitlist&num=43&query=zone1%2Carticle%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2CBetween%7Cstartyear%2C1938%7Cendyear%2C1939%7Cviewperiod%2Cweek%7Cpagenum%2C2%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1939). Problems of psychoanalytic technique – VII. *Psychoanalytic Quarterly*, *8*, 438-470. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.008.0438a&type=hitlist&num=44&query=zone1%2Carticle%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2CBetween%7Cstartyear%2C1938%7Cendyear%2C1939%7Cviewperiod%2Cweek%7Cpagenum%2C2%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

(1973). *Problemas de técnica psicoanalítica.* Santa Fé: Argentina: Control.

Fenichel, O. (1944). Revolution and Evolution: Ernest Jones. Int. J. Psa., XXII, 1941, pp. 193–208 [Resenha]. *Psychoanalytic Quarterly*, *13*, 121-122. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.013.0121a&type=hitlist&num=16&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1944%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

Fenichel, O. (1945). *The psychoanalytical theory of neurosis*. New York, NY: W.W. Norton & Company.

(1953). *La théorie psychanalytique des névroses.* Paris: França: PUF.
(1957). *Teoría psicoanalítica de las neurosis.* Buenos Aires: Argentina: Nova.
(1974). *Psychoanalytische Neurosenlehre* (Vol. 1). Olten: Suíça: Walter-Verlag.
(1975). *Psychoanalytische Neurosenlehre* (Vol. 2). Olten: Suíça: Walter-Verlag.
(1977). *Psychoanalytische Neurosenlehre* (Vol. 3). Olten: Suíça: Walter-Verlag.
(1981). *Teoria psicanalítica das neuroses.* Rio de Janeiro, RJ: Atheneu.

(1995). *The psychoanalytical theory of neurosis: 50th anniversary edition.* New York, NY: W.W. Norton & Company.
(1997). *Psychoanalytische Neurosenlehre* (3 Volumes). Gießen: Alemanha: Psychosozial-Verlag.

Fenichel, O. (1953a). *Collected papers of Otto Fenichel: first series.* Nova York, NY: W.W Norton & Company.

Fenichel, O. (1953b). The clinical aspect of the need for punishment. In Fenichel, *Collected Papers of Otto Fenichel: first series* (pp. 71-92). Nova York, NY: W.W Norton & Company. (Trabalho original publicado em 1925).

(1925). Zur Klinik des Strafbedürfnisses: Vortrag auf dem IX. Internationalen Psychoanalytischen Kongreß in Homburg, September 1925. *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, *11*(4), 469-487. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=izpa.011.0469a&type=hitlist&num=20&query=zone1%2Carticle%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1925%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1
(1979). Zur Klinik des Strafbedürfnisses. In Fenichel, *Aufsätze* (Vol. 1, pp. 67-90). Olten: Suíça: Walter-Verlag.
(1928). The clinical aspect of the need for punishment. *International Journal of Psychoanalysis*, *9*, 47-70. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=ijp.009.0047a

Fenichel, O. (1953c). Psychoanalysis and metaphysics. In Fenichel, *Collected papers of Otto Fenichel: first series* (pp. 8-26). Nova York, NY: W.W Norton & Company. (Trabalho original publicado em 1923).

(1923). Psychoanalyse und Metaphysik: eine kritische Untersuchung. *Imago*, *9*, 318-343. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=imago.009.0318a&type=hitlist&num=2&query=zone1%2Carticle%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1923%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1
(1979). Psychoanalyse und Metaphysik: eine kritische Untersuchung. In Fenichel, *Aufsätze* (Vol. 1, pp. 9-29). Olten: Suíça: Walter-Verlag.

Fenichel, O. (1953d). Concerning the theory of psychoanalytic technique. In Fenichel, *Collected papers of Otto Fenichel: first series* (pp. 332-348). Nova York, NY: W.W Norton & Company. (Trabalho original publicado em 1935).
(1935). Zur Theorie der psychoanalytischen Technik. *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, 21(1),78-95. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=izpa.021.0078a&type=hitlist&num=28&query=zone1%2Carticle%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cfenichel%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1935%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1
(1979). Zur Theorie der psychoanalytischen Technik. In Fenichel, *Aufsätze* (Vol. 1, pp. 325-344). Olten: Suíça: Walter-Verlag.

Fenichel, O. (1953e). Psychoanalytic Method. In Fenichel, *Collected papers of Otto Fenichel: first series* (pp. 318-330). Nova York, NY: W.W Norton & Company. (Trabalho original apresentado em 1935).

Fenichel, O. (1953f). A critique of the death instinct. In Fenichel, *Collected papers of Otto Fenichel: first series* (pp. 363-372). Nova York, NY: W.W Norton & Company. (Trabalho original publicado em 1935).

(1935). Zur Kritik des Todestriebes. *Imago*, *21*(4), 458-466.
(1979). Zur Kritik des Todestriebes. In Fenichel, *Aufsätze* (Vol. 1, pp. 361-371). Olten: Suíça: Walter-Verlag.

Fenichel, O. (1954a). *Collected papers of Otto Fenichel: second series.* Nova York, NY: W.W Norton & Company.

Fenichel, O. (1954b). The drive to amass wealth. In Fenichel, *Collected papers of Otto Fenichel: second series* (pp. 89-108). Nova York, NY: W.W Norton & Company. (Trabalho original apresentado em 1934 e publicado em 1938).

(1938). The drive to amass wealth. *Psychoanalytical Quarterly*, *7*, 69-95. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.007.0069a
(1976). Der Bereicherungs-Trieb. *Psyche*, *30*, 81-103.
(1981). Der Bereicherungs-Trieb. In Fenichel, *Aufsätze* (Vol. 2, pp. 100-121). Olten: Suíça: Walter-Verlag.

Fenichel, O. (1954c). The study of defense mechanisms and its importance for psychoanalytic technique. In Fenichel, *Collected papers of Otto Fenichel: second series* (pp. 183-197). Nova York, NY: W.W Norton & Company. (Trabalho original apresentado em 1940).

(1981). Die Untersuchung von Abwehrmechanismen und ihre Bedeutung für die psychoanalytische Technik. In Fenichel, *Aufsätze* (Vol. 2, pp. 206-222). Olten: Suíça: Walter-Verlag.

Fenichel, O. (1954d). *Trophy and triumph.* In Fenichel, *Collected papers of Otto Fenichel: second series* (pp. 141-162). Nova York, NY: W.W Norton & Company. (Trabalho original apresentado em 1936 e publicado em 1939).

(1939). Über Trophäe und Triumph: eine klinische Studie. *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, *24*(3), 258-280. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=izpa.024.0258a
(1981). Über Trophäe und Triumph. In Fenichel, *Aufsätze* (Vol. 2, pp. 159-182). Olten: Suíça: Walter-Verlag.

Fenichel, O. (1954e). Psychoanalytic temarks on Fromm's nook *Escape from freedom.* In Fenichel, *Collected papers of Otto Fenichel: second series* (pp. 260-277). Nova York, NY: W.W Norton & Company. (Trabalho original apresentado em 1944).

(1944). Psychoanalytic temarks on Fromm's nook *Escape from freedom. Psychoanalytic Review*, *31*(2), 133-152. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=psar.031.0133a
(1981). Psychoanalytische Bemerkungen über Fromms Buch 'Die Furcht vor der Freiheit'. In Fenichel, *Aufsätze* (Vol. 2, pp. 296-317). Olten: Suíça: Walter-Verlag.

Fenichel, O. (1954f). *Elements of a psychoanalytic theory of anti-semitism.* In Fenichel, *Collected papers of Otto Fenichel: second series* (pp. 335-348). Nova York, NY: W.W Norton & Company. (Trabalho original apresentado em 1938 e publicado em 1946).

(1946). *Elements of a psychoanalytic theory of anti-semitism.* In Simmel (Ed.), *Anti-semitism: a social disease* (pp. 11-32). Oxford: Inglaterra: International Universities Press.
(1981). Elemente einer psychoanalytischen Theorie des Antisemitismus. In Fenichel, *Aufsätze* (Vol. 2, pp. 373-389). Olten: Suíça: Walter-Verlag.

Fenichel, O. (1985). Rapport statistique sur l'activité thérapeutique entre 1920-1930. In Société Allemande de Psychanalyse, *On forme des psychanalystes. Rapport original sur les dix ans de l'Institut Psychanalytique de Berlin - 1920-1930* (pp. 55-71). Paris: Éditions Denoël. (Trabalho original publicado em 1930).

(1930). Statistischer Bericht über die therapeutische Tätigkeit 1920-1930. In Deutsche

Psychoanalytische Gesellschaft, *Zehn Jahre Berliner Psychoanalystiches Institut* (pp. 13-19). Wien: Áustria: Internationaler Psychoanalystischer Verlag.

Fenichel, O. (1998a). *119 Rundbriefe (1934-1945)* (2 Volumes). Frankfurt am Main: Alemanha: Stroemfeld Verlag.

Fenichel, O. (1998b). Über die gegenwärtigen Richtungen innerhalb der Psychoanalyse. In Fenichel, *119 Rundbriefe (1934-1945)* (Vol. 1, pp. 767-810). Frankfurt am Main: Alemanha: Stroemfeld Verlag. (Trabalho original apresentado em 1934).

Fenichel, O. (1998c). Über einige Differenzen zwischen mir und Reich in analytischen Auffassungen. In Fenichel, *119 Rundbriefe (1934-1945)* (pp. Vol. 1, 811-841). Frankfurt am Main: Alemanha: Stroemfeld Verlag. (Trabalho original apresentado em 1934).

Demais referências:

Abraham, K. (1994). A short study of the development of the libido, viewed in the light of mental disorders. In Frankiel (Org.), *Essential papers on object loss* (pp. 72-93) [Versão digital]. Recuperado de https://www.sas.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/AbrahamK_ShortStudy.pdf. (Trabalho original publicado em 1924).

Albertini, P. (2016). *Na psicanálise de Wilhelm Reich*. São Paulo, SP: Zagodoni.

Alexander, F. (1933). The relation of structural and instinctual conflicts. *Psychoanalytical Quarterly*, *2*, 181-207. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.002.0181a&type=hitlist&num=4&query=zone1%2Carticle%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Calexander%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1933%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

Alonso, F. J. M. (2009). *El psicoanálisis 1919-1933: consolidación, expansión e institucionalización* (Tese de doutorado). Departamento de Filosofía IV, Facultad de Filosofía, Universidad Complutense de Madrid, Madrid.

Andrade, C. D. (2011). *Nova reunião: 23 livros de poesia* (4a ed., Vol. 1). Rio de Janeiro, RJ: BestBolso.

Anzieu, D. (1989). *A auto-análise de Freud: a descoberta da psicanálise*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1959)

Assoun, P.-L. (1981). *Introduction à l'épistémologie freudienne.* Paris: França: Payot.

Assoun, P.-L. (1991). *O freudismo*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Assoun, P.-L. (2007). *Psychanalyse* (Quadrige Manuels). Paris: França: PUF.

Assoun, P.-L. (2012). *Freud e as ciências sociais: psicanálise e teoria da cultura*. São Paulo, SP: Loyola.

Bakhtin, M. M. (2009). *O freudismo: um esboço crítico* (Estudos). São Paulo, SP: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1927).

Bergman, M. S. (2005) The psychoanalytic wars of yesterday: Otto Fenichel: 119 Rundbriefe (One Hundred …). Ed. by Johannes Reichmayr und Elke Mühlleitner... *Journal of the American Psychoanalytical Association*, *53*, 663-672.

Bernfeld, S. (1926, November). Sozialismus und Psychoanalyse. *Der sozialistische Arzt*, 2(2-3). Recuperado de https://archive.org/stream/DSA_II_1926_2-3/DSA_II_1926_2-3_djvu.txt

Bernfeld, S. (1944). Freud's earliest theories and the school of Helmholtz. *Psychoanal Quarterly*, *13*, 341-362. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=paq.013.0341a&type=hitlist&num=0&query=zone1%2Carticle%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cbernfeld%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1944%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

Bernfeld, S. (1949). Freud's scientific beginnings. *American Imago*, *6*(3), 163-196. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=aim.006.0163a&type=hitlist&num=0&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cbernfeld%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1949%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

Binswanger, L. (1970). La conception freudienne de l'homme à la lumière de l'anthropologie. In Binswanger, *Discours, parcours et Freud : analyse existentielle, psychiatrie clinique et psychanalyse* (pp. 201-237). Paris: França: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1936)

Brecht, K., Friedrich, V., Hermanns, L. M., Kaminer, I. J., & Juelich, D. H. (1987). *Ici, la vie continue d'une manière fort surprenante… Contribution à l'Histoire de la Psychanalyse en Allemagne.* [s.l.]: Auteur

Campos, E. B. V., & Coelho Junior, N. E. (2010). Incidências da hermenêutica para a metodologia da pesquisa teórica em psicanálise. *Estudos de Psicologia*, *27*(2), 247-257.

Carvalho, V. O., & Monzani, L. R. (2015). Sobre as origens da concepção freudiana de ciências da natureza. *Scientiæ studia*, *13*(4), 781-809.

Castoriadis, C. (1992). Psicanálise e Política. In: Castoriadis, *O mundo fragmentado: as encruzilhadas do labirinto III* (pp. 151-64). São Paulo, SP: Paz e Terra.

Checchia, M. A. (2016). Otto Gross e o combate à vontade de potência. In: Checchia (Org.), *Combate à vontade de potência* (pp. 123-151). São Paulo, SP: Annablume.

Clément, C. (2000). "Marx-et-Freud": histoire d'un mythe. In *Magazine Litteraire – 'Freud et ses heritiers, l'aventure de la psychanalyse'*, *1 hors-serie*, 102-104.

Coelho Junior, N. E. (2008). Fala, escuta e campo terapêutico em psicanálise. In Figueiredo & Coelho Junior, *Ética e técnica em psicanálise* (2a ed., ampl., pp. 67-95). São Paulo, SP: Escuta.

Cranefield, P. (1957). The organic physics of 1847 and the biophysics of today. *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, *12*, 407-423.

Cranefield, P. (1966). Freud and the "school of Helmholtz". *Gesnerus*, *23*, 35-39.

Dahmer, H. (1982). *Libido und Gesellschaft*: *Studien über Freud und die Freudsche Linke*. Frankfurt a. M.: Alemanha: Suhrkamp Verlag

Dalbiez, R. (1936). *La métode psychanalytique et doctrine freudienne* (2 Volumes). Paris: França: Desclée de Brouwer.

Danto, E. A**.** (1999). The Berlin Poliklinik. *Journal of the American Psychoanalytical Association*, *47*, 1269-1292.

Danto, E. A. (2005). *Freud's free clinics: psychoanalysis and social justice, 1918-1938.* New York, NY: Columbia Press Univ.

Dilthey, W. (1966). *Introducción a las ciencias del espíritu.* Madrid: Espanha: Revista de Occidente. (Trabalho original publicado em 1883)

Dorer, M. (2012). *Les bases historiques de la psychanalyse*. Paris: França: L'Harmattan. (Trabalho original publicado em 1932)

Engels, F. (2015). *Anti-Dühring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring.* São Paulo, SP: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1878).

Engels, F. (2016). *The Peasant War in Germany.* Recuperado de https://www.marxists.org/archive/marx/works/1850/peasant-war-germany/index.htm. (Trabalho original publicado em 1850).

Etcheverry, J. L. (2007). *Obras completas Sigmund Freud: sobre la versión castellana* (2a ed.). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu.

Federn, E. (1992). Sur les psychanalystes politiquement actives. *Revue Internationale d'Histoire de la Psychanalyse*, *5*, p. 37-43

Federn, P. (2000). De la psychologie de la révolution: la société sans père. *Essaim*, *5*, 153-173. (Trabalho original publicado em 1919)

Federn, P. (1940). Psychoanalysis as a therapy of society. *American Imago*, *1*(4), 65-80.

Ferenczi, S. (1992). Elasticidade da técnica psicanalítica. In Ferenczi, *Obras completas* (Vol. 4, pp. 25-36). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928).

Ferenczi, S. (1993a). Psicanálise das neuroses de guerra. In Ferenczi, *Obras Completas* (Vol. 3, pp. 13-29). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1918)

Ferenczi, S. (1993b). Dificuldades técnicas de uma análise de histeria. In Ferenczi, *Obras completas* (Vol 3, pp. 1-7). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919)

Ferenczi, S. (1993c). Prolongamentos da "técnica ativa" em psicanálise. In Ferenczi, *Obras completas* (Vol 3, pp. 109-125). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1920)

Figueiredo, L. C. (1991). *Matrizes do pensamento psicológico* (12a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Figueiredo, L. C., & Coelho Junior, N. E. (2008). *Ética e técnica em psicanálise* (2a ed., ampl.). São Paulo, SP: Escuta.

Figueiredo, L. C. (2008). Presença, implicação e reserva. In Figueiredo & Coelho Junior, *Ética e técnica em psicanálise* (2ª ed., ampl., pp. 13-66). São Paulo, SP: Escuta.

Freud, S. (1991a). *Gesammelte Werke: chronologisch geordnet* (18 Volumes). Recuperado de http://www.pep-web.org/static.php?page=gesammeltewerke

Freud, S. (1991b). Conferencias de introducción al psicoanálisis. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (Vols. 15-16). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Originalmente publicado em 1916).

Freud, S. (1991c). Tótem y tabú. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 13, pp. 1-164). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913).

Freud, S. (1991d). La interpretación de los sueños (primera parte). In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (Vol. 4). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900[1899]).

Freud, S. (1991e). La interpretación de los sueños (segunda parte). In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 5, pp. 345-611). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900[1899]).

Freud, S. (1991f). Esquema del psicoanálisis. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 23, pp. 133-210). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1940[1938]).

Freud, S. (1991g). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 22, pp. 1-168). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publlicado em 1933).

Freud, S. (1991h). Trabajos sobre técnica psicoanalítica. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 12, pp. 77-176). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1911-1915[1914]).

Freud, S. (1991i). El interés por el psicoanálisis. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 13, pp. 165-192). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913).

Freud, S. (1991j). Análisis terminable e interminable. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 23, pp. 211-254). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937).

Freud, S. (1991k). Moisés y la religión monoteísta. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 23, pp. 1-132). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1939[1934-38]).

Freud, S. (1991l). Las neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias). In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 3, pp. 41-68). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1894).

Freud, S. (1992a). Tres ensayos de teoría sexual. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 109-224). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1992b). Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 14, pp. 1-64). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1992c). Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 17, pp. 151-163). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original apresentado em 1918 e publicado em 1919).

Freud, S. (1992d). Psicología de las masas y análisis del yo. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 18, pp. 63-136). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921).

Freud, S. (1992e). El yo y el ello. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 19, pp. 1-66). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923).

Freud, S. (1992f). Lo inconciente. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 14, pp. 153-213). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1992g). El malestar en cultura. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 21, pp. 57-140). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930[1929]).

Freud, S. (1992h). Proyecto de psicología. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 1, pp. 323-338). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).

Freud, S. (1992i). La moral sexual “cultural” y la nerviosidad moderna. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 9, pp. 159-182). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (1992j). Introducción del narcisismo. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 14, pp. 65-98). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1992k). Más allá del principio de placer. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 18, pp. 1-62). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (1992l). El problema económico del masoquismo. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 19, pp. 161-176). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1992m). Pulsiones y destinos de pulsión. In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 14, pp. 105-134). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1992n). Dos artículos de enciclopedia: «Psicoanálisis» y «Teoría de la libido». In Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., Vol. 18, pp. 227-254). Buenos Aires: Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923[1922]).

Fromm, E. (1932). Über Methode und Aufgabe einer analytischen Sozialpsychologie. *Zeitschrifit für Sozialforschung*, *1*, 28-54. Recuperado de https://psychosputnik.wordpress.com/2016/06/15/erich-fromm-ueber-methode-und-aufgabe-einer-analytischen-sozialpsychologie/

Fromm, E. (1974). *O medo à liberdade* (9a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar (Trabalho original publicado em 1941).

Frosh, S. (1999). *The politics of psychoanalysis: an introduction to Freudian and post-Freudian theory* (2nd ed.). New York, NY: New York University Press.

Fuechtner, V. (2011). *Berlin Psychoanalytic: psychoanalysis and culture in Weimar Republic Germany and beyond*. Berkeley, CA: University of California Press

Gabbi Junior, O. F. (2006). A Psicanálise entre o Descritivo e o Prescritivo. *Jornal de Psicanálise*, *39*(70), 97-104.

Goldenberg, R. (2006). *Política e psicanálise* (Passo a passo, Vol. 71). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Greenson, R. R. (1995). Otto Fenichel: the encyclopedia of psychoanalysis. In Alexander, Eisenstein, & Grotjahn (Eds.), *Psychoanalytic Pioneers* (pp. 439-449). New York, NY: Transaction. (Trabalho original publicado em 1966).

Gross, O. (2011). *Psychanalyse et révolution: essais*. Paris: França: Éditions du Sandre.

Gschwendtner, G. (1991). *Psychoanalyse, Institutionalisierung, Dissidententum untersucht anhand der Biographie und Theorieproduktion von Otto Fenichel* (Tese de doutorado). Institut für Psychologie, Naturwissenschaftliche Fakultät, Universität Salzburg, Salzburg.

Gueroult, M. (2000). *Descartes: selon l'ordre des raisons* (2 Volumes). Paris: França: Aubier.

Habermas, J. (1976). *Connaissance et intérêt.* Paris: França: Gallimard.

Horkheimer, M. (1983). Teoria tradicional e teoria crítica. In Benjamin, Horkheimer, Adorno, & Habermas, *Textos escolhidos* (Os Pensadores, Vol. 48. pp. 117-161). São Paulo, SP: Abril Cultural.

Horney, K. (1947). *New ways in psychoanalysis* [Versão digital]. Recuperado de http://www.verlaine.pro.br/txt/horney-new-ways.pdf (Trabalho original publicado em 1939).

Horney, K. (1985). De l'organisation. In Société Allemande de Psychanalyse, *On forme des psychanalystes. Rapport original sur les dix ans de l'Institut Psychanalytique de Berlin - 1920-1930* (pp. 125-134). Paris: França: Denoël. (Trabalho original publicado em 1930).

Hyppolite, J. (1971) Psychanalyse et philosophie. In Hyppolite, *Figures de la pensée philosophique* (Vol. 1, pp. 373-384). Paris: França: PUF. (Trabalho original publicado em 1959).

Jacoby, R. (1977). *Amnésia Social: uma crítica à psicanálise conformista, de Adler à Laing.* Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1975).

Jacoby, R. (1983). *The repression of psychoanalysis: Otto Fenichel and the political Freudians.* New York, NY: Basic Books.

Johnston, W. M. (1983). *The Austrian mind: an intellectual and social history 1848-1938.* Berkeley, CA: University of California Press.

Jones, E. (1941). Evolution and revolution. *The International Journal of Psycho-Analysis*, *22*, 193-208.

Jones, E. (1989). *A vida e obra de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1953).

Kaiser, H. (1934). Probleme der Technik. *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, *20*(4), 490-522. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=izpa.020.0490a&type=hitlist&num=0&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Ckaiser+%7Ctitle%2Ctechnik%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

Kant, I. (2010). *Crítica da razão pura*. Lisboa: Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.

Kardiner, A (1939). *The individual and his society: the psychodynamics of primitive social organization*. New York, NY: Columbia University Press.

Katz, C. (Org.) (1985). *Psicanálise e nazismo.* Rio de Janeiro, RJ: Taurus.

Klein, M. (1997). *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1932).

Lacan, J. (1988). *O seminário livro VII: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1959-60).

Lacan, J. (1998). *Escritos.* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).

Lacey, H. (2008). Entendimento científico e controle da natureza. In: Lacey, *Valores e atividade científica 1* (2a ed., pp. 153-188). São Paulo, SP: 34.

Laplanche, J. (1970). *Vida y muerte en psicoanálisis.* Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

Laplanche, J. (1988). Interpretar (com) Freud. In Laplanche, *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (pp. 21-32). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Laplanche, J., Cotet, P., Bourguignon, A., Berliner, C., & Stahel, M. (1992). *Traduzir Freud*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Laplanche, J., & Pontalis, J.-B., (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Lebrun, G. (1993). *Kant e o fim da metafísica* (Tópicos). São Paulo, SP: Martins Fontes.

Lebrun, G. (2001). Hume e a astúcia de Kant. In Lebrun, *Sobre Kant* (2a ed., pp. 9-13). São Paulo, SP: Iluminuras.

Lefebvre, H. (1947). *Pour connaître la pensée de Karl Marx.* Paris: França: Bordas.

Makari, G. (2008). *Revolution in mind: the creation of psychoanalysis*. [s.l.]: HarperCollins e-books.

Marcuse, H. (1968). Novas fontes para a fundamentação do Materialismo histórico (Interpretação dos recém-publicados manuscritos de Marx). In Marcuse, *Materialismo histórico e existência* (pp. 103-159). Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro. (Trabalho original publicado em 1932).

Marcuse, H. (1973). *Eros and civilization: a philosophical inquiry into Freud with a new preface by the author.* London: Inglaterra: Abacus. (Trabalho original publicado em 1966).

Marx, K, & Engels, F. (2007). *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846).* São Paulo, SP: Boitempo. (Textos preparados originalmente entre 1945 e 1946).

Marx, K. (2013). *O capital: crítica da economia política. Livro 1: o processo de produção do capital.* São Paulo, SP: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1867).

Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise.* São Paulo, SP: Cia. das Letras.

Miller, J. H. (1995). *A ética da leitura: ensaios 1979-1989.* Rio de Janeiro, RJ: Imago.

Monzani, L. R. (1989). *Freud, o movimento de um pensamento* (2a ed.). Campinas, SP: Edunicamp.

Mühlleitner, E. (2008). *Ich-Fenichel: das Leben eines Psychonalytikers im 20. Jahrhundert*. Wien: Áustria: Paul Zsolnay Verlag.

Müller-Braunschweig, C. (1985). Exposé historique sur l'enseignement, son organisation et sa gestion. In Société Allemande de Psychanalyse, *On forme des psychanalystes. Rapport original sur les dix ans de l'Institut Psychanalytique de Berlin - 1920-1930* (pp. 73-114). Paris: França: Denoël. (Trabalho original publicado em 1930).

Ogilvie, B. (2005). *Lacan: la formation du concept de sujet* (2ème ed.). Paris: França: PUF.

Palumbo, J. H. P. (2016). Uma revisão teórico-conceitual sobre A Ética da psicanálise e laço social. *Revista Trivium: Estudos Interdisciplinares*, *8*(1), 39-53. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v8n1/v8n1a07.pdf

Palumbo, J. H. P., Moreira, L. E. V., & Haritçalde, C. (2018). Por uma história das políticas da psicanálise: institucionalização, formação e posicionamento político dos analistas. *Psicologia USP*, *29*(1), 96-105. Recuperado de https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420170071

Der Ausschluss Wilhelm Reichs aus der Internationalen Psychoanalytischen Vereinigung. (1935). *Zeitschrift für Politische Psychologie und Sexualökonomie, 2*(1), 54-61. Recuperado de http://lsr-projekt.de/zpps/zpps5.html

Reich, W. (1977). *Materialismo dialéctico e psicanálise* (3a ed., Biblioteca de Ciências Humanas). Lisboa: Portugal: Presença. (Trabalho original publicado em 1929).

Reich, W. (1979). A influência da moral sexual conservadora. In Reich, *A revolução sexual* (5a ed., pp. 72-103). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1928).

Reich, W. (1984). Concerning childhood masturbation. In Reich, *Children of the future: on the prevention of sexual pathology* (pp. 140-145). New York, NY: Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1928).

Reich, W. (1995). *Análise do caráter* (2a ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).

Reich, W. (1996). *Paixão de juventude: uma autobiografia*. *1897-1922*. São Paulo, SP: Brasiliense.

Reich, W. (2001). *Psicologia de massas do fascismo* (3a ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933).

Reik, T. (1933). New ways in psycho-analytic technique. *International Journal of Psycho-Analysis*, *14*, 321-334. Recuperado de http://www.pep-web.org/document.php?id=ijp.014.0321a&type=hitlist&num=0&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Creik%7Ctitle%2Ctechnique%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

Ricoeur, P. (1965). *De l'interpretation*: e*ssai sur Freud.* Paris: França: Éditions du Seuil.

Röder, W. (1992): Drehscheibe - Kampfposten – Fluchtstation: deutsche Emigranten in der Tschechoslowakei. In Becher, & Heumos (Eds.), *Drehscheibe Prag. Zur deutschen Emigration in der Tschechoslowakei 1933-1939* (pp. 15-30) [Versão digital]. Recuperado de http://opacplus.bsb-muenchen.de/title/BV005401049/ft/bsb00092892?page=1

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise.* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Safatle, V. (2006). *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo, SP: Unesp.

Schorske, C. E. (1988). *Viena* fin-de-siècle: *política e cultura.* São Paulo, SP: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1961).

Sharaf, M. (1983). *Fury on earth: a biography of Wilhelm Reich.* New York, NY: St. Martin's Press.

Silva, J. R. O., & Albertini, P. (2005). Notas sobre a noção de caráter em Reich. *Psicologia: ciência e profissão*, *25*(2), 286-303. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000200010&lng=pt&tlng=pt

Simanke, R. T. (2002). *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. São Paulo, SP: FAPESP.

Simmel, E. (1995): Nachruf Otto Fenichel. *Luzifer-Amor*, *8*(16), 124-133. (Trabalho original apresentado em 1946)

Société Allemande de Psychanalyse. (1985). *On forme des psychanalystes: rapport original sur les dix ans de l'Institut Psychanalytique de Berlin - 1920-1930*. Paris: França: Denoël. (Trabalho original publicado em 1930).

Souza, P. C. (2010). *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões.* São Paulo, SP: Cia das Letras.

Torres Filho, R. R. (2001). Dogmatismo e antidogmatismo: Kant na sala de aula *Cadernos de Filosofia Alemã*, *7*, 67-86.

Wälder, R. (1934). Zeitschrift für politische Psychologie und Sexualökonomie. Herausgeber E. Parell. Bd. I, Heft 1, 1934. Verlag f. Sexualpolitik, Kopenhagen [Resenha]. *Imago*, *20*(4), 504-507. Recuperado de http://www.pep-

web.org/document.php?id=imago.020.0504a&type=hitlist&num=0&query=zone1%2Cparagraphs%7Czone2%2Cparagraphs%7Cauthor%2Cw%C3%A4lder%7Cdatetype%2COn%7Cstartyear%2C1934%7Cviewperiod%2Cweek%7Csort%2Cauthor%2Ca#hit1

Wedekind, F. (1912). The awakening of spring: a tragedy of childhood (3rd ed.). Philadelphia, PA: Brown Brothers. (Originalmente apresentada em 1906).

Weininger, O. (1942). *Sexo y carácter*. Buenos Aires: Argentina: Losada. (Trabalho original publicado em 1903)

Wittenberger, G., & Tögel, T. (Eds.). (2002). *Las circulares del "Comitê secreto" 1913-1920* (Vol. 1). Madrid: Espanha: Síntesis.

Zafiropoulos, M. (2001). *Lacan et les sciences sociales (1938-1953)*. Paris: França: PUF.

Zafiropoulos, M. (2018). *Lacan e Lévi-Strauss ou o retorno a Freud*. Rio de Janeiro< RJ: Civilização Brasileira.

Zaratesky, E. (2005). *Secrets of the soul: a social and cultural history of psychoanalysis.* New York, NY: Vintage Books.